

Orivaldo Leme Biagi

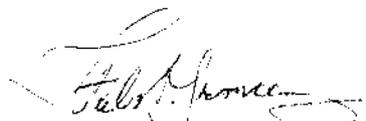
O IMAGINÁRIO E A GUERRA DA IMPRENSA:

Estudo sobre a cobertura realizada pela imprensa brasileira da Guerra do Vietnã

na sua chamada "fase americana"

(1964-1973)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Ítalo Arnaldo Tronca



Este Exemplar Corresponde à Redação Final da Dissertação de Mestrado Defendida e Aprovada pela Comissão Julgadora em 15/03/96.

Banca:



Prof. Dra. Maria Stella Bresciani



Prof. Dr. Paulo Miceli

Prof. Dr. Alcir Lenharo

B47i

27149/BC

Março - 1996

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



UNIDADE	Bc
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	B47i
V.	Ex.
TOMBO BC/	27449
PROC.	627136
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,20
DATA	29/03/96
N.º CPD	CM.0002631A-2

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

B47i

Biagi, Orivaldo Leme

O imaginário e a guerra da imprensa: estudo sobre a cobertura realizada pela imprensa brasileira da Guerra do Vietnã na sua chamada "fase americana"(1964-1973) / Orivaldo Leme Biagi. - - Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Ítalo Arnaldo Tronca.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Imaginário. 2. Imprensa - 1964 - 1973. 3. Televisão. 4. Vietnã, Guerra do, 1961-1975 - História. I. Tronca, Ítalo Arnaldo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

O Imaginário e a Guerra da Imprensa

**“All We are Saying
is
Give Peace a Chance.”**
Lennon & McCartney

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao CNPQ e ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas pelo apoio e financiamento desta dissertação de mestrado.

São muitas as pessoas a quem sou imensamente grato e com quem compartilho a realização deste trabalho. A começar pelo professor Ítalo Tronca, que com suas sugestões profundas e seriedade profissional ajudou decisivamente a dar os parâmetros da pesquisa presente. Agradeço profundamente a Bernardo Kucinski que, em sua entrevista concedida a mim, iluminou muitos caminhos que pareciam escuros. Alberto Dines, nome essencial para a compreensão da imprensa nesta segunda metade de século, também fez comentários vitais para este trabalho.

Não poderia deixar de mencionar o pessoal da secretaria da pós-graduação do IFCH, sempre delicados e atenciosos, principalmente nos momentos de dificuldade. Quero agradecer também o pessoal da biblioteca, em particular ao José Carlos, que sempre me atendeu com alegria, além da sua grande competência profissional.

A meus grandes e queridos amigos, que pouco me viram nos momentos da confecção da tese, mas que não foram esquecidos, como, aliás, nunca serão. Um grande abraço para vocês: Alberto, Tiago, Zeca, Alejo, Evandro, Wando, Tadeuzão, Jéssica, Maringá, Fabinho, Cláudia, João (de Bragança), a todos os colegas da pós-graduação, em particular para a Valéria que enfrentou comigo momentos de intensa dificuldade. A todos que não citei, não por desconsideração, mas por que são tantos e tão importantes na minha vida, que não caberiam neste papel. Mas estão em meu coração.

Agradeço minha família maravilhosa, que me deu forças nos momentos mais difíceis, que não foram poucos. Agradeço a meu pai, Vadão, pessoa da qual me orgulho muito; agradeço minha mãe, Suely, que vale por um milhão de mães; agradeço meu irmão Gilson, que sempre me

trouxe um sorriso nos piores momentos da minha vida; agradeço minhas duas avós, Amélia e Augusta que, com certeza, estão orgulhosas do seu netinho. Amo todos vocês.

Logicamente que não poderia esquecer da minha garota, doce, inteligente, que sem sua prestigiosa ajuda e intenso amor essa tese não seria possível: Cristina. Hemingway comentava que a gente escreve para a pessoa que ama. Neste caso, escrevi esta tese para você, minha doce Cris.

ÍNDICE

• APRESENTAÇÃO.....	1
• INTRODUÇÃO.....	14
• CAPÍTULO 1 - Discussão Bibliográfica.....	36
• CAPÍTULO 2 - Vietnã e a Imprensa Brasileira até 1964.....	58
• CAPÍTULO 3 - 1965/1967.....	99
• CAPÍTULO 4 - 1968/1969.....	135
• CAPÍTULO 5 - 1970/1973.....	169
• CONCLUSÕES.....	201
• BIBLIOGRAFIA.....	207

Apresentação

Problemática da Pesquisa

Pretendemos com esta pesquisa estudar as representações criadas pela imprensa escrita brasileira na cobertura da Guerra do Vietnã, na sua chamada “fase americana”, ou seja, dando ênfase aos anos de 1964 até 1973.

A imprensa (e as assim chamadas mídias) procura, de uma maneira quase inconsciente, criar uma imagem que aponte para uma ordem, uma organização nos elementos que constituem o real da sociedade. Tais elementos estão impregnados, na maioria das vezes, de paixão, de componentes irracionais que coabitam com a razão. Neste sentido, a mídia manipula o real, mas também é manipulada por ele, na relação entre o real e as representações, entre o real e o imaginário social - relação esta que, em síntese, é instituinte da História.

Entendemos como imaginário a definição dada por Castoriadis, ou seja:

“O imaginário não é a partir da imagem do espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho” e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário, que é a criação ex nihilo. (...) O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos”.¹

A partir dessa definição, podemos concluir que as sociedades humanas estão imersas dentro de imaginários, que são, justamente, os elementos que dão suas formas e seus conteúdos, mas isso de um modo mais geral e amplo. Para se trabalhar historicamente, precisamos sair dessa imersão

¹ - Castoriadis, Cornélius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 3. ed., São Paulo, Paz e Terra, 1982, p.13;

total, precisamos definir os imaginários, buscar as representações, pois são através delas que os imaginários se manifestam.²

A Guerra do Vietnã existiu, indiferentemente do que possamos imaginar em relação a ela. Porém, interessa que ela foi representada pela imprensa, num momento de intensas transformações tecnológicas que interferiram na própria representação, o que vem a tornar ainda mais complexas essas relações.

O interesse desta pesquisa é verificar as mudanças ocorridas nas representações da imprensa brasileira, que também foi matizada por mudanças tecnológicas, utilizando a Guerra do Vietnã como condutor. Trabalharemos com o imaginário que se formou ainda durante a Segunda Guerra Mundial, um imaginário amplo, que denominaremos de **imaginário da Guerra Fria**.

O Imaginário da Guerra Fria

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, vários problemas colocaram-se no mundo no tocante à nova ordem internacional, principalmente do ponto de vista econômico e político. A Europa apresentava-se arrasada, com suas velhas potências (Inglaterra, França, Itália e Alemanha) sem forças para fazer valer seus interesses. O Japão, antiga potência asiática e igualmente destruída pela guerra, apresentava o mesmo quadro.

Duas novas potências emergiram do conflito: os Estados Unidos e a União Soviética. Um novo equilíbrio mundial de poder acabaria por impor-se, tendo como pólos antagônicos estas duas superpotências. A denominada Guerra Fria iniciou-se pelo conflito de interesses no tocante ao estabelecimento de áreas de influências no mundo emergido da guerra recém acabada.

Na Europa esgotada pela guerra e com problemas de ordem econômico-social, o comunismo irá expandir-se e se implantar em todo o Leste europeu, inclusive sobre parte da Alemanha, que ficaria dividida. Houve também tentativas de levantes comunistas para se tomar o

² - Castoriadis, Cornélius. op. cit., p. 15;

poder na Grécia e na Turquia, em 1948.³ O fortalecimento dos partidos comunistas na Itália e na França poderiam levar os dois países ao comunismo dentro das regras democráticas.

Essa expansão da influência soviética não passaria despercebida aos norte-americanos, que reagiram através do Plano Marshall, que ajudava economicamente os países europeus ocidentais e o Japão, impedindo que o desgaste desses países pudessem ser utilizado para levantes comunistas.⁴ Mesmo na Grécia e na Turquia, forças democráticas foram enviadas para se unirem com as forças anticomunistas locais.

A declaração do Ministro das Relações Exteriores da União Soviética Vyacheslav Molotov afirmando que o país possuía a bomba atômica, em 1947, e sua efetiva explosão em 1949, causaram uma forte impressão nos Estados Unidos.⁵ Mas seria a “perda” da China, com a vitória das forças comunistas, lideradas por Mao Tsé-Tung, em 1949, que reforçaria ainda mais o espírito anticomunista dos norte-americanos.⁶ Em 1950, a Coréia do Norte (comunista) invadiu a Coréia do Sul, fazendo com que tropas norte-americanas, sob a “bandeira” da ONU, entrassem no campo de batalha, chegando a enfrentar tropas comunistas chinesas.

A expansão comunista, ou seus perigos, começaram a determinar questões internas dos Estados Unidos. O conservadorismo da sociedade norte-americana foi estimulado ainda mais e o comunismo tornou-se uma ameaça, ou pelo menos era assim acreditado, facilitando a ascensão de figuras como o senador Joseph McCarthy, que comandaria uma série de perseguições a “comunistas” - não coincidindo necessariamente com as convicções políticas dos perseguidos - o que ficou conhecido como “macartismo”.⁷

O perigo de confronto entre as duas superpotências era muito real, levando-se em conta as possibilidades de uma guerra nuclear, que poderia resultar na destruição da humanidade.

³ - Barros, Edgard Luiz de. A Guerra Fria. Coleção “Discutindo a História”, 3. ed., São Paulo, Atual, Campinas, UNICAMP, 1985, p. 25;

⁴ - Barros, Edgard Luiz. op. cit., p. 28;

⁵ - s/A. “A Expansão Comunista.” in Coleção Guerra na Paz. V.1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 75;

⁶ - s/A. “Vitória Final.” in Coleção Guerra na Paz. V.1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 98;

⁷ - para maiores detalhes sobre o macartismo ver Sellers, Charles, et al. Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Zahar, 1990;

Cada superpotência procurava ganhar aliados e novas (e melhores) posições neste tabuleiro de relações internacionais, quer do ponto de vista econômico, político ou militar, fazendo com que estes confrontos “esquentassem” inúmeras vezes.

Não que apenas aconteceram lances de confronto ou de guerra. Algumas vezes foram tentadas convivências mais pacíficas entre as duas superpotências. A política de *détente* (convívio pacífico) foi tentada pelos governos Kennedy/Kruschev (depois da Crise dos Mísseis Cubanos, em 1962 e 1963) e Nixon/Brezhnev (no início da década de 70). Mas foram as possibilidades de guerra que marcariam esse imaginário, onde a divisão da cidade de Berlim por um muro acabaria se transformando no grande símbolo destes momentos. Não foi por nada que a queda do muro de Berlim marcou o fim da Guerra Fria.

Para Demétrio Magnoli, o

*“sistema universal da Guerra Fria é um sistema bipolar. Funda seu equilíbrio de poder numa geometria fixa polarizada por apenas duas superpotências, destacadas de todos os outros Estados por sua capacidade bélica singular: só elas podem destruir o conjunto do sistema interestatal. Rígido, admite unicamente o alinhamento das potências secundárias e dos demais Estados ao redor de uma ou da outra superpotência.(...) As antigas teorias explicativas do sistema continental europeu transfiguram-se, no sistema universal da Guerra Fria, em outras tantas ideologias a serviço da guerra de propaganda”.*⁸

Este imaginário do mundo dividido bipolarmente foi uma das representações mais significativas do pós-guerra mundial.

A política das superpotências foi pensada dentro da lógica da Guerra Fria. A intervenção direta dentro de países de suas esferas de influência foi uma constante depois de 1945. A descolonização da África e da Ásia começou a ganhar significados mais amplos do que simples lutas de independência das metrópoles, pois muitos desses movimentos eram liderados por grupos marxistas.

⁸ - Magnoli, Demétrio. *Da Guerra Fria à Détente*. Campinas, Papirus, 1988, pp. 38-39;

Porém, os problemas internos de cada país tinham complexidades e especificidades maiores, onde tal representação do mundo não poderia responder satisfatoriamente, mas isso foi pensado secundariamente, pois o imaginário da Guerra Fria fez com que inúmeras políticas, tanto nos níveis internos ou externos desses países, fossem pensadas dentro da lógica da bipolaridade de poderes.

Políticas de diferentes interesses dos da Guerra Fria eram discutidas e, quando não, aplicadas, mas quase sempre eram vistas como grandes perigos ideológicos caso fossem implantadas. Governos com idéias mais nacionalistas (ou simplesmente mais práticas para o momento), não necessariamente comunistas ou capitalistas, eram combatidos, provocando, muitas vezes, a intervenção direta de um país sobre o outro. Essa política foi chamada de “imperialismo”, ou seja, a imposição de interesses de um país, quase sempre uma das superpotências, sobre outros, normalmente países dentro da sua esfera de influência.⁹

Foi isso que ocorreu na maioria das intervenções das superpotências em suas áreas de domínio. Nelas, os problemas internos eram agravados pelo imaginário da Guerra Fria, levando, muitas vezes, a consequências trágicas, tanto para os países que sofreram a intervenção quanto para os interventores. Foi isso que marcou a intervenção norte-americana no Vietnã e, posteriormente, a presença soviética no Afeganistão. Analisemos a presença norte-americana no Vietnã.

O Imaginário da Guerra Fria e o Vietnã

A Guerra da Coreia alimentou a idéia de que a China conduziria todo o Sudeste Asiático ao comunismo. A possível queda da Indochina, onde forças nacionalistas (incluindo comunistas) lutavam contra os franceses, seria o início da derrocada da liberdade na região, que cairia

⁹ - não apenas as superpotências, pois países subdesenvolvidos também têm por hábito tentar impor sua influência nos países que estejam, de alguma maneira, dentro das suas esferas de interesses; Magnoli, Demétrio. op. cit.;

como num jogo de dominó - ou seja, quando uma peça é colocada na mesa, as outras se espalham rapidamente.¹⁰

Dentro desse imaginário da “teoria dos dominós” (uma variação do imaginário da Guerra Fria), os norte-americanos auxiliaram os franceses nos seus esforços de guerra para manter sua colônia, alegando que a luta francesa era contra o comunismo. Com a saída da França e a divisão da península da Indochina, os Estados Unidos passaram a intervir diretamente na região, tentando fazer com que o instável regime do Vietnã do Sul pudesse se manter sem cair perante o regime comunista do Vietnã do Norte.

Foi o imaginário da Guerra Fria que tornou possível o envolvimento dos Estados Unidos na região da Indochina, onde a questão política principal tinha o caráter nacionalista e anticolonialista, de luta pela independência. O problema central da região sempre foi o nacionalismo, com o comunismo catalisando as forças para a expulsão dos franceses e, posteriormente, dos norte-americanos.¹¹

Hoang Van Chi, historiador vietnamita, resumiu o que aconteceu na região:

“O que pode ser dito da revolução vietnamita é que começou no nacionalismo e terminou no comunismo.”¹²

Barbara W. Tuchman, na sua obra A Marcha da Insensatez,¹³ nos descreve detalhadamente como os Estados Unidos foram se envolvendo no Vietnã. O problema da argumentação de Tuchman é que, no lugar de utilizar noções de imaginário, ela utilizou a insensatez como propulsor das ações norte-americanas. Não houve insensatez (**algo mais fácil de se observar**

¹⁰ - Morrock, Richard. “Revolução e Intervenção no Vietname” in Horowitz, David (Org.). Revolução e Repressão. Rio de Janeiro, Zahar, 1969, p. 258;

¹¹ - Morrock, Richard. op. cit., p. 261;

¹² - citação extraída de Lloyd, Dana Ohlmeyer. Ho Chi Minh. Coleção “Os Grandes Líderes”, São Paulo, Nova Cultural, 1987, p. 62;

¹³ - Tuchman, Barbara W. A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;

depois dos resultados obtidos), pois vários governos norte-americanos acreditavam que estavam agindo corretamente na luta contra o comunismo.

Logicamente que nem todas as forças envolvidas pensavam apenas dentro dos parâmetros do imaginário da Guerra Fria. Os interesses eram variados e muitos grupos utilizavam-se da Guerra Fria como desculpa para poder intervir em outros países, por questões localizadas. O golpe na Guatemala em 1954, aplicado com auxílio da C.I.A., teve muito mais relação com a proposta do presidente Jacobo Arbenz de reforma agrária, que previa a entrega aos camponeses de terras não-cultiváveis da empresa *United Fruit Company*, do que propriamente com a participação de forças comunistas no seu governo.¹⁴

Um desses grupos diretamente ligados à Guerra do Vietnã foi o chamado Complexo Industrial-Militar, ou seja, um complexo de redes industriais ligadas à produção de armas e equipamentos militares, com interesses nas verbas governamentais que movimentavam essa indústria. A Guerra Fria era uma justificativa para a manutenção do estado de guerra, dando o *status* de importância (e lucro) dessas indústrias.¹⁵

Mesmo fazendo essa ressalva, o imaginário da Guerra Fria continua importante, pois para que seja usado, mesmo como desculpa, é preciso, de alguma forma, que ele seja acreditado.

O Brasil também foi atingido pelo imaginário da Guerra Fria. No decorrer da pesquisa tentaremos mostrar com ele foi representado, suas variações e, quando possível, ligando diretamente à Guerra do Vietnã.

Mas não foi apenas o imaginário da Guerra Fria que regou as condições da Guerra do Vietnã. Outro imaginário, que também se formou depois da Segunda Guerra Mundial, seria decisivo para se entender a Guerra do Vietnã: o imaginário da Contracultura.

¹⁴ - s/A. "Reforma ou Revolução?" in *Coleção Guerra na Paz*. V. 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 507;

¹⁵ - Muggiati, Roberto. *História do Rock*. V. 3, São Paulo, Somtrês, 1984, pp. 130-131;

A Contracultura

É difícil definir toda a extensão deste termo, pois o movimento da contracultura não tinha uma unidade entre os grupos que a compunham. De acordo com Theodore Roszak, esses movimentos contestatórios eram de uma minoria de jovens, filhos do chamado “baby boom” (aproximadamente 86 milhões de nascimentos entre 1946 e 1964, apenas nos Estados Unidos), criados na prosperidade econômica que os países desenvolvidos atingiram depois da Segunda Guerra Mundial.

Esses jovens - diferentemente de seus pais, que precisaram sujeitar-se ao trabalho quer pela depressão econômica ou pela guerra - acabariam por querer ficar jovens eternamente. Para esses “jovens mimados” e criados na abundância, não acostumados às convenções sociais (muito mais suaves nas suas casas e nas escolas e universidades), a sociedade tinha de ser mudada para a busca do prazer, que tais convenções sociais impediam.¹⁶

Ainda na década de 50, foi criado uma espécie de “mercado jovem”, ou seja, a comercialização de produtos única e exclusivamente para jovens, reforçando a idéia da juventude como um fim em si mesma. Tais produtos poderiam ter intenções puramente comerciais, mas acabariam realizando uma profunda revolução cultural, criando representações que se manifestariam, principalmente, na década seguinte.¹⁷

¹⁶ - Roszak, Theodore. “Os Filhos da Tecnocracia.” in A Contracultura. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1972, pp. 15-53;

¹⁷ - os principais produtos consumidos pelos jovens eram: o cinema, onde personagens como o motoqueiro Marlon Brando e o rebelde sem causa James Dean colocavam-se contra os adultos, criando uma série de imitações baratas, muito consumidas pelos jovens (os chamados filmes “B”); na música popular, os jovens buscavam alternativas aos cantores tenores e italo-americanos (cujo exemplo máximo era Frank Sinatra) principalmente através da música negra (o jazz e o *rythm 'n' blues*), originando uma nova música relacionada diretamente com os jovens, o *rock 'n' roll*, cujos ídolos também apareciam como transgressores (o rebelde e sexual Elvis “the Pelvis” Presley, o andrógino Little Richard, etc.); na literatura, J. D. Salinger mostrava os pensamentos de um adolescente rebelde na obra The Catcher in the Rye (O Apanhador no Campo de Centeio), enquanto que a Geração Beat (precursores diretos dos *hippies*) e suas propostas de liberdade ganhavam o mercado editorial com a poesia Howl (Uivo), de Allen Ginsberg, e o relato das viagens de carona de Jack Kerouac em On The Road; as revistas em quadrinhos também tiveram sua participação, pois foram elas que estimularam a imprensa alternativa norte-americana, baseada nas universidades, a abrir espaço para quadrinistas como Robert Crumb. Fora da imprensa alternativa, a revista MAD era um dos produtos intensamente consumidos pelos jovens, apresentando críticas à vida e situações cotidianas, mesmo que sem intenções revolucionárias;

A televisão começaria a se destacar como o meio de comunicação mais importante. Os meios eletrônicos tiveram uma expansão fantástica na década de 50, e, conseqüentemente, a televisão também. Quase que toda a cultura norte-americana ficou dependente da televisão, tanto que os principais ídolos musicais utilizaram-se da televisão para o seu sucesso: Elvis Presley ainda era um fenômeno mediano até aparecer no programa de Ed Sullivan, em 1956, transformando-se num astro mundial. O mesmo ocorreria com os Beatles, em 1964, no mesmo programa de Ed Sullivan.¹⁸

O mais importante é que esse meio acabou por particularizar coisas distantes, aumentando a idéia de livre arbítrio, ou seja, de que as pessoas tinham uma capacidade de participação social maior. Problemas aparentemente longínquos eram apresentados continuamente e no cotidiano de milhões de pessoas através da televisão, ou seja, milhões de jovens eram apresentados aos problemas sociais dos mais variados pontos do mundo e não ficariam indiferentes a eles, pois a produção televisiva se colocava como um “real” mais próximo do que o de qualquer outro meio. Discutiremos essa idéia mais adiante.

A produção televisiva começou a ser influente na vida de milhões de norte-americanos, e não apenas pelos programas jornalísticos. Um dos primeiros produtos realizados pela televisão foram os seriados semanais, que no Brasil seriam conhecidos pejorativamente como “enlatados”. Apesar de seu discutível caráter cultural, esses seriados não apenas confirmavam os valores tradicionais, como também acabaram criando representações da vida dos Estados Unidos.

O seriado Rota 66, fortemente influenciado pela Geração Beat, seria um desses exemplos. Os dois jovens que percorrem a rota 66 com seu automóvel passavam mais do que histórias ficcionais - eles realizaram um mergulho dentro da sociedade norte-americana, mostrando as relações sociais de pequenas cidades, com seus problemas de relacionamento, moralidade, racismo, etc.¹⁹

¹⁸ - a apresentação dos Beatles no programa de Ed Sullivan teve uma audiência de aproximadamente 73 milhões de telespectadores, a maior até então na história da televisão norte-americana. A apresentação dos Beatles pode ser vista no documentário Anthology, apresentado pela Rede Globo em 1995;

¹⁹ - para maiores informações sobre os seriados norte-americanos ver: s/A. “Abre-se a Era dos Enlatados.” in Coleção Nosso Século, V. 9, São Paulo, Abril Cultural, 1986, p. 139;

Como já foi colocado anteriormente, o novo meio aproximava questões distantes, o que alterou profundamente a maneira de se encarar certos acontecimentos, como a reação contra o segregacionismo racial no sul dos Estados Unidos.

A política contra a separação racial, iniciada no governo Eisenhower e levada a cabo durante o governo Kennedy, recebeu o reforço de inúmeros jovens, que formaram o *Students for a Democratic Society* (Estudantes por uma Sociedade Democrática), o SDS, um grupo de pressão e atuação para que o segregacionismo fosse abolido. Uma vez conseguido esse objetivo, o SDS colocaria-se contra a Guerra do Vietnã.²⁰

Imaginário da Guerra Fria X Imaginário da Contracultura

A Contracultura também seria um dos frutos do imaginário da Guerra Fria? Em muitos sentidos a resposta é positiva, pois o imaginário da Contracultura buscava representações alternativas ao moralismo comportamental das sociedades industriais e, por assim dizer, buscava também alternativas à bipolaridade do imaginário da Guerra Fria, apresentando novas representações, inclusive representações a serem combatidas. Uma das representações que o imaginário da Contracultura combatia era a tecnocracia, pois não importava se o regime fosse capitalista ou comunista (a divisão por excelência do imaginário da Guerra Fria): a ordem tecnocrática era a mesma nas duas formas de governo.²¹

Herbert Marcuse seria o grande teórico desta linha, pois o pensador alemão propunha que, já que as classes trabalhadoras dos países desenvolvidos estavam satisfeitas com a prosperidade

²⁰ - Tuchman, Barbara. op. cit., p. 541;

²¹ - para Theodore Roszak, tecnocracia é "a forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional. É o ideal que geralmente as pessoas têm em mente quando falam de modernização, racionalização, planejamento. Com base em imperativos incontestáveis como a procura de eficiência, a segurança social, a coordenação em grande escala de homens e recursos, níveis cada vez maiores de opulência e manifestações crescentes de força humana coletiva, a tecnocracia age no sentido de eliminar as brechas e fissuras anacrônicas da sociedade industrial. (...) A política, a educação, o lazer, o entretenimento, a cultura como um todo, os impulsos inconscientes e até mesmo, como veremos, o protesto contra a tecnocracia - tudo se torna objeto de exame de manipulação puramente técnicos." Roszak, Theodore. op. cit., p. 19;

econômica e com a segurança da orientação tecnocrática, restava às minorias o papel de lutar pela revolução, ou seja, negros, pobres, grupos radicais de países subdesenvolvidos e, logicamente, estudantes.²²

A revolução comportamental era uma maneira de se combater a tecnocracia, ou seja, impor o chamado “Princípio do Prazer” contra o “Princípio da Realidade”, dinamitando a sociedade tecnocrática naquilo que lhe era mais importante, ou seja, na capacidade de reprodução e de ordenamento técnico.²³

A interessante visão de Marcuse uniu a contestação comportamental do imaginário da Contracultura e deu-lhe uma dinâmica dentro do imaginário da Guerra Fria. Não foi, portanto, apenas a negação da bipolaridade do imaginário da Guerra Fria, mas também uma dinâmica de atuação dentro deste imaginário.

A Guerra do Vietnã era um dos resultados do imaginário da Guerra Fria, mas sua contestação pertencia ao imaginário da Contracultura, que pensava a guerra como uma extensão dos poderes tecnocráticos. Não que o imaginário da Guerra Fria também não influísse nos grupos de contestação à guerra, pois muitos deles utilizariam-se dos acontecimentos no Vietnã para alimentar as representações típicas do imaginário da Guerra Fria, ou seja, utilizavam os acontecimentos para justificar sua adesão ao comunismo (colocando-se a favor do Vietnã do Norte/Vietcong e contra os Estados Unidos) ou para sua repulsa (colocando-se contra o Vietnã do Norte/Vietcong e a favor dos Estados Unidos).

A imprensa teria de viver com essas questões e as representaria na sua produção. A televisão aumentava ainda mais a complexidade das representações, pois, além de ter sido um dos elementos que ajudaram a constituir a Contracultura, também marcaria a cobertura da Guerra do Vietnã. Como veremos, a construção da cobertura da guerra feita pela televisão seria decisiva para muitos de seus desenlaces e também influenciaria a produção da imprensa escrita.

²² - informações extraídas de: s/A. “O Poder Jovem.” in Coleção Guerra na Paz. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 738;

²³ - informações extraídas de: Muggiati, Roberto. op. cit., p. 131;

Divisão da Pesquisa

Todas essas questões passaram pela imprensa mundial, inclusive a do Brasil, ao se cobrir a Guerra do Vietnã. A presença da televisão, além de influir nas representações da cobertura da guerra, também influenciou na própria imprensa escrita.

Nossa preocupação é com a imprensa brasileira e suas representações da guerra, mas, invariavelmente, também nos preocuparemos com a produção da notícia nos Vietnãs e na imprensa norte-americana, pois foram os países mais afetados pelo conflito: nos dois Vietnãs propriamente ditos, pois a guerra ocorreu em seus territórios; e nos Estados Unidos pois, além de participarem diretamente do conflito, foi onde a presença da televisão ficou mais acentuada.

Utilizamos material da imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de publicações de alcance nacional (como a revista Fatos & Fotos, de Brasília), pois são as localidades mais importantes em termos de produção de imprensa e onde ocorreram as mais significativas alterações tecnológicas.

Para esse estudo teremos, na Introdução, uma reflexão teórica de como a mídia realiza a construção da notícia, de como as alterações técnicas influem nessa construção, nas próprias representações e de como a televisão foi decisiva para a cobertura da Guerra do Vietnã.

O Capítulo 1 procurará realizar uma discussão bibliográfica, o que apresenta inúmeras dificuldades, pois dentro da temática do imaginário na imprensa e sua representação existem muito poucos trabalhos publicados, tanto na área de Comunicação quanto na de História. A temática deste trabalho é inédita e as discussões têm de ser feitas através de um metódico trabalho de busca de referências, por menores que elas sejam.

Os Capítulos 2, 3, 4 e 5 são a aplicação da pesquisa histórica e estão divididos cronologicamente, não por preocupações com idéias de progressividade, mas para facilitar a apresentação do conteúdo.

Por fim, teremos a Conclusão, que tentará levantar algumas reflexões e perspectivas da produção da mídia nos anos seguintes à Guerra do Vietnã.

INTRODUÇÃO

Mídia

Entendemos mídia (grafia aportuguesada do latim *media*, significa meios; é utilizado no jargão de publicidade e comunicação para denominar seus veículos) como o conjunto dos meios de comunicação de uma sociedade, não apenas os meios eletrônicos, como o rádio e a televisão, mas também jornais, revistas, cinema, etc.¹

No mundo em que vivemos, a mídia cobre praticamente todos os aspectos da vida humana, desde o acontecimento mais insignificante até o mais espetacular, numa complexa rede para a difusão da informação, do local do acontecimento até o local da recepção por seu destinatário, que consome tal informação fornecida pelo meio de comunicação que melhor lhe convier (ou dispuser). Tal alcance tem uma importância política muito grande, pois a produção de representações ganha novas e variadas formas, entrando nas disputas do poder político e, conseqüentemente, na disputa do simbólico da sociedade.

O poder político precisa dominar o imaginário e o simbólico para se impor. É por meio do imaginário que se pode atingir o coração de um povo, suas aspirações, medos, esperanças, com que uma sociedade define suas identidades, seus objetivos, seus inimigos, seu passado, presente e futuro. É pelo imaginário que uma sociedade se constitui, é no fazer de cada comunidade que se responde às suas perguntas, é pela carga simbólica que uma sociedade se define. Baczko afirma que:

“As ciências humanas punham em destaque o facto de qualquer poder, designadamente o poder político, se rodear de representações colectivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico.”²

¹ - Dines, Alberto. *O Papel do Jornal*. 2. ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1977, nota da p. 23;

² - Baczko, Bronislaw. “Imaginário Social” in *Enciclopédia Einaudi*, V.5, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 297;

Dominar o simbólico de uma sociedade é um dos caminhos para se chegar ao poder da mesma, sendo que, então, o simbólico é disputado entre os grupos rivais. A mídia, produtora por excelência de imagens e símbolos, ganha grande interesse. Seu discurso não é neutro, as representações criadas por ela fazem parte de um campo de luta política. Como argumenta Roger Chartier:

“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação.”³

A produção simbólica da mídia tem as suas particularidades, pois a capacidade de seus meios de produzi-la e distribuí-la, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade, é absolutamente inédita na história da humanidade. Em certos sentidos, seu alcance corresponde ao gigantesco número da população mundial, o que impossibilita a sua não participação nas decisões políticas. Em outras palavras, a população mundial tem de ser considerada dentro das discussões políticas atuais e os meios de comunicação servem para informar e abrir possibilidades de participação dessa população.

Mas não é assim que acontece sempre. Os meios podem ter mudado, mas a luta pelo domínio do imaginário continua como em qualquer outra sociedade.⁴ Mesmo que os termos sejam diferentes, comparando-se com outras sociedades, essa luta pode utilizar a manipulação como arma. E a mídia fornece condições concretas para a manipulação.

³ - Chartier, Roger. “Introdução” in A História Cultural, Rio de Janeiro, Difel, 1990, p.17;

⁴ - Balandier, George. “A Tela” in O Poder em Cena, Brasília, Editora da UnB, 1982, pp. 61-78;

Primeiro, os recursos técnicos dominam a produção das imagens e imaginários, grande parte voltada para a propaganda e publicidade; segundo, o fazer está sendo substituído pelo ver, o vivenciar pelo mostrar. A luta política continua a mesma, porém apresenta novos recursos que atingem uma população gigantesca, onde se valoriza mais o mostrar do que o viver.⁵

Um exemplo famoso dessa idéia de se valorizar o mostrar foi o primeiro debate presidencial transmitido pela televisão nos Estados Unidos, na disputa entre John Kennedy e Richard Nixon, em 1960. Quem assistiu pela televisão deu vitória a Kennedy, enquanto que quem ouviu pelo rádio ou leu pelos meios escritos deu vitória a Nixon. Uma diferença considerável, visto que o debate foi o mesmo, mas com efeitos diferentes, de acordo com o meio de comunicação que foi acompanhado. Kennedy preparou-se muito bem para o debate na televisão, mostrando-se jovial, ligeiro e desembaraçado perante as câmeras, diante de um Nixon pouco à vontade e sem a mesma segurança de seu oponente. O debate foi mais acompanhado pela televisão do que por qualquer outro meio, o que pode ter feito a diferença na vitória apertada de Kennedy sobre Nixon.⁶

O volume da massa de informações também presta-se à manipulação, pois a sua transmissão impõe um processo seletivo e de hierarquização dos emissores. Não podendo dominar a massa fragmentada e dispersa de informações, os indivíduos sentem maior necessidade de representações globais e unificadoras, que abrem espaço para manipulação. A propaganda abre e fecha este processo, produzindo os imaginários. A informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, num processo ativo, na qual se exerce o poder simbólico.⁷

Essas são as condições do imaginário social numa sociedade midiática, ou seja, as representações continuam sendo realizadas, no meio de um volume gigantesco de informações que não podem ser absorvidas pelos indivíduos, abrindo “espaços” para a manipulação por aqueles que detêm o poder.

⁵ - Balandier, George. op. cit., pp. 61-78;

⁶ - Machado, Arlindo. *A Arte do Vídeo*. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 98;

⁷ - Baczkó, Bronislaw. op. cit., p. 314;

Mas nem tudo é manipulação. Os recursos técnicos aproximam o que os indivíduos acreditam ser os acontecimentos ou fatos (principalmente através dos meios audiovisuais), que, vindos dos mais variados lugares com culturas e imaginários diferentes, passam a ser absorvidos por diferentes sociedades, aproximando o que antes parecia distante, dando uma sensação de participação social muito maior.

A própria representação que a televisão norte-americana tinha de si mesma, quando começou a ser vendida comercialmente, dá uma idéia disso, ou seja, que ela seria uma “janela para o mundo”.⁸ Uma janela, onde se poderia ver e ouvir o que acontecia fora de casa, no mundo. Uma janela que mostrava a verdade, o real, onde se via o que acontecia com os próprios olhos, o que aumentou a idéia de livre arbítrio nas pessoas que consumiam a produção da televisão. Seria essa sensação de participação social que estimularia a contracultura, como vimos anteriormente.

Este livre arbítrio, facilitado pela televisão, seria um efeito anômalo, pois a televisão pretendia impor à sociedade a representação dos grupos dominantes e não abrir esse tipo de “espaço”. A cobertura da Guerra do Vietnã possibilitaria a abertura de muitos desses “espaços”.

Mesmo assim, esse livre arbítrio tem os seus limites. A “janela” não era tão direta assim. Os “próprios olhos” não são os “próprios olhos”, pois o que se via pela televisão (assim como por qualquer outro meio de comunicação), eram representações, ou seja, imagens produzidas pelas câmeras de televisão, pela câmera fotográfica que produziu a fotografia, pelas palavras do jornalista que escrevia ou narrava o acontecimento.

Os acontecimentos ou fatos apresentados pelos meios de comunicação são representações, construções intelectuais. Com o desenvolvimento dos meios técnicos, a aproximação entre o acontecimento e a sua representação parece uma evidência indiscutível, pelo menos para a maior parte do público que assiste à televisão.

⁸ - propaganda utilizada pelos primeiros produtores e comerciantes norte-americanos para vender a novidade chamada televisão, sendo que vinha escrito no manual de instruções. Arlindo Machado comenta: “O novo consumidor de bens materiais (...) encontra nos serviços de radiodifusão a ‘janela’ necessária para o contato (simbólico) com o exterior: já que ele não vai mais ao mundo, o mundo penetra em sua casa através da mediação do rádio (e, mais tarde da tevê).”; Machado, Arlindo. op. cit., p. 17;

Como podemos perceber, o que é publicado ou apresentado num meio de comunicação como notícia é um produto intelectual construído a partir de fatos ou acontecimentos. Estes não são, de acordo com Paul Veyne, coisas, objetos conscientes ou substâncias, mas são cortes que realizamos livremente na realidade, um conglomerado de procedimentos que interagem entre si. Os fatos têm sua organização natural, encontrada pronta, e o esforço intelectual de reproduzi-los é o de reencontrar essa organização. Os fatos ou acontecimentos também são construções e seus relatos nunca são totais, pois dependem do ponto de vista que o narrador escolher, ou da trama que escolher, o que transforma tais relatos em visões parciais da realidade.⁹

Tais idéias, aplicadas especificamente à História, também se aplicam ao jornalismo, pois o que os meios de comunicação relatam são malhas dos fatos ou acontecimentos, através dos quais é construída uma parte da realidade.

O problema é que o público que normalmente assiste à televisão não tem consciência desse processo, acreditando que os acontecimento ou fatos são coisas que existem, aquilo que existe, aquilo que é, não considerando que se faz uma construção, um recorte. Os indivíduos pressupõe a existência de um "real" - sendo assim, o meio que apresentar um quadro mais amplo e fidedigno deste "real", estará mais próximo daquilo que essas milhões (ou bilhões) de pessoas acreditam ter sido o acontecimento ou fato.

A televisão é esse meio, pois ela apresenta uma construção da realidade, mas não é isso que o público telespectador acredita. Para esse público, o conjunto que a produção televisiva (imagens/sons/movimento) apresenta constitui o quadro mais próximo da "realidade", ou seja, de como as coisas realmente aconteceram, daquilo que existe ou existiu, daquilo que é ou foi.

Mas isso é apenas aparente, pois o que a televisão produz são construções, construções estas impregnadas de elementos irracionais, de emoções, de subjetivismo, ou seja, de imaginários, que muitas vezes representam uma projeção do posicionamento político ou emocional do repórter ou da empresa jornalística.

⁹ - Veyne, Paul. Como se Escreve a História. Brasília. Editora da UnB, 1992, pp. 27-29;

Na verdade, ocorrem duas guerras: a primeira é a propriamente dita, com mortes e violência, dentro de esquemas militares, situações perigosas para ambos os lados, no chamado “teatro de operações”; a segunda é aquela apresentada pela mídia, construída para ser acompanhada pelo público. As novas tecnologias deixam essa “segunda guerra” mais complexa, pois sua representação torna-a mais próxima possível da “primeira guerra” e os efeitos sobre o público tornam-se mais intensos. Apesar disso, não podemos esquecer a própria guerra em si, o próprio acontecimento, pois ela também atua na sua representação.

Neste momento, faz-se necessário discutir alguns conceitos básicos, pois mais do que a própria guerra, estudaremos como ela foi representada pela mídia, sendo muito importante entendermos a natureza da imprensa e como ela realiza a representação do acontecimento.

Jornalismo e Notícia

Neste trabalho, a parte da mídia que nos interessa é a produção jornalística, a imprensa, ou seja, a construção dos fatos que se tornam notícias. Para iniciarmos as discussões, precisamos debater alguns conceitos.

Um deles é o conceito de jornalismo, pois será sobre ele que este trabalho irá discorrer. Uma das definições de jornalismo mais constantes está sintetizada nas palavras de Luiz Beltrão, que vê o jornalismo

“Como a informação de idéias, situações e fatos atuais, interpretados à luz do interesse coletivo e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum.”¹⁰

Tal definição pode ser completada pelos 4 elementos básicos do jornalismo, levantados pelo alemão Otto Groth, ou seja: a **atualidade** (o fato representa o momento presente), a

¹⁰ - Beltrão, Luiz. Jornalismo Interpretativo. 2. ed., Porto Alegre, Sulina, 1980, p. 27;

periodicidade (repetição regular das publicações), a **universalidade** (diferentes temáticas) e a **difusão coletiva** (circulação dos periódicos de maneira a abranger um público heterogêneo). Dentro dessas definições, o jornalismo exerce as funções de informar, explicar e orientar. Tais funções são apenas aparentes, pois existe um leque maior de funções subjacentes, como a função econômica, a cultural, a ideológica, etc.¹¹

A idéia de bem comum, segundo o conceito de Luiz Beltrão, talvez seja o ponto mais polêmico das discussões sobre jornalismo, pois, em muitos sentidos, é difícil definir o bem comum. Este geralmente corresponde àquilo que o profissional no jornalismo quer que seja, dependendo do seu posicionamento político. No entanto, no Brasil esse conceito foi defendido, por exemplo, por Carlos Lacerda,¹² sendo comum sua permanência na história da imprensa nacional.

Tal discussão nos remete a uma outra problemática do jornalismo, que ultrapassa as funções de informar e orientar, que é a sua função **política**, ou seja, a defesa dos interesses dos proprietários do meio de comunicação ou do próprio jornalista. O jornalismo não fala sozinho, ele representa forças econômicas e sociais. Maria Helena R. Capelato afirma que:

“Todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos.”¹³

Neste sentido, a informação que os meios de comunicação transmitem é essencialmente política, ou seja, ainda nas palavras da própria Capelato, é uma **mercadoria política**.¹⁴

¹¹ - referência extraída de Lima, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas - O Livro Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993, pp. 20-21;

¹² - para Carlos Lacerda, a imprensa tem de ser livre para poder informar, mas tem seus limites, pois precisa respeitar a sociedade, respeitar o bem comum, o que, para o autor, era não ser mentiroso, ou seja, não ser comunista. Lacerda, Carlos. A Missão da Imprensa. Rio de Janeiro, Agir, 1950, p. 46;

¹³ - Capelato, Maria Helena R. A Imprensa e História do Brasil. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988, p. 15;

¹⁴ - Capelato, Maria Helena R. op. cit., p. 18;

Não é apenas a informação em si (termo originado do latim *in formatio*, dar forma, enformar, organizar)¹⁵ que é a mercadoria política (embora toda informação não deixe de ser política), mas a *forma* pela qual ela é passada por esses meios de comunicação, ou seja, como **notícia**. Uma definição de notícia torna-se necessária.

Para Umberto Eco, a notícia destaca-se pela idéia de anormalidade (típica também do conceito de jornalismo), ou seja, o que é comum e corriqueiro não é notícia, mas sim o que é extraordinário (como um exemplo típico dado no universo do jornalismo, um cachorro mordendo um homem não é notícia, mas o homem mordendo o cachorro o é).¹⁶

Nilson Lage aprofunda esses conceitos, afirmando que a notícia é o “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante”, com dois componentes básicos, que são uma organização relativamente estável (**componente lógico**) e elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia (**componente ideológico**).¹⁷

Ciro Marcondes Filho argumenta que notícia é o anormal que interessa aos jornais como porta-vozes de correntes políticas e, sendo mais radical que Lage, insistindo que a notícia é a informação transformada em mercadoria, sofrendo tratamento de adaptação mercadológica (generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo), **servindo como forma de manipulação ideológica**, pertencendo ao jogo de forças da sociedade.¹⁸

O autor valoriza o caráter manipulador que a informação tem na forma de notícia, idéia com a qual não concordamos inteiramente. **Construção**, em lugar de manipulação pura e simples, seria o termo mais indicado, pois os elementos são recolhidos e construídos intelectualmente, podendo, além disso, ser utilizados para a manipulação.

¹⁵ - Dines, Alberto. op. cit., p. 37;

¹⁶ - Eco, Umberto. "Obbiettività Dell'Informazione: il Dibattito Teorico e le Tranformazione Della Società Italiana" in Livolsi, M. e Panozzo, G. (Orgs). Informazione. Consenso e Dissenso. Milão, Saggiatore, 1979, p. 42;

¹⁷ - Lage, Nilson. Ideologia e Técnica da Notícia. Petrópolis, Vozes, 1979, pp. 36-37;

¹⁸ - Marcondes Filho, Ciro. O Capital da Notícia. São Paulo, Ática, 1986, p. 13;

Portanto, existe uma diferença entre notícia e informação, ou seja, **toda notícia é informação, mas nem toda informação é notícia; para ser notícia é preciso que a informação seja transformada, ou seja, que passe pelo processo de construção jornalística, que varia conforme o meio de comunicação que a transforma.**

Como se dá essa construção? Primeiramente, o fato ou acontecimento deve ser levantado por um ou mais jornalistas, que o captam, o descrevem e o enviam ao meio de comunicação do qual fazem parte. Neste momento, o(s) jornalista(s) utiliza(m)-se da sua vivência e experiência para apresentar o que é mais relevante, tanto do seu ponto de vista pessoal, quanto do veículo em que trabalha e, sobretudo, do público a que é destinado. O veículo de comunicação tem muita importância nesse conceito, pois será ele que irá definir a sua publicação ou não. Mesmo antes da própria cobertura, o jornalista tem as diretrizes de como se deve apresentar a notícia, a **pauta**, que é o próprio espírito do veículo de comunicação. Muitos fotógrafos têm suas máquinas fotográficas já codificadas de acordo as pautas do meio de comunicação.¹⁹

O material recolhido e elaborado é enviado ao veículo de comunicação, em que é analisado e, uma vez aprovado, publicado. Mas não é levado ao público de qualquer maneira, pois seu espaço, forma, enfoque (maior ou menor em relação às outras notícias), diagramação, etc., passam pelos interesses comerciais e políticos da empresa, de acordo com seus interesses econômicos e políticos.

A organização, para que a mensagem jornalística seja colocada em condições de exposição por um meio de comunicação, invariavelmente, segue este caminho: primeiro, a **angulação**, que é a condução do comportamento da mensagem jornalística desde da sua captação até sua formulação estilística, sendo que o meio de comunicação é que dá a forma à notícia; segundo, a **edição**, que determina o que deve ser noticiado e escolhe, do que já foi selecionado, o que deve ser publicado ou não e em que condições de diagramação e de organização dos títulos; terceiro, a **coleta de dados**, o levantamento da notícia em si (quer feita por repórteres ou por agências internacionais); e

¹⁹ - Guran, Milton. Linguagem Fotográfica e Informação. Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1990, p. 40;

quarto, a **formulação da mensagem e do código lingüístico**, que é a transposição escrita, no caso de um veículo escrito, ou preparada para a narração oral, ao se tratar de um veículo não escrito, da notícia em sua forma definitiva.²⁰

Já os processos de produção da notícia compreendem a **composição** (a notícia pronta e moldada na aparelhagem), a **paginação** (os tamanhos das notícias, fotos, anúncios e todo material a ser publicado definidos na aparelhagem), a **impressão** (onde a composição é impressa no respectivo papel, sob determinada paginação) e a **distribuição** (onde todo o processo acima é levado até o público consumidor). Mesmo para meios não escritos a seqüência é a mesma, só que se alteram os processos de impressão (entra o de narração oral) e o de distribuição (que depende de quem tenha os aparelhos receptores).²¹

Como podemos perceber, do próprio fato ou acontecimento até a sua apresentação como notícia, existem muitos filtros. Não é apenas o conteúdo da notícia que é importante, mas também a sua forma.

Roger Chartier, em suas análises sobre o mundo do leitor (sua preocupação é com a produção e leitura de livros), observa que não são apenas as idéias contidas nos livros que são importantes, mas também a forma como o livro é constituído, ou seja, em que papel, em quantas páginas, em que tamanho de letras (que pode facilitar ou dificultar a leitura), pois essas questões formais também fazem parte do universo do leitor.²² O mesmo se aplica aos meios de comunicação, pois sua forma também é importante para o mundo do leitor. E, por assim dizer, também é importante para o mundo dos produtores dos meios de comunicação.

Neste sentido, os meios técnicos para a apresentação da notícia são tão importantes quanto a própria, pois é nesse momento, o da apresentação, (onde a diagramação e criação de títulos são fundamentais), que uma notícia ganha ou perde em importância, que seu conteúdo é passado de

²⁰ - Medina, Cremilda. "Elementos de Composição da Mensagem Jornalística" in Notícia - Um Produto à Venda - Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2. ed., São Paulo, Summus, 1988, pp. 73-98;

²¹ - Lage, Nilson. op. cit., p. 12;

²² - Chartier, Roger. "Le Monde comme Représentation" in Annales - Économies, Sociétés, Civilisations. Novembre-Décembre 1989, número 6, pp. 1505-1520;

uma maneira ou de outra, de acordo com os interesses políticos envolvidos, tanto para a persuasão quanto para o esquecimento. Portanto, a técnica de constituição do veículo é tão importante quanto o próprio conteúdo das notícias, valorizando o papel das novas tecnologias dentro desses meios de comunicação, pois novas técnicas não são resultado apenas de uma busca de agradar ao público, mas também de preocupações políticas, para ganhar “corações e mentes”.²³ Podemos dizer que desaparece a fronteira entre o conteúdo e a forma, ambos são indissociáveis, ambos são conteúdo.

Novas tecnologias em comunicação sempre foram produzidas, mas o momento dessa pesquisa é particularmente interessante, pois está acontecendo intensa mudança tecnológica, principalmente pelo aparecimento e fixação de um novo meio de comunicação, a televisão, que produziu alterações nos outros meios, principalmente na imprensa escrita. A grande questão que esse novo meio suscitou foi a presença da imagem.

A Entrada da Televisão e da Imagem

Desde o século XIX a imagem produzida por meios técnicos existe, principalmente pela invenção da fotografia e do cinema. A televisão não tem origem na fotografia ou no cinema, mas sim no rádio, o que lhe dá uma configuração própria no mundo da produção de imagens; pois, assim como o rádio, ela é feita por impulsos elétricos, e não por fotogramas.

Wilbur Schramm parte da existência de duas dimensões no processo de comunicação, dois sistemas de mediação, o temporal e o espacial, que produziriam três tipos de veículos de comunicação: os veículos temporais (organizados dentro da noção de tempo, vencendo o espaço, como o rádio, a comunicação telefônica e a pessoal, ou seja, as propriamente sonoras); os veículos espaciais (organizados dentro da dimensão espacial, resistindo ao tempo, como os veículos impressos,

²³ - do original, em inglês, “*Hearts and Minds*”, expressão utilizada pelas forças norte-americanas no Vietnã, nome de um programa de aldeias modelo, as chamadas “aldeias estratégicas”, ou seja, onde camponeses vietnamitas, tirados de suas aldeias natais, seriam alojados e protegidos do Vietcong, mas que não passavam de campos de concentração disfarçados; esta expressão virou sinônimo de convencimento;

cartazes, arquitetura, etc.); os veículos mistos ou temporais-espaciais (combinariam as duas noções anteriores, veículos movidos a eletricidade, velozes, como o cinema, a televisão e os audiovisuais em geral).²⁴

Tal divisão valoriza as possibilidades dos veículos produzirem seus efeitos dentro dessas dimensões, o que os distingue. Os veículos temporais são diretos e com pouca duração (apenas o tempo da mensagem ser captada e entendida), sendo captados pelo sentido da audição. Os veículos espaciais, mais duradouros (já que podem ser guardados e consultados), são captados pelo sentido da visão. Os veículos mistos, apesar de tão diretos quanto os veículos temporais e menos duradouros que os veículos espaciais, são captados pelos dois sentidos, audição e visão.

Tais classificações são importantes, pois o que a televisão produz, portanto, não foi apenas imagens, mas imagens com seus respectivos sons, num quadro mais amplo do que o dos meios escritos e do rádio. A televisão atinge não apenas o sentido da visão, mas também o da audição.

A televisão também contém outros elementos importantes, como os movimentos das imagens (que o cinema também contém), mas dentro de um ambiente doméstico. A televisão é quase sempre acompanhada dentro dos lares, em ambientes familiares, ou seja, no cotidiano das pessoas, deixando tal meio mais particular ainda.²⁵ Com o desenvolvimento da televisão colorida, outro elemento veio a se juntar aos demais, ou seja, a cor.

A entrada de todos esses elementos e não apenas (embora, principalmente) da imagem, foi o que transformou a televisão num meio de comunicação mais completo, no sentido de apresentar um quadro aparentemente mais próximo da realidade. Como vimos, o que a televisão produz são construções, assim como os outros meios.

Uma das grandes questões levantadas pela televisão, assim como o rádio já o havia feito, é a relação dos meios de comunicação com o tempo. A televisão (e sua produção jornalística, o

²⁴ - Schramm, Wilbur. *The Process and Effects of Mass Communication*. Illinois, University of Illinois, 1954, pp. 42-55;

²⁵ - Hobsbawm chamou o aparelho de televisão como "a revolução na sala de visitas"; Hobsbawm, Eric J. *A Era dos Extremos - o Breve Século XX - 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, fotos;

telejornalismo) não utiliza o espaço, como os meios escritos, mas sim o tempo. Ao configurar a questão do tempo, acelerando-o o máximo possível, criou-se uma nova ambiência na sociedade que os outros meios de comunicação tentariam compensar.²⁶

A entrada do novo meio de comunicação alterou os demais. Marshall McLuhan foi um dos primeiros a pensar sobre a temática. Entre suas discutíveis teorias, uma delas se destaca para os nossos objetivos. Sua argumentação é que cada nova tecnologia cria uma nova ambiência (percepções mentais e sociais) para o homem e, nesta nova ambiência, as tecnologias anteriores são reprocessadas, adaptando-se às novas situações. O processo é global, o movimento de uma parte atinge tudo, todo processo é alterado. Esta flexibilidade da estrutura comunicativa, a sua perenidade, é que a torna indestrutível e seus meios imperecíveis, pois nada é destruído, apenas alterado.²⁷

Dentro dessa perspectiva teórica, os demais meios de comunicação tiveram de se alterar sob o risco de desaparecerem. Tais mudanças técnicas não atingiram apenas as formas dos meios de comunicação, mas também suas mensagens. A mudança nos meios altera também o conteúdo, não é indiferente a ele.

De um modo geral, podemos classificar as alterações produzidas na imprensa escrita pela televisão em duas partes: primeiro, mudanças de ordem gráfica, de distribuição espacial, valorizando a diagramação e suas possibilidades (desenhos, títulos, protótipos, etc.), dando uma visualização diferente e mais fluida, mas principalmente valorizando a fotografia, ou seja, a valorização da imagem; segundo, com as novas distribuições gráficas, houve uma diminuição do material escrito, ou seja, o espaço escrito diminuiu para se dar menos tempo de leitura para o leitor (acostumado com o pouco tempo que gasta com a televisão), o que obrigou o corpo de jornalistas e seus colaboradores a refletirem sobre o que e como escrever, procurando uma abordagem mais seletiva dos assuntos noticiados.

²⁶ - Bahia, Juarez. Jornal, História e Técnica - As Técnicas do Jornalismo. São Paulo, Ática, 1990, p. 54;

²⁷ - McLuhan, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. São Paulo, Cultrix, 1969, p. 27;

Criou-se a necessidade de um tratamento espacial diferenciado do anterior, para apresentar uma valorização da imagem; e da diminuição do material escrito, para se ganhar tempo na leitura. Imagem e tempo, ambas as questões foram levantadas pela televisão, sendo retrabalhadas pelos meios escritos.

Tais alterações foram seguidas de mudanças técnicas correspondentes, como a modernização do parque gráfico das editoras, técnicas novas de impressão (como o sistema de "off-set"), melhoria do material de uso dos jornalistas (como máquinas de escrever, atualmente substituídas por terminais de computadores, máquinas fotográficas menores e mais rápidas, etc.), entre outras coisas.

Conteúdo (mensagem) e forma (meio) são fundamentais para as representações criadas pela imprensa, sendo que um é tão importante quanto o outro, e os dois têm de ser pensados juntos. A cobertura da Guerra do Vietnã não os separou.

A Guerra do Vietnã: Conseqüências da Presença da Televisão na sua Cobertura Jornalística

A escolha da Guerra do Vietnã como condutor da pesquisa não foi aleatória. Um fator crucial para essa guerra foi a sua cobertura jornalística, que contou, quase que ineditamente, com a presença da televisão. Não é que a televisão não tivesse participado da cobertura de outras guerras, mas foi no Vietnã que ela ficou por mais tempo e para um grande número de aparelhos de televisão.

Em 1941, ou seja, durante a Segunda Guerra Mundial, havia cerca de 10 mil aparelhos de TV nos Estados Unidos; na Guerra da Coréia o número chegara à cerca de 10 milhões; no auge da Guerra do Vietnã, chegava a mais de 100 milhões, sendo que, nesta última, com uma tecnologia bem melhor que nos anos anteriores, 60% da população norte-americana informou-se sobre a Guerra do Vietnã pela televisão.²⁸

²⁸ - Knightley, Phillip. *A Primeira Vítima*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, pp. 519-521;

Durante a Guerra da Coreia, notícias da guerra eram transmitidas com audácia (um general teve de mandar tirar um cinegrafista da frente de um tanque, pois este buscava uma imagem melhor e mais realista), mas os documentários cinematográficos continuaram sendo a grande fonte visual do conflito, ainda dentro dos esquemas da Segunda Guerra Mundial.²⁹

Pouco se sabia dos efeitos que uma prolongada cobertura diária da guerra pela televisão poderia provocar, com as cenas de combate entrando diretamente dentro dos lares, mostrando a “verdadeira” natureza da guerra. No conflito do Vietnã, o ineditismo e a crueza sangrenta das imagens tiveram o efeito de chocar e indignar a opinião pública mundial.

Não há unanimidade na avaliação dos resultados da cobertura da Guerra do Vietnã, que são ainda muito discutidos. Uma das vertentes dessas discussões defende que a televisão influenciou nos resultados da guerra, mesmo que, não totalmente, no sentido militar. Clóvis Rossi nos afiança que

“As imagens diárias de sangue e dor que entravam nos lares norte-americanos contribuíam poderosamente para formar uma corrente de opinião pública contrária à continuação da guerra, o que pesou no seu desfecho, embora a guerra tenha, em última instância, sido decidida, de fato, no próprio terreno em que se travava, ou seja, no Sudeste Asiático.”³⁰

O diretor da *CBS News*, em Washington, William Small, fez um comentário sobre as imagens da guerra afirmando que a televisão mostrou a verdade da luta de uma maneira nova para as audiências de massa, o que contribuiu para a desilusão dos jovens norte-americanos em relação ao conflito. Don Oberdorfer, repórter do *The Washington Post*, defende essa idéia, afirmando que os comentaristas e editores da imprensa norte-americana reexaminaram suas atitudes depois da extensiva cobertura da guerra, pois o novo meio levava as contradições do conflito até as últimas consequências e suas opiniões deveriam ser mais cautelosas, principalmente numa guerra aparentemente interminável.³¹ Os observadores britânicos ficaram impressionados com os resultados da cobertura

²⁹ - Knightley, Phillip. op. cit., p. 521;

³⁰ - Rossi, Clóvis. *O Que é Jornalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 13;

³¹ - Knightley, Phillip. op. cit., pp. 519-520;

pelo novo meio, suscitando comentários sobre seus efeitos de responsabilidade pelo colapso moral norte-americano, tendo em vista que as imagens e sons aumentavam a repugnância ao militarismo.³²

A outra corrente apresenta uma visão discordante e afirma que a cobertura pela televisão na verdade não teria provocado tais efeitos. Uma das questões era o tamanho das imagens e, como observou o repórter do *The New Yorker*, Michael J. Arlen, pois mais verídica que a imagem pudesse ser e por maior que seja o avanço da tecnologia da televisão, esse ainda mostrava um quadro de homens de três polegadas de altura disparando contra homens de três polegadas de altura. Dentro dessa perspectiva, os filmes de guerra produzidos pelo cinema eram bem mais convincentes. Também não podemos esquecer que grande parte das cenas com soldados norte-americanos foram produzidas, quer pela televisão (para se ter um efeito melhor) como pelos próprios soldados (“atuando” como num filme de guerra).³³

Uma pesquisa realizada pela revista *Newsweek*, em 1967, apresentou resultados importantes: a televisão encorajara a maioria dos espectadores a apoiar a guerra. Os resultados numéricos demonstraram que 64% dos entrevistados mostraram-se copelidos a apoiar a guerra por causa da televisão, e 26% a se opor. Nesse mesmo ano, um psiquiatra norte-americano, Fredric Wertham, observou que a televisão teve o efeito de condicionar sua audiência a aceitar a guerra. Edward Jay Epstein, realizando um levantamento entre os produtores de televisão e editores de notícia, constatou que mais de dois terços dos entrevistados achavam que a televisão tivera pouco efeito para mudar a opinião pública sobre a guerra. Opinião constante também é que a televisão apenas reforçou o que os telespectadores sentiam, ou seja, reforçou o apoio à guerra daqueles que já a apoiavam e reforçou a crítica daqueles que já a criticavam.³⁴

Com certeza, algum efeito a televisão provocou no telespectador. Os grandes meios de comunicação dos Estados Unidos, inclusive as redes de televisão, apoiaram o governo na intervenção no Sudeste Asiático desde o começo, com algumas exceções de correspondentes que

³² - Knightley, Phillip. *idem*, p. 520;

³³ - Knightley, Phillip. *idem*, pp. 520-521;

³⁴ - Knightley, Phillip. *idem*, *ibidem*;

estavam no Vietnã antes de 1964. Mesmo com a presença inédita da televisão mostrando a guerra, sua produção não foi muito além das determinações feitas pelas forças armadas norte-americanas.

As dificuldades para a cobertura pela televisão eram consideráveis. Para começar, a aparelhagem da televisão era pesada e precisava de , pelo menos, dois profissionais (o repórter e o *cameraman*), podendo chegar a três (duas pessoas para carregar a câmera), o que dificultava a mobilidade (e, em coberturas na selva, perdia-se tempo, e mesmo soldados, já que mais de um eram designados para proteger os profissionais da imprensa da televisão, enquanto que os meios escritos precisavam de apenas um soldado), sem contar as condições do tempo (que poderiam estragar o material)³⁵ e a lentidão com que as notícias eram passadas desde a sua produção no Vietnã até sua exibição nos Estados Unidos (chegava a demorar dois dias), com a edição sendo feita no Vietnã, ou ainda chegando mesmo a não ser feita, indo tudo ao ar como foi filmado.³⁶

Com a pressa da apresentação dessas imagens, muitas delas defasadas em relação aos meios escritos, as redes norte-americanas utilizavam a edição feita no Vietnã mesmo, nem sempre do seu agrado, ou exibiam a cobertura sem a edição, com uma arrumação mínima. Os meios escritos, em compensação, dispunham da mobilidade que os recursos telegráficos como o telex e os teletipos propiciavam, tornando sua produção relativamente mais rápida.

Os meios técnicos da televisão foram sendo desenvolvidos. As câmeras foram diminuindo até chegarem ao tamanho portátil; o processo de imagens coloridas, existente nos Estados Unidos desde 1953, foi sendo aperfeiçoado e o sistema de satélites, inaugurado em 1967, rompia definitivamente as barreiras do tempo, dando quase a instantaneidade entre o acontecimento e sua transmissão. O auge desse processo seria em 1968, mas essas mudanças foram sendo realizadas

³⁵ - o correspondente de guerra Peter Arnett nos descreve as desventuras de uma equipe de televisão da CBS, liderada por Peter Kalischer, numa cobertura na selva, quando o *cameraman* caiu dentro de um buraco cheio d'água. Arnett, Peter. Ao Vivo no Campo de Batalha - Do Vietnã a Bagdá - 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. São Paulo, Rocco, 1994, pp. 88-89;

³⁶ - em outro momento, Peter Arnett relata que uma notícia foi apresentada pela imprensa escrita e, dois dias após a sua publicação, a televisão apresentou a sua versão, conseguindo mais impacto no público norte-americano. Arnett, Peter. op. cit., pp. 206-207;

antes. À medida que as imagens da guerra ficavam cada vez mais sofisticadas, principalmente as produzidas pela televisão, crescia a contestação à guerra.

Mas teriam as imagens tanto poder assim? Sozinhas, provavelmente não, mas elas têm de ser vistas em conjunto com os sons característicos, com seus movimentos e, principalmente, com o discurso que as acompanhava. A imagem na televisão, principalmente nos telejornais, raramente é apresentada sozinha, vindo acompanhada do locutor que narra. O processo denomina-se “voz off”, voz fora do campo, comentando o que ocorre na tela, exercendo também a função de ser uma verdade “externa”, indiscutível, com uma forte autoridade, e, como coloca Massimo Canevacci, que “a voz off, além do que se diz, fala-nos da relação que o observador (S) quer estabelecer com o observado (O)”,³⁷ tentando dessa forma condicionar o que a imagem mostra.

Analisando os programas documentários feitos pela CBS e apresentados por Walter Cronkite (estes foram os melhores e mais expressivos programas televisivos sobre a guerra, sendo, inclusive, copiados por outras emissoras norte-americanas), encontramos imagens do conflito que, apesar de fortíssimas, eram voltadas para o lado norte-americano, ou seja, a construção das imagens e dos discursos eram favoráveis à intervenção norte-americana, pelo menos até 1968.³⁸

Dentro dessa lógica, as contestações deveriam ser fenômenos marginais, pois todos os meios de comunicação, incluindo os meios escritos e sonoros (com exceção da imprensa alternativa norte-americana), eram a favor da guerra - o que explica, em certo sentido, a razão de se reforçar o sentimento de apoio à guerra, sendo difícil pensar diferente com tamanha exposição favorável.

Mas não foi isso que aconteceu. Os movimentos de contestação à guerra mostraram-se muito maiores do que fenômenos meramente marginais, transformando-se nos grandes aglutinadores de produção cultural que marcaram a década de 60. Tais movimentos começaram a se impor, e logo teriam uma denominação comum: a chamada **contracultura**, movimento que estava contestando os valores sociais na década de 60, como já foi discutido anteriormente.

³⁷ - Canevacci, Massimo. *Antropologia da Comunicação Visual*. São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 18;

³⁸ - os programas documentários da CBS, sob o comando de Walter Cronkite, foram apresentados pela televisão brasileira na Globosat, em julho de 1994;

Espaços na Cobertura da Guerra

As imagens, principalmente as da televisão, confirmavam o que esses contestadores queriam ver. A imprensa norte-americana era totalmente a favor da guerra, o que deveria teoricamente dificultar a presença de contestação a ela, e, caso a contestação realmente aparecesse, deveria ter sido muito pequena e localizada. Tal não aconteceu e a oposição foi crescendo.

De certa forma, as imagens eram impressionantes, mesmo que os aparelhos de televisão mostrassem apenas “homens de três polegadas”. Imagens de aldeias sendo queimadas por soldados norte-americanos, aviões realizando bombardeios nas selvas (com os efeitos sonoros e visuais de um avião em ação) atingindo seres humanos (vietcongs ou não), guerrilheiros vietcongs sendo “interrogados” (torturados) pelas forças do Vietnã do Sul e assistidos pelos soldados norte-americanos (que acusavam o Vietcong de fazer essas coisas): todas essas imagens entravam nas salas de milhões de pessoas, muitas vezes sem edição, ou seja, com a sua carga máxima de efeito.

A imprensa norte-americana era a favor da guerra e seu discurso refletia isso. Na luta pelo simbólico, os meios de comunicação dos Estados Unidos estavam ao lado de seu governo. No entanto, a inexperiência na utilização da produção televisiva numa cobertura de guerra diária ficava em evidência, ou seja, as imagens/sons/movimentos ultrapassavam, em muito, os discursos por elas recebidas, abrindo “espaços” para a sua contestação.

Não é que os “espaços” não existissem, como vimos, através da Contracultura. Com certeza essa contestação de valores encontrou seu inimigo comum na guerra e as imagens nada mais que confirmavam tais sentimentos. Não havia unidade dentro dos grupos da Contracultura, (universitários, hippies, radicais de esquerda, Panteras Negras, etc.), mas a guerra lhes deu uma unidade: todos esses grupos eram contra ela. Sendo assim, a Contracultura é também uma implicação da guerra. Ela abria “espaços” utilizando a cobertura da guerra, e a cobertura da guerra abria “espaços” para sua contestação.

Um parênteses se faz necessário. Evidentemente não foi apenas a cobertura da guerra que auxiliou na sua contestação. Não podemos esquecer os resultados práticos da mesma, ou seja, a morte de vários soldados e a dor de suas famílias e amigos, que abriram redes de solidariedade e, muitas vezes, de contestação à guerra. Fatores econômicos também pressionaram, pois os gastos com a guerra fizeram com que a inflação do país chegasse ao inédito número de dois dígitos.³⁹

Em 1968, a situação mudou, como veremos mais adiante. Com a desilusão das possibilidades de vitória, a opinião pública norte-americana desistiu de apoiar a guerra, e a imprensa seguiu esse caminho, agora, sim, adaptando as imagens/sons/movimentos aos discursos (ambos negativos em relação à guerra).

O “espaço” criado pela cobertura da Guerra do Vietnã dificilmente seria possível em outro momento, pois as redes de televisão posteriormente tomariam inúmeros cuidados para a produção de imagens e discursos (ou seja, das representações) das notícias, não deixando maiores “espaços” para desníveis que poderiam provocar contestações. Os militares ingleses controlariam o fluxo de notícias da Guerra das Malvinas, assim como os próprios norte-americanos fariam o mesmo na invasão de Granada.⁴⁰ Na Guerra do Golfo, a construção da cobertura televisiva seria das mais complexas possíveis, onde se apresentou como um espetáculo agradável de se ver. Maria Rita Kehl complementa:

“Se nos anos 60 as primeiras imagens mostradas ao vivo sobre a Guerra do Vietnã, por exemplo, mobilizaram opinião pública (...), nos anos 90 a guerra do golfo Pérsico é transmitida pela televisão como um espetáculo excitante, um Indiana Jones em grande escala para diversão dos espectadores que torcem para que o “grande justiceiro” consiga eliminar Satã com métodos eficientes e cheios de efeitos pirotécnicos”⁴¹

³⁹ - s/A. “Trágico Balancete.” in Coleção Guerra na Paz. V. 4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 946 ;

⁴⁰ - s/A. “O Triste Adeus à Inocência” in Coleção Guerra na Paz. V. 4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 839;

⁴¹ - Kehl, Maria Rita. “Imaginar e Pensar” in Novaes, Adauto (Org.). Rede Imaginária - Televisão e Democracia. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 60;

Não há mais inexperiência na utilização da mídia, nada é deixado ao acaso, tudo está sendo cada vez mais programado (inclusive construções noticiosas manipuladoras).

A Cobertura da Guerra do Vietnã no Brasil

O que a televisão norte-americana produzia era, invariavelmente, transmitido para o resto do mundo, que retrabalhava, de acordo com suas condições culturais, as imagens com os discursos. Mesmo em países que apoiavam os Estados Unidos, como a Grã-Bretanha, a guerra não era bem vista, alimentando os movimentos contraculturais de seus países, que também encontravam na guerra uma unidade. Logo, as manifestações contra a guerra eram comuns na Alemanha Ocidental, França, Japão, etc., mas realizavam uma leitura da mesma dentro das suas condições culturais, invariavelmente diferentes da norte-americana. Os revolucionários franceses do Maio de 68 baseavam-se, principalmente, no anarquismo, dentro das tradições francesas, assim como na Alemanha os movimentos revolucionários basearam-se no marxismo. Entraremos em mais detalhes no decorrer da pesquisa.

A Guerra do Vietnã também teve repercussões no Brasil. O presente trabalho estudará a cobertura da Guerra do Vietnã pela imprensa escrita brasileira, considerando o que a guerra significava politicamente e levando em conta as alterações técnicas (que foram intensas no período da guerra), que também influíram na representação da guerra, ou seja, no seu imaginário.

Este estudo procurará apontar as diferenças que a cobertura da guerra feita pela imprensa brasileira apresentou no decorrer do conflito. A cobertura começou de uma forma e se alterou no seu desenrolar - quer por posições políticas que iam se digladiando, quer por questões de mudanças técnicas (a maioria envolvendo a presença da televisão). Estas influíram na cobertura, dando uma particularidade à sua representação. A cobertura da guerra feita no Brasil é absolutamente singular, por mais que se tenha baseado na que foi feita pela imprensa norte-americana.

Partindo da premissa que as notícias são retrabalhadas para cada público a que se destinam, temos que, mesmo sendo um assunto internacional, a cobertura da guerra pela imprensa brasileira teve as suas peculiaridades, distinguindo-a das feitas por outros países. Não existe, portanto, a pretendida imparcialidade, objetividade e impessoalidade na notícia. Na discussão sobre o fetiche da objetividade, Jesus Martín Barbero afirma que:

“Hay pues fetiche en la medida en que se toma por propiedad o cualidad de las cosas, de los textos, lo que es un producido social. Es la sociedad la que define qué es objetivo y que no lo es.”⁴²

A objetividade depende da sociedade, assim como a própria notícia, pois elas são particularizadas para cada público, não podendo ultrapassar seu público receptor - o meio emissor tem de conferir sentidos que este último possa entender. Mesmo a tradução de um texto de uma agência internacional de notícias, o que foi feito regularmente na cobertura da Guerra do Vietnã, é a construção de um novo texto, apesar de mostrar as mesmas idéias em outra língua. Além da filtragem, da escolha de um texto e não de outro, do uso integral ou de partes e, no caso dessa última escolha, de quais partes devem ser publicadas ou não (quer para os interesses do público ou da empresa), o texto traduzido ainda é particularizado para o público de um país. Como podemos perceber, mesmo a reprodução de um texto internacional é uma construção intelectual.

⁴² - Barbero, Jesus Martín. Comunicacion Masiva: Discurso Y Poder. Quito, CIESPAL, 1978, pp. 159-160.

Capítulo 1 - Discussão Bibliográfica

Problemas da Discussão Bibliográfica e Caminhos Propostos

A produção intelectual sobre o jornalismo e a imprensa compreende um grande número de obras, não apenas na área de Comunicação, mas nas Ciências Humanas como um todo, sendo realizadas pesquisas em Antropologia, Sociologia, Direito e, logicamente, História, entre outras áreas de interesse.

Discussões sobre análises do conteúdo e da forma, relacionando-os com o imaginário, raramente foram feitas, sendo mais comum encontrar trabalhos que estudem esses aspectos separadamente. Podem-se encontrar ligações entre esses aspectos, mas são muito poucas e dentro de contextos dos mais variados.

Poucos autores trabalharam com a influência da televisão nos demais meios de comunicação. Geralmente, tais estudos foram feitos pensando a indústria cultural e a cultura de massas, o que não é preocupação central desta pesquisa.

Essencialmente, grande parte dos estudos sobre imprensa preocupa-se apenas com o conteúdo. Os meios acabam sendo estudados apenas como apoio para que as mensagens (estas, sim, a razão maior da relação da comunicação) sejam transmitidas e recebidas. Invariavelmente, os meios não são pensados como elementos mais profundos da relação da comunicação.

Não negamos a importância da mensagem, pois a função da comunicação é a de transmitir e receber mensagens, e os meios são os instrumentos para essa relação básica. A grande questão é que esses instrumentos não são neutros, eles também fazem parte da mensagem, produzindo efeitos na própria.

Depois, procuraremos discutir estudos que invertem a equação, ou seja, valorizam principalmente os meios de comunicação, sobrepujando as mensagens. Dentro dessa perspectiva

teórica, Marshall McLuhan é o principal representante, sendo que sua frase-lema é muito significativa: **“O meio é a mensagem!”** Alberto Dines, nome muito importante dentro da imprensa escrita brasileira, seguiria, pelo menos por algum tempo, os caminhos de McLuhan.

Refletido sobre a produção intelectual da mensagem (conteúdo) e do meio (forma), procuraremos discutir questões sobre jornalismo e imprensa, relacionadas com o imaginário social. Não existem muitos trabalhos específicos. Referências sobre o imaginário na imprensa são muito recentes e ainda pouco conclusivas.

Alguns pesquisadores preferem seguir as análises de caráter mais ideológico, principalmente os representantes da teoria da dependência cultural, onde a dominação ideológica da classe dominante sobre a dominada torna-se a função básica do processo comunicativo e, conseqüentemente, da imprensa e de seus meios.

Outra visão diferente é a de **Ciro Marcondes Filho**, um nome importante dentro dos estudos de jornalismo, que, mesmo considerando os aspectos ideológicos, defende o imaginário como o principal elemento de criação intelectual dos meios de comunicação, quase que invertendo a equação dos teóricos da dependência cultural.

Por fim, não podemos esquecer **da guerra propriamente dita e da sua influência nas percepções humanas**, principalmente com o aumento da produção eletrônica e a valorização das imagens nas mídias (em particular, pela presença da televisão), **que tiveram muitos estímulos com as guerras deste século**, como argumentará Paul Virilio.

Por não existirem estudos específicos, grande parte das obras analisadas têm preocupações muito distintas entre si, dentro de correntes de pensamento igualmente distintas, organizadas metodologicamente dentro de suas perspectivas teóricas. Nossos esforços foram basicamente um exercício de busca de elementos esparsos, tentando criar um quadro teórico o mais preciso possível, dentro das perspectivas deste trabalho.

Seguir tal caminho intelectual (ou seja, discutir separadamente questões de conteúdo, forma e imaginário), não foi uma escolha aleatória, mas sim a única possível, já que essa pesquisa abrange questões que são pensadas, quase sempre, de maneira isolada.

Historiografia Brasileira Sobre Jornalismo e Imprensa:

Valorização do Conteúdo

A utilização da imprensa para estudos históricos tem sido alvo de recentes pesquisas, em uma quantidade elevada. Nessas pesquisas, existem tentativas de reconstituição das lutas políticas e sociais - e nelas, a imprensa desempenha um papel muito importante, pois carrega, dentro de si mesma, projetos políticos e visões do mundo de vários setores da sociedade. A leitura dos jornais permite acompanhar os movimentos das idéias que estavam em circulação na época.

Ana Maria de Camargo, que pesquisou a produção historiográfica sobre a imprensa até a década de 70, nos indica algumas possibilidades para o estudo da imprensa. Uma das abordagens seria o estudo da lingüística para se analisar a ideologia; outra, seria a identificação das matrizes das idéias; também poderia ser feito um estudo da vida quotidiana, dos costumes e práticas sociais, assim como das relações econômicas e das condições de vida; e, por fim, ela propõe a análise das lutas sociais.¹

O que podemos perceber, pelo estudo de Ana Maria de Camargo, é que a produção historiográfica brasileira tem, como preocupação principal, o conteúdo da imprensa. As possibilidades de pesquisa apontadas por ela tratam quase que exclusivamente do conteúdo. No entanto, consideramos que a forma é igualmente importante, pois também é um produto histórico e faz parte da própria imprensa, embora não seja valorizada devidamente. Procuraremos enfatizar a importância da forma nesta pesquisa.

¹ - Camargo, Ana Maria de. A Imprensa Periódica como Objeto e Instrumento de Trabalho. São Paulo, Tese de Doutorado, Departamento de História, USP, 1975 (mimeo); outras informações em Capelato, Maria Helena R. Imprensa e História do Brasil. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988, pp. 34-35;

Além disso, nosso trabalho terá preocupações mais amplas do que meramente estudar as práticas políticas e sociais da cobertura da Guerra do Vietnã, ou seja, o conteúdo das notícias sobre a guerra: a proposta é estudar a própria imprensa. A imprensa sempre foi usada como meio de análises históricas, nos afirma Maria Helena Capelato;² porém, em nosso trabalho, será utilizada como um meio e também como um fim.

Um trabalho clássico da historiografia sobre a imprensa brasileira é A História da Imprensa no Brasil, de Nelson Werneck Sodré, que aplica teorias marxistas para se estudar a história da imprensa. Nas palavras do próprio Sodré

“Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de idéias e de informações - que se verifica ao longo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido - é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações.”³

O historiador procura relacionar o desenvolvimento da imprensa brasileira com as condições econômicas e, conseqüentemente, ideológicas do país, que mudam de interesses de acordo com a mudança da infra-estrutura. A imprensa, neste sentido, desenvolve o papel de agente ideológico, a serviço das classes dominantes.

Outro fator muito importante é a relação feita por Sodré entre conteúdo e forma, onde o primeiro fator é totalmente valorizado em relação ao segundo. Para o autor, o que importa são as questões ideológicas, que, apesar de serem mais evidentes no conteúdo, também estão presentes na forma que serve para difundir melhor esse conteúdo ideológico.

Outra preocupação de Sodré em relação à forma é entender como, no seu papel de agente ideológico, ela desempenha um caráter de uniformização. Para ele,

² - Capelato, Maria Helena R. op. cit., p. 14;

³ - Sodré, Nelson Werneck. A História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, p. 1;

“há, ainda, um traço ostensivo, que comprova a estreita ligação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento da sociedade capitalista (...). O Traço consiste na tendência à unidade e à uniformidade. Em que pese tudo o que depende de barreiras nacionais, de barreiras lingüísticas, de barreiras culturais, - como a imprensa tem sido governada, em suas operações, pelas regras gerais da ordem capitalista, particularmente em suas técnicas de produção e de circulação - tudo conduz à uniformidade, pela universalização de valores éticos e culturais, bem como pela padronização do comportamento. As inovações técnicas, em busca da mais ampla divulgação, acompanham e influem na tendência à uniformidade...”⁴ (grifo nosso)

O autor não despreza o desenvolvimento técnico, ele o relaciona com o desenvolvimento do capitalismo e com suas aplicações no campo ideológico. Sendo assim, a forma continua vinculada ao conteúdo como um complemento, um instrumento para a imposição ideológica.

Esta é uma obra muito informativa que, apesar de apresentar uma relação muito consistente entre a teoria (marxista) e o objeto (imprensa brasileira), apresenta muitas deficiências. Sua aplicação teórica, uma espécie de marxismo ortodoxo, além de estar datada, não consegue dar conta da dinâmica do crescimento da imprensa no Brasil.

Outro trabalho muito interessante foi feito por Arnaldo D. Contier, Imprensa e Ideologia em São Paulo (1822-1842),⁵ que procura analisar os matizes ideológicos dominantes do vocabulário político e social na imprensa paulista dos anos de 1822/1842, através de uma complexa teoria de estrutura de linguagem. Nas suas próprias palavras:

“A análise dos periódicos, em especial dos fins do Primeiro Reinado e inícios do Período Regencial, tem por objetivo fundamental estudar o vocabulário político e social dos agentes sociais paulistas a fim de diagnosticar os matizes da ideologia dominante (...).”⁶

Devemos entender esse período como um momento de formação do Estado Nacional, com grandes debates, conduzidos principalmente pelos chamados “jornalistas” (políticos

⁴ - Sodré, Nelson Werneck. op. cit., pp. 1-2;

⁵ - Contier, Arnaldo. Imprensa e Ideologia em São Paulo. (1822-1842). Petrópolis, Vozes, Campinas, UNICAMP, 1979;

⁶ - Contier, Arnaldo. op. cit., p. 13;

profissionais) que procuravam ganhar seus adeptos através de apelos emocionais sobre temas considerados importantes, como: a liberdade de imprensa, anistia aos agentes sociais subversivos (quer sejam republicanos, quer sejam absolutistas), repressão a movimentos sociais, etc. Discutia-se, primordialmente, o que poderia abalar a paz da nova nação.

Na verdade, essa é a obra de manipulação da elite, feita por aqueles que dominavam os meios escritos - os "escreventes". O autor considera a linguagem como um fator primordial para a dominação, pois os "jornalistas" procuravam dirigir o processo político mantendo pressões constantes sobre os grupos sociais através da imprensa.

O autor não leva em conta a forma e as técnicas de composição dos jornais que discute, como se apenas a sintaxe das palavras pudesse mostrar essa manipulação. Levando-se em consideração que os apelos emocionais eram muito frequentes, pode-se concluir que a busca por espaço e a apresentação de suas matérias nos jornais - além de preocupações quanto ao provável impacto que elas poderiam desempenhar - eram muito importantes para os agentes sociais.

A forma de se colocar as palavras, o espaço destinado a elas, tudo isso tem de ser considerado nas análises, pois, como argumenta Roger Chartier, a forma também faz parte do mundo do leitor e do produtor do texto.

Maria Helena Capelato tem a sua obra voltada para o estudo da imprensa. Suas obras, O Bravo Matutino - Imprensa e Ideologia no Jornal "O Estado de São Paulo"⁷ e Os Arautos do Liberalismo. Imprensa Paulista, 1920-1945,⁸ são estudos sobre como a imprensa paulista se considerava a representante do Iluminismo, a "Intérprete das Luzes", e como acreditava cumprir um papel de relevância histórica para o país, pretendendo moldar a opinião pública.

⁷ - Capelato, Maria Helena R. e Prado, Maria Lígia. O Bravo Matutino - Imprensa e Ideologia no Jornal "O Estado de São Paulo". São Paulo, Alfa-Omega, 1980;

⁸ - Capelato, Maria Helena R. Os Arautos do Liberalismo - Imprensa Paulista (1920-1945). São Paulo, Brasiliense, 1989;

“O projeto pedagógico que visava regenerar o país com base nos parâmetros do liberalismo orientou a intervenção dos representantes dos periódicos na vida política e social. Por isso, procuro refletir sobre o significado da imprensa, instrumento de manipulação de interesses, concebendo-a como agente da história que ela também registra e comenta.”⁹

Capelato vai além do jornal. Continuando a citação acima:

“Nesse sentido me proponho a desmistificar a categoria abstrata “jornal”, fazendo emergir a figura dos jornalistas como sujeitos dotados de consciência que se determina na prática política. Procuro, portanto, reconstruir a inserção da imprensa na história, captando o movimento vivo das idéias e dos personagens que nela se encontram.”¹⁰

Os caminhos propostos por Capelato são seguidos nesta pesquisa, pois nas representações do imaginário da Guerra Fria, os jornalistas aparecem como sujeitos dotados de consciência.

O estudo de Capelato enfatiza os discursos, mas não por desconsiderar a importância da forma na qual eles são produzidos. No período pesquisado, a valorização do conteúdo tinha uma razão de ser: na verdade, os recursos tecnológicos da época é que ainda não haviam desenvolvido uma maior sofisticação formal do texto jornalístico:

“A apresentação dos jornais daquela época era desordenada, tendo em vista os limites das técnicas que utilizavam. A conquista do público se dava por outras vias.”¹¹

Posteriormente, se os jornais quisessem expressar (e formar) opiniões, e pretendessem conquistar o leitor, precisariam considerar questões formais. Na sua tese de doutorado, que deu origem ao livro Os Arautos do Liberalismo, essa preocupação ganha maior destaque:

⁹ - Capelato, Maria Helena R. op. cit., p. 12;

¹⁰ - Capelato, Maria Helena R. idem, p. 12;

¹¹ - Capelato, Maria Helena R. op. cit., p. 19;

“Não se dispunha naquela época dos recursos atualmente utilizados para conquistar o leitor. A imprensa de hoje dispensa um cuidado especial à paginação e diagramação. Rafael de Souza Silva, em sua análise sobre a diagramação, constatou que, ao tomarem impulso, os veículos de comunicação de massa (os eletrônicos principalmente) provocam radicais transformações nos canais impressos para acompanhar as novas técnicas e costumes de um público cada vez mais exigente. Por esse motivo, o jornalismo impresso reestruturou toda a sua roupagem gráfico-editorial.”¹²

Outro trabalho importante a se destacar da historiadora Maria Helena Capelato, feito em parceria com Carlos Guilherme Mota, foi a História da Folha de São Paulo,¹³ que apesar de ser uma obra de caráter muito mais descritivo, mostra as inovações técnicas pela qual o jornal passou e as valoriza muito, pois foram as escolhas técnicas (que, de um modo ou de outro, acabaram por se mostrar acertadas) que fizeram com que o jornal se transformasse no maior do país. O desenvolvimento da técnica repercutiu profundamente nos rumos do jornal.

Um trabalho interessante é o de Evaldo Pereira Lima, Páginas Ampliadas - O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura,¹⁴ que, como diz o título, é sobre o livro-reportagem. Neste estudo, o autor procura mostrar a importância do livro-reportagem na produção intelectual, sua história e, principalmente, o seu enquadramento no universo da literatura e do jornalismo. O autor procura justificar a forma do livro dentro dos pilares básicos do jornalismo: justifica a forma (no caso específico, o livro) para engendrar o conteúdo (no caso, o Jornalismo). Mesmo que indiretamente, o autor acaba valorizando, em suas discussões, o papel da forma e do conteúdo, juntos.

¹² - Capelato, Maria Helena R. Os Intérpretes das Luzes - Liberalismo e Imprensa Paulista: 1920-1945. São Paulo, Tese de Doutorado, Departamento de História, USP, 1986, pp. 17-18 (mimeo); tal trabalho é a base do pequeno e introdutório livro Imprensa e História do Brasil, já citado, onde a autora reafirma a importância da forma nos jornais. Para se conquistar “corações e mentes”, as técnicas para seduzir o leitor são variadas, mas fundamentais;

¹³ - Mota, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena R. História da Folha de S. Paulo (1921-1981). São Paulo, Impres, 1980;

¹⁴ - Lima, Evaldo Pereira. Páginas Ampliadas - O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992;

Além dessas perspectivas de análise, analisaremos também obras que trabalham valorizando as questões ideológicas. Essa produção é quantitativamente mais significativa em outros segmentos da comunicação, como a televisão, publicidade, quadrinhos, fotonovelas, etc., mas também manifesta-se no âmbito do Jornalismo, tendendo a resgatar ou a denunciar a trama político-ideológica que orienta e determina o processo de captação, codificação e difusão da notícia.¹⁵

Cremilda Medina escreveu um trabalho - Notícia: Um Produto à Venda - sobre a mensagem jornalística, que procura demonstrar que a notícia é um produto comercial, pensando-a como um produto de uma sociedade urbana e industrial, subordinada à estrutura do consumo massivo.¹⁶ Nesta sua obra, ela descreve detalhadamente a confecção da notícia, ligando o conteúdo (ideológico) ao meio (produto capitalista), sendo que os dois exercem funções ideológicas para as classes dominantes.

Nilson Lage também preocupou-se em mostrar que há ideologias subjacentes à técnica da notícia. Para o autor, o conteúdo não é o suficiente para determinar o caráter ideológico da notícia e do jornal:

“A forma do jornal é a primeira pista para o entendimento de seu lugar na cultura contemporânea, a compreensão de sua linguagem e a investigação de sua história. A disposição das manchetes, o desenho das letras, sua uniformidade ou variedade, a existência ou não de claros e o equilíbrio estético entre eles, o tamanho e a natureza das ilustrações poderão nos informar se o jornal se destina a um público mais ou menos amplo, de menor ou maior escolaridade. Cada detalhe nos remete a uma categorização (...).”¹⁷

Estes dois pesquisadores são muito importantes, pois demonstraram que a forma é também ideológica no Jornalismo, e não apenas o conteúdo.

¹⁵ - Melo, José Marques. “Jornalismo Brasileiro: a Pesquisa e a Conjuntura Política.” in Comunicação: Teoria e Política. São Paulo, Summus, 1985, p. 66;

¹⁶ - Medina, Cremilda. Notícia: Um Produto à Venda - Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2. ed., São Paulo, Summus, 1988;

¹⁷ - Lage, Nilson. Ideologia e Técnica da Notícia. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1982, p. 11;

Apesar da valorização da forma que esses estudos apresentam, o conteúdo continua tendo um espaço privilegiado.

Um trabalho interessante é o ensaio de Marc Paillet, Jornalismo - O Quarto Poder.¹⁸

O autor procura discutir inúmeros pontos gerais sobre o Jornalismo, procurando demonstrar como funciona esse “quarto poder”. O autor destaca que a informação noticiosa é uma construção intelectual, pois mostra algumas faces do acontecimento, que são escolhidas por quem produz a notícia e também pelo órgão que a publica.

“Todo discurso (...) veicula uma mensagem que exprime o ponto de vista do locutor, de modo declarado ou sub-reptício, com força ou por insinuação, conscientemente ou não. Em questão de jornalismo, esse locutor pode ser uma coletividade (na maior parte das vezes) ou um indivíduo, ele pode agir sob ordens ou por sugestão, por servilismo, por interesse ou por idealismo... A História e o panorama dos media oferecem um grande leque de opções.”¹⁹

As relações entre os meios de comunicação são tratadas e a presença da televisão (o meio audiovisual) é destacada. Para o autor, a televisão provocou mudanças na maneira de se passar o discurso devido a sua linguagem mais abrangente - baseada no tempo e na imagem:

“O conteúdo cultural da mensagem é tocado não só na sua forma, mas também no seu fundo pela particularidade do medium. O próprio meio provoca uma tal modificação da relação entre o emissor e o destinatário que o conteúdo também é afetado (...) Por hora, o conteúdo expressivo parece mudado formalmente e não essencialmente. Mas o ponto de vista do emissor, segundo a especificidade do medium, acaba por se modificar.”²⁰

Yves Mamou, no seu ensaio “A Culpa é da Imprensa!” - Ensaio sobre a Fabricação da Informação,²¹ nos levanta alguns pontos importantes. Primeiro, que houve a influência da televisão

¹⁸ - Paillet, Marc. Jornalismo - O Quarto Poder. São Paulo, Brasiliense, 1986;

¹⁹ - Paillet, Marc. op. cit., p. 122;

²⁰ - Paillet, Marc. idem, p. 97;

²¹ - Mamou, Yves. “A Culpa é da Imprensa!” - Ensaio Sobre a Fabricação da Informação. São Paulo, Marco Zero, 1992;

nos outros meios, o que condicionou as seguintes características: rapidez, multiplicidade de informação, papel de intermediário social e, principalmente, confiança do público.²² Não é que vários desses pontos não existissem antes da televisão (na verdade, eles servem para toda a mídia), mas, para o autor, eles ficaram mais evidentes com a televisão e os outros meios tiveram de se adaptar. O autor vai mais longe, afirmando que existe uma competição entre eles - todos procuram conquistar, politicamente, o público, para colocar seus pontos de vista.²³

O interessante da argumentação de Mamou é que a informação noticiosa é construída intelectualmente, o que reforça algumas de nossas argumentações anteriores. O problema é que essa construção é manipuladora por excelência, e não apenas do público que a consome, mas inclusive da própria imprensa que a produz, no sentido de que os agentes da informação podem estar inconscientemente reproduzindo idéias, notícias e enfoques que privilegiam os interesses ou que beneficiam um determinado grupo político ou econômico em detrimento de outro.²⁴

Esse maquiavelismo esbarra no seu próprio radicalismo. Acreditamos que a informação jornalística seja uma construção que quer ganhar a confiança do público, criar adeptos de uma causa, podendo para isso utilizar elementos para a manipulação, **mas não apenas manipulação**. Muitas vezes, a construção da notícia é, para quem a fez, uma verdade absoluta. Existem vários sentimentos na construção de uma notícia, mesmo quando se trata de manipulação.

“O Meio é a Mensagem!”

Como podemos perceber, quase sempre o conteúdo acaba sendo privilegiado nas pesquisas, quer nas mais específicas na área de comunicações ou na produção historiográfica; sendo que a forma acaba sendo apenas um complemento. Porém, existem trabalhos que invertem essa linha,

²² - Mamou, Yves. op. cit., p. 20;

²³ - Mamou, Yves. idem, p. 21;

²⁴ - Mamou, Yves. idem, p. 8;

dando à forma um valor absoluto. É o caso do pensador canadense Marshall McLuhan, que desenvolveu uma importante linha de pensamento sobre os meios de comunicação na década de 60.

Marshall McLuhan trabalha com a forma ou, dentro da sua linguagem, do meio. Sua argumentação, que já foi citada anteriormente, parte do princípio de que cada nova tecnologia cria uma nova ambiência (percepções mentais e sociais) para o homem. O homem vive e se desenvolve historicamente dentro dessa ambiência.²⁵

A mudança do meio provoca mudança na ambiência e é assim que o homem também se altera, ou melhor, a sua percepção se altera. Foi a criação da escrita, com seus conceitos fechados, que tiraram o homem de seu estado tribal, provocando as diferenças sociais. A impressora mecânica de repetição de Guttemberg elevou ainda mais essas diferenças, introduzindo o homem no mundo da técnica (já que a reprodução da impressora era, essencialmente, técnica e os escritos passariam a ter este tipo de existência). Mas seriam os novos meios, principalmente os audiovisuais, que quebrariam a ditadura da escrita e, com variedade, velocidade e imagens, ligariam todos os homens outra vez, como no passado, na chamada “aldeia global”.²⁶

McLuhan baseia-se nos trabalhos de dois teóricos, Oswald Spengler e Lewis Mumford, que, dentro da leitura feita por McLuhan, valorizam os aspectos técnicos da produção humana e sua relação com eventuais mudanças na sociedade.²⁷

Spengler defende, como método de análise histórica, o “método fisiognômico”: sua ligação com a cultura é orgânica, pois ele procura entender os movimentos culturais através da “arquitetura” de seus produtos (da produção cultural). Em outras palavras, a forma do produto cultural é que define sua natureza.²⁸

²⁵ - McLuhan, Marshall. *O Meios de Comunicação Como Extensões do Homem (Understanding Media)*. São Paulo, Cultrix, 1969;

²⁶ - McLuhan, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg - a Formação do Homem Tipográfico*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977;

²⁷ - Katz, Chaim Samuel, Doria, Francisco Antônio e Lima, Luiz Costa. “McLuhan, Herbert Marshall” in *Dicionário Crítico de Comunicação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971, p. 205

²⁸ - Katz, Chaim e outros. op. cit., p. 205;

Munford, seguindo a linha de Spengler, realiza estudos sobre as cidades medievais, valorizando as questões arquitetônicas. Com o desaparecimento das muralhas medievais, desaparece o “princípio comunitário” - característica medieval - surgindo o “indivíduo”. Como podemos perceber, foi a forma da cidade que definiu a forma da sociedade e do homem, a sua cultura.²⁹

McLuhan dedicou-se aos estudos dos meios de comunicação e de como eles, meios técnicos por excelência, mudam a ambiência do homem e sua história.

Essa interessante teoria apenas poderia ter sido concebida com a presença do novo meio de comunicação - a televisão -, pois este era o meio de produção visual por excelência e estava, pelo menos aparentemente, deixando o mundo menor, o que justificaria a idéia de uma “aldeia global”. Essa visão confirma o quanto a televisão influenciava o imaginário social de sua época e continuaria influenciando posteriormente.

Apesar disso, as análises de McLuhan apresentam alguns problemas, pois são excessivamente baseadas nos aspectos técnicos dos meios de comunicação, sem preocupações com os conteúdos das mensagens, já que uma das premissas básicas é a de que o meio já é o fim em si mesmo.

As mudanças tecnológicas são fundamentais neste processo, mas o conteúdo também, pois ele é alterado, não é alheio a estas mudanças. A nosso ver, tal separação é um dos problemas mais graves em relação às teorias do pensador canadense. Nosso trabalho pretende fazer a relação entre o meio e o conteúdo, não a sua análise isolada.

Alberto Dines, na sua obra O Papel do Jornal,³⁰ trabalha com o conceito de mudança de ambiência de McLuhan, aplicando-o na imprensa brasileira. Para o autor a

“imagem do vídeo não provocou a revolução da informação; ela obrigou o resto da veiculação a apressar-se para entrar em seu ritmo e satisfazer às novas necessidades que criou.”³¹

²⁹ - Katz, Chaim e outros. *idem*;

³⁰ - Dines, Alberto. O Papel do Jornal. 2. ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1977;

³¹ - Dines, Alberto. *op. cit.*, p. 62;

Eis uma variação interessante quando se enfatiza a importância do meio em relação ao conteúdo. Para Dines, a imagem do vídeo não provocou a revolução da informação, mas obrigou os outros meios a se enquadrarem neste novo momento. A nosso ver essa idéia apresenta uma deficiência básica, pois a presença da imagem do vídeo provocou a revolução da informação, abrindo novas percepções para o ser humano e para os meios de comunicação de um modo geral.

Dentro dessa argumentação, a televisão, tanto na sua criação quanto no seu desenvolvimento tecnológico, transformou a percepção do público e também dos profissionais da imprensa como um todo, obrigando outros veículos a transformarem-se perante a essas novas necessidades. Para o autor, tal processo é inevitável, com ganhos para os veículos e para o público.

Dines nos mostra algumas mudanças que a televisão produziu na imprensa: aproximação do jornal com a revista; melhoria do visual (melhor paginado, conteúdo organizado, etc.); jornais diários tornaram-se mais seletivos e menos quantitativos; linguagem mais clara e concisa (para leituras mais rápidas); uso maior de fotografias; uso de departamentos de pesquisa, para satisfazer a demanda de informações criada pela televisão; maior espaço para coberturas internacionais.³²

A problemática da sua obra é datada, ou seja, está centrada na crise do papel advinda da Crise do Petróleo de 1973. O autor procura discutir a problemática da flexibilidade dos meios de comunicação, levantando uma discussão gerada por um momento específico de crise e propondo soluções. Ao refletir sobre esses problemas, o autor estendeu suas reflexões para outras questões, como a da mudança tecnológica nos meios de comunicação e a influência da televisão na imprensa.

A obra de Dines apresenta as mesmas deficiências de McLuhan, ou seja, ambos desconsideram a relação entre a mudança tecnológica da imprensa e os seus conteúdos. O público altera suas necessidades em função da nova tecnologia, mas o conteúdo continua separado do meio.

³² - Dines, Alberto. *idem*, pp. 56-69;

Dines não defende mais essa valorização do meio que defendeu na década de 70, preferindo pensar que as tecnologias são instrumentos para se chegar a alguma coisa.³³ Ainda não podemos concordar com esse ponto de vista, pois novas tecnologias criam novas interações, sendo mais do que apenas simples instrumentos. As novas tecnologias, ao servirem de instrumentos para se passar o conteúdo, influem na representação, também fazendo parte do todo.

As argumentações de McLuhan e Dines são muito importantes intelectualmente, principalmente as do pensador canadense. No entanto, por separarem o conteúdo da forma, o meio da mensagem, são falhas. Esses fatores não devem ser separados.

Jornalismo e Imprensa: suas Relações com o Imaginário

Outra questão fundamental dessa pesquisa é entender o imaginário social. Tanto o conteúdo quanto a forma interferem na produção de representações, mas esse é um tema pouco tratado intelectualmente. As obras que relacionam imaginário e imprensa ou que procuram relacionar esse temas com a televisão são poucas.

Rede Imaginária - Televisão e Democracia³⁴ é uma dessas poucas obras. Resultado de uma série de palestras promovidas pela prefeitura da cidade de São Paulo durante a administração do Partido dos Trabalhadores (PT), durante a prefeitura de Luíza Erundina, a obra procura mostrar a atuação imaginária da televisão na formação cultural do país. O importante deste trabalho é que ele relaciona questões envolvendo o imaginário com a produção televisiva, principalmente por abordar a Rede Globo de Televisão. Acabou transformando-se num fórum para a condenação da emissora carioca, é verdade, mas também abriu questões importantes para o estudo da produção simbólica da mídia.

³³ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, realizada no dia 20 de Setembro de 1995;

³⁴ - Novaes, Adauto (Org.). Rede Imaginária - Televisão e Democracia. São Paulo, Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1991;

Bernardo Kucinski realizou um excelente trabalho sobre a imprensa alternativa, Jornalistas e Revolucionários - Nos Tempos da Imprensa Alternativa,³⁵ num longo livro fazendo um mapeamento desse tipo de imprensa. O mais interessante é que Kucinski nos apresenta não apenas um relato descritivo ou pessoal (ele era membro participante da imprensa alternativa, tendo trabalhado em inúmeras publicações desse estilo), mas também descreve a relação dos membros dessa imprensa com o imaginário da época, procurando explicar muitas de suas ações. O imaginário da revolução socialista é muito importante nesse período e Kucinski nos apresenta um quadro bem amplo.

*“Compartilhavam, em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos, alguns conscientes e até expressos na forma de uma ideologia, outros ocultos, na forma de um inconsciente coletivo. À medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos, instituíam-se novas modalidades de jornais alternativos.”*³⁶

A falta de um distanciamento crítico maior é um dos problemas da obra. Provavelmente isso se deva à sua ligação com o movimento da imprensa alternativa, considerando-se ter sido ele um jornalista e, por que não dizer, revolucionário, o que dificulta um distanciamento crítico maior. Mesmo assim, é um livro muito rico e interessante.

Existem obras extremas. Discutimos, anteriormente, Nelson Werneck Sodré, que se coloca dentro de uma linha marxista ortodoxa. Outra tipo de ortodoxia teria seu lugar na década de 60 com os teóricos da dependência cultural.

É importante discutir a obra de Sérgio Caparelli, Comunicação de Massa Sem Massa,³⁷ que, apesar de não trabalhar diretamente com o imaginário, representa uma importante linha de pensamento, afirmando que os meios de comunicação e tudo que os envolve (inclusive mudanças tecnológicas) são imposições para a dominação de classes superiores sobre as classes inferiores.

³⁵ - Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scritta, 1991;

³⁶ - Kucinski, Bernardo. op. cit., p. XVI;

³⁷ - Caparelli, Sérgio. Comunicação de Massa Sem Massa. 3. ed., São Paulo, Summus, 1986;

Para o autor, alguns veículos de comunicação, principalmente a televisão, são impostos à sociedade com objetivos de dominação por parte das elites que utilizam esses meios, bem como de suas mensagens, para tal fim. O público, ou melhor dizendo, a massa, vai se formando a partir dessa imposição meio/mensagem, que transmite-lhes idéias da classe dominante.

Sérgio Caparelli faz parte da corrente da dependência cultural, o que explica seus procedimentos teóricos. A dominação vem de cima para baixo, dos países centrais do capitalismo para os periféricos, e estes últimos absorvem a cultura dos primeiros, perdendo sua identidade, sendo, portanto, dominados. A cultura dominante impõe-se perante um público passivo, que aceita de bom grado o que os países centrais colocam, ou, pensando-se de uma maneira mais local, a classe dominante impõe seus princípios às classes dominadas, que os aceitam passivamente.

As noções de jornalismo que vêm dos “países centrais” são, como defende Carlos Eduardo Lins da Silva, reelaboradas quando chegam, o que impossibilita uma dominação tão profunda como foi afirmada por Caparelli. Na obra de Lins da Silva sobre a influência do jornalismo norte-americano no Brasil, ele debate essa tese, concluindo que houve influência, mas que ela não foi total, já que seus conceitos adquiriram novos significados ao entrarem em contato com uma cultura distinta. A cultura de países diferentes faz com que suas influências sejam reprocessadas.³⁸

O mesmo ocorre com o público “massivo”, que não aceita passivamente tudo o que lhe é transmitido, fazendo uma reelaboração.

A corrente da dependência cultural é exclusivamente ideológica, pois não percebe as sutilezas contidas na própria dinâmica e na natureza dos meios de comunicação que, ao mesmo tempo, manipulam e são manipuladas por um imaginário social que é mais abrangente do que eles próprios.

³⁸ - Lins da Silva, Carlos Eduardo. O Adiantado da Hora - a Influência Americana Sobre o Jornalismo Brasileiro. São Paulo, Summus, 1991, p. 37;

Outro ponto de vista nos é apresentado por Ciro Marcondes Filho, que vincula toda a produção da indústria cultural e da comunicação ao imaginário social, considerando-a não como uma imposição de cima para baixo, mas como reflexo do imaginário. O autor argumenta que:

*“O que desejo comprovar é que se a televisão apresentou um programa ideologicamente suspeito, tendencioso, politicamente parcial e este programa teve receptividade e audiência, não foi nada imposto, mas perfeitamente absorvido (e, por que não, desejado) por esse público”.*³⁹

Em outra obra, o autor seria mais completo:

*“A comunicação massificada não pode ser compreendida hoje em dia simplesmente como algo imposto ao público: esse processo de fato não se realiza. (...) Esses programas não são simplesmente impostos com fins manipulativos, de exploração ou maquiavelicamente formados para a sedução: eles vão ao encontro de reais necessidades do público. O fascínio que a comunicação exerce sobre o público vem desse aspecto.”*⁴⁰

O radicalismo de Marcondes Filho faz pender o peso da sua argumentação sobre o papel do imaginário, não considerando que o imaginário social é, em última instância, ele também, um produto da sociedade, interagindo com outras variáveis, como economia, política e cultura, esfera em que estão inscritos os meios de comunicação e suas alterações.

Nosso trabalho não concorda com os radicalismos descritos acima. Tentaremos demonstrar a dinâmica que o imaginário social percorre (como manipulador e manipulado) o tempo todo.

³⁹ - Marcondes Filho, Ciro. Quem Manipula Quem? - Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1987, p. 28;

⁴⁰ - Marcondes Filho, Ciro. “Fantástico, Gil Gomes, Quase 84: a Ideologia da Felicidade, da Transferência e do Mito na Comunicação Massificada Brasileira.” in Marcondes Filho, Ciro (Org.). Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massa no Brasil. São Paulo, Summus, 1985, pp. 124-125.

Guerra, Televisão e Imprensa: a Criação de Imagens

A entrada da televisão foi decisiva para as mudanças de percepção humana neste século, e sua influência em outros meios de comunicação foi igualmente importante.

Estamos falando de linguagens e técnicas diferentes, criando ou reforçando novas representações da realidade, que foram sendo criadas ou reforçadas por representações, influenciando-se entre si. Alguns autores procuraram trabalhar estas influências.

Numa pesquisa sobre representação da imprensa, o próprio objeto (a guerra) da qual a pesquisa trata não pode ser desprezado. A Guerra do Vietnã é famosa pela presença de sons e imagens, e as representações sobre ela foram afetadas por essas características.

Será que apenas a Guerra do Vietnã teria tido essa importância? Em nossa argumentação, a Guerra do Vietnã é muito importante, porque foi a primeira guerra a ser coberta pela televisão de uma maneira mais relevante. Guerras anteriores também foram cobertas e também deixaram marcas de sons e imagens. É dentro dessa idéia que Paul Virilio escreveu Guerra e Cinema.⁴¹

O autor argumenta que

“[desde] o início das guerras, o campo de batalha é um campo de percepção. (...) Para o homem de guerra, a função da arma é a função do olho.” A guerra não pode ser separada do espetáculo mágico, pois seu objetivo básico é produzir esse espetáculo, ou seja, “abater o adversário é menos capturá-lo do que cativá-lo, é infringir, antes da morte, o pênico da morte.”⁴²

As guerras, propriamente ditas, ajudaram nessa mudança de percepção. O autor demonstra a ligação do cinema com a guerra, o que pode ser justificado pela posse por parte dos militares dos melhores equipamentos de filmagem, justamente pela facilidade de acesso a materiais

⁴¹ - Virilio, Paul. Guerra e Cinema. São Paulo, Scritta, 1993;

⁴² - Virilio, Paul. op. cit., p. 12;

(característica de um período de guerra) como, por exemplo, o uso de nitroglicose - que serve para a fabricação de explosivos, e também para a fabricação de filmes virgens.⁴³

O cinema e a aviação surgiram juntos e esta última foi muito mais que um novo tipo de transporte - acabou estabelecendo uma maneira diferente de se ver o mundo, uma nova perspectiva. Fotografias aéreas teriam os equipamentos mais sofisticados possíveis, produzindo fotografias igualmente sofisticadas.⁴⁴

O importante é que as guerras, além de estimularem novas tecnologias na produção de imagens (verbas altíssimas destinadas a este tipo de empreendimento, sem contar os melhores cientistas trabalhando em tempo integral), elas também funcionaram como espetáculo, alterando as percepções deste século. A fotografia e o cinema seriam os primeiros instrumentos imagéticos relevantes para se ter novas percepções.⁴⁵ Logo, seria a televisão.

Mostrar as suas forças, assustar o inimigo e motivar os aliados, eis funções que os governantes em época de guerra procuram estimular. Na Guerra do Vietnã, a televisão cumpriu o seu papel, mostrando o poderio das forças norte-americanas, tentando convencer o adversário das suas impossibilidades de vitória, e também convencer o povo norte-americano de que a guerra dificilmente seria perdida.

Aparentemente, o adversário não se impressionou com essas demonstrações, pois eles dominavam o simbólico da sociedade vietnamita, fato comprovado pela insistência em uma luta com poucas chances aparentes de vitória. Eles assim provocaram um impasse que resultaria na derrota da maior máquina de guerra da história da humanidade.

Paul Virilio trabalha mais com o cinema do que com a televisão, já que o primeiro foi, praticamente, a primeira extensão das imagens de guerra para mudanças da percepção humana no

⁴³ - Virilio, Paul. *idem*, p. 40;

⁴⁴ - Virilio, Paul. *idem*, p. 41;

⁴⁵ - Virilio, Paul. *idem*, p. 26;

século XX. O autor não separa a arte da técnica. Arte e técnica, dois fatores para essa alteração de percepções. O autor defende que a criação artística é a melhor maneira de se moldar a percepção.⁴⁶

Buscar a arte para se alterar a percepção ou o posicionamento político não era uma novidade. Goebbels, o ministro de propaganda da Alemanha nazista, não acreditava em mensagens políticas diretas, mas sim na arte de entretenimento, que seria carregada de elementos políticos.⁴⁷ Foi dentro dessa lógica que um comercial conhecido como o “da menina e a margarida”, apresentado durante as eleições presidenciais norte-americanas, em 1964, foi realizado.

Lyndon Johnson concorria para a presidência e seu adversário, o senador Barry Goldwater, era considerado o “falcão” por suas posições belicistas - ele prometia enfrentar o comunismo com armas nucleares, inclusive no Vietnã (é interessante observar que o Incidente de Tonquim havia ocorrido em agosto e as eleições seriam em novembro, ou seja, havia uma crise de política externa durante as campanhas presidenciais). O belicismo de Goldwater assustou o público norte-americano e o publicitário responsável pela campanha de Johnson, Tony Schwartz, aproveitou-se desse sentimento.

O comercial consistia numa menininha loira que arrancava as pétalas de uma margarida, contando devagar até nove. A cena é congelada, iniciando-se uma contagem regressiva, com a aproximação da imagem congelada da menina até seu olho. Ao chegar ao número zero, é mostrada uma explosão nuclear e, enquanto o cogumelo típico desta explosão vai se dissipando devagar, a voz anuncia:

“É isso que está em jogo: fazer do mundo um lugar onde as crianças possam viver, ou morrer. Temos que amar uns aos outros, ou então morreremos.”

A imagem, então, fica escura, com os dizeres:

⁴⁶ - Virilio, Paul, *idem*, p. 15;

⁴⁷ - comentários sobre Goebbels apresentado no primeiro programa da série *O Poder e a Mídia*, apresentado pela Rádio e Televisão Cultura de São Paulo em 1995;

*"Vote no Presidente Johnson em 3 de Novembro. Há muita coisa em jogo para você ficar em casa."*⁴⁸

O comercial foi um sucesso e auxiliou na vitória esmagadora de Lyndon Johnson nas eleições de novembro de 1964. Quando os Estados Unidos estavam mergulhados na crise vietnamita, sempre algum pacifista ou crítico da guerra levantaria este comercial como argumento para que se lutasse pela paz.

Publicitários alegariam que, nas circunstâncias de um comercial de televisão, onde o tempo é de pouco mais de um minuto, não dá para apresentar coisas novas. Neste caso, procura-se reforçar idéias que já estão presentes na mente do público. O que estes publicitários não argumentam é que o uso da técnica da televisão é muito sutil, aumentando ainda mais o impacto dos comerciais e portanto este reforço de idéias já concebidas também serve para a manipulação desses mesmos sentimentos. Conteúdo e técnica estão juntos.

Paul Virilio ainda afirmaria que

*"Nós separamos demais a arte da técnica. Agora temos que recolocar arte e técnica, se quisermos compreender alguma coisa da nossa realidade."*⁴⁹

Essa união é fundamental, pois foi justamente ela que criou as condições de percepção de uma sociedade imagética. A imprensa brasileira configurou um quadro de percepção, que acabou sendo assumido pelo meio e pelo público por causa das novas técnicas. Separar as duas coisas não é possível.

⁴⁸ - comercial foi apresentado no segundo programa da série O Poder e a Mídia, apresentado pela Rádio e Televisão Cultura de São Paulo em 1995;

⁴⁹ - Virilio, Paul. op. cit., contracapa.

Capítulo 2 - Vietnã e a Imprensa Brasileira até 1964

Vietnã, 1946/1954: a Presença Francesa

O Vietnã faz parte da península da Indochina, no Sudeste Asiático, tendo uma longa tradição de luta contra interferências estrangeiras e ameaças de fragmentação, mantendo, quase sempre, sua unidade. Sua população, essencialmente formada por agricultores de religião budista, sempre cultuaram heróis que lutaram pela independência ou unidade do país. Em 111 a.C., os chineses apoderaram-se da região, sendo expulsos em 938 d.C. Dominados pelos franceses no final do século XIX, junto com os vizinhos Laos e Camboja, a região da Indochina foi transformada em colônia francesa, mas a resistência nunca cessou. Com o início da Segunda Guerra Mundial e da capitulação francesa perante a Alemanha nazista, os japoneses, aliados dos nazistas, penetraram na Indochina.¹

Em 1941 foi fundado o Viet Nam Doc-Lap Dong Minh, a Liga de Independência do Vietnã, conhecida pelo nome reduzido de Vietminh.² Esse grupo era formado por elementos nacionalistas, incluindo comunistas, sendo que seus fundadores foram Vo Nguyen Giap, Pham Van Dong e Ho Chi Minh, todos comunistas.³ Inicialmente lutaram contra os japoneses, com auxílio norte-americano, vencendo-os, tomando o país e proclamando a independência, em 1945.

Duraria menos de um mês esta independência. A França procuraria retomar sua colônia e, em 1946, depois do fracasso das negociações entre o Vietminh e o governo francês, este último bombardearia o porto de Haiphong, iniciando as batalhas no que foi chamado de Primeira Guerra da Indochina.⁴

¹ - informações gerais sobre a história do Vietnã extraídas de Lloyd, Dana Ohlmeyer. *Ho Chi Minh*. Coleção "Os Grandes Líderes", São Paulo, Nova Cultural, 1987, pp. 10-17;

² - Morroco, Richard. "Revolução e Intervenção no Vietname." in Horowitz, David (Org.). *Revolução e Repressão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969, p. 261;

³ - Lloyd, Dana Ohlmeyer. op. cit., p. 44;

⁴ - Tuchman, Barbara. *A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã*. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986, p. 248;

Essa guerra, apesar de ser uma luta colonial - pois a França queria retomar sua antiga colônia -, entrava num quadro mais complexo: para os Estados Unidos, esta era uma luta global entre o “mundo livre” e a opressão, representada pelo perigo comunista orquestrado pela China. Para o governo norte-americano não havia dúvidas de que o perigo de a colônia francesa tornar-se comunista era bem mais significativo que a luta pela sobrevivência do decadente mundo colonial francês. Dentro dessa perspectiva, os norte-americanos começariam a financiar o esforço de guerra francês. O imaginário da Guerra Fria estava em pleno vigor.

Enquanto a Indochina estava sob domínio francês, a censura na imprensa era exercida pelas autoridades coloniais, principalmente para os jornais e revistas franceses, enquanto que publicações de outros países tinham um pouco mais de liberdade. Os riscos eram consideráveis para os correspondentes de guerra, que poderiam ser expulsos da colônia ou não ter o visto renovado caso tivessem de sair. Poderiam, inclusive, ser proibidos de abandonar a Indochina, ficando à mercê das autoridades francesas.⁵

Mesmo com as notícias passando pelo clivo da censura, a opinião pública francesa ficou contra a guerra, pressionando o governo e os militares para que saíssem da Indochina.⁶ As forças francesas na Indochina foram derrotadas na batalha de Dien Bien Phu, em 1954,⁷ o que levaria as partes em guerra à mesa de negociações de Genebra, pondo fim à guerra.

Os acordos de Genebra dividiram a península da Indochina em quatro países: Vietnã do Norte, Vietnã do Sul, Laos e Camboja. A divisão do Vietnã, na altura do paralelo 17, seria temporária (o norte ficou sob a administração do Vietminh e o sul sob a administração dos franceses, em caráter temporário, até sua independência). O destino dessa divisão seria decidida numa eleição que decidiria a reunificação dos Vietnãs.

⁵ - o escritor norte-americano Graham Greene foi correspondente de guerra na Indochina Francesa, destacando que a polícia “tinha a última palavra: podia cassar minha ordem de circulação, podia impedir meu comparecimento a conferências de imprensa, podia mesmo, se quisesse, negar-me autorização para deixar o país. Esses eram os métodos legais correntes, mas a legalidade não era coisa essencial num país em guerra.” Greene, Graham. *O Americano Tranquilo*. São Paulo, Abril Cultural, 1981, p. 17;

⁶ - Tuchman, Barbara. op. cit., p. 262

⁷ - para maiores detalhes sobre a batalha de Dien Bien Phu, ver s/A. “Dien Bien Phu” in *Coleção Guerra na Paz*. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, pp. 249-257;

A derrota francesa em Dien Bien Phu e a divisão política da península pelos tratados de Genebra afastaram os franceses da região, mas não os norte-americanos, que passaram a defender o Vietnã do Sul contra o comunismo.

Quando ainda se desenrolava a batalha de Bien Dien Phu e a derrota francesa era praticamente certa, chegou a haver pedidos no Congresso dos Estados Unidos para que as posições do Vietminh fossem bombardeadas com artefatos nucleares, sendo tais pedidos recusados.⁸ Mesmo os Acordos de Genebra receberam oposição do governo norte-americano, que não queriam qualquer espécie de negociações com comunistas. Apesar disso, não fizeram qualquer intervenção nas negociações, apenas avisaram que qualquer ação que violasse os acordos não seria tolerada pelos Estados Unidos (referindo-se diretamente ao Vietnã do Norte). Dentro dessas condições, a paz voltou à Indochina. Mas não por muito tempo.

Os Estados Unidos cresceriam em influência, e não apenas no Sudeste Asiático. No Vietnã do Sul, a influência era militar e econômica, principalmente. Em outros lugares do mundo seria também cultural, como no Brasil e na sua imprensa. A presença da televisão começava a crescer.

Anos de Mudanças na Imprensa Brasileira:

O Jornalismo Norte-Americano Entra no Brasil

A influência da televisão na imprensa brasileira foi crescendo de uma maneira lenta. Nos Estados Unidos a televisão começou a ser comercializada nos anos 30, enquanto que no Brasil ela seria inaugurada apenas em 1950. Foi a penetração da influência do jornalismo norte-americano que levantou as primeiras questões sobre as alterações provocadas na imprensa escrita pela existência desse novo meio audiovisual, já que nos Estados Unidos a importância da televisão crescia progressivamente. Uma das características cruciais da imprensa norte-americana foi que ela enfrentava a presença da televisão, alterando-se tecnicamente para enfrentar a concorrência deste

⁸ - Schlesinger Jr., Arthur M. Vietnã: Herança Trágica. São Paulo, Ibrasa, 1967, p. 25;

meio.⁹ A imprensa brasileira importaria, também, essas alterações, levantando a problemática da presença da televisão antes mesmo dela ter forças para concorrer com a mídia escrita dentro do Brasil.

Pelo menos até 1945, o jornalismo brasileiro seguia a linha do jornalismo francês, que tinha como características básicas uma grande quantidade de textos (redigidos, invariavelmente, dentro de um estilo lingüístico rebuscado, típico de literatos), poucas fotografias e nenhuma preocupação com a neutralidade - ou seja, era um jornalismo opinativo e crítico.¹⁰ Tal comportamento devia-se à própria tradição cultural brasileira, que valorizava os ideários da cultura francesa, o que era comum nesta primeira metade de século.¹¹

A Segunda Guerra Mundial mudaria este quadro, pois cresceria a influência norte-americana na cultura brasileira, principalmente no jornalismo. Procurando atrair o Brasil para a luta contra o nazismo, o governo norte-americano estabeleceu uma série de intercâmbios culturais, dos quais o jornalismo era uma parte integrante. Por esses intercâmbios vários jornalistas brasileiros seriam levados para os Estados Unidos, tomando contato com a produção jornalística local e, principalmente, com o funcionamento da imprensa numa democracia (o Brasil estava sob a ditadura do Estado Novo). Com a entrada do Brasil na guerra, vários correspondentes brasileiros foram para a Europa (como Samuel Wainer, Rubem Braga, Joel Silveira, Egídio Squeff, Barreto Leite Filho, etc.), conhecendo várias e modernas técnicas jornalísticas, inclusive novas tecnologias que logo seriam introduzidas no país.¹²

⁹ - Marshall McLuhan apresenta que "Depois da TV muitas coisas já não funcionavam tão bem. Tanto o cinema como as revistas de âmbito nacional foram duramente golpeadas." McLuhan, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem (Understanding Media)*. São Paulo, Cultrix, 1969, p. 350;

¹⁰ - não queremos dizer que a matriz norte-americana conseguia atingir com perfeição os seus pilares básicos, "Liberdade e Objetividade", pois, como nos afiança Carlos Eduardo Lins da Silva, a objetividade "é impossível, já que qualquer pessoa quando observa o mundo o faz através de uma ótica particular, de acordo com a sua educação, tipo de inserção social, experiências anteriores e toda uma série de condicionantes." O autor acrescenta que ambos os conceitos são utilizados para justificar um tipo de jornalismo e não outro. Lins da Silva, Carlos Eduardo. "Capítulo 5 - Liberdade e Objetividade" in *O Adiantado da Hora - A Influência Americana Sobre o Jornalismo Brasileiro*. São Paulo, Summus, 1991, pp. 89-105;

¹¹ - Lins da Silva, Carlos Eduardo. "Introdução" in *O Adiantado da Hora - A Influência Americana Sobre o Jornalismo Brasileiro*. São Paulo, Summus, 1991, pp. 29-40;

¹² - s/A. "Especialistas Substituem Bacharéis: a Imprensa se Agiliza." in *Coleção Nosso Século*. V.3, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 127;

Antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, as mudanças de matrizes começaram a acontecer, principalmente pela figura do jornalista Assis de Chateaubriand. Seu império começou em 1921, quando adquiriu o jornal carioca O Jornal e, em 1924, o Diário da Noite de São Paulo. As grandes vendas destes jornais, unidas a uma administração vigorosa (quase sempre autoritária) de Chateaubriand, fizeram com que houvesse uma expansão de outros jornais de sua propriedade para outros estados do país, criando a maior cadeia de imprensa da América Latina, os Diários Associados.¹³ Seus negócios não se limitariam apenas à jornais, pois Chateaubriand também iria adquirir emissoras de rádio e revistas, como foi o caso da revista O Cruzeiro.

Inicialmente conhecida apenas como Cruzeiro (nome inspirado na constelação do Cruzeiro do Sul) e lançada em 10 de novembro de 1928, a revista revolucionaria a imprensa brasileira. Era impressa a cores no sistema, pioneiro no Brasil, de rotogravura. A revista valorizava primordialmente a fotografia,¹⁴ apresentando suas reportagens com grande agilidade e diversidade de assuntos, superando as outroras prósperas revistas A Cigarra (que seria, posteriormente, incorporada aos Diários Associados), Fon-Fon! e Careta.¹⁵

O Cruzeiro transformou-se numa das mais importantes revistas da imprensa brasileira não por causa da televisão (que só seria comercializada nos Estados Unidos alguns anos depois do lançamento da revista), mas por questões técnicas (o uso do sistema de rotogravura) e de uma nova visão editorial (valorizando a fotografia como linguagem jornalística).

¹³ - para maiores detalhes sobre os Diários Associados ver Moraes, Fernando. Chatô - O Rei do Brasil. 2. ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994;

¹⁴ - Bahia, Juez. Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira. 4. ed., São Paulo, Ática, 1990, p. 184;

¹⁵ - s/A. "A Revista 'O Cruzeiro' Inaugura a Era das Grandes Reportagens. E Traz o Brasil para as Bancas de Jornal." in Coleção Nosso Século. V. 8, São Paulo, Abril Cultural, 1984, p. 131;

Diário Carioca

Outro marco das mudanças na imprensa foi o Diário Carioca, dirigido por Pompeu de Souza, que havia estado nos Estados Unidos em 1943 atualizando-se nas técnicas norte-americanas de jornalismo e aplicando-as no Brasil ainda na década de 40.

Seu aprendizado resultou na reformulação do Diário Carioca, que adotaria a técnica de “pirâmide invertida” na construção do texto (as cinco perguntas jornalísticas - quem? quando?, onde?, como?, por quê? - eram apresentadas logo no começo ou na chamada, denominada *lead*, cujo objetivo era prender a atenção do leitor. Essa era uma técnica muito comum nos Estados Unidos, mas até então inédita no Brasil) e introduziria a figura do *copy-desk* (literalmente “mesa de texto”, redator experiente que rescrevia as matérias em estado bruto feitas por repórteres ou pesquisadores, o que reduzia em muito as pretensões literárias dos membros do jornal).¹⁶

Apesar da renovação de texto que o jornal apresentava, não houve renovação gráfica, que ficaria a cargo de três publicações fundamentais: o jornal Última Hora e as revistas Manchete e Visão.

Editora Abril

No ano de 1950 surgiria uma das grandes editoras do país. Seu nascimento se deu numa pequena tipografia, localizada na rua Líbero Badaró, no centro de São Paulo, onde o imigrante Victor Civita, dono de um pequeno capital e de alguma experiência gráfica e editorial, lançaria uma revista em quadrinhos, tendo como protagonista um personagem norte-americano, que acabaria sendo um grande sucesso comercial.

¹⁶ - s/A “As Digressões Literárias do Jornalismo Francês Cedem Lugar à Objetividade Norte-Americana.” in Coleção Nosso Século, V.8, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 128;

Publicada a 12 de julho de 1950, O Pato Donald, personagem de Walt Disney, abriria uma série de revistas em quadrinhos de grande vendagem, estimulando essa nova editora a criar novos produtos culturais. Estava montada a Editora Abril.¹⁷

A importância da Editora Abril para a produção cultural do país e também para o jornalismo seria das mais decisivas, pois grande parte das revistas mais inovadoras do mercado editorial brasileiro seriam lançadas por ela, como a revista Realidade e Veja, na década de 60, e uma série de publicações, vendidas em fascículos, na década de 70. A editora também seria uma das mais combativas e críticas ao regime militar que se instalaria no Brasil depois de 1964, como veremos mais adiante.

Apesar da criação dessa editora, os Gráficos Bloch dariam um salto tecnológico importante, pois imprimiriam cerca de 30 revistas infantis para outras empresas utilizando-se do sistema off-set, Webendorfer, a primeira rotativa desse estilo no Brasil.¹⁸

O ano de 1950 não se destacaria apenas pelo surgimento da Editora Abril e pelas novidades tecnológicas do grupo Bloch. Um novo meio de comunicação, importado dos Estados Unidos, também estreava nesse ano: a televisão.

A Televisão Estréia no Brasil

A televisão começou a ser comercializada nos Estados Unidos em 1933 e crescera vertiginosamente dentro do país, mas não fora dele. Até 1950, apenas outros dois países também tinham o meio: Inglaterra e França. O quarto país foi o Brasil.

A entrada da televisão no país transformou-se num marco das comunicações.¹⁹ Quem investiu para trazer a televisão ao país foi Assis de Chateaubriand, o proprietário dos Diários

¹⁷ - s/A. "Pato Donald: o Anti-Herói que as Crianças Adoram Abre Caminho para uma Grande Aventura Editorial." in Coleção Nosso Século; V.8, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 137;

¹⁸ - Bahia, Juarez, op. cit., p. 399;

Associados. Em 1947, Chateaubriand fez contratos de publicidade com várias empresas para financiar seu empreendimento. Elas forneceriam uma parte dos 16 milhões de dólares necessários para a compra de uma estação de TV, adquirida da RCA Victor. Junto com a estação de TV, o empresário brasileiro também importou trezentos televisores.

No início de 1950, a aparelhagem chegou dos Estados Unidos, acompanhada de um engenheiro da RCA Victor, Walter Obermiller, que orientou a equipe técnica brasileira. No dia 28 de julho, foi feita a primeira transmissão deste novo meio dentro do prédio dos Diários Associados. Em 18 de setembro, às 22 horas, foi feita a primeira transmissão externa da PRF 3 TV Difusora, Rede Tupi, caracterizada pelo imprevisto (não existia o vídeo-tape, sem contar que novo o meio trazia linguagens e especificações técnicas inéditas). Estava inaugurada a televisão no Brasil.

O público telespectador inicial era muito pequeno - apenas 5 pessoas em São Paulo tinham o aparelho televisor (o que fez Chateaubriand instalar uma série deles em lugares públicos, como na Praça a Sé e no *Jockey Club*). Tal começo tímido e inexpressivo não impediu que a televisão tivesse um crescimento contínuo nos anos seguintes.

O telejornalismo também nasceria com a inauguração da televisão e o primeiro programa foi Imagens do Dia, que encerrava a programação da emissora, por volta das 21h30 e 22 horas. O programa jornalístico consistia numa sequência de filmes dos últimos acontecimentos locais.²⁰ A pobreza deste telejornal, e daqueles que o seguiriam nos anos posteriores, desestimulariam qualquer comparação com a imprensa escrita, pelo menos inicialmente. Jornais e revistas pareciam mais fortes e complexos e, aparentemente, a televisão não teria condições de oferecer uma concorrência preocupante. Tal quadro mudaria nos anos seguintes.

¹⁹ - para maiores detalhes da entrada da televisão no Brasil, ver Coleção Nosso Século, V.7, São Paulo, Abril Cultural, 1985, pp. 78-89; e Moraes, Fernando. Chatô - O Rei do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1994;

²⁰ - s/A. "Saudamos a Todos da América do Sul./ A Terra Onde o Céu é Sempre mais Azul./ Saudamos a Todos, Amigos de Coração./ E (...) Relembramos/ Ao Cantar esta Canção." in Coleção Nosso Século, V.7, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 80;

Última Hora

Enquanto a televisão dava os seus primeiros (e instáveis) passos, a imprensa escrita começaria a realizar mudanças radicais. A Tribuna da Imprensa, lançada em dezembro de 1949, apresentaria algumas mudanças técnicas, como a utilização mais intensa de fotografias e textos mais econômicos, seguindo a linha de renovação inaugurada pelo Diário Carioca. Apesar dessas mudanças, o jornal seria caracterizado como um canal de seu proprietário, o jornalista e político Carlos Lacerda, cuja orientação política (conservadora e anticomunista) ditava os caminhos do jornal.²¹ O grande inimigo de Carlos Lacerda, além do comunismo, era Getúlio Vargas, que também teria o seu jornal porta-voz, o inovador Última Hora, fundado por Samuel Wainer, que curiosamente tinha sido um grande crítico do regime de Vargas.

O jornalista Samuel Wainer fundaria, em março de 1938, junto com Azevedo Amaral, a revista mensal Diretrizes, que tratava de temas políticos, econômicos e sociais, posicionando-se contra o fascismo, sendo também uma das poucas publicações que faziam oposição a Getúlio Vargas e ao Estado Novo. Além de contar com uma equipe redatorial da maior qualidade literária (Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Aníbal Machado, Jorge Amado, etc.), sua apresentação gráfica era diferente do que se fazia na imprensa até então. A capa do primeiro número, feita pelo pintor Santa Rosa, mostrava um olho solto no espaço, dando uma idéia de surrealismo inédita para a época.²² Em 1939, a revista torna-se semanal.

Em 1944, ao publicar uma entrevista com o escritor Monteiro Lobato, criticando diretamente o governo Vargas (“O governo deve sair de um povo como a fumaça de uma fogueira”),²³ a revista Diretrizes é fechada e Samuel Wainer preso, sendo solto logo a seguir. Em

²¹ - para maiores detalhes sobre o jornal Tribuna da Imprensa, ver Lacerda, Carlos. “Capítulo V - Fundação da Tribuna da Imprensa” in Depoimento, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, pp. 72-83;

²² - Wainer, Samuel. Minha Razão de Viver - Memórias de um Repórter. 4. ed., Rio de Janeiro, Record, 1988, pp. 49-50;

²³ - s/A. “Nas Bancas de Jornais, Cultura e Diversão para as Massas.” in Coleção Nosso Século, V.6, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 148;

1945, Diretrizes volta não mais como revista, mas sim como jornal diário, muito inovador, agradando inclusive seu concorrente, o dono dos Associados, Assis de Chateaubriand, assíduo leitor da publicação de Wainer, chegando a contratá-lo depois do fechamento da Diretrizes.²⁴

Em fevereiro de 1949, trabalhando no jornal Diário da Noite, de Chateaubriand, Samuel Wainer realizaria uma importante matéria jornalística ao entrevistar Getúlio Vargas, o mesmo que o havia mandado prender e fechar sua revista em 1944, quebrando o silêncio do ex-ditador e abrindo sua campanha presidencial. A grande frase da entrevista foi manchete do jornal: “Eu voltarei como líder de massas.”²⁵ Uma frase de impacto que, naquele momento de Guerra Fria, poderia parecer uma virada esquerdista do ex-ditador.

A vitória de Vargas não foi bem recebida pela imprensa em geral e o novo governo enfrentaria séria oposição de outros grandes jornais, como O Globo e a Tribuna de Imprensa, que começariam uma campanha de “silêncio”, ou seja, de exclusão do governo das suas páginas, procurando esvaziá-lo o máximo possível.²⁶

O jornal Última Hora, lançado em 12 de junho de 1951, daria uma guinada radical na imprensa escrita brasileira. Fundado por Samuel Wainer para ser um vespertino de apoio ao governo de Getúlio Vargas, o jornal buscava o público mais sensível ao populismo, ou seja, o público trabalhador, onde poderia propagar as idéias políticas de Vargas e quebrar o “silêncio” que os outros jornais haviam imposto ao presidente eleito. Gisela Goldenstein complementa que o

“Última Hora haveria de ser duplamente uma tribuna de Getúlio: diretamente, através da mensagem que veicularia e, indiretamente, através de concorrência comercial que encetaria, obrigando os demais órgãos de imprensa a reverem sua política editorial.”²⁷

²⁴ - Moraes, Fernando. op. cit., p. 423;

²⁵ - Wainer, Samuel. op. cit., pg. 25;

²⁶ - diálogo de Samuel Wainer com o presidente Getúlio Vargas, depois deste comentar a ausência da imprensa a uma reunião presidencial: “O senhor só vai aparecer nos jornais quando houver algo negativo a noticiar. Essa é uma tática normal de oposição, e a mais devastadora.” Wainer, Samuel. idem, p. 126;

²⁷ - Goldstein, Gisela Taschner. De Jornalismo Político à Indústria Cultural. São Paulo, Summus, 1987, p. 43;

Para isso, além da essencial ajuda governamental (o jornal era favorecido pelo governo federal em empréstimos do Banco do Brasil),²⁸ uma série de inovações técnicas foram sendo feitas, tornando o produto mais dinâmico e atrativo para ganhar o público. Gisela Goldstein pondera que a

“apresentação da mensagem foi também objeto de inovações. Recorrendo aos préstimos de um especialista argentino, fez uma diagramação moderna, uma paginação acessível, com grandes coberturas fotográficas ainda não usadas na época pela imprensa brasileira. A valorização das notícias através do jogo de espaços e das fotos fazia com que o jornal não tivesse o ar highbrow da imprensa tradicional e se apresentasse de maneira mais digestiva.”²⁹

As inovações do jornal motivaram o seu sucesso. Por sugestão de João Etcheverry, dividiu-se o jornal em dois cadernos de oito páginas cada um, ao invés de um só com dezesseis, como era anteriormente. Um deles, rodado por volta das sete da manhã, teria o conteúdo tradicional (política, economia, internacional, etc.), enquanto que o segundo, rodado por volta das três da madrugada, abrigaria assuntos mais amenos, como esportes, divertimentos e, principalmente, uma seção de reivindicações populares. O espaço para as notícias do Palácio do Catete estava reservado, onde saíam as notícias presidenciais.³⁰

Não foi apenas tais traços que caracterizaram o jornal, mas sua técnica, principalmente as cores. A rotativa do jornal permitia o uso de quatro cores, que seria ineditamente

²⁸ - praticamente todos os jornais e revistas eram favorecidas por empréstimos do governo, como nos mostra Fernando Moraes: “Enquanto que a *Última Hora* era colocada no pelourinho por ser tomado 26 milhões de cruzeiros emprestados ao banco oficial, a Carteira de Crédito Geral do mesmo Banco do Brasil registrava em débito de 50,4 milhões de Roberto Marinho (proprietário do jornal *O Globo* e de uma estação de rádio), ao passo que os Diários Associados deviam ao Banco do Brasil a soma colossal de 113,6 milhões (quase 3 milhões de dólares da época, ou 14 milhões de dólares de 1994). Nem mesmo a imaculada *Tribuna da Imprensa* poderia exibir castidade naquele caso: mais modesto, até o jornal de Lacerda tinha pendurado no Banco do Brasil um ‘papagaio’ de valor equivalente a 100 mil dólares da época.”; Moraes, Fernando. op. cit., p. 552;

²⁹ - Goldstein, Gisela. op. cit., p. 46;

³⁰ - Wainer, Samuel, op. cit., p. 145;

usada. A fotografia colorida do time do Fluminense, campeão carioca de 1952, publicada na primeira página, esgotaria a edição.³¹

Outras inovações apresentadas pelo jornal foram: organização espacial do jornal, colocando-se um índice pelo qual se poderia localizar a matéria desejada na sua respectiva página; estabelecimento de uma série de concursos, prêmios e promoções, que eram comuns em outros países, mas inéditos no Brasil; a introdução de um logotipo - a marca Última Hora estaria presente em todos os jornais da cadeia; horário de distribuição planejado para quando houvesse o menor número de concorrentes (quase todos os jornais eram matutinos, com exceção de O Globo, que era o único vespertino e, então, o Última Hora também saiu como vespertino), entre outras.³²

Uma importante inovação do Última Hora foi de caráter perceptivo, ou seja, suas preocupações técnicas buscavam novas alternativas que atingissem a percepção do público e seu sucesso demonstraria que essas inovações eram de grande aceitação.

A televisão influenciou a criação desse jornal? A resposta é sim, caso se tome por base suas matrizes, de influência norte-americana (principalmente os jornais do grupo Hearst), e não, caso se tome por base o estágio de desenvolvimento da televisão brasileira no início da década de 50.

No primeiro caso, temos de levar em consideração que o jornal teve matrizes de países desenvolvidos, principalmente jornais norte-americanos, e estes estavam matizados por questões envolvendo a presença da televisão, e o Última Hora acabou por trazer essas questões também, mesmo que indiretamente.

No segundo caso, enfatiza-se que a televisão brasileira havia nascido pouco mais de um ano antes do Última Hora, e que ainda não tinha forças suficientes para influenciar ou mesmo ameaçar os veículos escritos. Em termos de influência na imprensa escrita, a televisão brasileira apenas engatinhava.

³¹ - Wainer, Samuel; idem, p. 146;

³² - Goldstein, Gisela. op. cit., p. 47;

O impacto do jornal Última Hora na imprensa brasileira foi muito grande, provocando críticas agudas dos outros meios, tentativas de interdição judicial e, principalmente, estimulando outros jornais a também buscar alterações técnicas e gráficas. Concorrer com o Última Hora, nos padrões antigos, tomou-se uma tarefa praticamente impossível.

Curiosamente, o jornal Última Hora ajudaria na criação do primeiro político tipicamente televisivo. Para combater o jornal de Wainer, Assis de Chateaubriand reconciliou-se com Carlos Lacerda, concedendo-lhe um espaço de cinco minutos na Rede Tupi de Televisão, em 1953, para atacar os comunistas, o jornal Última Hora, Samuel Wainer e, logicamente, Getúlio Vargas.

Carlos Lacerda ficara impressionado com o sucesso e o poder de comunicação de um programa da televisão norte-americana chamado *Life is Worth Living*, apresentado pelo bispo-auxiliar de Nova York, Filton Sheen, magnetizando grande audiência com sua oratória, um pequeno quadro-negro e alguns gráficos desenhados em cartolinas, onde atacava o comunismo.³³

O sucesso foi tão grande que, pouco depois, Lacerda teria seu programa de cinco minutos aumentado para meia hora, enquanto que Chateaubriand espalhava televisores em pontos estratégicos do Rio e de São Paulo, para que todos pudessem assistir a destruição de Samuel Wainer,³⁴ visto como um agente comunista.

O imaginário da Guerra Fria atuava como nunca. Eivaldo Lodi, empresário paulista, comentou a Samuel Wainer que ele era o único jornalista capaz de fazer um jornal “que é capitalista no primeiro caderno e comunista no segundo.”³⁵ O jornal que defendia Vargas era visto dessa maneira, logo o próprio Vargas não receberia um tratamento diferente.

Getúlio Vargas era pressionado por setores da direita que enxergavam sua nova face populista como muito esquerdizante. Nos últimos anos de seu governo os fatos se sucederam numa seqüência alucinante: o ministro do trabalho, João Goulart, que propusera um considerável aumento nos salários, acabaria sendo destituído. Isolado, Vargas parte para o apoio das massas e aumenta em

³³ - Moraes, Fernando, op. cit., p. 552;

³⁴ - Moraes, Fernando, idem;

³⁵ - Wainer, Samuel, op. cit., p. 151;

100% os salários, muito além das propostas do ex-ministro João Goulart. A tentativa de assassinato de Carlos Lacerda (o crime da rua Toneleros) e o inquérito realizado pelas Forças Armadas (a República do Galeão) o pressionaram ao máximo, inclusive com o risco de *impeachment*. As possibilidades de uma guerra civil eram grandes e militares pediram para que ele renunciasse. Vargas escolheu um caminho inusitado - o suicídio. Seus detratores tiveram de recuar.³⁶

Juscelino Kubitschek ganhou as eleições de 1955, mas era visto como um continuador da linha esquerdizante de Vargas e de que, como seu antecessor, infiltraria comunistas nos postos-chaves do governo. Um golpe para que não assumisse a presidência foi tentado, mas foi desbaratado pelo marechal Lott.³⁷ O prenúncio de 1964 começava.

O governo JK também contaria com o apoio do jornal Última Hora e da revista Manchete, do grupo Bloch.

As Revistas Visão e Manchete

Depois de O Cruzeiro, a revista Visão, lançada em 1952, seria também uma precursora do jornalismo informativo semanal. Não era a primeira revista semanal brasileira - já existia experiência anterior, que foi a revista Sete Dias, de Joel Silveira e Rubem Braga, feita durante a Segunda Guerra Mundial, mas esta não havia prosperado.³⁸

A revista Visão prosperou. As capas da revista vinham com desenhos ou fotografias do assunto principal a ser destacado (o que a revista Veja faria anos depois), mas as matérias caracterizariam-se mais pelo volume de textos, sempre em grande quantidade, do que pela distribuição espacial e visual. A revista que diminuiu o texto e aumentou as fotografias foi a Manchete.

³⁶ - Skidmore, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 26;

³⁷ - para maiores informações sobre a tentativa de golpe contra Juscelino Kubitschek, ver Mayrink, Geraldo. Juscelino. Coleção "Os Grandes Líderes", São Paulo, Nova Cultural, 1988, pp. 47-51;

³⁸ - s/A. "As Digressões Literárias do Jornalismo Francês Cedem Lugar à Objetividade Norte-Americana." in Coleção Nosso Século. V. 8, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 128;

A revista semanal Manchete, dos irmãos Bloch, seria outra das inovações da imprensa brasileira. Tendo como modelo as grandes revistas européias (como a Paris-Match francesa, em cujo logotipo se inspirou) e norte-americanas (como a revista Life), a revista Manchete realizaria grandes reportagens sobre temas diversos, feitas com duplas de profissionais (quase sempre envolvendo um fotógrafo e um jornalista). A revista procurava fazer um retrato do brasileiro classe média dos anos 50, abrindo também espaço para as crônicas, com escritores como Henrique Pongetti, Rubem Braga, Fernando Sabino e outros.

A revista engajar-se-ia politicamente a favor de Juscelino Kubitschek com seu Plano de Metas e o “desenvolvimentismo”, apoiando a criação de Brasília como capital do país (a edição especial da revista sobre a inauguração de Brasília esgotaria seus 740.000 exemplares em apenas 48 horas).³⁹

Como no caso do jornal Última Hora, seriam as matrizes dos países desenvolvidos que colocariam questões da presença da televisão na revista Manchete. O desenvolvimento de matérias jornalísticas com ênfase na fotografia e na diminuição do volume de texto eram características básicas das revistas Paris-Match e Life, as matrizes básicas da Manchete, pois elas haviam, inclusive, surgido como uma resposta ao crescimento da televisão nos seus respectivos países. Como vimos, no Brasil, neste momento, a televisão não tinha forças para maiores influências na imprensa escrita.

Para chegar até esse público em potencial, não bastavam preocupações com a mensagem, era preciso também considerar a maneira e a forma de se passar a mensagem a ser transmitida. A preocupação com o público era importante, pois ele crescera muito no pós-guerra e o analfabetismo, que ainda era grande, diminuía, aumentando o número de pessoas na participação política da nação e de leitores prontos para se informar (e serem formados por esses meios de comunicação), sem contar o público consumidor sempre em ascensão. O surgimento (e,

³⁹ - s/A “Brasília e “Manchete” Cresceram Juntas: na Euforia Desenvolvimentista do Governo Juscelino.” in Coleção Nosso Século. V.8, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 132;

principalmente, o sucesso) da revista Manchete estimularia mudanças na grande revista de fotos brasileira até então, O Cruzeiro, que não ficaria atrás da revista do grupo Bloch, realizando suas próprias reformas, tanto no nível gráfico como na construção do texto.⁴⁰

A política da revista era a de realizar grandes reportagens nacionais sobre temas de interesse imediato. Deixando seus textos mais ágeis (entenda-se menores), com excelente cobertura fotográfica (destacando-se seu fotógrafo principal, Jean Manzon, um francês tido como um dos grandes mestres do fotojornalismo brasileiro, que, junto com David Nasser, faria uma famosa parceria dentro do jornalismo brasileiro), com seções atraentes (entre elas, a seção “Pif-Paf”, de Millôr Fernandes, que, como veremos mais para frente, seria de grande importância para a imprensa brasileira), a revista logo seria a mais vendida, chegando a uma tiragem semanal de 570.000 exemplares em 1956.⁴¹ Em abril de 1957, a revista ganharia uma versão internacional, em espanhol, para a América Latina, concorrendo diretamente com a Life, que também mantinha uma versão latina.⁴²

Esse foi o auge da revista, que começaria a ter vertiginosa queda de vendas nos anos seguintes, perdendo terreno para a Manchete. Na concorrência entre O Cruzeiro e Manchete, foram questões técnicas que definiriam os caminhos dessas revistas.

As duas revistas utilizavam o sistema de rotogravura para a impressão, um processo químico onde a chapa com os tipos era gravada num cilindro de cobre, com o papel passando por esse cilindro, completando a impressão. Tal sistema permitia uma variedade maior de recursos gráficos - entre eles, a cor.

Foi nesse item que a revista Manchete superou O Cruzeiro. Para se conseguir cores, o sistema utilizado era o de quadricomia, ou seja, misturava-se quatro cores (azul, rosa, preto e amarelo), formando-se as demais. A revista O Cruzeiro utilizava o sistema de rotogravura na cor sépia

⁴⁰ - s/A. “A Revista “O Cruzeiro” Inaugura a Era das Grandes Reportagens. E Traz o Brasil para as Bancas de Jornal.” in Coleção Nosso Século. V.8, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 131;

⁴¹ - Coleção Nosso Século, op. cit.;

⁴² - Bahia, Juarez. op. cit., p. 191;

(fora do padrão das quatro básicas da quadricomia), enquanto que a revista Manchete, dona de uma tecnologia superior, utilizava o sistema de rotogravura na cor preta, dentro da quadricomia.⁴³

O Cruzeiro revolucionava no campo das fotografias, mas era limitado tecnologicamente. A Manchete, com tecnologia superior, apresentava fotografias mais ricas em cores e com maiores recursos, caracterizando-se por uma variedade e qualidade que O Cruzeiro não conseguia apresentar.

O jornal que iria apresentar mudanças tecnológicas seria o Jornal do Brasil.

Jornal do Brasil

O outro referencial da presença da televisão na imprensa escrita brasileira foi o Jornal do Brasil, matutino carioca que começou a apresentar alterações editoriais em 1956, sob a direção de Odylo Costa Filho (contando com os jornalistas Jânio de Freitas e Ferreira Gullar, entre outros). O jornal caracterizava-se, até então, como um jornal de pequenos anúncios (seu apelido era “jornal das cozinheiras”)⁴⁴, mas procurava modernizar-se, importando aparelhagens avançadas para concorrer com os outros jornais.

Ferreira Gullar lembra sua chegada no jornal:

“Em 1956, eu fazia parte da equipe do Diário Carioca, quando fui chamado para trabalhar com Reinaldo Jardim, no recém-criado Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. (...) Amílcar de Castro, também chamado para a equipe, iniciou um processo de renovação gráfica. Tira fios, evita transbordar matéria de uma página para outra. Para resolver esse transbordamento, estabelece uma correspondência entre o texto datilografado e o tipografado, o que irá resultar na lauda metrificada.”⁴⁵

⁴³ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, realizada no dia 20 de Setembro de 1995, Campinas, SP;

⁴⁴ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor. op. cit.;

⁴⁵ - Gullar, Ferreira, extraído da s/A. “Especialistas Substituem Bacharéis: a Imprensa se Agiliza.” in Coleção Nosso Século. V.8, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 126;

Outra inovação do jornal foi a apresentação da primeira página, na forma de “L”.

Arnílcar de Castro nos relata como:

“Deu-me uma idéia de uma foto grande em lugar do desenho grande e qual gerava a necessidade de uma foto embaixo da página, ou um título forte, uma força para sustentá-la. (...) O jornal era todo anúncio e deixei, assim, uma coluna à esquerda. Fui baixando, lentamente, o restante. Com o rodapé na mesma medida da coluna, resolvi deixar assim, uai. Não incomodou ninguém.”⁴⁶

Até 1960, o jornal assistiria a mudanças na parte gráfica e do conteúdo, tendo um significativo crescimento nas vendas. Por diferenças com os proprietários do jornal, a equipe de redação seria despedida nesse ano. No dia 6 de janeiro de 1962, Alberto Dines assumiria o posto de editor-chefe do Jornal do Brasil, dando continuidade às alterações do jornal.

Alberto Dines fora o editor-chefe do decadente Diário da Noite, um jornal que pertencia aos Diários Associados de Chateaubriand. Durante dois anos, o jornal sofreria alterações técnicas profundas, numa tentativa de recuperar suas vendas. Baseando-se nos jornais ingleses *Daily Mirror* e *Daily Express*, o Diário da Noite passou a ser um tablóide, ou seja, começou a ter uma paginação de revista, manchetes em letras garrafais, textos curtos e linguagem animada e coloquial. Por falta de recursos, a equipe de redação procurava suplantar as insuficiências tecnológicas com talento e improvisação.⁴⁷

A produção das manchetes é um exemplo dessa improvisação. Sem as tituleras (aparelhos que produziam títulos e manchetes, sendo que os melhores do gênero eram produzidos pela empresa alemã Ludlow), a equipe de redação improvisou letras em cartolina, de vários tamanhos, criando uma caixa de tipos improvisada e, com essas letras, construía as manchetes. O funcionário

⁴⁶ - entrevista de Arnílcar de Castro na Folha de São Paulo de 24/07/84, sendo que o trecho citado foi extraído de Bahia, Juarez, op. cit., p. 380;

⁴⁷ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor. op. cit.;

Fernando Wasserman, que cuidava da produção dessas manchetes, ganhou o apelido de “Fernando Ludlow”, pois ele era a “máquina titulera” do jornal.⁴⁸

Apesar dessas mudanças, o jornal acabaria fechando.⁴⁹ Depois da experiência do Diário da Noite, Dines trabalharia na nova revista de fotografias da editora Bloch, Fatos & Fotos, lançada em 1961.⁵⁰ Depois desta experiência é que Dines iria trabalhar no Jornal do Brasil.

A grande importância de Alberto Dines é que ele desenvolveu duas linhas para as alterações técnicas do Jornal do Brasil: primeiro, as mudanças de um jornal deveriam ser lentas, mantendo intacto o seu padrão básico, pois o público leitor não aprecia mudanças bruscas, e estas apenas devem ser realizadas quando o jornal estiver em situação desesperada (como foi a situação do Diário da Noite); e segundo, o jornal não poderia desconsiderar a presença dos outros meios, e, no caso específico, não deveria desconsiderar a televisão.

Este último ponto é importante, pois foi Alberto Dines o primeiro jornalista no Brasil a realmente pensar a televisão como agente influenciador da imprensa escrita, chegando a instalar aparelhos de televisão dentro da redação, para que os jornalistas tivessem contato com esse tipo de produção.

Dentro dessa perspectiva, as alterações do Jornal do Brasil percorreriam dois caminhos: primeiro, no campo gráfico (aproximação estética com a revista - melhor paginação, organização da apresentação do conteúdo, linguagem clara e concisa, maior utilização de fotografias); segundo, no próprio conteúdo (o jornal foi o primeiro no Brasil a ter um departamento de pesquisa para satisfazer a demanda de informações criada pela televisão).

Para Alberto Dines, a televisão ainda era um meio frágil para concorrer com os meios escritos, pelo menos até 1965, quando surgiu a Rede Globo.

⁴⁸ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor. *idem*;

⁴⁹ - Dines, Alberto. O Papel do Jornal. 2. ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1977, p. 41;

⁵⁰ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor. *op. cit.*;

A Imprensa de São Paulo

As alterações apresentadas até agora foram características da imprensa carioca, que, com certeza, foi muito inovadora. A imprensa de São Paulo, por sua vez, não realizou grandes mudanças na década de 50, sendo que os grandes jornais mantiveram-se relativamente estáveis dentro das suas propostas editoriais e gráficas, mantendo ainda o estilo de jornalismo francês, principalmente O Estado de São Paulo. A grande ameaça para essa estabilidade surgiu com o jornal Última Hora, que manteve uma filial em São Paulo, com as mesmas características da sua matriz carioca, preocupando os grandes jornais. Alterações aconteceram, mas de uma maneira muito lenta, sendo a Folha da Manhã um pouco mais audaciosa.

Uma ressalva se faz necessária. Não queremos dar a impressão de que os jornais e revistas que fizeram poucas alterações técnicas, ou mesmo nenhuma, não tenham a sua importância, pois todas as publicações preocupam-se com a técnica de suas publicações. Assim, jornais mais tradicionais, como O Estado de São Paulo e a Folha da Manhã, também se preocupavam com a forma, mas dentro dos padrões de suas matrizes, que eram, quase sempre, francesas. Para essas publicações, a conquista dos “corações e mentes” passava pela técnica que estavam aplicando, mesmo que sem grandes inovações. O Última Hora mostrou que outras técnicas poderiam também conquistar esses “corações e mentes”.

No Vietnã, os Estados Unidos começavam a perder a conquista de “corações e mentes”.

Vietnã: Forma-se o Vietcong

Desde a derrota francesa em Dien Bien Phu e os acordos de Genebra, a região da Indochina praticamente desaparecera do cenário da imprensa internacional. O governo comunista do Vietnã do Norte começou a se preocupar com sua situação interna, tentando aplicar uma política de

coletivização na agricultura (que fracassaria), deixando a idéia de reunificação do país para um momento mais apropriado.⁵¹

O Vietnã do Sul tentava sobreviver, apesar de suas fraquezas. Os Estados Unidos fizeram de tudo para que o Vietnã do Sul fosse um regime estável, pró-ocidental e que pudesse se defender caso o Vietnã do Norte resolvesse iniciar uma luta para a reunificação.

A administração do Vietnã do Sul, inicialmente dirigida pelo presidente Ngo Dinh Diem, era corrupta e incompetente, não conseguindo dar estabilidade ao país, apesar do auxílio norte-americano (pois este era desviado de seu destino através de subornos).⁵²

O governo Eisenhower acabou financiando uma campanha na imprensa norte-americana valorizando a capacidade do governo Diem de resolver os problemas internos do país, sendo chamado de “O Homem Miraculoso do Sul”, valorizando, principalmente, os 875.000 refugiados que abandonaram o Vietnã do Norte entre 1954 e 1956: alguns, católicos que haviam ajudado as forças colonialistas francesas; e outros, colonos procurando terras (foram alojados precariamente nos arredores de Saigon, uma área já muito povoada, aumentando ainda mais os problemas do país).⁵³

O “Homem Miraculoso do Sul” não era tão “miraculoso” como se pretendia. Apesar da campanha positiva, o governo Eisenhower estaria mandando 200 conselheiros militares por volta de 1960. A situação do Vietnã do Sul modificara-se.

No final da década de 50, os ataques guerrilheiros foram sendo retomados, infringindo derrotas às forças sul-vietnamitas, que, por sua vez, aumentavam a repressão - e, conseqüentemente, aumentavam a insatisfação popular contra o regime.

Em 1960, foi criada a Frente de Libertação Nacional (FLN), organização nacionalista (como no Vietnã do Norte, nem todos eram comunistas) que visava à reunificação do país e era apoiada pelo

⁵¹ - s/A. “República Condenada” in Coleção Guerra na Paz. V.3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 522;

⁵² - Coleção Guerra na Paz, op. cit., p. 522;

⁵³ - Morrock, Richard. op. cit., p. 271;

Vietnã do Norte. Os guerrilheiros da FLN eram denominados Exército Vietcong (versão reduzida de Viet-Nam Cong-San, ou seja, comunista vietnamita).⁵⁴

A opinião pública e o próprio governo norte-americano não estavam preparados para a deterioração do governo Diem. Em novembro de 1960, em Saigom, depois de uma revolta de pára-quedistas do exército do Vietnã do Sul, quando cerca de 400 civis foram mortos antes dos rebeldes serem dominados, a imprensa norte-americana começou, mesmo que timidamente, a mostrar interesse no que estaria acontecendo na região. O que se tinha em termos de produção de notícias eram escritórios de grandes agências internacionais (AP, UPI e a Agência *France Press*), e alguns correspondentes de revistas norte-americanas, como a *Time* e a *Newsweek*.⁵⁵

Era um grupo pequeno de jornalistas, unidos, apesar da intensa concorrência entre si. Tal união devia-se a duas razões: primeiro, o governo Diem, que os credenciava, não via razões para aceitar que correspondentes estrangeiros escrevessem matérias criticando seus procedimentos governamentais; segundo, o governo Kennedy, que assumiu os Estados Unidos em 1961, aumentou a ajuda econômica e militar ao Vietnã do Sul, principalmente elevando o número de conselheiros militares, querendo que tais atividades fossem minimamente conhecidas pela opinião pública mundial, principalmente a norte-americana.⁵⁶

Os Estados Unidos haviam enviado “conselheiros” militares desde a presidência de Eisenhower, aumentado ainda mais o seu número durante o governo Kennedy. Os correspondentes da grande imprensa internacional, presentes no Vietnã do Sul, registravam todas as contradições da política norte-americana na região, entrando em choques diretos com os governos Kennedy e Diem..

Para o governo Kennedy, havia duas premissas básicas que a imprensa, local ou não, deveria seguir: a primeira, era que não poderia ser publicado a participação direta dos “conselheiros”

⁵⁴ - Gigon, Fernand. *USA X Vietcong - As Duas Faces do Conflito*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, Apresentação (s/ numeração da página);

⁵⁵ - Knightley, Phillip. *A Primeira Vítima*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, pp. 472-473;

⁵⁶ - Knightley, Phillip. op. cit., p. 475;

nos combates contra o Vietcong; a segunda, era que o governo do Vietnã do Sul deveria ser prestigiado, ou seja, suas insuficiências não deveriam ser noticiadas.

Apesar de todas as pressões, esses correspondentes passavam essas informações, fazendo com que o governo Kennedy iniciasse pressão sobre os editores dentro dos Estados Unidos, o que acabou tendo algum resultado prático: algumas matérias não foram publicadas e outras foram alteradas, principalmente nas revistas *Time* e *Newsweek*. Outros jornalistas seguiram para o Vietnã do Sul tentando dar uma visão positiva sobre o país, como o experiente correspondente Joseph Alsop, que cobrira a Segunda Guerra Mundial.⁵⁷

Em 1963, tais premissas estavam longe de serem seguidas. E, para o desapontamento do governo Kennedy, a morte em combate de três pilotos de helicóptero norte-americanos na batalha de Ap Bac, uma derrota humilhante para o Exército do Vietnã do Sul, fez com que a participação dos “conselheiros” nas próprias lutas se tornasse impossível de negar.

A batalha de Ap Bac quebrou o “silêncio” da imprensa brasileira em relação ao Vietnã. O jornal Folha de São Paulo publicaria uma pequena notícia, do correspondente da UPI, Neil Sheehan, descrevendo a batalha e destacando a vitória do Vietcong e a derrota do Exército do Vietnã do Sul, destacando a morte de soldados norte-americanos, o que envolvia, definitivamente, os Estados Unidos no conflito da região. O risco de uma guerra total no Sudeste Asiático era também mencionado.⁵⁸

No Vietnã do Sul, as coisas ficariam ainda piores depois de Ap Bac. A impopularidade do regime de Diem confirmaria-se na crise com os budistas. O governo Diem havia proibido que bandeiras budistas fossem hasteadas nas comemorações do aniversário de Buda (que é celebrado, no Vietnã, no dia 8 de maio), mas permitiu que bandeiras católicas continuassem hasteadas, enfurecendo os budistas. Na cidade imperial de Hué, realizou-se uma passeata de protesto, que foi atacada por tropas do governo, matando 11 pessoas. Os escritórios das agências noticiosas

⁵⁷ - Knightley, Phillip, idem, p. 478-480;

⁵⁸ - Sheehann, Neil. “Vietcongs Impõe Sério Revês aos Sul-Vietnamitas” in Folha de São Paulo, São Paulo, Agência Folhas, 04/01/63, p. 2;

internacionais receberam telefonemas de que uma manifestação iria acontecer em breve na cidade de Saigon. No dia 11 de junho, aconteceu.

Uma marcha silenciosa, formada por monges budistas, saiu do pagode principal da cidade, de manhã, seguindo até a rua Phan Dinh Phuong, quando um sedã cinzento, que liderava a marcha, parou bruscamente na frente da embaixada diplomática do Camboja, descendo três monges. Com os demais fazendo um círculo no meio do cruzamento, um dos monges que desceram do carro, o idoso Thich Quang Duc, sentou-se numa almofada, cruzou as pernas na posição de lótus e foi banhado por gasolina pelos outros dois monges. O velho monge acendeu um fósforo e o jogou no seu colo, ateando-se fogo. A fotografia, tirada por Malcolm Browe, seria uma das mais famosas do século, colocando o Vietnã nas primeiras páginas dos jornais do mundo inteiro.⁵⁹

A imprensa brasileira não seria exceção. A Folha de São Paulo destacaria, mesmo que de forma mediana, o protesto do monge budista, explicando a situação do Vietnã do Sul, seu governo e seus problemas com a guerrilha e com os budistas.⁶⁰ A famosa fotografia do monge em chamas não foi publicada.

Ainda em 1963, Diem não resiste às pressões, sendo deposto e morto. Um mês depois de Diem, John Kennedy encontraria a morte também, sendo assassinado em Dallas.

A televisão também chegou no Vietnã em 1963. Sabendo que a presença norte-americana na Indochina era muito maior do que se supunha (ou do que as autoridades norte-americanas revelavam), o interesse das redes de televisão norte-americanas aumentou muito, e vários jornalistas e técnicos começaram a ser enviados para a região. Um dos primeiros programas sobre o tema foi um documentário feito pela CBS, apresentado pelo “âncora” Walter Cronkite, do CBS Evening News, com uma das maiores audiências dos Estados Unidos. Este seria o primeiro de uma série de 14 programas, chegando até 1973, quando os Estados Unidos saíram da guerra.

⁵⁹ - a descrição do incidente foi baseada na obra de Arnett, Peter. Ao Vivo do Campo de Batalha - do Vietnã a Bagdá, 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, pp. 103-109;

⁶⁰ - s/A. “Monge Budista põe fogo na roupa como protesto” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 12/06/63, p. 2;

Video-Tape

Enquanto a televisão chegava no Vietnã, a televisão brasileira apresentava uma grande novidade técnica: o vídeo-tape, que começou a ser utilizado em 1960, mas apenas em 1962 foi usado em grande escala. Além de não se precisar mais improvisar (agora, quando se errava, fazia-se de novo para se gravar e passar depois), as possibilidades de variação técnica aumentaram muito, deixando a televisão como um dos meios mais criativos deste momento.

O Jornal de Vanguarda, da rede Excelsior, foi um dos programas telejornalísticos mais inovadores de seu tempo, inovando os esquemas até então aplicados na produção jornalística da televisão brasileira, ou seja, programas descritivos, financiados por lojas e empresas que lhes davam o nome (o mais famoso neste esquema foi o Repórter Esso), visual monótono (quase sempre com uma cortina ao fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do apresentador) e sem variações na forma de edição.⁶¹

O Jornal de Vanguarda seria o primeiro telejornal feito por jornalistas, mostrando charges, bonequinhos falantes, apresentação rápida das notícias e apresentadores mais formais (entre eles, o jovem Cid Moreira). Com edições criativas, este telejornal foi o primeiro a se aproveitar das possibilidades da linguagem televisiva que o vídeo-tape ajudou a aumentar, realizando uma competente união entre jornalismo e show.⁶²

A política marcaria a imprensa neste início de década.

⁶¹ - Lima, Fernando Barbosa. "Nossas Câmeras são seus Olhos." in Lima, Fernando Barbosa, Priolli, Gabriel e Machado, Arlindo. Televisão e Vídeo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985, p. 9;

⁶² - Lima, Fernando Barbosa. op. cit., p. 9;

Início da Década de 60: Momento de Agitações Políticas

A década de 60 marcaria de maneira muito forte a imprensa brasileira. Neste início de década, o número de leitores era alto, levando-se em consideração o número de alfabetizados. O “desenvolvimentismo” do governo JK mostrava as possibilidades de um país grande e desenvolvido, apesar de nem tudo ser motivo para otimismo: a inflação era crescente e a política econômica do “desenvolvimentismo” não foi seguida por uma distribuição de renda mais justa, que começaria a ser reivindicada nesse momento.

Um imaginário ganhou expressividade nesses anos: o da revolução socialista, que também era resultado do imaginário da Guerra Fria, ou melhor ainda, de seu extremismo: as opções políticas restringiam-se ao comunismo ou à democracia (ou ao anticomunismo puro e simples, mesmo quando não fosse, necessariamente, uma democracia).

O governo Jânio Quadros tentou, pelo menos diplomaticamente, quebrar esta linha fechada com a chamada “Política Externa Independente”, tentando manter relações com países comunistas e, principalmente, negócios com eles. O governo Jânio Quadros foi muito rápido e preso no turbilhão político deste início de década: a condecoração a Fidel Castro e Che Guevara irritaram a direita. Sua renúncia, nove meses após a posse, foi aceita sem maiores problemas pelo Congresso.⁶³ No Brasil, os problemas viriam com seu sucessor, o vice-presidente João Goulart.

Os militares não aceitavam a posse de Goulart, mas forças pró-legalidade, principalmente vindas do Rio Grande do Sul (e de seu cunhado, o governador Leonel Brizola), ameaçaram o país para uma guerra civil. A saída parlamentarista acabou colocando Goulart no poder, como queriam as forças legalistas, mas sem seus poderes plenos, satisfazendo, em parte, as forças militares.⁶⁴

⁶³ - sobre o governo Jânio Quadros, informações extraídas de Skidmore, Thomas. op. cit., pp. 28-29;

⁶⁴ - Toledo, Caio Navarro de. O Governo Goulart e o Golpe de 64. Coleção “Tudo é História”, 16. ed., São Paulo. Brasiliense, 1994, pp. 22-24;

Esquerda

Lutar contra o imperialismo norte-americano era uma das metas de intelectuais e estudantes que defendiam a revolução e, dentro dessa perspectiva, a conscientização do povo era necessária. Os alunos envolvidos com o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE faziam arte engajada. No Nordeste, o método de alfabetização desenvolvido pelo educador Paulo Freire era aplicado, com sucesso, nas camadas pobres da região. A reforma agrária também era mais que discutida, pois Francisco Julião e as Ligas Camponesas - auxiliados, principalmente, pelo governo de Pernambuco, dirigido por Miguel Arraes - desafiavam os “coronéis” nordestinos.⁶⁵

O grande mentor intelectual desse momento era o Partido Comunista Brasileiro (PCB), na ilegalidade, que pregava a revolução no Brasil, mas que, para atingi-la, deveria passar por algumas etapas (processo chamado de “etapismo”), ou seja, primeiro deveria acontecer uma revolução burguesa, e depois a revolução socialista. O PCB seguia a linha do partido comunista da União Soviética.

Contestações a esta visão começariam a aumentar, não apenas contra o PCB, mas o também contra o monopólio do marxismo e da revolução detido pela União Soviética. As condições internacionais mostravam-se propícias para tal.

Em 1956, a própria União Soviética daria argumentos neste sentido, em dois momentos: primeiro, nas denúncias contra o regime stalinista feitas por Nikita Krushev (demonstrando que o governo Stálin não passava de uma ditadura sangrenta, longe de ser um modelo de salvação da humanidade); segundo, na invasão da Hungria por tropas soviéticas, que demonstrou que a face autoritária do comunismo soviético não tinha sido extirpada com a morte de Stálin.

O primeiro grande momento de contestação ao monopólio soviético foi a Revolução Chinesa, ocorrida em 1949, que mostrou as possibilidades de se fazer uma revolução através da

⁶⁵ - Holanda, Heloísa Buarque de. Cultura e Participação nos Anos 60. Coleção “Tudo é História”, São Paulo, Brasiliense, 1984, pp. 6-7;

guerrilha, com a participação do campesinato. Nos primeiros anos de revolução, a China esteve ligada à União Soviética, mas esses laços desintegrariam-se no decorrer dos anos, com choques de interesses cada vez maiores entre as duas nações, que fizeram com que a China tomasse posições cada vez mais independentes.⁶⁶

Um outro acontecimento decisivo para a crítica à linha soviética foi a Revolução Cubana, ocorrida em 1959. Esta revolução desafiava todas as premissas da orientação soviética, pois não foi feita pela classe operária, nem dirigida pelo partido comunista e nem sequer respeitou as etapas previstas nas teorias.⁶⁷ A revolução foi liderada por um pequeno grupo guerrilheiro, que foi crescendo até a derrubada do governo de Fulgêncio Batista, naquilo que seria chamado de “foquismo”. Os personagens que conduziram a revolução, Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara, eram carismáticos o suficiente para se tornarem exemplos para novos pretendentes à revolução.

O mais importante dessas duas revoluções é que, além de contestar o modelo soviético, tão caro ao PCB, elas alimentariam a idéia de caminhos mais radicais para a revolução, através da luta guerrilheira. Não se precisava esperar mais pelas etapas, a revolução poderia ser conseguida mais rapidamente pela luta. Tais modelos estimulariam a criação de vários grupos de esquerda revolucionária. A Guerra do Vietnã aumentaria ainda mais essas expectativas.

Um dos primeiros grupos contestadores do modelo soviético surgiu dentro do próprio PCB, uma dissidência que se utilizaria do antigo nome de seu ex-partido, ou seja, Partido Comunista do Brasil (PC do B), seguindo a linha comunista chinesa, pensando na luta armada no campo, o que os levaria à Guerrilha do Araguaia, no anos seguintes.

Outro partido que não concordava com o “etapismo” do PCB foi o Partido Operário Revolucionário (POR), trotskista, que acreditavam que a revolução seria atingida com o proletariado no poder em aliança com o campesinato, mas sem a luta guerrilheira. Já a Polop (Organização

⁶⁶ - Gorender, Jacob. Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada. São Paulo, Ática, 1987, p. 77;

⁶⁷ - Schwarz, Roberto. “Um Seminário de Marx” in Folha de São Paulo (Caderno “Mais!”), São Paulo, Agência Folhas, 08/10/95, p. 4;

Revolucionário Marxista - Política Operária) divergia dos trotskistas, mas aceitavam algumas de suas teses.

A maior força organizada dentro do movimento estudantil foi a Ação Popular (AP), formada a partir do rompimento da Juventude Universitária Católica (JUC), que pretendia formar um partido verdadeiramente revolucionário, combinando uma ideologia revolucionária com uma ação junto às massas, considerando a necessidade de uma aliança entre proletariado, camponeses e estudantes.⁶⁸

O imaginário da revolução não estimulava apenas grupos a seu favor, mas também grupos contra ela. Setores da direita acreditavam também nas possibilidades de uma revolução socialista e fariam de tudo para impedi-la. O Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) seriam duas dessas iniciativas de procurar saídas para o país contra o comunismo.⁶⁹ A Escola Superior de Guerra também pensaria nestes termos, como veremos a seguir.

A Imprensa de Esquerda

A esquerda escrevia muito, o que proporcionava um número grande de publicações, quer de livros, panfletos ou jornais. A UNE tinha o seu veículo, a revista Movimento, mas quase todos os grupos de esquerda tinham o seu também, como O Seminário, de linha nacionalista, dirigido por Osvaldo Costa; Panfleto, canal para as idéias de Leonel Brizola; Novos Rumos, jornal oficial do PCB, entre tantos outros.⁷⁰

⁶⁸ - Gorender, Jacob. op. cit., pp. 36-38;

⁶⁹ - para maiores detalhes sobre os grupos empresariais que conspiraram contra o governo Goulart, ver Dreyfuss, René. 1964: A Conquista do Estado. Petrópolis, Vozes, 1981;

⁷⁰ - s/A. "No Prelo, o Discurso de Compromisso, que Informa e Forma a Esquerda: "América do Norte: Rapina. América da Morte: América Latina." in Coleção Nosso Século, V.9, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 77;

As revistas também proliferavam, sendo importante veículo para a esquerda. Uma das mais importantes foi a Revista Brasiliense, dirigida por Elias Chaves, onde escreviam Caio Prado Jr., Otávio Brandão, Teotônio dos Santos, entre outros, e que abriu espaços para a exposição e discussão das idéias das esquerdas avaliando a situação do país. Na linha mais moderada, temos a revista Anhembi, dirigida por Paulo Duarte, em cuja páginas escreviam Florestan Fernandes, Sérgio Milliet, Fernando Henrique Cardoso, entre outros. O PCB também tinha a sua revista, Estudos Sociais.⁷¹ Mas uma das publicações mais importantes deste período foi a revista Senhor.

A revista Senhor foi uma revolução no jornalismo de revistas no Brasil. Criada por Nahum Sirotsky em 1959, que também seria o seu primeiro editor e redator-chefe, e tendo Carlos Scliar como o diretor de arte, a revista tinha um cunho mais liberal. Paulo Francis e Luiz Lobo também faziam parte da redação, que tinha entre seus colaboradas Odílio Costa, Otto Lara Resende, Clarice Linspector, Vinicius de Moraes, Ferreira Gullar, Newton Rodrigues, entre outros, (reuniram-se, durante o apogeu da revista, alguns dos futuros membros do jornal alternativo O Pasquim, como Ivan Lessa, Millôr Fernandes e Jaguar, além do próprio Paulo Francis). Quando foi criada, a revista custava três vezes mais que qualquer outra revista na época, com um formato pouco usual (23,5 x 32 cm) e uma diagramação particular, baseada na linguagem do cinema, ou seja, de inspiração imagética. Sua tiragem atingiu 40 mil exemplares, com 30 mil assinantes.

Além dos escritores nacionais, a revista publicava também textos com elementos da contracultura norte-americana, além de traduções especiais (como textos do russo Leon Tolstói e do norte-americano Hemingway) e em fascículos (como o romance de Jorge Amado, Quincas Berro d'Água). Sua primeira fase teve 60 números, e, apesar da boa tiragem, não conseguiu cobrir os seus custos cada vez maiores, alimentados por uma inflação crescente e, em fins de 1960, com menos de dois anos de existência, seu declínio já era visível, e encerraria suas atividades em 1964, depois do golpe que derrubou Goulart.⁷²

⁷¹ - Coleção Nosso Século, op. cit., p. 77;

⁷² - Coleção Nosso Século, idem; outras referências em Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - Nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scritta, 1991, pp. 8-9;

A inflação crescente, vinda desde o governo JK, provocava pressões nos meios de comunicação, que tinham grandes dificuldades para cobrirem os seus custos. A inovadora revista Senhor fechara, enquanto que a Folha da Manhã (que, em 1960, mudaria seu nome para Folha de São Paulo), a partir do final dos anos 50 entrou numa fase de contenção de despesas e organização financeira, o que lhe seria muito útil nos anos seguintes.⁷³

Como podemos perceber, além de questões de ordem política, questões de ordem econômica também eram elementos que podiam construir ou destruir um jornal ou uma revista, e tais elementos eram muito ativos no início dos anos 60. Os meios de comunicação estavam enfrentando condições econômicas difíceis. Mas a situação política do país também não era das mais estáveis, e tais atribuições políticas do período também se refletiriam na imprensa.

Notícias Populares: Enfrentando o Última Hora

Em 6 de janeiro de 1963, o plebiscito pôs fim ao parlamentarismo, devolvendo os poderes plenos de presidente a João Goulart, fato que assustou e incitou à conspiração vários grupos de direita.

Indiferentemente do que se possa pensar do governo Goulart, sua posição como comunista era muito exagerada, mas isso foi aceito como verdade pelos propensos dois lados (uma representação maniqueísta muito forte do período, onde se era ou não se era comunista). Luís Carlos Prestes declararia numa entrevista que, mesmo o PCB não estando no poder, ele estava no poder, numa referência direta ao governo Goulart.⁷⁴

Como podemos perceber, João Goulart era visto como comunista e seu governo deveria ser combatido em todos os níveis. Essa representação atingiria a imprensa também. O

⁷³ - Motta, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena R. História da Folha de São Paulo (1921-1981). São Paulo, Impres, 1980, p. 188;

⁷⁴ - citação de Luís Carlos Prestes extraído de Buarque de Hollanda, Heloísa. op. cit., p. 6;

posicionamento da imprensa em relação ao governo Goulart era de oposição, com exceção ao jornal Última Hora, que seria então combatido.

O jornal Última Hora era um dos defensores de João Goulart, mantendo a linha de apoio ao populismo. Em outras palavras, o jornal era tão comunista quanto o próprio João Goulart o era, ou seja, o jornal seguia a linha nacionalista de Goulart, que era confusa, podendo pender para um lado ou para o outro e, perto da sua queda, pendeu para o lado popular, o que foi visto como uma guinada para o comunismo. Neste sentido, o jornal começou a ser encarado como um veículo das idéias comunistas e, como tal, deveria ser combatido. Para isso foi criado, em 1963, o jornal Notícias Populares.⁷⁵

Herbert Levy era presidente da UDN e seria um dos líderes da ofensiva contra Goulart a partir de 1963, recebendo a ajuda de um dos seus filhos, L. Fernando Levy, que fundaria o jornal Notícias Populares. A idéia deste jornal seria a de concorrer diretamente com o Última Hora, atacando o que este tentava criar, ou seja, a politização do conteúdo através da sua apresentação formal. O Notícias Populares iria mostrar quase que os mesmos temas que o Última Hora, mas procurando explorar o lado mais sensacionalista da notícia, tentando esvaziá-la de seu contexto político.⁷⁶ Nesta tentativa de ser despolitizado, nunca um jornal foi tão político.

O Notícias Populares teria preocupações de ordem gráfica, como a criação de um logotipo, a distribuição das matérias (dando destaque para as que envolviam sexo e crime), o uso gritante de fotos e a distribuição pensada para concorrer diretamente com o Última Hora (sua distribuição começava na noite anterior ao dia datado no jornal). Não havia preocupações com o lucro, pois seu objetivo era puramente político.⁷⁷

É quase impossível dizer, realmente, qual foi o impacto que o Notícias Populares produziu no Última Hora, mas a sua criação mostra como estava o clima político nesse começo de década, quando o imaginário da revolução abria lutas para chegar a ela ou para evitá-la. O golpe de 64

⁷⁵ - Goldstein, Gisela. op. cit., p. 77;

⁷⁶ - Goldstein, Gisela. idem, p. 81;

⁷⁷ - Goldstein, Gisela. idem, p. 84;

(ou “revolução”, pois os militares compreenderam o imaginário do momento a ponto de usá-lo) resolveu os dilemas do momento.

Toda a grande imprensa, tanto a de São Paulo quanto a do Rio de Janeiro, ficou a favor dos golpistas, menos o Última Hora, como era de se esperar. A família Mesquita, proprietária do grupo Estado, seria um dos articuladores do golpe e a família Frias, proprietária do grupo Folhas, o apoiaria desde seu primeiro instante. Com os militares no poder, foi muito mais fácil eliminar o antes incômodo Última Hora. Invadido, no Rio de Janeiro, pelos militares logo após o golpe e com inúmeras dívidas (que o Banco do Brasil, com a nova administração regida pelos militares, começou a cobrar), a cadeia definhou. Em São Paulo, Samuel Wainer vendeu o Última Hora para o grupo Folhas.⁷⁸

O jornal Notícias Populares, nascido para concorrer com o Última Hora, também seria vendido para o grupo Folhas. Com o golpe de 64, os empresários que ajudaram na criação do jornal acharam que seu esforço fora recompensado e que a queda do governo Goulart era o suficiente para conter o comunismo, sendo desnecessário manter o jornal, pois seu papel estava cumprido.⁷⁹

A Queda de Goulart

Em 1963, com a crise do governo Goulart,⁸⁰ houve uma tentativa de estender as reformas de base, mas esta encontraria oposição da UDN e de setores conservadores da sociedade. A Central Geral dos Trabalhadores (CGT) coloca-se a favor das reformas, o que aumenta a tensão nos quartéis com a esquerdização do governo. Em 4 de outubro, Goulart propõe ao Congresso o estado do sítio, logo retirado pelo próprio Goulart, mas que aumentou o clima de golpe por parte do presidente.

A situação fica mais tensa em 1964, quando o governo Goulart, pressionado tanto pela esquerda quanto pela direita, assume uma posição mais à esquerda. Em 13 de março, realiza

⁷⁸ - Kucinski, Bernardo. op. cit., p. 11;

⁷⁹ - Goldstein, Gisela. op. cit., p. 95;

⁸⁰ - informações da queda do governo Goulart extraídas de Toledo, Caio Navarro de. op., cit.;

grande comício no Rio de Janeiro para as Reformas de Base, o que foi visto como uma guinada definitiva para as esquerdas. A resposta foi imediata: em 19 de março, em São Paulo, aproximadamente 500 mil pessoas realizam a “Marcha pela Família com Deus pela Liberdade”, dando uma sustentação popular contra o governo Goulart.

A revolta dos marinheiros, em 26 de março, e a anistia aos revoltosos, foi a gota d’água dessa situação tensa. O jornal O Globo publicou a manchete sobre a formação de um soviete dos marinheiros, lida pelo General Olympio Mourão, que precipitou a ação dos golpistas.⁸¹ O golpe (ou “revolução”, nas palavras dos próprios vencedores) derrubou Goulart e abriu um novo período ditatorial no Brasil.

A derrubada do governo Goulart aconteceu na virada dos meses de março e abril de 1964, recebendo cobertura intensa da imprensa, que posicionou-se a favor dos golpistas. A televisão registraria um dos acontecimentos insólitos desse momento.

Na Cinelândia, no Rio de Janeiro, na frente do Clube Militar, um menino de 12 anos começou a gritar “Jango! Jango!”, quando um homem alto e magro apontou uma arma automática na cabeça do menino e aperta o gatilho, estourando-lhe a cabeça. A cena seria mostrada pelo Jornal de Vanguarda, desmentindo uma das construções dos novos governantes de que a revolução fora sem violência. O jornal, na mesma noite, receberia a visita de um militar, que faria a censura no telejornal.⁸²

Os militares derrubam o governo Goulart. Apesar de ser um movimento conservador, os novos governantes, aproveitando-se do imaginário do momento, dão o nome de seu movimento de “revolução”.

Em agosto desse mesmo ano, aconteceria o Incidente de Tonquim, no Vietnã, que daria início à fase americana da guerra.

⁸¹ - Capelato, Maria Helena R. Imprensa e História do Brasil. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988, p. 17;

⁸² - Lima, Fernando Barbosa. *op. cit.*, p. 8;

O Incidente de Tonquim

Em 29 de janeiro de 1964, a junta que derrubou Diem, liderada pelo general Duong Van Minh, foi derrubada e o poder ficou com o general Nguem Kahn. A Folha de São Paulo publicou matéria sobre esse golpe de estado, argumentando que sua origem se dava ainda em 1963, na derrubada de Diem. O papel dos budistas na sociedade vietnamita era muito intenso ainda, juntando a isso a presença da guerrilha vietcong. O artigo destaca os impasses do governo Diem (“Budismo de um lado. Vietcongs, comunistas do outro. Diem no centro das ações.”), sua queda (informando que ele e seu irmão teriam se suicidado, quando na verdade ambos foram mortos) e os problemas da junta que o substituiu. Esta tentou ficar numa posição neutralista, tentando negociar com o Vietcong e com o Vietnã do Norte.⁸³

A questão vietnamita começou, definitivamente, a ser objeto de análises da imprensa brasileira. O risco de uma Terceira Guerra Mundial, ainda com os ecos da crise de mísseis de Cuba e com o crescimento da guerrilha em escala mundial, acabariam por destacar a situação no Sudeste Asiático. A revista Fatos & Fotos publicaria, em 20 de fevereiro de 1964, ou seja, **antes** do Incidente de Tonquim e da derrubada de João Goulart, matéria sobre as possibilidades de uma Terceira Guerra Mundial, onde a região dos dois Vietnãs seriam o “foco mais perigoso”.⁸⁴ A reportagem procura mostrar dez regiões de risco para uma guerra mundial, a saber: Vietnã, Laos (a revista utiliza-se da grafia “Laus”), Tailândia, Indonésia, Congo, Chipre, Berlim, Angola (ficando independente de Portugal), Oriente Médio e Cuba. Com a morte de Diem e os constantes golpes de estado, o Vietnã do Sul ganhou um destaque mais relevante dentro desta reportagem.⁸⁵

⁸³ - s/A. “Vietnã: O Golpe Nasceu em 63” in Folha de São Paulo. São Paulo, 14/02/64, p. 2;

⁸⁴ - anúncio da reportagem. Fatos & Fotos. Número 212, Brasília, Editora Bloch, 1964, p. 11;

⁸⁵ - Schlafman, Léo. “10 motivos para a Terceira Guerra.” , op. cit., pp. 58-65;

Dentro desta mesma linha, a revista Manchete publicaria, em 14 de março de 1964, uma reportagem sobre os problemas no Sudeste Asiático, em particular no Vietnã, e sobre a maneira como os Estados Unidos estavam enfrentando a situação, com auxílios econômicos e militares.⁸⁶

O que tais reportagens insinuavam (uma Terceira Guerra Mundial) não chegaria a ocorrer, mas os acontecimentos precipitariam-se no Vietnã do Sul.

Desde que assumiu a presidência, Lyndon Johnson ordenara que aviões, secretamente, recolhessem informações sobre o Vietnã do Norte. A situação do Vietnã do Sul era a pior possível, já que poderia ser dominado pelo Vietcong em questão de meses. Os acontecimentos precipitaram-se, e os Estados Unidos entraram definitivamente na guerra.

O Incidente de Tonquin foi a desculpa para a entrada definitiva dos Estados Unidos no conflito vietnamita, ou melhor ainda, para institucionalizar a sua intervenção. Em 6 de agosto de 1964, o destróier *Maddox* e outras unidades navais registraram que foram atacados por torpedos disparados de barcos de patrulha norte-vietnamitas dentro de águas internacionais, ou seja, fora das 3 milhas reconhecidos pelos Estados Unidos (o Vietnã do Norte considerava seu limite como sendo de 12 milhas). No dia seguinte, foi registrado um segundo ataque ao *Maddox* e ao destróier *U.S. Turner*, em condições ainda mais obscuras do que os ataques do dia anterior.

Mas foi o suficiente. No dia 7 de agosto, Johnson conseguiu poderes para conduzir a intervenção no Vietnã, que estava dentro do estatuto de ajuda a um país ameaçado pelo comunismo. Começavam os bombardeios ao Vietnã do Norte, a chamada “Operação *Rolling Thunder*”, e a televisão norte-americana mostrava, pela primeira vez, um bombardeio aéreo.⁸⁷

No Brasil, a situação política interna acabaria por interferir na cobertura do Incidente de Tonquin. As ações de março/abril e os expurgos feitos pelos militares nos meses seguintes ao golpe monopolizaram o espaço na imprensa.

⁸⁶ - s/A, “Guerra contra a Guerrilha.” in Manchete, Número 621, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 1964, pp. 12-17;

⁸⁷ - informações sobre o Incidente de Tonquin foram extraídas de Tuchman, Barbara W, op. cit., p. 321; e s/A, “Vietnã: e os Americanos Chegaram.” in Coleção Guerra na Paz, V. 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, pp. 526-528;

A imprensa estava a favor dos militares na queda de João Goulart, mas temerosa com os caminhos seguidos pelo governo militar, que parecia não querer abandonar tão cedo o poder. Mas, nos momentos iniciais do golpe, a pregação anticomunista e o fim da “bagunça” administrativa do governo Goulart eram retratados com grande euforia. Com o anticomunismo ainda em evidência, a cobertura do Incidente de Tonquin não poderia escapar dessa lógica.

A Folha de São Paulo começou com um destaque cauteloso, no dia 4 de agosto, até por que as notícias ainda não eram conclusivas. No dia 5, não restavam mais dúvidas: barcos norte-americanos foram atacados por lanchas de guerra norte-vietnamitas, o que fizera com que os norte-americanos bombardeassem o Vietnã do Norte e anunciassem que medidas de contenção ao comunismo seriam tomadas no Vietnã do Sul.⁸⁸ No dia 6, a posição do governo brasileiro ganhava primeira página: o Brasil era solidário aos Estados Unidos e contrário à agressão norte-vietnamita.⁸⁹

A guerra estava por um fio, destacava a revista Manchete, analisando o Incidente de Tonquin e a reação norte-americana.⁹⁰ A revista Fatos & Fotos também destacaria o Incidente de Tonquin, descrevendo-o detalhadamente, com inúmeras fotografias, inclusive de helicópteros (realçando a importância deste aparelho na luta contra a guerrilha).⁹¹

As revistas Manchete e Fatos & Fotos deram destaque, principalmente fotográfico, aos acontecimentos no Vietnã. Sua preocupação não apenas anticomunista, mas considerava também os riscos de uma Terceira Guerra Mundial, pois as possibilidades de intervenção chinesa eram muito grandes.

A China era a “grande culpada de tudo”, pois havia levado os norte-vietnamitas a lutarem por uma expansão em que eles não teriam vez, versava o editorial da Folha de São Paulo do

⁸⁸ - s/A. “EUA Contra-Atacam e Bombardeiam o Vietnã” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 05/08/64, p. 1 (capa);

⁸⁹ - s/A. “EUA Justificam Ação na Ásia: Brasil é Solidário” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 06/08/64, p. 1 (capa);

⁹⁰ - Albuquerque, João Luiz de e Lagarride, Jean-Paul. “Vietnã - A Guerra por um Fio” in Manchete. Número 644, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 1964, pp. 26-31;

⁹¹ - Belmont, Raoul. “A Guerra vem da Ásia” in Fatos & Fotos. Número 185, Brasília, Editora Bloch, 1964, pp. 56-58;

dia 7 de agosto, junto com manchetes que informavam que tropas chinesas estavam de prontidão, caso os norte-americanos invadissem o Vietnã do Norte.⁹² O editorial começava assim:

*“A maior responsabilidade pelos acontecimentos no golfo de Tonquim deve ser debitada à China comunista, que induziu os vietnamitas do norte a atos gratuitos de provocação capazes de acender o estopim de uma deflagração de conseqüências imprevisíveis.”*⁹³

Destacando que a reação norte-americana foi inevitável, o editorial considerava que os acontecimentos prejudicavam uma nova política norte-americana na região, após as eleições presidenciais (“Disponha-se mesmo Johnson, após o pleito, em que conta seja vitoriosa a sua candidatura, reformular a política dos Estados Unidos referente àquela parte do mundo.”).⁹⁴ Duas alternativas se colocavam: primeiro, a “neutralização” da região, deixando abandonada para a “dominação chinesa”; segundo, uma grande ofensiva que neutralizasse as ações comunistas, podendo-se usar bombas atômicas.

O editorial destaca também as divergências entre a China e a União Soviética, pois os soviéticos tentavam aproximação com os norte-americanos, dentro da política de “coexistência pacífica”, e atitudes como as da China de incentivar provocações, não seriam aceitas.

O editorial acaba argumentando que a China ainda não tinha artefatos nucleares, o que circunscrevia o conflito vietnamita, mas que todos os esforços eram necessários “para que a indesejável luta não acarrete maior desgraça: o emprego de armas nucleares.”⁹⁵

Muitas vezes a imprensa publicaria matérias dentro do calor dos acontecimentos, quer elas tivessem fundamento ou não, e seria dentro dessa dinâmica (anticomunista) que a cobertura se faria, com manchetes sensacionais (cujas matérias não necessariamente correspondiam ao peso de sua chamada) e muitas situações limites, que, quase sempre, nunca se confirmavam. O aproveitamento

⁹² - s/A. “Guerra do Vietnã” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 07/08/64, p. 8;

⁹³ - Folha de São Paulo. op. cit.;

⁹⁴ - Folha de São Paulo. idem;

⁹⁵ - Folha de São Paulo. idem, ibidem;

visual não se limitaria a fotografias, mas também teria mapas da região, para que não sobrassem dúvidas de onde estava acontecendo o conflito.

Depois dos primeiros bombardeios ao Vietnã do Norte, o governo norte-americano os suspendeu temporariamente, esperando abrir negociações, e assim tirando o Vietnã das manchetes, pelo menos por um pequeno período de tempo. No mesmo mês de agosto, os problemas do Vietnã deixaram lugar para o Chipre, que também enfrentava problemas com os comunistas locais. O Vietnã sai das manchetes, mas não por muito tempo.

Guerra do Vietnã e o Brasil

Em agosto de 1964, em sua coluna na Folha de São Paulo, Newton Carlos destacou o posicionamento do novo regime brasileiro em relação à crise no Sudeste Asiático, o que mostrava as diretrizes que os militares assumiriam: apoiavam qualquer atitude contra o comunismo.⁹⁶ Como era uma intervenção para auxiliar um país que estava sendo atacado pelo comunismo - o mesmo motivo que os militares haviam alegado para justificar sua ascensão ao poder -, a posição do governo brasileiro foi de apoio aos Estados Unidos, principalmente por ter sido alegado que houve uma agressão a barcos norte-americanos em águas internacionais. O governo de Castelo Branco daria apoio total ao governo de Lyndon Johnson, e ao governo do Vietnã do Sul, exportando café e enviando ajuda médica através da Cruz Vermelha do Brasil.⁹⁷

Desde as primeiras notícias do agravamento da crise no Sudeste Asiático, o governo militar brasileiro mostrava-se muito preocupado, desejando um rápido desfecho, de preferência com os resultados favoráveis aos norte-americanos.⁹⁸ O risco não era apenas de um eventual exemplo a grupos de oposição, que ainda poderiam exercer alguma reação dentro do Brasil, mas também a

⁹⁶ - Carlos, Newton. "Posicionamento Brasileiro" in Folha de São Paulo (Seção "Panorama Internacional"). São Paulo, Agência Folhas, 08/08/64, p. 4;

⁹⁷ - Viana Filho, Luis. O Governo Castelo Branco. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975, pp. 441-444;

⁹⁸ - Miyamoto, Shigenobu e Silva Gonçalves, Willians da. A Política Externa Brasileira e o Regime Militar: 1964-1984. Primeira Versão, Número 38, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991, p. 12;

pressão dos seus próprios aliados, os Estados Unidos, que queriam uma força mundial no Vietnã do Sul, e a presença do maior aliado norte-americano na América Latina era indispensável, pelo menos na ótica do presidente Lyndon Johnson.

Castelo Branco tinha total idéia desse risco, pois era informado sobre tudo o que ocorria no Vietnã pelo próprio Johnson. Luís Viana Filho, na sua biografia de Castelo Branco, nos relata essa correspondência de idéias e a recusa de Castelo Branco a mandar tropas ao Vietnã, dentro da lógica dos preceitos da Escola Superior de Guerra.⁹⁹ Para melhor compreensão desses preceitos, é importante lembrar o que essa escola entendia por geopolítica mundial.

Tendo como modelo uma instituição militar norte-americana, o *National War College*, a Escola Superior de Guerra foi a ala intelectual dos golpistas de 1964. Seus preceitos básicos incluíam as diretrizes fundamentais da Guerra Fria, vendo o mundo em dois grandes blocos, o capitalista (da qual o Brasil estava incluído, e deveria continuar incluído), e o comunista (da qual Cuba seria um mal praticamente irreparável). O perigo comunista viria principalmente de dentro do país, sendo necessário resistir, naquilo que foi denominado de “guerra interna”, contra os subversivos.¹⁰⁰ Foi dentro dessa lógica que o governo de João Goulart foi deposto.

A contribuição da Escola Superior de Guerra dentro dessa dinâmica foi pensar na forma de contribuição do Brasil dentro desse jogo político mundial, surgindo as teorias dos Cones, áreas estratégicas que o Brasil deveria cobrir em casos de emergência, mas dentro de certos espaços delimitados. Os Estados Unidos é que deveriam ultrapassar esses espaços e atuar mundialmente.

O Brasil teria de se preocupar com o “cone” do Atlântico Sul, cobrindo os instáveis vizinhos Paraguai, Bolívia, Venezuela, Uruguai e a sempre rival Argentina, a margem do Atlântico, preocupando-se com o litoral africano, que assistia a inúmeras lutas de caráter anticolonial (mas já matizadas com o marxismo), e barrando a influência da Revolução Cubana (o que explicaria a presença de tropas brasileiras na República Dominicana, em 1965). O papel dos Estados Unidos seria

⁹⁹ - Viana Filho, Luís. op. cit., p. 444;

¹⁰⁰ - Skidmore, Thomas. op. cit., p. 22;

o de auxiliar todos os lugares do mundo onde existisse ameaça comunista, como estavam fazendo no Sudeste Asiático.¹⁰¹ Dentro dessa lógica, a presença brasileira no Vietnã do Sul seria desnecessária, já que o país já estava cumprindo o seu papel dentro do continente americano.

Talvez para os militares brasileiros tal lógica fosse coerente, mas não o era para o governo norte-americano, em particular para o presidente Lyndon Johnson, que queria uma força mundial, provavelmente apoiada pela ONU, no Vietnã (como acontecera na Guerra da Coreia e na intervenção na República Dominicana, referendada pela OEA). Mesmo assim, o governo norte-americano condicionou um empréstimo ao Brasil, no valor de 15 bilhões de dólares, à presença de tropas brasileiras no Vietnã.¹⁰² Como a ONU não aprovou tal força militar, o Brasil não se prontificou a enviar tropas ao Vietnã.

Apesar do auxílio brasileiro limitar-se ao envio de café e de medicamentos, os sul-vietnamitas colocariam o nome do país num monumento, com nomes de todos os países que ajudavam o Vietnã do Sul.¹⁰³

¹⁰¹ - Miyamoto, Shiguenelli. *op. cit.*, p. 13;

¹⁰² - carta do presidente norte-americano Lyndon Johnson ao presidente brasileiro Castelo Branco, liberando um empréstimo de 150 milhões de dólares, pedindo uma ajuda adicional aos esforços de guerra norte-americanos no Vietnã do Sul. Publicada pela Folha de São Paulo, Agência Folhas, 07/05/95, p. 16;

¹⁰³ - Barreiros, Luis. Saigon Meu Amor. São Paulo, Edrel, 1973, referência nas fotos.

Capítulo 3 - 1965/1967

A Imprensa Brasileira Depois de 1964

A falta de reação ao golpe que derrubou o governo Goulart preocupou muito as esquerdas brasileiras. O PCB não estava perto do poder, os sindicatos fiéis a João Goulart tiveram situação inexpressiva e o apoio popular não apareceu: pelo contrário, foram os golpistas que o receberam.

O apoio da imprensa ao golpe foi muito decisivo para o movimento, esvaziando qualquer possibilidade de respaldo popular, ou mesmo de qualquer tipo de resistência ao novo regime. Nem mesmo o jornal Última Hora conseguiu angariar aliados para defender o governo Goulart. O discurso sobre a luta contra o comunismo foi aproveitado ao máximo pela mídia da época.

Como se comportaria a imprensa neste pós-64? O apoio ao golpe não renderia, necessariamente, a aprovação incondicional de todos os atos posteriores dos militares. À medida que os militares se fixavam no poder, não demonstrando pretensões de abandoná-lo, pelo menos num curto prazo, os jornais começavam a fazer oposição ao regime, a começar pelo jornal carioca Correio da Manhã. Este abrigaria os jornalistas mais críticos do regime até aquele momento, tais como Carlos Heitor Cony, Otto Maria Carpeaux, Márcio Moreira Alves e Hernano Alves, fazendo com que o jornal tivesse ótimas vendas, inclusive fora do Rio de Janeiro.¹ Logo, O Estado de São Paulo também se colocaria contra o regime militar.

Ainda em 1964, seria publicada por Millôr Fernandes a revista Pif-Paf, antiga seção da revista O Cruzeiro, que se tornaria um marco desse período. Especializada em humor, com charges do próprio Millôr, essa revista seria uma das primeiras manifestações contra o golpe militar, embora não fosse essa a idéia original, pois Millôr pensava mais na revista como um projeto gráfico

¹ - s/A. "Imprensa Pós-64: Morrem Jornais, Aprimoram-se Técnicas, Surgem Novos Padrões Jornalísticos." in Coleção Nosso Século, V. 9, São Paulo, Abril Cultural, 1982, p. 162;

orgânico (de crítica aos costumes da classe média) do que um projeto ideológico. Tanto assim, que a revista estava pronta antes do golpe. As circunstâncias, porém, mudaram os rumos do trabalho.

Teve duração de apenas oito números, sendo que o último foi apreendido pelos militares. Não foi apenas a apreensão da revista que precipitou o seu fim, mas também as suas características mais gerais de confecção: falta de organização administrativa e falta de pessoal de apoio, o que implicou um produto caracterizado pelo amadorismo e pelo voluntarismo.² É interessante observar que tais características seriam uma constante na imprensa alternativa que se desenvolveria nos anos posteriores, o que coloca a revista Pif-Paf como uma das suas precursoras.³

Praticamente todos os jornais e revistas nacionalistas e de esquerda foram fechados, quer por pressão dos militares como por problemas econômicos. Mas também se criaram espaços para a publicação de idéias. A Editora Civilização Brasileira seria uma das mais combativas neste sentido, criando, em outubro de 1965, o tablóide Renúncio, que duraria três números, e, ainda em 1965, a Revista Civilização Brasileira, que discutia os problemas nacionais com ênfase marxista,⁴ o que era um risco relativamente significativo nesse período imediatamente posterior ao golpe militar, onde prisões ou “expurgos” eram uma constante.

A editora, dirigida por Ênio Silveira, especializar-se-ia em publicações com temáticas internacionais, com duas implicações: em primeiro lugar, havia intenções comerciais, já que temas internacionais despertavam grande interesse do público leitor, refletindo-se nas vendas; em segundo lugar, a escolha do que era traduzido pela editora passava por questões políticas internas do país, naquilo que pudesse, preferencialmente, fazer referências ao que ocorria dentro do Brasil, e que os militares dificultavam ou proibiam de ser publicado.⁵ Tal prática fora muito comum durante a ditadura

² - Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - Nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scritta, 1991, p. 19;

³ - o precursor da imprensa alternativa foi o jornal mineiro Binômio, lançado em 1951. s/A. “O Pai dos “Nanicos” in Coleção Nosso Século. V. 8, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 128;

⁴ - s/A. “A Crítica ao Novo Regime se Refugia nas Páginas do “Correio da Manhã”, nas publicações Humorísticas, nos “nanicos” e nas revistas especializadas.” in Coleção Nosso Século. V. 9, São Paulo, Abril Cultural, 1982, p. 164; e Skidmore, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 65;

⁵ - Silveira, Ênio. Palestra proferida, em 1994, no Auditório do IFCH, UNICAMP, Campinas, SP;

do Estado Novo (1937/1945)⁶ e seria retomada pela imprensa depois de 1968, quando a ditadura militar se tornou mais rígida.

Apesar dessas manifestações da imprensa de esquerda, seria a grande imprensa que se destacaria nesse período, tanto em termos técnicos quanto de conteúdo. O grupo Folhas começa sua expansão econômica⁷ e, apesar de outros meios começarem a se colocar contra o regime militar, ainda assim o posicionamento geral da imprensa era anticomunista. Seria o anticomunismo que marcaria a cobertura da Guerra do Vietnã pela imprensa escrita, pelo menos no momento da chegada das tropas norte-americanas no Vietnã do Sul.

Chegam as Tropas Norte-Americanas e a Imprensa

O ano de 1965 abria com uma importante batalha, a de Binh Ghia. O Vietcong atacou bases militares nesta cidade, infringindo pesada derrota ao Exército do Vietnã do Sul, com 121 mortos e, dentre estes, 18 “conselheiros” norte-americanos, o maior número de baixas dos Estados Unidos até então. A Folha de São Paulo destacou a batalha e o aumento de tropas do Vietnã do Sul nos dias seguintes.⁸ Tais esforços se mostrariam inúteis, pois não conteriam a derrota. Mas seus desdobramentos seriam de grande importância.

A mesma Folha de São Paulo noticiaria algo importante: os soviéticos anunciaram que, caso os norte-americanos não saíssem do Vietnã do Sul, eles iriam auxiliar o Vietnã do Norte, o que poderia levar a um confronto direto e, conseqüentemente, a uma Terceira Guerra Mundial.⁹ Como vemos, o medo de uma guerra nuclear ainda era freqüentemente colocado pela imprensa.

⁶ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, realizada no dia 20 de setembro de 1995, Campinas, SP;

⁷ - Motta, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena R. História da Folha de São Paulo (1921-1981). São Paulo, Impress, 1980, p. 188;

⁸ - s/A. “Binh Ghia: 121 mortos em 2 dias” in Folha de São Paulo, São Paulo, Agência Folhas, 02/01/65, p. 2; e s/A, “Vietnã: Governo envia mais tropas à luta em Binh Ghia”. São Paulo, Agência Folhas, 03/01/65, p. 2;

⁹ - s/A. “Moscou adverte EUA que ajudará Hanói” in Folha de São Paulo, São Paulo, Agência Folhas, 04/01/65, p. 2;

Até então, a posição soviética, sob a liderança de Krushev, pretendia conseguir uma saída negociada do conflito, considerando as possibilidades de uma política de “coexistência pacífica” com os Estados Unidos. A pressões internas sofridas por Krushev (que resultariam na sua queda e na ascensão de Brezhnev) alteraram essa orientação, o que explica essa mudança de apoio.

Estudantes sul-vietnamitas e budistas prepararam manifestações contra o governo, enquanto tropas governamentais sofriam derrota em Binh Chia. As manifestações foram grandes, desobedecendo à lei marcial. O Departamento de Estado dos Estados Unidos procurou minorizar a importância das manifestações estudantis e religiosas, tentando mostrar que as informações vinculadas pela imprensa exageravam o número de manifestações e de manifestantes envolvidos.¹⁰ Como podemos perceber, as divergências com a imprensa eram uma constante, e prosseguiriam nos anos seguintes.

Tais circunstâncias indicavam que a guerra estava longe de ter uma saída pacífica negociada. Newton Carlos especificou que a escalada da guerra (ou seja, a intensificação progressiva do esforço de guerra) era geral, com ambos os lados atuando neste sentido, levando a crise do Vietnã a um ponto crítico.¹¹ Opções foram propostas, mas a inflexibilidade dos lados impedia a progressão de negociações mais produtivas.

No editorial da Folha de São Paulo de 3 de setembro de 1965, insinua-se uma saída, utilizando-se como exemplo os acontecimentos da República Dominicana, onde o comunismo foi “afastado” pela negociação entre as partes, sob responsabilidade da OEA. Na verdade, o país foi invadido por forças da América Latina (sob liderança dos Estados Unidos e total cooperação brasileira, inclusive com o envio de tropas) e a guerra civil culminou na derrota dos grupos guerrilheiros de esquerda. Foi uma das aplicações práticas da nova orientação política do regime militar, totalmente impregnado pelo imaginário da Guerra Fria.

¹⁰ - s/A. Vietnã: Tropas do Governo Sofreram nova derrota” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 05/01/65, p. 2;

¹¹ - Carlos, Newton. “Escalada Geral da Guerra do Vietnã.” in Folha de São Paulo (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, Agência Folhas, 16/12/65, p. 2;

Dentro dessa perspectiva política, os norte-americanos seguiriam as orientações do editorial, pois enviaram tropas para conter o comunismo no Vietnã do Sul. Com a entrada destes na guerra, o interesse da imprensa mundial cresceu de maneira significativa.

O governo e o comando militar norte-americano, querendo que a cobertura da guerra fosse a melhor possível (ou seja, a mais favorável possível para o seu lado), montou uma campanha de relações públicas, altamente profissional, para divulgar a sua versão da guerra,¹² procurando conquistar os “corações e mentes” não apenas do público norte-americano, mas também do resto do mundo.

O comandante-chefe das forças norte-americanas no Vietnã do Sul, o general Westmoreland, procurou usar a mídia para reforçar a imagem de poder dos Estados Unidos, ele mesmo colocando-se sob o foco das atenções, ganhando um espaço na mídia muito grande, sendo o general mais fotografado da sua era,¹³ chegando a ser considerado como o “homem do ano” pela revista The Time, tendo na capa deste número sua imagem como uma estátua de ferro, querendo insinuar sua firmeza e determinação.¹⁴

No Brasil, a revista Fatos & Fotos também publicaria uma matéria sobre o general Westmoreland, com um título, muito expressivo, de “O Homem que faz a Guerra do Vietnã”, mostrando o seu dia-a-dia, numa construção noticiosa de sua imagem como a de um “grande homem”, um grande líder, que não se deixaria abater contra os inimigos.¹⁵ Tal construção seria minada nos anos seguintes, e destruída em 1968, principalmente pela ofensiva do Tet.

Essa demonstração de confiança no general Westmoreland mostrava o posicionamento da imprensa, nesse momento da guerra. A imprensa norte-americana, apoiando as ações dos seus militares, dava a devida cobertura favorável, mesmo revelando todas as dificuldades

¹² - Knightley, Phillip. A Primeira Vítima. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, p. 482;

¹⁴ - Annett, Peter. Ao Vivo do Campo de Batalhas - do Vietnã a Bagdá, 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 226;

¹³ - extraído do documentário Querida América - Cartas do Vietnã, apresentado pela Rede Bandeirantes em 1995;

¹⁵ - Lagaride, Jean-Paul. “O Homem que Faz a Guerra do Vietnã” in Fatos & Fotos. Número 300, Brasília, Editora Bloch, 1966, pp. 24-28;

que existiam no Vietnã do Sul. Tal apoio, muitas vezes, significava passar a versão dos militares, mesmo que estranhas ou duvidosas. A chegada de um grande número de correspondentes ao Vietnã do Sul, norte-americanos ou não, foi calculada pelas forças armadas norte-americanas, que prepararam a recepção.

Os Correspondentes de Guerra

As Agências do Serviço de Informações dos Estados Unidos no mundo inteiro receberam ordens para estimular os correspondentes a irem ao Vietnã, inclusive fornecendo-lhes o dinheiro que faltasse. Qualquer correspondente receberia um tratamento cheio de hospitalidades, indiferentemente do meio que ele representasse.¹⁶ Tal tática tinha objetivos claros, ou seja, tentar transformar os correspondentes em parte da máquina de propaganda de guerra, numa tentativa de impedir um volume muito grande de críticas negativas por parte da imprensa, como tinha acontecido antes de 1964.

Para se conseguir as credenciais de correspondente não era necessário muito esforço. O correspondente requeria na embaixada sul-vietnamita de seu país um visto de entrada que era facilmente concedido. Ao chegar na cidade de Saigon, o correspondente apresentava-se, inicialmente, às autoridades sul-vietnamitas, conseguindo o visto para trabalhar. Depois apresentava-se às autoridades norte-americanas com uma carta do órgão para o qual trabalha, que consistia num pedido de credenciais, responsabilizando-se por ele. Caso fosse um repórter *free-lancer*, precisava de cartas de duas organizações de imprensa prontificando-se a comprar seus despachos.¹⁷

O correspondente recebia um cartão de credenciais que o identificava e declarava:

¹⁶ - Knightley, Phillip, *op. cit.*, p. 482;

¹⁷ - Knightley, Phillip, *idem*, p. 509;

*"O portador deste cartão deve contar com plena cooperação e assistência... para garantir-lhe a realização bem sucedida de sua missão. O portador fica autorizado a receber rações e alojamento, à base do reembolso. Com a apresentação deste cartão, o portador está habilitado a transporte aéreo, aquático e terrestre, numa prioridade de 3..."*¹⁸

Depois, o correspondente assinava um acordo comprometendo-se a obedecer a uma série de quinze regulamentos locais. O cartão do Comando de Assistência Militar no Vietnã (MACV, em inglês, *Military Assistance Command Vietnam*) garantiria ao correspondente o acesso às sessões diárias de informações sobre a marcha da guerra, no Departamento Reunido de Questões Públicas dos Estados Unidos (JUSPAO), por onde passavam as informações mais oficiais possíveis, que tinham pouca credibilidade para os correspondentes em geral.¹⁹

Tal esforço para cooptar correspondentes ou facilitar-lhes o trabalho acabou não dando os resultados esperados pelas forças norte-americanas. Em primeiro lugar, os correspondentes pré-64 ainda continuavam no Vietnã do Sul, mudando muito pouco de opinião em relação à guerra e à política norte-americana, mas com um público ainda maior de leitores em todo mundo (o próprio Johnson tinha, em seu escritório de trabalho na Casa Branca, teletipos das principais agências de notícias, raramente ficando satisfeito com o que lia).²⁰

Em segundo lugar, o número muito grande de correspondentes dificultava qualquer controle no fluxo de notícias, apesar de as autoridades norte-americanas não terem utilizado a censura. O mesmo não ocorria nas publicações locais do Vietnã do Sul. Mesmo não controlando as notícias dos correspondentes estrangeiros, o governo sul-vietnamita chegou a impedir que muitos deles voltassem ao Vietnã do Sul, caso tivessem de sair do país por qualquer motivo.²¹

Em terceiro lugar, a própria natureza da guerra, sem frentes definidas, com um inimigo oculto, com atos de terrorismo e com uma violência aguda (tanto do Vietcong quanto das forças sul-vietnamitas e norte-americanas) produzindo as mais espetaculares notícias em qualquer

¹⁸ - Knightley, Phillip. *idem*, pp. 509-510;

¹⁹ - Knightley, Phillip. *idem*, *ibidem*;

²⁰ - Arnett, Peter. *op. cit.*, p. 334;

²¹ - Knightley, Phillip. *op. cit.*, p. 492;

momento ou lugar, sempre em grande número, inviabilizava qualquer controle. As características políticas da guerra atingiam também os correspondentes, pois as atrocidades eram cometidas pelos dois lados, transformando-se em cenas roineiras.

Cobrir o do Vietnã do Norte era bem mais difícil, e pouco recomendável para correspondentes norte-americanos. Para se conseguir ser correspondente no Vietnã do Norte as dificuldades eram enormes, pois as autoridades norte-vietnamitas escolhiam quem poderia cobrir a guerra no seu país tendo em vista conveniências ou ganhos políticos, facilitando a entrada de correspondentes dos países comunistas (mais dispostos a colocá-los como vítimas, e que além disso facilitavam o apoio desses governos, justificado pelas descrições dos horrores dos bombardeios), e dificultando ao extremo a entrada de correspondentes de outros países.²²

O primeiro correspondente famoso do ocidente a conseguir chegar a Hanói foi o jornalista norte-americano Harrison Salisbury, do New York Times. Suas matérias sobre os bombardeios no Vietnã do Norte provocaram polêmica mundial, já que o correspondente afirmava categoricamente que os bombardeios atingiam não apenas os alvos estratégicos e militares, quase sempre bem protegidos por armamentos chineses e soviéticos, mas também alvos civis, como hospitais, escolas, fábricas com mínima ou sem qualquer utilidade militar e aldeias insignificantes, produzindo muitas vítimas civis inocentes.²³

Suas matérias não seriam bem aceitas nos Estados Unidos, sendo acusado de ingenuidade e de estar apenas reproduzindo o discurso de Hanói. No Pentágono ele era chamado de “Ho Chi Salisbury”.²⁴ Seu nome foi recomendado para o prêmio Pulitzer de 1967, e ele chegou inclusive a ganhá-lo, mas o conselho diretivo do prêmio alterou tal decisão, o que mostrava o peso político de suas reportagens.²⁵

²² - Knightley, Phillip. *idem*, p. 526;

²³ - para maiores informações, ver Salisbury, Harrison. Um Americano em Hanói. Lisboa, Publicações Dom Quixote, s/D;

²⁴ - Knightley, Phillip. *op. cit.*, p. 526;

²⁵ - Salisbury foi recomendado, pelo júri do Prêmio Pulitzer, para uma láurea, em votação que obteve resultados de 4 contra um, mas a Junta Consultiva do Pulitzer rejeitou a recomendação por seis votos contra cinco. Knightley, Phillip. *idem*, p. 527;

Do lado Vietcong, muito pouco foi produzido, com exceção de matérias do jornalista australiano Wilfred Burchett, que, além de simpatizante da causa Vietcong (era comunista), participava da luta com os guerrilheiros, sendo muitas vezes confundido como um “fantasma” pelo reconhecimento norte-americano.²⁶

O interesse pela guerra cresceu mundialmente e o Brasil não foi exceção: várias publicações começaram a cobrir intensamente a guerra. As grandes preocupações da imprensa, nesse momento da guerra, eram com a presença norte-americana no Vietnã do Sul - isso explica a razão das reportagens terem sido em maior número do lado norte-americano.

A revista Fatos & Fotos foi o primeiro órgão da imprensa brasileira a enviar correspondentes ao Vietnã do Sul, em 1966 - os jornalistas Murilo Melo Filho e Gervásio Batista, que realizariam grandes reportagens nos locais de combate. O fascínio da experiência de se estar no campo de batalha seria a maior característica das reportagens desses correspondentes, mas o horror da guerra não escapava também.²⁷

O envio dos dois jornalistas até o campo de guerra serviu também como notícia: “Ásia de Sangue - F&F/A Primeira Revista Brasileira a Mandar Repórteres à Guerra do Vietnã”.²⁸

Ainda sobre os correspondentes de guerra, a revista Fatos & Fotos publicaria um informe publicitário sobre o papel da imprensa na sociedade, o que mostra bem como a problemática da Guerra do Vietnã estava presente na imprensa brasileira. O informe elogia o homem de imprensa, destacando os seus riscos para trazer a notícia:

“Todo dia há alguém no Vietname arriscando a vida para que você seja bem informado. O resultado de sua missão de ontem pode estar em apenas cinco linhas do jornal de hoje, na manchete, ou na cesta do Secretário.”²⁹

²⁶ - Knightley, Phillip. *idem*, *ibidem*;

²⁷ - Melo Filho, Murilo e Batista, Gervásio. “Paz Feita de Sangue.” in Fatos & Fotos. Número 272, Brasília, Editora Bloch, 1966, pp. 2-11;

²⁸ - s/A. “Ásia de Sangue - F&F/A Primeira Revista Brasileira a Mandar Repórteres à Guerra do Vietnã” in Fatos & Fotos. Número 272, Brasília, Editora Bloch, 1966, capa;

²⁹ - s/A. “Anúncio Publicitário” in Fatos & Fotos, Número 297, Brasília, Editora Bloch, 1966, pp. 6-7;

A Guerra do Vietnã tinha força bastante para justificar um anúncio desta natureza, pois além de ser um tema conhecido que crescia e interessava a um número cada vez maior de leitores, era suficientemente violento para que a referência pudesse ter todos os requisitos para chamar a atenção. A produção de notícias de guerra na região envolvia muitos riscos, tanto de um lado quanto do outro. José Hamilton Ribeiro, em 1968, conheceria na própria carne esses riscos, pisando numa mina e perdendo o pé, como veremos mais adiante.

A grande imprensa ainda era anticomunista, e sua posição tendia para o lado norte-americano, ainda que destacando os receios de uma Terceira Guerra Mundial. À medida que a guerra se desenvolvia e os riscos de uma Terceira Guerra ficavam cada vez menores, a guerra, em si, começou a ser melhor destacada.

Publicações de valor intelectual duvidoso, mas com claros interesses comerciais, começaram a aparecer, pois a guerra tornara-se um assunto “quente” em termos de venda. A revista Fatos & Fotos publicou um anúncio de um livro sobre a Guerra do Vietnã, A Verdade Sobre o Vietnã, contendo, conforme o anúncio, “informações secretas” e “fotos inéditas” e mesmo a “história completa da crise que abala o mundo”.³⁰ A mediocridade intelectual da obra é menos importante do que o interesse na sua publicação, mostrando que o assunto assumia uma grande relevância no mercado editorial brasileiro.

Começavam a surgir vozes divergentes da política norte-americana no Brasil. Depois de referendar a política norte-americana após o Incidente de Tonquim, em 1964, o comportamento da imprensa brasileira em relação à guerra começou a se alterar, mesmo que lentamente.

Na imprensa brasileira as análises da guerra começaram a ocupar espaços cada vez maiores. A Folha de São Paulo tinha a coluna de Newton Carlos, sendo o melhor que a página internacional do jornal poderia oferecer. Suas análises eram muito bem elaboradas, e, muitas vezes,

³⁰ s/A Anúncio Publicitário sobre o livro A Verdade Sobre o Vietnã in Fatos & Fotos, Número 218, Brasília, Editora Bloch, 1965, p. 35;

antecipavam questões referentes à guerra, bem como ao “panorama internacional” (que era o título da sua coluna), que pareciam não existir na imprensa brasileira.

E foi na sua coluna que apareceu uma das primeiras avaliações negativas do envolvimento norte-americano no Vietnã, versando sobre a indefinição do governo norte-americano em relação à guerra, criticando a falta de rumo do governo Johnson. Afirmava que a saída, se houvesse, seria uma solução de compromisso, como a do Laos, contendo tanto os chineses quanto a direita norte-americana, representada na figura do senador e ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, Goldwater.³¹ É interessante observar que essa análise foi feita ainda em janeiro de 1965, quando as tropas norte-americanas ainda não haviam chegado efetivamente.

Ainda em 1965, ocorreu a primeira grande manifestação pacifista dentro dos Estados Unidos que reuniu cerca de 25 mil pessoas. Nesta manifestação, as preocupações eram com o risco de uma Terceira Guerra Mundial que poderia ter início no confronto direto com os chineses no Sudeste Asiático. Ainda não era uma manifestação dominada por grupos da contracultura, embora alguns deles já estivessem presentes, como os jovens pertencentes à Students for a Democratic Society (SDS).³²

A imprensa brasileira cobriu essa manifestação. A revista Fatos & Fotos, em reportagem de João Luiz Albuquerque, correspondente da revista em Washington, mostraria que os 20 mil manifestantes (*sic*) acabaram formando a maior marcha de protesto dentro dos Estados Unidos desde 1963 e que a guerra não era aceita por todas as camadas da população norte-americana. No mesmo artigo, as contra-reações à marcha também são demonstradas, principalmente pela marcha em Nova Iorque, a favor da guerra.³³

³¹ - Carlos, Newton. “Kennedy e o Vietnã” in Folha de São Paulo (seção “Panorama Internacional”), São Paulo, Agência Folhas, 12/01/65, p. 2;

³² - Tuchman, Barbara W. A Marcha da Insensatez: de Tróia ao Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986, p. 328;

³³ - Albuquerque, João Luiz de. “A Grande Marcha sobre Washington” in Fatos & Fotos. Número 254. Brasília, Editora Bloch, 1965, pp. 6-9;

Neste mesmo número da revista apareceria outra análise sobre os riscos de uma Terceira Guerra Mundial, que poderia surgir da Ásia - a região de maiores problemas desse momento. E o Vietnã era o "mais grave problema da Ásia".³⁴

Mesmo mantendo sua linha de enfatizar o medo de uma Terceira Guerra Mundial, a revista Fatos & Fotos também abordaria as possibilidades de término do conflito. Júlio Gutiérrez, correspondente estrangeiro, fez uma análise sobre as possibilidades de paz na região. O autor argumenta que a paz foi conseguida na República Dominicana através do Ato de Reconciliação, promovido pela intervenção da OEA, e que a paz no Vietnã dependia de negociações e da flexibilização dos dois lados. O problema é que o lado Vietcong era inflexível, reduzindo muito a viabilidade da paz. Mas a esperança continuava, termina Gutiérrez.³⁵ O que Gutiérrez não previa é que essa inflexibilidade cresceu ainda mais, nos dois lados, depois da batalha de Ia Drang. E foi a imprensa, principalmente a imprensa televisiva, que ajudou na construção da "vitória" norte-americana em Ia Drang, em novembro de 1965.

A Construção da "Vitória" na Batalha de Ia Drang e suas Conseqüências na Guerra

A batalha do Vale de Ia Drang é um dos marcos da guerra, pois foi a primeira de grandes proporções envolvendo forças norte-americanas que chegaram depois do Incidente de Tonquin (mesmo a batalha de Binh Glua ainda envolvia os chamados "conselheiros" e forças do Vietnã do Sul).³⁶ O Vale de Ia Drang ficava perto da fronteira do Vietnã do Norte, tendo sido detectada a presença de forças norte-vietnamitas na região e enviadas para lá forças norte-americanas para uma operação de "limpeza".

³⁴ - Lins, Ronaldo. "A III Guerra nasce na Ásia" in Fatos & Fotos. Número 254, Brasília, Editora Bloch, 1965, pp. 58-62;

³⁵ - Gutiérrez, Julio e Lagarride, Jean-Paul. "A Dupla Esperança de Paz" in Fatos & Fotos. Número 241, Brasília, Editora Bloch, 1965, pp. 64-67;

³⁶ - os comentários que vem a seguir foram extraídos do documentário Ia Drang - A Primeira Batalha da Guerra do Vietnã, produzido pela NBC e exibido em 1994;

As lutas que se seguiram à chegada dos norte-americanos foram de grande violência, tendo seu desfecho decidido pela aviação, que bombardeou as forças norte-vietnamitas (e alguns norte-americanos também, pois dois aviões operavam com coordenadas erradas).

Um segundo batalhão chegou em substituição ao primeiro, caindo numa emboscada (entraram no meio das forças norte-vietnamitas, que ficaram admiradas, pensando que se tratava de algum truque), e, depois de quase terem sido eliminados pelas forças norte-vietnamitas, a aviação atacou o local, bombardeando quem estivesse embaixo, pois as forças em luta estavam muito próximas. Os norte-americanos que sobreviveram foram recolhidos, humilhados pela derrota.

Para surpresa dos soldados sobreviventes, o que lhes parecia uma grande derrota foi transformado numa grande vitória, sendo que o próprio general Westmoreland, congratulou-os pelos excepcionais resultados. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, ressaltavam o excelente desempenho das tropas em combate, insinuando que os comunistas poderiam ser batidos em seus próprios domínios.

Conseqüências de Ia Drang: Aspectos da Participação Norte-Americana no Vietnã do Sul

O efeito mais significativo de Ia Drang foi no campo militar. Para os chefes-militares norte-americanos, a lição aprendida foi que o maior número de baixas do inimigo seria o fator que determinaria a vitória ou a derrota. A contagem de corpos ("*body count*") transformou-se na política de guerra das forças norte-americanas.³⁷ A imprensa norte-americana aceitou essa política, pelo menos até 1968.

Utilizando o maior poder de fogo de seus armamentos e tropas melhor armadas e treinadas, as forças norte-americanas conseguiam impedir qualquer avanço Vietcong, sem a

³⁷ - Especial de Televisão Ia Drang - A Primeira Batalha da Guerra do Vietnã, op. cit.;

necessidade de convocações excessivas, o que poderia resultar numa imagem negativa dentro dos Estados Unidos, pois as que eram feitas já provocavam inúmeros protestos.³⁸

Tal política de guerra mostrou-se um desastre. O outro lado também aprendeu suas lições na batalha de Ia Drang, e a principal foi que os norte-americanos sentiam cada baixa sofrida, enquanto que as forças rebeldes (Vietcong e Exército do Vietnã do Norte, em ações combinadas ou em separado) poderiam sofrer pesadíssimas baixas para ganhar a guerra, ou seja, estavam mais prontas para sacrificar tudo numa vitória do que os norte-americanos, que sofriam pressões internas dependendo das baixas sofridas.³⁹ Dentro dessa perspectiva, a tática do Vietcong seria quase que suicida.

Com a trilha Ho Chi Minh⁴⁰ fornecendo o abastecimento de suprimentos e de homens, o Vietcong lutaria onde e quando achasse melhor, sempre levando em conta as condições do terreno (para dificultar o maior poder de fogo dos norte-americanos, eles lutariam praticamente “colados” nas tropas inimigas) e as motivações psicológicas (os norte-americanos deveriam saber que não eram bem-vindos e que não existia lugar seguro para eles em todo o Vietnã), podendo determinar o número de baixas que poderiam ter, sendo esse número sempre muito maior do que os estrategistas norte-americanos poderiam supor.⁴¹ Logo, as baixas norte-americanas começaram a crescer, levando a guerra a um impasse no ano de 1966, que só se resolveria com a Ofensiva do Tet no início de 1968.

Possibilidades de paz surgiram, entretanto. Uma das maiores aconteceu no final de 1965, quando foi estabelecido uma trégua para o Natal. A Folha de São Paulo a destacou com insistência em várias manchetes principais de capa. Até mesmo o céfice Newton Carlos concordou que existiam “sintomas evidentes de que o desejo de negociar é geral, o que poderá transformar uma trégua de Natal num começo de paz a longo prazo.”⁴² No dia de Natal, a grande manchete anunciava

³⁸ - s/A. “O Triste Adeus à Inocência” in Coleção Guerra na Paz, V.4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, pg. 837;

³⁹ - Coleção Guerra na Paz, op. cit., p. 836;

⁴⁰ - trilha montanhosa que ligava o Vietnã do Norte ao Vietnã do Sul através do Laos e do Camboja, que servia de linha de reabastecimento para o Vietcong;

⁴¹ - s/A. “A Guerra Invencível” in Coleção Guerra na Paz, V.3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 573;

⁴² - Carlos, Newton. “Guerra no Vietnã às Vésperas do Natal” in Folha de São Paulo (seção “Panorama Internacional”), São Paulo, Agência Folhas, 21/12/65, p. 2;

que “Silenciam os canhões no Vietnã”, complementando que a trégua de Natal estava sendo respeitada.⁴³ As esperanças de uma paz mais duradoura morreriam logo, pois a trégua foi violada - como a manchete do dia seguinte destacava, “EUA denunciam violada a trégua”, com acusações de ambos os lados por a terem rompido.⁴⁴ No dia 27, a guerra se reinicia⁴⁵ e, apesar de uma inexplicada calma nos dias seguintes,⁴⁶ a paz não chegaria tão cedo.

A determinação de ambos os lados ficaria cada vez mais intensa. A viagem de Lyndon Johnson aos países aliados na Guerra do Vietnã no pacífico (Austrália, Nova Zelândia, Coréia do Norte, Filipinas, etc.) receberia a cobertura da revista Fatos & Fotos, que destacaria uma interessante frase do presidente norte-americano, que “pregava a paz” e perguntava: “Que adianta continuar uma guerra que não podeis vencer?”⁴⁷

Provavelmente tais palavras poderiam perfeitamente terem sido ditas pelo presidente norte-vietnamita Ho Chi Minh, que defendia a mesma idéia, apenas trocando de lado.

Em 1966, mais uma vez, a revista Fatos & Fotos analisaria a Guerra do Vietnã pensando nas possibilidades de uma Terceira Guerra Mundial. Desta vez, o autor é Roberto Pereira, que destacou os riscos de uma guerra nuclear - o Vietnã é apresentado, como não poderia deixar de ser, como um dos focos de tensão.⁴⁸

A virada de 1966 para 1967 não foi tão esperançosa como havia sido a virada de ano anterior. As possibilidades de aumentar a escalada eram iminentes, e foram destacadas por Luiz Edgar de Andrade na revista Fatos & Fotos. O posicionamento da imprensa em relação à guerra mudara de vez, e as palavras de Edgar de Andrade dão bem a medida das mudanças:

⁴³ - s/A. “Silenciam os Canhões no Vietnã” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 25/12/65, p. 1 (capa);

⁴⁴ - s/A. “EUA Denunciam: Violada a Trégua” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 26/12/65, p.1 (capa);

⁴⁵ - s/A. “Reiniciada a Guerra no Vietnã” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 27/12/65, p. 1 (capa);

⁴⁶ - s/A. “Calma Inexplicada no Vietnã” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 28/12/65, p. 1 (capa);

⁴⁷ - Garcia, Roberto e Andrade, Luiz Edgar de. “Johnson - Viagem ao Outro Lado do Mundo” in Fatos & Fotos. Número 302, Brasília, Editora Bloch, 1966, pp. 62-65;

⁴⁸ - Pereira, Roberto. “Terceira Guerra - O Planeta Ameaçado.” in Fatos & Fotos. Número 278, Brasília, Editora Bloch, 1966, pp. 51-54;

“O governo de Hanói não se rendeu e aos poucos o Pentágono se convence de que a única maneira de ganhar a guerra é destruir totalmente os dois Vietnãs, até a morte do último vietnamita.”⁴⁹

A Cobertura dos Meios de Comunicação

A televisão, nos Estados Unidos, começava a interferir na percepção da guerra. Na luta para se conquistar “corações e mentes” a televisão norte-americana estava engajada com o governo e sua política de força no Vietnã do Sul. Esse engajamento produziu os seus efeitos, ou seja, a maior parte da população norte-americana encontrava, na produção televisiva, razões para apoiar o governo, respondendo, a maior parte do tempo, ao que esses meios produziam em termos de conteúdo.

Apesar disso, existiram algumas exceções. Um documentário exibido em agosto de 1965, feito pela CBS, expôs uma parte das atuações negativas das forças norte-americanas no Vietnã. A reação do público foi muito negativa em relação ao programa, chegando a haver reclamações de que o programa seria de propaganda comunista, o que inviabilizou qualquer outra iniciativa do tipo por algum tempo.⁵⁰

Apesar disso, vozes divergentes, dentro dos Estados Unidos, também começavam a crescer. A contestação à guerra crescia não apenas pelas exceções, como esse documentário, mas também pela produção de toda a imprensa norte-americana. Essa produção, que estava a favor da guerra, era também usada, pelos contestadores, como argumento para se criticar o envolvimento norte-americano no Vietnã.

O Congresso norte-americano tentaria recuperar o poder para decidir sobre a guerra, convocando várias autoridades do executivo para debater, publicamente, a política de guerra. Newton

⁴⁹ - Andrade, Luís Edgar de “O Mundo de 66 Diante de 67 - Internacional 66/67 - Vietnã, a Escalada que Pode Aumentar.” in *Fatos & Fotos*. Número 310, Brasília, Editora Bloch, 1967, pp. 18-23;

⁵⁰ - Knightley, Phillip, op. cit., p. 500;

Carlos discute essa tentativa de retomada colocando a televisão em destaque, pois ela transmite, de maneira inédita, o inquérito público sobre a guerra, “já agora uma guerra norte-americana.”⁵¹

O “espaço” de contestação à guerra, criado entre o discurso e a produção televisiva (imagens/sons/movimentos), vai se tornando mais evidente. Foi esta contradição entre o discurso que era apresentado e a representação da produção televisiva que o ilustrava que possibilitou a abertura de “espaços” para que a contestação crescesse. À medida que aumentava a precisão da produção televisiva, que, por sua vez, estimulava as produções noticiosas dos outros meios, a contestação à guerra crescia.

Em 25 de junho de 1967, o sistema de transmissão por satélites na televisão foi inaugurado através do programa *Our World*, numa apresentação do conjunto inglês *The Beatles* com a música “*All you need is Love*”, que se transformaria posteriormente num hino *hippie*. O público aproximado desta apresentação foi de 400 milhões de pessoas - o maior público telespectador registrado até aquele momento. Mas não seriam as mensagens otimistas de amor universal que predominariam nas transmissões via satélite: a guerra predominaria por bastante tempo.⁵²

As novas tecnologias da imprensa aproximavam o que era noticiado, além de diminuir o tempo entre o ocorrido e a transmissão de sua versão noticiosa, o que também aumentava o impacto da notícia, tanto na sua percepção quanto no tempo de sua reação. O alcance da produção televisiva sobre a guerra atingiria proporções inéditas até aquele momento. Nunca, até então, uma cobertura de guerra atingiria tantas pessoas com tamanha precisão de imagens e sons. O auge ocorreria em 1968, durante a Ofensiva do Tet.

A contracultura alimentava-se dessa produção, justificando nelas os seus atos de contestação à guerra, encontrando uma identidade. A contracultura crescia, mas sempre foi um movimento de minorias - mais especificamente, jovens universitários que estavam isentos do serviço

⁵¹ - Carlos, Newton. “Uma Nova Visão do Vietnã” in *Folha de São Paulo* (seção “Panorama Internacional”) São Paulo, Agência Folhas, 05/03/66, p. 2;

⁵² - a apresentação dos *Beatles* pode ser acompanhada no documentário *Anthology* exibido pela Rede Globo em 1995.

militar e que pouco podiam efetivamente fazer para aumentar o número de pacifistas; até pelo contrário, já que seu comportamento de vida ia contra os valores da maioria da população norte-americana. Essas manifestações contraculturais recebiam cobertura da mídia, principalmente da televisão, aumentando mais ainda o seu impacto.

As reações contra a guerra aumentariam, como na Manifestação em Nova York, com aproximadamente 100 mil pessoas, que reuniram-se no Central Park e marcharam até o prédio da ONU, contra a Guerra do Vietnã.⁵³

A contestação chegaria ao seu auge na grande manifestação em Washington, em 1967, conhecida como “Os Degraus do Pentágono”, que contou com a presença de 200 mil manifestantes, tendo um público bem variado de contestadores, e não apenas universitários.⁵⁴

A Marcha do Pentágono provocou reações na imprensa. O editorial da Folha de São Paulo sobre ela merece destaque. O editorial abre argumentando que essa manifestação está no centro de uma complexa situação que envolve a Guerra do Vietnã e, com certeza, irá estimular a luta vietnamita contra os Estados Unidos, pois “governantes norte-vietnamitas não escondem que estão lutando não tanto para conquistar o Vietnã do Sul e levar ao poder seus aliados da Frente de Libertação Nacional, mas para minar a vontade dos Estados Unidos de prosseguirem no seu presente esforço bélico.”⁵⁵

Nesse ínterim, a imprensa brasileira assistira a formação do Jornal da Tarde, em 1966, e da Folha da Tarde, em 1967, sendo que este último jornal se destacaria por uma cobertura muito maior que a do Jornal da Tarde em termos da Guerra do Vietnã, principalmente das manifestações contra a guerra. Bernardo Kucinski nos pondera que:

⁵³ - a Folha de São Paulo destacaria essa manifestação. s/A. “Manifestação em Nova York contra o Vietnã.” in Folha de São Paulo, Agência Folhas, 16/04/67, p. 2;

⁵⁴ - para detalhes sobre os grupos de manifestantes pacifistas ver Mailer, Norman. Og Exércitos da Noite (Os Degraus do Pentágono). Rio de Janeiro, Record, 1985;

⁵⁵ - s/A. “Manifestações” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, p. 4;

“Folha da Tarde destacou-se não só pela cobertura dos protestos contra o regime militar no Brasil, como também pela cobertura das gigantescas manifestações contra a guerra do Vietnã e da revolução estudantil na França. Havia até uma competição entre a equipe da Folha da Tarde, onde era maior a influência da nova esquerda, e a de Última Hora, onde era mais nítida uma linha AP.”⁵⁶

A imprensa alternativa começava a ganhar seus interlocutores e, como na citação de Kucinski, suas divergências.

A página internacional da Folha da Tarde, nessa época, era editada por Ítalo Tronca, trabalhando com ele, como redatores, Ricardo Maranhão e Jorge Okubaro. As notícias sobre a guerra chegavam em grande quantidade pelos teletipos, e Ítalo Tronca as escolhia, simplificava, adaptava da melhor maneira possível para o espaço do jornal (procurando o maior impacto possível) e, principalmente, para o público leitor, pois as notícias tinham de ter sentido para o público.⁵⁷

Os Novos e Revolucionários Vespertinos de São Paulo

A Folha de São Paulo se modernizava, mas foi o grupo Estado que saiu na frente em termos de inovação ao publicar um vespertino, o Jornal da Tarde, em 1966, procurando ganhar o público deixado pela deterioração do jornal Última Hora de São Paulo (com uma redação cada vez mais sectária politicamente, mas que garantia alguma vendagem média, o que ainda justificava sua publicação).

Baseado no *New Journalism*, a influência norte-americana mostrava-se mais visível do que nunca. O *New Journalism*, com os destacados nomes de Tom Wolfe e Truman Capote, procurava fazer mais do que notícias: o próprio jornalista iria viver os acontecimentos, não mais separado do fato, como observador, mas participante dele.⁵⁸

⁵⁶ - Kucinski, Bernardo. op.cit., p. 39;

⁵⁷ - Tronca, Ítalo. Entrevista para o Autor, realizada em 18 de Outubro de 1995, Campinas, SP;

⁵⁸ - Lima, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas - O Livro Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993, p. 135;

O *New Journalism* era um dos frutos da contracultura norte-americana, que buscava a valorização, dentro da construção da notícia, da vivência e experiência do jornalista com o fato. No entanto, podemos encontrar traços da presença da televisão, pois com a integração da imagem/som/movimento com o público receptor que esse meio proporcionou, a idéia de participação ativa no fato cresceu substancialmente, estimulando os enfoques deste tipo de jornalismo.

O Jornal da Tarde, dirigido pelo jornalista Mino Carta, apresentava uma diagramação diferente da dos outros jornais, valorizando fotos e espaços em branco, numa linguagem nova e moderna para a época, realizando grandes reportagens (principalmente com temas envolvendo a cidade de São Paulo, o que lhe daria um público fiel, mesmo que localizado), revitalizando o espaço vespertino das publicações brasileiras.⁵⁹ O jornal apresentava suas reportagens de um maneira muito sentimental, valorizando os aspectos humanos da notícia, com era o espírito do *New Journalism*.

A criação deste vespertino foi estratégica ao grupo Estado, pois permitia ao seu jornal não ter os sustos e inconveniências que novas e modernas publicações pudessem causar, como foi o caso do Última Hora na década de 50, colocando-se à frente dessas inovações ou pronto para incorporá-las. A televisão, nessa segunda metade da década de 60, já era o meio de comunicação principal do país, e os problemas da imprensa escrita com esse meio eram uma realidade, e não mais algo indireto, vindo das matrizes dos países desenvolvidos.

O Jornal da Tarde foi uma resposta a essa nova situação, e seu sucesso atingiria a mídia escrita, principalmente o grupo Folhas, que lançaria também o seu vespertino, a Folha da Tarde, em 1967.

A Folha da Tarde (que existia anteriormente, mas seria retomada)⁶⁰ iria mais longe ainda que o Jornal da Tarde, com uma equipe muito variada e dinâmica, com pessoas como Frei Betto, Ítalo Tronca e o próprio Raimundo Pereira. Também foram influenciados pelo *New Journalism*, mas não apenas por esse tipo de jornalismo, pois havia uma redação diversificada, com

⁵⁹ - Lima, Edvaldo, op. cit., p. 137;

⁶⁰ - Tronca, Ítalo. Entrevista para o Autor, op. cit.;

vários profissionais de experiências diferentes, e com objetivos políticos diferentes,⁶¹ como, por exemplo, o Frei Betto (que era um frei católico) ou Raimundo Pereira (que era um ativista da esquerda radical), entre outros. Apesar dessa variedade, de um modo mais geral, a idéia da revolução socialista era o ponto principal de sua agenda.⁶² A grande diferença entre a Folha da Tarde e o Jornal da Tarde é que a redação da Folha da Tarde acreditava e queria a revolução.

O impacto televisivo também atingia o Brasil. Como vimos, a forma do meio de comunicação ganhava importância na imprensa escrita como um todo. O *New Journalism*, uma experiência nova, também se preocupava com a maneira de apresentar as notícias, ou seja, a representação das notícias passava também por questões envolvendo a sua forma. Neste sentido, os jornais Jornal da Tarde e Folha da Tarde investiram na parte gráfica e fotográfica, pois a vivência requerida por esta modalidade de jornalismo precisava também de uma “ambientação” coerente com o que estivesse sendo produzido em termos de notícia.

Como vimos, tanto o Jornal da Tarde como a Folha da Tarde procuravam, de uma maneira maior ou menor, no *New Journalism* as suas fontes de inspiração, desenvolvendo um novo tipo de jornalismo dentro do país. Mas foi a revista Realidade que proporcionaria as grandes inovações dentro dessa matriz.

Realidade: A Base da Imprensa Alternativa

A revista Realidade foi lançada em abril de 1966, era mensal, dirigida por Paulo Patara; tinha como conteúdo a reportagem baseada no social, na discussão crítica da moral e dos costumes, mostrando um Brasil em plena transformação. Além do ponto de vista jornalístico, tinha preocupações estéticas típicas do *New Journalism*, ou seja, narrativa baseada na vivência direta do jornalista com a realidade que pretende transpor, daí o nome da revista.

⁶¹ - Tronca, Ítalo, idem;

⁶² - Tronca, Ítalo, idem;

Chegou a ter tiragens de 400 mil exemplares e, mesmo pertencendo ao grupo Abril (que nada tinha de revolucionário), sua redação já funcionava como os jornais alternativos iriam trabalhar posteriormente. Discussões sobre as matérias (e as inevitáveis divergências entre os grupos de esquerda, que eram porém resolvidas democraticamente) eram colocadas apesar dos interesses dos donos da revista, pois seus membros faziam parte de células políticas clandestinas.

Também abriu as principais linhas da imprensa alternativa. Em 1968, a Ação Popular (AP), grupo político radical de esquerda, tinha abandonado a linha católica. Esse grupo ordenou que seus militantes saíssem da revista para se juntar ao povo, caindo na clandestinidade, se assim fosse necessário. Aqueles que se recusaram deram origem a uma linhagem da imprensa alternativa, a existencial e antidoutinária. Aqueles que aceitaram as diretrizes da AP formaram uma linhagem política (ligada, principalmente, a Raimundo Pereira).⁶³ Também existiria uma terceira linhagem, a humorística, principalmente saída da revista Pif-Paf.

A imprensa alternativa merece um destaque especial.⁶⁴ É difícil defini-la, realmente. Em primeiro lugar, opunha-se ao discurso oficial, procurando mostrar, justamente, novas idéias e comportamentos, tanto no nível pessoal quanto no político, algo difícil dentro de uma ditadura. Além disso, opunha-se à grande imprensa, que via como instrumento da burguesia para impor sua ideologia. Os alternativos tinham a sua própria ideologia, que variava de jornal para jornal. Em cada novo projeto alternativo, havia invariavelmente um episódio de fechamento de espaço da grande imprensa, empurrando jornalistas para a saída alternativa, mesmo que confusa ou mal-definida.

A figura do líder é importante, o que acabou por destacar figuras como Millôr Fernandes (Pif-Paf), Jaguar (O Pasquim), Raimundo Pereira (Opinião), entre outros. Em certos sentidos, foram suas preocupações e expectativas pessoais que impulsionaram os projetos alternativos, apresentados, muitas vezes, como projetos políticos mais universais. Não que a sua influência fosse

⁶³ - todas as informações sobre a revista Realidade foram discutidas a partir das reflexões de Kucinski, Bernardo op. cit., pp. 6-7;

⁶⁴ - todas as informações sobre a imprensa alternativa foram discutidas a partir das reflexões de "Apresentação" in Kucinski, Bernardo. idem, pp. XIII-XXVIII;

absoluta, nem todos que trabalhavam com o líder necessariamente concordavam com suas posições estéticas e políticas, mas, com certeza, suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento dos jornais como um todo.

O imaginário da década de 60 - ou seja, a revolução socialista - aparecia como a grande meta a ser alcançada por esses projetos. Primeiramente, como um caminho para a revolução, vista como inevitável. Depois, quando ela não se mostrava mais inevitável, como forma de resistência ao regime militar. Não havia preocupações com lucros, a "praga" do capitalismo, já que os jornais eram parte de um projeto de alcance político mais longo, que visava a revolução. Grande parte desses jornais tinha lideranças políticas de partidos clandestinos, que influíam nas decisões do jornal em todas as etapas de produção da notícia até a forma de apresentá-la.

Tal imprensa seria influenciada pela televisão? A resposta é não. A imprensa alternativa seria uma das últimas manifestações de uma geração ainda formada pela leitura, que procurava expor e defender suas idéias pela escrita, ligada a um imaginário representado pela cultura escrita. Não é que não fossem criativos ou vibrantes (mostrando que não apenas a televisão poderia estimular novos caminhos para a imprensa escrita), mas suas preocupações eram eminentemente intelectuais, procurando convencer, invariavelmente, um público letrado, ou melhor, que tivesse uma formação mais voltada para leitura. A televisão ganhava destaque nas matérias, mas dificilmente na forma desses jornais.

O aprofundamento da ditadura, através do AI-5, abria espaço outra vez para a imprensa alternativa, que surgiria com o humorístico O Pasquim, em 1969, preparando caminhos para inúmeros alternativos que surgiriam no decorrer da década de 70.

A revista Realidade, nesse momento da guerra, realizava uma cobertura muito tímida, com apenas uma matéria de destaque, em 1966, descrevendo o conflito no Sudeste Asiático desde a presença francesa até as tensões do momento. Apesar de tão escassas, as características do *New Journalism* apareceram, pois a matéria foi ilustrada por um belo ensaio fotográfico (valorização da imagem na construção da notícia), feito pelos repórteres Claude Sauer e Jean Durioux, que "nascem,

sofrem e morrem no Vietnã.” (expressão procurando mostrar o envolvimento dos jornalistas na reportagem).⁶⁵ A revista iria aumentar gradativamente as matérias sobre a Guerra do Vietnã em 1968, como veremos mais adiante.

O Sistema “Off-Set”

Não foram apenas as publicações baseadas no *New Journalism* que se preocuparam com recursos técnicos. A importância da técnica em relação ao conteúdo começava a ser percebida de uma maneira mais intensa, e os jornais procuravam modernizar-se. Neste aspecto, o jornal paulista Folha de São Paulo se destacaria.

A Folha de São Paulo, depois de passar por sua fase de contenção, entraria, de 1964 para frente, na sua fase de maior estabilidade econômica, preocupando-se com a modernização de seu parque gráfico e de sua distribuição. Em termos tecnológicos, seria o primeiro jornal brasileiro a contar com a produção em “off-set”, a moderna técnica de imprimir jornais a frio.

Até então, o sistema de impressão para os jornais era o tipográfico, um sistema metalúrgico, de prensagem do tipos nas chapas de chumbo quente, sendo mais lentas e dispendiosas, sem contar com as poucas possibilidades de variação gráfica. A empresa norte-americana HOE é que fornecia essa tecnologia à imprensa brasileira.

O sistema “off-set” já era utilizado, no Brasil, desde a década de 50, mas não na confecção de jornais, mas sim em gráficas comerciais, sendo um aparelho de tamanho pequeno, voltado para pequenas produções gráficas, ou mesmo para pequenas reproduções. Ainda na década de 50, seriam importados sistemas “off-set”, além do sistema de rotogravura, para a confecção única e exclusiva de revistas, pois a secagem do papel era mais lenta, o que impedia sua utilização numa produção gráfica diária.⁶⁶ Como observamos anteriormente, o sistema de rotogravura foi utilizado

⁶⁵ - Bauer, Claude e Dorieux, Jean. “Vietnã: 25 Anos de Guerra” in Realidade. Número 2, Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1966, pp. 32-41;

⁶⁶ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor. op. cit.;

pelas revistas Manchete e O Cruzeiro. Com a diminuição do tempo de secagem do papel, esse sistema tornou-se aplicável na produção de jornais.

O grupo Folhas importou o equipamento “off-set” de uma fábrica alemã, a *Gross*. A estréia desta nova técnica no jornal brasileiro aconteceu num caderno especial, “Grande São Paulo: Ano 2000”, discutindo o início das obras da construção do Metrô, pensando-se na cidade de São Paulo, seus problemas e suas soluções até o ano 2000.⁶⁷ Publicado em fascículos semanais, teve a propaganda de seu lançamento destacando a utilização, pioneira no Brasil, do sistema “off-set” na sua confecção.

O primeiro fascículo, publicado em setembro de 1967, apresentaria o novo sistema, com fotografias (inclusive coloridas), jogos visuais com gráficos e mapas da cidade, além de uma nova apresentação formal das matérias. Os fascículos teriam páginas com números irregulares (alguns números teriam 80 páginas, outros com 32, e assim por diante), e fariam sucesso, pelo menos pelas palavras do próprio jornal, sendo muito consumido por crianças.⁶⁸ A semelhança com a publicação do Atlas, em 1994, não é mera coincidência.

O grupo Estado e o Jornal do Brasil continuaram com seu fornecedor habitual, a HOE, que, para concorrer com a *Gross*, desenvolveu um sistema misto (meio tipográfico, meio “off-set”), que não funcionaria, levando a empresa à falência e prejudicando financeiramente e qualitativamente esses jornais.⁶⁹

Como vimos, a forma do meio de comunicação ganhava importância na imprensa escrita como um todo e sua tecnologia poderia determinar os caminhos de um meio. Mas seria no campo político que a produção da imprensa teria suas questões mais relevantes, e a Guerra do Vietnã seria um canal importante para o acirramento ideológico que se verificou. Foi o guerrilheiro argentino

⁶⁷ - vários autores. “Grande São Paulo: Ano 2000” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 31/09/67, fascículo um;

⁶⁸ - s/A. Reportagem sobre o Caderno “Grande São Paulo: Ano: 2000” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 10/10/67, p. 38

⁶⁹ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor. op. cit.;

e herói da Revolução Cubana, Ernesto “Che” Guevara, quem elevaria a causa vietnamita a um quadro mais amplo das representações políticas da década de 60.

“Criar Um, Dois, Três... Muitos Vietnãs!”

Houve uma reação guerrilheira, quando o coronel reformado do Exército Jefferson Cardim Osório, em julho de 1965, criou com 33 companheiros as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), apossou-se de um caminhão militar em Três Passos, no rio Grande do Sul e iniciou, no Sudoeste do Paraná, uma tentativa, frustrada, de guerrilha, que logo seria desbaratada, sem que se disparasse um tiro sequer.⁷⁰

Mesmo com a vitória dos militares, o imaginário da revolução continuaria nos anos seguintes a 1964, chegando no seu auge em 67/68, principalmente com a matriz imaginária que o Vietnã representaria.

Em 1965, Che Guevara escreveu um pequeno ensaio denominado Vietnam e a Luta Mundial Por Liberdade.⁷¹ Partia de um ponto de vista latino-americano para pensar a revolução em termos globais, principalmente no Terceiro Mundo, pois, como ele mesmo referiu, na “América Latina a luta avança, de armas na mão, na Guatemala, Colômbia, Venezuela e Bolívia, e os primeiros focos já estão aparecendo no Brasil”.⁷²

Guevara ressalta a herança comum da opressão no continente, bem como a linguagem e costumes semelhantes, favorecendo a criação de uma base comum. Che ressalta que é preciso uma luta continental, palco de muitas e grandes batalhas, “em nome da humanidade, em nome

⁷⁰ - Gorender, Jacob. Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada. São Paulo, Ática, 1987, p. 123;

⁷¹ - Guevara, Ernesto Che, original mimeografado, com referências extraídas de Kellner, Douglas. Che Guevara. Coleção “Os Grandes Líderes”, São Paulo, Nova Cultural, 1988, pp. 70-71;

⁷² - Guevara, Ernesto Che. Extraída de Kellner, Douglas. op. cit., p. 70;

da sua libertação”.⁷³ Os outros combates que estão acontecendo são pequenos e esporádicos, mas importantes, pois estão criando os mártires que figurarão na história das Américas.

Na sua visão messiânica da revolução, Guevara argumenta que a guerrilha praticada pelo Vietcong derrotaria as forças dos Estados Unidos, que tinham acabado de entrar em combate. O texto pregava a possibilidade de todos os países explorados seguirem os mesmos caminhos, e que a luta, apesar de árdua, minaria o poder imperialista dos Estados Unidos. A grande idéia de Che se resumiria numa das frases da década: “Criar um, dois, três...vários Vietnãs!”⁷⁴

O imaginário criado por Che Guevara era muito maior que qualquer idéia que o mais internacionalista comunista vietnamita poderia sonhar. Sonhar tal idéia poderia ser lógico para o momento, mas apresentava muitas dificuldades práticas. A guerrilha Vietcong tinha as suas especificidades, que raramente são encontradas em outros lugares, muito menos na América Latina (a própria guerrilha que levou Fidel Castro ao poder era muito diferente da praticada pelo Vietcong, por exemplo).

Não se contestava o empenho Vietcong na luta contra os Estados Unidos, mas alguns fatores devem ser considerados: o número de desertores crescia de acordo com as dificuldades encontradas; a própria FLN não era uma unidade total e incontestável, muitas das suas lideranças não eram comunistas, e havia um número respeitável de diferenças com o seu aliado, o Vietnã do Norte; a violência contra o camponês também era uma prática constante do Vietcong, mesmo que sua violência fosse mais seletiva que a dos sul-vietnamitas.

Mas tais especificidades foram esquecidas e desconsideradas. Quando Che Guevara escreveu sobre o Vietnã, a guerra ainda não tinha entrado no impasse, mas as palavras de Che Guevara confirmavam-se, uma a uma. As imagens da guerra mostravam guerrilheiros frágeis fisicamente enfrentando, sem recuar ou desistir, sofrendo pesadas privações, um exército melhor treinado e armado, fazendo qualquer coisa, por mais desumana ou violenta que fosse, para lutar por

⁷³ - Guevara, Ernesto Che. Extraída de Kellner, Douglas. *idem*, p. 71;

⁷⁴ - Guevara, Ernesto Che. Extraída de Kellner, Douglas. *idem*, *ibidem*;

sua causa. Que imagem poderia ser mais indicada para uma juventude que contestava os valores sociais (como a norte-americana e européia) ou que queria a revolução (como a latino-americana)? O próprio exemplo de Che Guevara, um homem do mundo, lutando por suas idéias sem se preocupar com o futuro ou com o que pensassem dele.

Um dos frutos deste imaginário foi a criação, pelo governo cubano, da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), órgão internacional que visava auxiliar grupos revolucionários da América Latina, mantendo inclusive campos de treinamentos de guerrilheiros. Em agosto de 1967, foi organizada uma conferência desta organização em Havana, e o imaginário de muitos Vietnãs era a palavra de ordem (sabia-se que Guevara estava em algum lugar da América Latina, preparando uma guerrilha).¹⁵

A idéia de foco revolucionário, tão cara aos pensamentos de Guevara, seria levada a cabo pelo grupo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), de liderança brizolista, que tentaria criar um “foco” na serra do Caparaó, em abril de 1967, mas, como a tentativa anterior no Sudoeste do Paraná, esta guerrilha foi facilmente desbaratada. As dificuldades de se criar novos Vietnãs ou do “foquismo” cubano eram imensas.

O próprio Guevara percebeu as dificuldades de se criar Vietnãs, sendo ele mesmo capturado e morto na Bolívia em outubro de 1967. Apesar desse revés, o movimento revolucionário internacional não se abateu, procurando a saída guerrilheira como uma opção válida.

O cabo Anselmo, sendo treinado como guerrilheiro (mas atuando como agente para os governos militares no Brasil), estava em Cuba na época da morte de Guevara e relata o impacto nos guerrilheiros:

¹⁵ - Goreneder, Jacob, op. cit., p. 75;

“Houve choro. (...) Eu ouvi pelo rádio e falei com o instrutor que era responsável pelo grupo. Ele chorou. (...) Voltou, no dia seguinte, dizendo que realmente tinha acontecido e fez um discurso dizendo que aquilo só deveria nos dar mais força, maior empenho, porque a missão dada por Guevara de criar um, dois, três, muitos Vietnãs deveria agora ser a nossa bandeira.”⁷⁶

Logo, as guerrilhas proclamavam sua idéia de criar Vietnãs no Uruguai, na Argentina, na França, nos Estados Unidos (a invasão da universidade de Berkeley suscitou essa frase: “criar uma, duas, muitas Berkeleys!”)⁷⁷ e, logicamente, no Brasil.

Estudantes

Uma das primeiras manifestações do imaginário de se criar Vietnãs foi o jornal Amanhã, publicado em 1967, ligado ao Grêmio da Faculdade de Filosofia da USP, dirigido por Raimundo Pereira, que vendeu quase 10 mil exemplares nas bancas, um feito inédito para publicações estudantis, e que teve a duração de apenas sete semanas.⁷⁸ Raimundo Pereira seria outra figura importante da futura imprensa alternativa que começava a buscar o seu espaço, principalmente pelas publicações de O Sol e Poder Jovem, que pregavam o ideal guerrilheiro de se criar muitos Vietnãs. Logo, grupos armados iriam levar essa idéia adiante.

Alimentado pelo imaginário de Guevara, o movimento estudantil entra na temática do Vietnã. Começam as discussões teóricas quanto aos significados do ataque imperialista norte-americano contra um país frágil e pequeno, que resistia heroicamente. Para os estudantes mais radicais, era a luta do “bem” contra o “mal”, do “oprimido” contra o “opressor”, de uma pobre e pequena nação contra a maior máquina de matar da história da humanidade. Uma lição a ser seguida por quem optasse pela revolução.

⁷⁶ - Ribeiro, Octávio (Pena Branca). Por Que Eu Traf - Confissões de Cabo Anselmo. São Paulo, Global Editora, 1984, p. 45;

⁷⁷ - s/A. Especial “1968” in Folha de São Paulo, São Paulo, Agência Folhas, 22/03/88, p. 3;

⁷⁸ - Kucinski, Bernardo. op. cit. p. 29;

Esses estudantes acreditavam nisso, mesmo que suas possibilidades práticas para seguir esse exemplo fossem limitadas, pois não tinham passado por experiências tão duras e ásperas. Mas o que importava? Eles odiavam o regime militar, o capitalismo que dele se servia, quer o capitalista nacional ou o capitalista internacional, imperialista, representado pelos Estados Unidos. Esses estudantes queriam **ação**, estimulados pelas revoluções Chinesa e Cubana, mais o exemplo da guerrilha Vietcong (confirmando, pelos meios de comunicação, as palavras de Che (Guevara)).

Zuenir Ventura resumiu, numa frase, o significado do Vietnã para aquele momento: “O Vietnã era a vitória do Impossível!”⁷⁹ Era o impossível, empurrado pela paixão, que levou muitos estudantes às lutas revolucionárias. O imaginário de sua época os levaria às ações, mesmo que nada pudesse garantir os resultados, que, quase sempre, mostrariam-se trágicos.

O Vietnã estava nos comentários do dia. Estudantes levantavam discussões sobre o assunto, protestos tendo como slogans palavras sobre a guerra começavam a aumentar. Seminários foram criados para se discutir a guerra do Vietnã, como a “Semana do Vietnã”, que em correu várias cidades durante o mês de abril de 1967.⁸⁰ Inúmeros foram os documentos produzidos pela UNE referindo-se ao Vietnã, o que mostra como a guerra estava no imaginário do momento. Na declaração de princípios do Vigésimo Oitavo Congresso da UNE, a ligação do problema vietnamita com a realidade brasileira é clara:

“O imperialismo, o latifúndio e a burguesia que se uniram em abril, sob o comando da casta militar, para instalar a tirania no País, são as mesmas forças que assassinaram a população no Vietnã.”⁸¹

O plano de ação da UNE para o exercício do período 1966/67, e aprovado pelo vigésimo oitavo congresso (clandestino), destacava a guerra em dois artigos: o décimo quinto, que

⁷⁹ - Ventura, Zuenir. Palestra conferida no Instituto de Economia da UNICAMP em agosto de 1993, Campinas, SP;

⁸⁰ - Martins Filho, João Roberto. Movimento Estudantil e Ditadura Militar - 1964-1968. Campinas, Papirus, 1987, p. 152;

⁸¹ - documento citado em Poerner, Arthur José. O Poder Jovem - História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 353;

colocava como luta da entidade a oposição à invasão do Vietnã pelo “imperialismo norte-americano”; e o décimo sexto, que a entidade lutaria contra os auxílios de guerra fornecidos pelo governo brasileiro aos Estados Unidos (“à força agressora do imperialismo norte-americano”) para a guerra (“para esmagar a luta de libertação do povo vietnamita”).⁸² A causa vietnamita era a causa brasileira, pensavam estes estudantes, e muito mais: era uma causa mundial.

Ainda a voz dos estudantes:

“Só com uma organização coesa, firme, sólida, é que podemos derrubar nossos inimigos, da mesma maneira que o povo vietnamita derrota o imperialismo e a ditadura militar do Vietnam do Sul. Mas da mesma forma que a luta do povo vietnamita tem sido árdua, a nossa sem dúvida alguma também o será.”⁸³

Não que tais documentos pudessem alterar politicamente o que acontecia no Vietnã, mas o tema era próximo. A Guerra do Vietnã já fazia parte da vida do país, pelo menos para algumas parcelas da população, os mais intelectualizados.

Não foram apenas os grupos de esquerda ou estudantis que usavam a Guerra do Vietnã como referencial. Com certeza a guerra também era pensada pelos adversários da idéia de revolução, e sua aceitação ou não eram também pensadas. José Poerner nos descreve um fato curioso. A AUI (Associação Universitária Interamericana, de origem norte-americana), para conseguir infiltrar agentes estudantis dentro dos movimentos brasileiros, realizava uma série de perguntas, uma das quais era sobre o que o estudante achava da Guerra do Vietnã, e caso ele não a considerasse como um crime cometido pelos Estados Unidos, seria ignorado, pois se não ligava para o assunto agora, supunha-se que não ligaria nunca.⁸⁴

⁸² - documento citado em Poerner, Arthur José, op. cit., p. 351;

⁸³ - citação extraída de Ventura, Zuenir, 1968 - O Ano que Não Terminou - A Aventura de uma Geração, 11. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 113;

⁸⁴ - Poerner, Arthur José, op. cit., pp. 253-254;

Discussões Sobre a Guerra do Vietnã

Setores da Igreja Católica também a discutiam. O padre Cechin, irmão marista, escreveria, junto com sua irmã Matilde, um interessante livro, Crescei e Vivei, no qual incorporava à vida religiosa cristã elementos sociais da atualidade, que não poderia viver apenas dos escritos antigos, ou seja, era necessário uma visão mais global da realidade, e Cristo tinha de entrar nessa realidade. O autor destaca alguns pontos que deveriam ser pensados em termos cristãos, e entre eles estavam os golpes da América Latina, a mini-saia, a música dos *Beatles* e a Guerra do Vietnã - esta última que não deveria ser acompanhada passivamente, mas criticamente. O livro foi proibido nas escolas, pois, para as autoridades, ele incentivava a luta de classes.⁸⁵

O livro do padre Cechin demonstra como as questões mundiais do momento, principalmente a Guerra do Vietnã, deveriam ser incorporadas ao universo intelectual brasileiro (no caso específico, na religião católica), não poderia mais ficar de fora.

A Guerra do Vietnã era a guerra da moda e reportagens curiosas apareciam. Uma delas apareceu na revista Fatos & Fotos, que destacava a presença de uma mulher correspondente de guerra, Michèle Ray, a primeira mulher a cobrir a guerra propriamente dita (outras correspondentes tinham como hábito cobrir as conseqüências da guerra, como crianças refugiadas ou problemas em Saigon, mas sem entrar no campo de batalha).

O artigo destaca a presença da mulher numa cobertura de guerra ("Pela primeira vez uma mulher se transforma em correspondente de guerra para ver o Vietnã de perto", o subtítulo da reportagem), mas também deixa claro que a curiosidade da reportagem está na beleza física da correspondente ("Atraída pela aventura, ela se transformou na mais elegante correspondente de guerra de todos os tempos.")⁸⁶

⁸⁵ - Cechin, Padre. Crescei e Vivei. s/l., s/D, mimeo. Outras referências à obra em Betto, Frei. Batismo de Naogue e os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985, pp. 111-112;

⁸⁶ - Sroulevich, Nei. "A Guerra entra na Moda" in Fatos & Fotos. Número 308, Brasília, Editora Bloch, 1966, pp. 38-40;

A Guerra do Vietnã ganhava seus caminhos, mas algumas idéias persistiram. A China continuava sendo a vilã. Um editorial da Folha de São Paulo sobre o comentário do novo comandante da Marinha dos Estados Unidos, almirante John Wyman Jr. - de que não bastava bombardear o porto de Haiphong, mas também era necessário miná-lo -, foi considerado como uma aceitação da política da China. O editorial é claro neste ponto:

“Ninguém ignora que o principal objetivo da China, no momento, é criar condições que conduzam a um choque irremediável entre norte-americanos e russos, cuja aproximação, segundo o ponto de vista predominante em Pequim, representaria grave contratempo para a execução dos planos internacionais chineses a longo prazo.”

A China impedia que a ajuda soviética passe por seu território, obrigando-a a ser passada pelo mar e entrar no Vietnã do Norte pelo porto de Haiphong, com possibilidades de algum navio de bandeira soviética ser atingida pelos bombardeios norte-americanos, o que impediria um melhor relacionamento entre os dois países, beneficiando a China.

As alternativas estavam cada vez menos promissoras. Analisando essas alternativas, o editorial da Folha de São Paulo mostrava que o ambiente para os Estados Unidos saírem da guerra era favorável, mas ninguém apresentava uma fórmula viável para uma saída, observando que uma “retirada pura e simples não pode, como é óbvio, ser considerada.”⁸⁷

A “Vitória” dos Estados Unidos

Em 1967, a guerra começou a ser apresentada como “ganha” pelas autoridades militares e políticas norte-americanas, convencidas (ou querendo convencer-se) de que podiam vencer o inimigo a qualquer momento, e de que logo ele iria abrir negociações.⁸⁸

⁸⁷ - s/A. “Alternativas” in Folha de São Paulo, São Paulo, Agência Folhas, 12/10/67, p. 4;

⁸⁸ - s/A. “Busca e Destruição” in Coleção Guerra na Paz, V.3, Rio de Janeiro, Global, 1987, p. 579;

A “vitória” norte-americana foi colocada pela imprensa brasileira, não sem algumas ressalvas, principalmente por Newton Carlos, que transformava a sua coluna num espaço de críticas muito consistentes contra a Guerra do Vietnã. Newton Carlos não acreditava que o que estivesse acontecendo no Vietnã fosse vitória - as condições da guerra não permitiam afirmações dessa categoria.

Um dos editoriais O Estado de São Paulo proclamava a vitória da tática contra a guerrilha no Vietnã, destacando a utilização da aviação norte-americana, que impedia o deslocamento do Vietcong.⁸⁹ Esse editorial incorporou o discurso do governo dos Estados Unidos, sem fazer referências ao impasse em que a guerra se encontrava (provavelmente, o articulista nem percebeu o impasse). Na tentativa de aumentar as baixas dos norte-americanos, o Vietcong, nas batalhas de Loc Nhin e Dak To, falharam, pois enfrentaram um poderoso ataque de infantaria, tendo mais de 2000 baixas. O artigo comenta que caso Giap, que provavelmente dirigiu em pessoa a luta em Dak To, pretendesse uma nova Dien Bien Phu, tal seria impossível, sem contar que perdas da natureza destas batalhas fariam pender a balança para o lado norte-americano.

Um editorial da Folha de São Paulo era dedicado à guerrilha como um todo, partindo do Vietnã. O editorial tenta argumentar que houve exagero na guerrilha de Guevara na Bolívia, que no fundo não passava de um grupo pequeno e mal equipado, e que muitos governos estavam usando como desculpa da sua incompetência as guerrilhas internas, mesmo que a maioria fosse inexpressiva. Elas devem ser combatidas, por “contrariarem todas as tradições americanas, fundamentalmente inimigas da violência”, mas sem criar obsessões, como o fato ocorrido no Alagoas, onde autoridades deram a versão da presença de guerrilheiros na serra do Gurgui, quando na verdade havia um camponês humilde à procura de trabalho, com uma galinha de penugem avermelhada debaixo do braço.

⁸⁹ - s/A “Vietnã, Vitória Tática Sobre a Guerrilha” in O Estado de São Paulo, São Paulo, Agência Estado, 03/12/67, pp. 2-3;

Terminava o editorial apresentando o Brasil como um país sem possibilidades de expansão da guerrilha, pois as “tradições visceralmente democráticas de sua população - contrária, portanto, a qualquer forma de violência” impediriam tal atividade, sem contar com os “esforços que vêm sendo feitos para remover o principal caldo de cultura da subversão - a miséria e a pobreza.”⁹⁰

Esse editorial errou quando indicou que não havia grupos guerrilheiros, pois estes já existiam e, mesmo que timidamente, estavam em ação. Tal “erro” pode ser atribuído à vontade do próprio jornal de que não existissem grupos guerrilheiros no Brasil ou por não conseguir entender o que pensavam as lideranças estudantis e políticas, clandestinas ou não. O jornal poderia realmente acreditar que tais experiências não seriam feitas pela simples razão de acreditar que não dariam certo.

Mais tais experiências estavam em pleno andamento e inúmeros grupos guerrilheiros já estavam em formação e atuando. Grande parte dos grupos revolucionários seriam “rachas” do PCB, muitas além do PC do B (que também teria a sua dissidência, a Ala Vermelha). As mais importantes foram: a dissidência estudantil da Guanabara, que daria origem ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), data referente à morte de Che Guevara na Bolívia; a dissidência de São Paulo, aglutinada por Carlos Marighella e Joaquim Câmara, dando origem à Aliança Libertadora Nacional (ALN); o grupo Corrente, liderada por Mário Alves, Apolônio de Carvalho e Jacob Gorender, da qual saiu o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR).

Mas não foi apenas do PCB que surgiram divisões. A Ação Popular (AP) também se dividiria e o que sobrou da sigla abandonaria o catolicismo e abraçaria a luta armada. Da Polop surgiriam a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e o Comando de Libertação Nacional (Colina), que, em 1969, se fundiriam para originar a Vanguarda Armada Revolucionária - Palmarenses (VAR-Palmarenses). Os remanescentes da Polop de São Paulo uniram-se a uma dissidência do PC do Rio Grande do Sul originando o Partido do Operário Comunista (POC).⁹¹

⁹⁰ - s/A. “Guerrilhas” in *Folha de São Paulo*. São Paulo, Agência Folhas, 13/10/67, p. 08;

⁹¹ - informações sobre grupos da esquerda radical extraídas de Gorender, Jacob. op. cit.;

O sonho guerrilheiro apenas aumentava nesse momento, e seria aumentado ainda mais no ano de 1968, quando grupos armados tentaram, ao enfrentar a ditadura, realizar seus sonhos de vitória, criar os seus Vietnãs.

O Peso da Televisão

Grande parte da influência da televisão na cobertura da guerra, na imprensa brasileira, deve-se mais aos noticiários estrangeiros, aos quais os meios de comunicação brasileiros tinham algum acesso, do que à televisão brasileira em si. Tal característica iria mudar.

Quanto à influência da televisão brasileira na imprensa escrita, devemos destacar que esta presença, embora ainda pequena, começava a ser percebida, principalmente pelo surgimento da Rede Globo. Num famoso comunicado, datado de 26 de abril de 1965, à redação do Jornal do Brasil, Alberto Dines pediu que se tomasse cuidado com a emissora que surgia, pois, ao contrário do que acontecia até então, essa emissora de televisão vinha de uma tradição noticiosa muito consistente e profissional, podendo ser uma rival de nível ao jornalismo escrito, o que não acontecia com a televisão anteriormente, com produções pouco inteligentes e de pouca criatividade.⁹² A visão que Dines apresentou ainda em 1965 confirmaria-se nos anos seguintes.

⁹² - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.

Capítulo 4 - 1968/1969

Ofensiva do Tet

Os noticiários brasileiros do ano de 1968 foram caracterizados pelo predomínio de assuntos políticos, tanto nacional quanto internacionalmente. Grandes manifestações estudantis, guerrilhas, endurecimento do regime militar, todos esses acontecimentos estiveram nos noticiários escritos, radiofônicos ou televisivos. E, logicamente, a Guerra do Vietnã.

Qualquer que seja a idéia que se tenha do “revolucionário” ano de 1968, sabe-se que ele “começou” na ofensiva do Tet. Em janeiro de 1968, Johnson faria um pronunciamento dizendo que a guerra estava dominada, e que logo estaria ganha. Um mês depois, tudo mudaria.

Aproveitando a trégua do feriado do Tet (o Ano Lunar Indochinês, uma mistura de natal, fim de ano e dia da independência), as forças do Vietcong e do Vietnã do Norte realizaram a mais ousada, ampla e violenta investida para tomar o país. Praticamente todas as províncias do Vietnã do Sul envolveram-se na luta, e as cidades imperiais de Hué e Khe Sahn foram cercadas pelas tropas comunistas. Saigon foi palco de intensas lutas, e a embaixada norte-americana foi atacada por guerrilheiros - ou seja, o símbolo da presença norte-americana na região fora invadido.¹

A violência não tinha parâmetros. Uma das cenas mais chocantes da guerra surgiu nesse momento: um oficial sul-vietnamita pegou sua arma e, na frente de câmeras de televisão e de jornais, atirou na cabeça de um suposto guerrilheiro vietcong de camisa xadrez. A cena, transmitida quase que ao vivo, foi uma das mais famosas e impiedosas do século.

A produção jornalística e a representação do Tet criada, em particular a realizada pela televisão, acabou sendo decisiva para o desenrolar da ofensiva. A ofensiva do Tet tinha, como um dos seus objetivos principais, atacar posições importantes do ponto de vista moral e psicológico, e a

¹ s/A. “A Ofensiva do Tet” in *Coleção Guerra na Paz*, V.3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 698;

escolha de fazê-la num momento em que a produção da imprensa, e da televisão em particular, chegava com mais velocidade, graças ao sistema de satélites, foi a melhor possível para o Vietcong e Vietnã do Norte, já que a emergência da situação impedia maiores edições, ou seja, elas chegavam às casas do mundo inteiro com sua potencialidade máxima.

A invasão da embaixada norte-americana também teve um peso psicológico muito forte, pois contrastava com o que o presidente Johnson havia dito pouco mais de um mês antes. Walter Cronkite pronunciou palavras que representariam a situação daquele momento: “Que diabo está acontecendo? Eu pensei que nós estávamos ganhando a guerra!”²

As forças norte-americanas e seus aliados venceram militarmente a ofensiva do Tet, conseguindo tomar todas as posições ganhas pelo Vietcong (apenas o cerco sobre a cidade imperial Khe Sanh duraria mais tempo) e infligindo pesadíssimas baixas (o Vietcong nunca mais conseguiria ter a mesma capacidade de luta nos anos seguintes, sendo substituído, gradativamente, pelas forças norte-vietnamitas).³ Mas a vitória política foi do Vietcong, pois mostrou, ou pareceu mostrar, que uma vitória norte-americana estava muito longe de ser alcançada, e para que ela ocorresse, eram necessários muitos mais esforços, tanto em termos econômicos quanto militares, tornando necessária a presença de um maior número de tropas norte-americanas. Não havia mais tempo para isso.⁴

Como, depois de mais de dois anos de presença militar norte-americana no Vietnã do Sul, as forças inimigas poderiam dar um ataque de tal proporção? As palavras de Johnson, de que a guerra estava sendo ganha, foram fragorosamente desmentidas. A guerra, do ponto de vista norte-americano, estava perdida.

A sociedade norte-americana mergulhou em momentos de muita tensão e violência, na luta entre “pombos” e “falcões”. Os assassinatos de Martin Luther King e de Robert Kennedy, duas importantes figuras contrárias à guerra, e a violência que marcou a Convenção do Partido Democrata em Chicago, mostraram para muitos que os caminhos da contestação pacífica tinham se

² - Machado, Artindo. *A Arte do Vídeo*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 98;

³ - Coleção *Guerra na Paz* op. cit., p. 699;

⁴ - e/A. “A América Dividida” in Coleção *Guerra na Paz*, V.3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 712;

encerrado, fazendo surgir grupos radicais como os Panteras Negras e os Weathermen, este último uma dissidência da SDS.⁵

De maneira cada vez mais evidente, a opinião pública começou a condenar a guerra - mais pela impossibilidade de vencê-la do que pela atuação dos movimentos pacifistas, que, como observamos, começavam a deixar de ser "pacíficos".⁶

A guerra dividia o país, e a televisão, mais do que nunca, representava não apenas a guerra, mas uma sociedade cindida. As notícias foram por demais dramáticas para se ficar indiferente a elas. A produção jornalística deixava as fotografias mais reais do que nunca e as imagens de satélite não deixavam dúvidas de que a presença norte-americana na região fora um erro (não no Brasil, que ainda não tinha esse sistema, mas nos países que tinham tal tecnologia).

Os efeitos da ofensiva do Tet foram mundiais. Desde 1967, quando as universidades norte-americanas protestaram contra a guerra, as universidades européias passaram a seguir os mesmos caminhos. Na Alemanha Ocidental, a *Sozialistischer Deutscher Studentenbund* (Federação dos Estudantes Socialistas Alemães, sigla SDS), organizou um congresso internacional contra a Guerra do Vietnã e, no final do evento, bandeiras vermelhas tremulavam em Berlim Ocidental, provocando a ira dos conservadores alemães, principalmente dos jornais do grupo *Springer*. Um dos líderes do SDS, Rudi Dutschke, foi alvejado por um fanático de direita em abril de 68, marcando o início das manifestações estudantis na Alemanha.⁷

No dia 22 de março de 1968, um grupo de estudantes da Universidade de Nanterre foi preso pela polícia durante manifestações contra a Guerra do Vietnã. Seu líder: Daniel Cohn-Bendit. Este grupo, que seria então denominado Movimento 22 de Março, também protestava contra as autoridades acadêmicas. Os protestos de outros estudantes à prisão deste grupo iniciariam o famoso Maio francês.⁸

⁵ - s/A, "Ação in USA" in *Coleção Guerra na Paz*, V. 4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, pp. 756-760;

⁶ - Tuchman, Barbara W. *A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã*. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986, p. 346;

⁷ - s/A, "O Poder Jovem" in *Coleção Guerra na Paz*, V.3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, pp. 738-739;

⁸ - *Coleção Guerra na Paz*, op. cit., p. 739;

Não foi apenas na Europa Ocidental que aconteceriam as repercussões do Tet. Uma mineira boliviana mostra a extensão das "lutas".

"É que bonito é sentir que em outros povos temos irmãos que nos apoiam, se solidarizam com nós, nos fazem compreender que nossas lutas não são isoladas. Esta solidariedade significa muito. Na Bolívia, sempre procuramos manifestá-la, atuando de alguma forma.

*Por exemplo, nos últimos anos, nos solidarizamos particularmente com Chile, Vietnã, Laos e Camboja. Nos alegramos com o triunfo do Vietnã que conseguiu golpear o imperialismo. E de várias maneiras lhes fizemos saber que, ainda que não fomos combater ao lado deles, estávamos com os vietnamitas."*⁹

Não que a guerra fosse a questão central das problemáticas estudantis, pois cada país onde tais manifestações ocorreram tinha seus problemas e propósitos específicos. Mesmo na França, contestava-se o ensino centralizado, ineficaz e regido por normas de conduta conservadoras.¹⁰ Mas a Guerra do Vietnã também era contestada e, através dos meios de comunicação, várias partes diferentes do mundo viram seus problemas e aspirações, mesmo que diferentes, unidos na luta contra a guerra.

A Imprensa Brasileira e a Ofensiva do Tet

A imprensa brasileira, como um todo, cobriu a Ofensiva do Tet. Todo o mês de fevereiro foi consumido pela ofensiva nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, ficando nas primeiras páginas e nas principais manchetes. A publicação dessas notícias ganhava características dramáticas, quando não desesperadoras. Cada movimento da ofensiva foi descrito, edições extras lançadas e cada acontecimento era colocado minuciosamente, quando não

⁹ - Vrezzer, Moema. "Se Me Deixam Falar..." - Domitila - Depoimentos de uma Mineira Boliviana. 14. ed., São Paulo, Global, 1987, pp. 36-37;

¹⁰ - Coleção Guerras e Paz - op. cit., p. 739;

espetacularmente, com inúmeras fotografias e desenhos gráficos, além de descrições de lances absolutamente desesperados.

A grande imprensa, já matizada por posições contrárias à guerra, assume esse posicionamento de vez. O mais interessante dessa cobertura é que as opiniões dos editoriais que, até então, ainda afirmavam que a influência chinesa era a principal responsável pela guerra, mudaram de maneira definitiva, admitindo que a questão era um problema vietnamita, e que os Estados Unidos cometeram um erro ao se envolverem nesta questão. Podemos perceber que as opiniões expressas em 64 foram lentamente se alterando à medida que a guerra avançava e chegaram a esta quase inversão.

O editorial da Folha de São Paulo do dia 1 de fevereiro (ou seja, ainda no começo da ofensiva) é muito esclarecedor quanto ao fim das expectativas norte-americanas em relação à guerra e a derrubada de seu otimismo. O Vietnã do Sul estava “minado de guerrilheiros”, mesmo em áreas de forte segurança. O Vietcong mostrava uma força que poucos calculavam existir. A ofensiva era para negociações, mas, sendo ano eleitoral nos Estados Unidos, apenas seriam possíveis após as eleições.¹¹

A ofensiva continuava. A Folha de São Paulo destacava que os mortos até o dia 3 de fevereiro estava na ordem de 11.500 pessoas.¹² O editorial do jornal deste mesmo dia destacaria que os objetivos do Vietcong não eram militares, mas sim psicológicos e políticos, ou seja, que a FLN e Hanói queriam abrir negociações na base da força, ou pelo menos com vantagem no tabuleiro de discussões.¹³ As lutas dos dias seguintes e os resultados práticos da ofensiva confirmariam essas colocações.

O importante desse editorial não é propriamente sua análise da ofensiva, mas a mudança de posicionamento do jornal perante a guerra, ou seja, da “culpa” da China não restava mais nada, principalmente com o Vietcong mostrando-se mais independente do que se poderia supor de um mero “fantoche” chinês ou soviético. A selvageria das lutas mostrava sua incrível determinação,

¹¹ - s/A. “Lições da Ofensiva” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 01/02/68, p. 4;

¹² - s/A. “11.500 Mortos na Batalha das Cidades” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 03/02/68, p. 2;

¹³ - s/A. “Objetivos da Ofensiva” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 03/02/68, p. 8;

exibida tanto pelos meios escritos quanto pela televisão, o que justifica essa mudança editorial. Para os nossos meios de comunicação, os vietnamitas queriam vencer a guerra mais do que qualquer outra coisa, com uma determinação que os norte-americanos não tinham e nem teriam nunca.

A televisão brasileira recebia as imagens com defasagem, o que valorizava um meio ainda importante no Brasil, o rádio. Alfredo Sirkis nos descreve que ele acompanhou a ofensiva do Tet pelo rádio, que a noticiava com grande destaque (“sensação dos noticiários de rádio”) - ele “torcendo” para o Vietcong, enquanto seu pai “torcia” para os norte-americanos.¹⁴

Outro destaque se dava no setor editorial, pois o interesse pelo tema era muito grande. O livro de Giap, O Vietnam Segundo Giap, esgotou duas edições em dez dias.¹⁵

No dia 6 de fevereiro, quando a queda de Khe Sanh para as forças do Vietnã do Norte parecia inevitável, Newton Carlos, na sua coluna diária, destacou a presença da televisão norte-americana na cobertura da guerra, que tinha tornado os cidadãos norte-americanos íntimos dela, o que estava resultando numa pressão interna muito grande para que ela acabasse o mais rápido possível.¹⁶ Uma análise dessa natureza permite entender como os que viviam o momento começavam a entender a cobertura pela televisão - a guerra tinha se tornado íntima da vida de milhões de pessoas.

No dia 8, mais uma vez o governo militar anunciou que o Brasil não enviaria tropas para o Vietnã.¹⁷

¹⁴ - Sirkis, Alfredo “Vietcong” in Os Carbonários - Memórias da Guerrilha Perdida 10. ed., São Paulo, Global, 1988, pp. 51-55;

¹⁵ - informação extraída de Ventura, Zuenir 1968 - O Ano que Não Terminou - A Aventura de uma Geração, 11. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 54; para efeito da pesquisa, o exemplar utilizado foi Giap, Vo Nguyen, O Vietnam Segundo Giap, 2. ed., Rio de Janeiro, Saga, 1968;

¹⁶ - Carlos, Newton. “A Realidade da Guerra na Televisão Americana” in Folha de São Paulo (seção “Panorama Internacional”), São Paulo, 06/02/68, p. 2;

¹⁷ - s/A. “Brasil Não Vai Mandar Força Expedicionária para o Vietnã” in Folha de São Paulo - São Paulo, Agência Folhas, 08/02/68, p. 1 (capa);

Os Correspondentes Brasileiros no Vietnã

A imprensa brasileira estava mais participante do que nunca em relação à guerra, tendo enviado correspondentes para o Vietnã. Cada um deles, de acordo com seu posicionamento político ou do seu meio, tinha uma expectativa particular de como cobrir a guerra, ou seja, a sua própria representação.

Luís Edgar de Andrade, nesse momento correspondente da revista Manchete (ele fora, até 1966, correspondente da revista Fatos & Fotos), seria uma das vozes mais conscientes da guerra. Suas matérias caracterizaram-se como análises muito bem fundamentadas que pesavam ambos os lados do conflito - o que era raro neste momento tão marcado pelo maniqueísmo político de quem estava envolvido na cobertura da guerra.

Apesar dessa ponderação, o correspondente não era “neutro” e se posicionava contra a guerra. Ele reconhecia que este era um problema local, onde a presença norte-americana era desnecessária. Apesar dessa posição, não apoiava inteiramente as táticas de guerra do Vietcong e do Vietnã do Norte, que não abriam espaços para negociações - sem contar a selvageria de muitas de suas ações. O jornalista não tinha dúvidas quanto à determinação do Vietcong, mas criticava também o seu sectarismo, que o impedia de ver uma saída pacífica.

Mas não seria a consciência que colocaria a Guerra do Vietnã na vida dos brasileiros, mas a vivência. Em maio, a Guerra do Vietnã entrava na realidade brasileira de uma maneira definitiva. A revista Realidade, que buscava a vivência da reportagem, teria muito mais vivência do que sua linha editorial poderia suportar.

A temática da guerra era pouco explorada pela revista até 1967, mas cresceria assustadoramente em 1968. A revista utilizava material de correspondentes estrangeiros, como a italiana Oriana Fallaci, que faria a primeira grande reportagem da revista sobre a guerra (capa da edição número 24), que consistia numa entrevista com um guerrilheiro Vietcong preso e condenado à

morte.¹⁸ A fotografia da capa era reveladora: o guerrilheiro envolto numa penumbra negra, como se estivesse num ambiente fechado e carregado, pronto para o seu destino. Tom mórbido para um destino mórbido. As reportagens sobre a guerra aumentariam ainda mais, principalmente depois de a revista enviar um correspondente para o campo de batalha.

No fim de 1967, a revista recebeu proposta da Embaixada dos Estados Unidos para enviar um correspondente de guerra ao Vietnã, pagando, inclusive, as despesas.¹⁹ A revista recusou a oferta e decidiu enviar um correspondente financiado por ela própria, para ter maior liberdade de cobertura (como vimos anteriormente, os Estados Unidos incentivavam o envio de correspondentes, tentando cooptá-los à causa norte-americana).

O escolhido para fazer a cobertura da guerra foi José Hamilton Ribeiro, um dos seus melhores jornalistas. Hamilton Ribeiro foi até o Vietnã do Sul, “integrou-se” a uma companhia de soldados norte-americanos (recebendo uniforme, com a escrita de “*Báo Chi*” - imprensa, em vietnamita - de um lado, e “*Press Correspondent*”, do outro, o que era comum de acontecer com correspondentes de guerra),²⁰ e partiu com as missões militares junto a um fotógrafo japonês, Kusaburo Shimamoto, que não tirava as fotografias no momento que o brasileiro achava melhor, alegando que esperava um acontecimento mais espetacular, o que desesperava o jornalista brasileiro.²¹

Infelizmente para o jornalista brasileiro, o fotógrafo japonês iria conseguir a sua foto espetacular. No dia 19 de março de 1968, numa missão de patrulha na chamada região de “*Landing Zone Betty*”, realizada pela Companhia D (Delta), do Oitavo Batalhão da Primeira Divisão de Cavalaria Aeromóbil, que Hamilton Ribeiro estava cobrindo, ocorreu uma explosão, atingindo dois soldados norte-americanos. O guia de Hamilton Ribeiro, o soldado Henry, sugeriu que fossem ver o que tinha acontecido. No local onde o soldado pisava, Hamilton Ribeiro pisava logo a seguir, como era

¹⁸ - s/A. “Este Homem e um Vietcong” in *Realidade*, Número 24, São Paulo, Abril Cultural, 1968, capa; no mesmo número, Fallaci, Oriana “Vietnã”, pp. 131-140;

¹⁹ - Ribeiro, José Hamilton. *O Gosto da Guerra*. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 6;

²⁰ - Ribeiro, José Hamilton. *op. cit.*, p. 25;

²¹ - Ribeiro, José Hamilton. *idem*, p. 27;

recomendado para que os correspondentes fizessem. O soldado pisou num monte de mato pequeno, Hamilton Ribeiro também pisou ali, mas sem a mesma sorte. Havia uma mina no local, que foi detonada e explodiu.²²

A foto de Hamilton Ribeiro, tirada pelo fotógrafo japonês que tanto queria algo espetacular, ganhava a capa da revista Realidade.²³ O drama particular do correspondente brasileiro, que perdeu uma parte da perna, e suas condições nos hospitais de DaNang e nos Estados Unidos, tornaram-se a grande notícia da guerra no Brasil, recebendo cobertura, inclusive, de outros meios.

A cobertura do drama do jornalista pela revista seguiu os caminhos típicos do *New Journalism* (apesar da vivência do jornalista com o acontecimento ter chegado a um ponto extremo), ou seja, reportagens sentimentais, com belas (e dramáticas) fotos, valorizando as reportagens esteticamente e buscando a melhor adequação da palavra às imagens das fotografias. A crítica à presença norte-americana na região se destacaria, mas seria obscurecida pelo próprio drama pessoal do jornalista.²⁴

O drama do jornalista brasileiro particularizou ainda mais a guerra dentro do Brasil, dando-lhe uma característica nacional comum. A Guerra do Vietnã estava dentro da realidade brasileira.

Outro jornalista brasileiro a se envolver na cobertura da guerra foi Antônio Callado, que foi cobrir a situação no Vietnã do Norte para o Jornal do Brasil nos meses de setembro e outubro de 1968. As matérias de Callado exaltavam os comunistas, a sua política de fim de analfabetismo e de desenvolvimento econômico, além da resistência contra os bombardeios norte-americanos. Uma das reportagens mais expressivas foi uma entrevista com um piloto norte-americano capturado, depois de

²² - Hamilton Ribeiro, José. *idem*, p. 37;

²³ - s/A "Hamilton Ribeiro Ferido no Vietnã - Nosso Repórter Viu a Guerra de Perto" in Realidade, Número 26, São Paulo, Abril Cultural, 1968, capa;

²⁴ - Ribeiro, José Hamilton. "Eu Estive na Guerra" in Realidade, Número 26, São Paulo, Abril Cultural, 1968, pp. 26-42;

seu avião ter sido derrubado pelos norte-vietnamitas.⁷⁵ Callado apresentou uma visão positiva do lado comunista.

Sua estada no Vietnã do Norte ganhou uma importância maior, pois ele era o único correspondente do continente americano (com exceção dos cubanos, que eram de um regime comunista, cujo trabalho sempre era facilitado pelas autoridades de Hanói) durante o ano de 1968, o que aumentava a importância de suas matérias. Em muitos sentidos, o Brasil tinha uma real importância na Guerra do Vietnã, pois era o único país não-comunista a poder mostrar o lado do Vietnã do Norte em 1968.

Radicalismo Político no Brasil e a Guerra do Vietnã

Enquanto Hamilton Ribeiro perdia a perna no Vietnã do Sul, a situação política interna no Brasil começava a ficar cada vez mais tensa. Os choques de gerações também se acentuavam no país, com dois agravantes: primeiro, o clima ideológico para se lutar por uma revolução socialista era muito mais forte aqui do que nos Estados Unidos; segundo, o país estava sob uma ditadura militar, o que esvaziava a participação da sociedade civil na política, alimentando saídas mais radicais.

Embora as relações do Brasil com a Guerra do Vietnã parecessem muito distantes, suas temáticas se uniram consideravelmente no ano de 1968. A Guerra do Vietnã deixava de ser apenas um problema entre os países beligerantes e transformou-se num problema mundial.

A superexposição da guerra pelos meios de comunicação no mês de fevereiro fez com que o conflito ficasse mais próximo de um número muito grande de pessoas no país. O próprio drama do jornalista Hamilton Ribeiro, como vimos anteriormente, fazia com que essa aproximação da guerra ao cotidiano do país não ficasse mais circunscrita a grupos de intelectuais ou de estudantes.

⁷⁵ - para maiores detalhes da cobertura de Antônio Callado no Vietnã do Norte, ver Callado, Antônio, *Vietnã do Norte*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969;

Não que a questão da guerra fosse muito discutida fora do ambiente estudantil - eram ainda os estudantes que mais se preocupavam com a situação do Vietnã. No entanto, a questão não era mais algo estranho para o imenso número de pessoas que acompanhavam a luta e a resistência vietnamita principalmente através da imprensa. Foi assim que, no dia primeiro de maio na Praça da Sé (quando o governador de São Paulo, Abreu Sodré, foi agredido pelos manifestantes) e nas greves de Osasco e Contagem, palavras de ordem sobre o Vietnã foram gritadas por trabalhadores.²⁶

Tais palavras foram levantadas pelos estudantes, que eram os que mais discutiam a questão da guerra. O que chama a atenção é que os trabalhadores, em grande número, responderam a essas palavras de ordem positivamente, ou seja, gritaram-nas também. De alguma forma, o que acontecia no Vietnã atingia esses trabalhadores, pois se fosse algo deslocado ou muito distante de sua realidade, eles não se teriam pronunciado.

Isso não quer dizer que os trabalhadores se sentissem próximos à causa revolucionária Vietcong, ou que se sentissem parte de uma grande união proletário-camponesa mundial. Os meios de comunicação descreveram a selvageria da guerra e a luta do Vietcong, teoricamente mais fraco, contra a opressão dos Estados Unidos, o que os aproximava dos trabalhadores brasileiros, que se viam oprimidos pelos patrões e pela ditadura militar, encontrando nisso alguma semelhança com a sua própria realidade. Politicamente, porém, as distâncias entre a causa Vietcong e a luta operária brasileira eram grandes.

Não que tais distâncias fossem vistas por todos. Os grupos da esquerda radical, estimulados também pelas grandes manifestações estudantis no Rio de Janeiro (que se espalharam pelo país inteiro), encontravam, nesses movimentos, o momento propício para a luta armada, e começaram a atuar de uma maneira mais intensa, buscando recursos, aliados e militantes. Todavia, poucos trabalhadores se entusiasmaram com as perspectivas de uma guerrilha.

Vladimir Palmeira estava ligado à Dissidência - DI-GB -, um grupo muito influenciado pelas "teorias foquistas de Guevara, Débray e Fidel", acreditando que "a revolução era um produto

²⁶ - Gabeira, Fernando. *O Que é Isso, Companheiro?*. 19. ed., Rio de Janeiro, Codecri, 1980, pp. 65-66.

exportável e que era possível criar muitos focos revolucionários ou Vietnams.”²⁷ A visão de outro militante estudantil, Alfredo Sirkis, era conclusiva:

*“Movimento Estudantil também no Uruguai, no México, Guerrilha na Bolívia, na Venezuela e na Guatemala. E sobre aquilo tudo pairava o Vietnã, que resistia e vencía de baixo de bombas.”*²⁸

O Vietnã era usado como referência para qualquer espécie de resistência, ou mesmo de luta por algo novo. José Celso Martínez Corréa, que provocara polêmicas com duas peças teatrais, “O Rei da Vela” e “Roda Viva”, onde os atores integravam-se com o público, ofendendo-o até, foi bem categórico sobre o objetivo de seu trabalho:

*“O objetivo é abrir uma série de Vietnams no campo da cultura, uma guerra contra a cultura oficial, de consumo fácil. O sentido da eficácia do teatro hoje é o sentido da guerra teatral ser travada com as armas do teatro anárquico, cruel, grosso como a grossura e apatia em que vivemos.”*²⁹

Corréa acreditava que, para “deseducar” o público, tinha de se usar as armas da violência e do choque. Nada poderia representar melhor essa idéia de violência e choque contra a cultura oficial do que a Guerra do Vietnã. A luta do Vietcong contra a maior potência mundial inspirou idéias desta natureza. A “Vitória do Impossível” parecia estar cada vez mais próxima do “Possível”. O imaginário de se criar Vietnãs extrapolava os limites da guerrilha.

A imprensa também se alterara neste momento e o aparecimento da revista semanal Veja seria uma dessas novidades.

²⁷ - Ventura, Zuenir, op. cit., p. 69;

²⁸ - Sirkis, Alfredo, op. cit., p. 68;

²⁹ - citação estranha de Ventura, Zuenir, op. cit., p. 93;

A revista Veja

Em setembro de 1968, seria lançada pela editora Abril a revista Veja, que seria a mais importante publicação semanal brasileira. Baseada nas revistas semanais norte-americanas, principalmente a Newsweek, a revista Veja procuraria uma linha mais neutra, quase como se a mesma pessoa escrevesse todas as reportagens.³⁰

Tal neutralidade era apenas aparente, pois a revista, principalmente quando dirigida por Raimundo Pereira, utilizava essa neutralidade e aparente frieza estética para atacar o regime militar, fazendo uso principalmente de reportagens internacionais (como referência ao Brasil) e matérias muito especiais sobre a tortura, como veremos a seguir. A revista também noticiaria as diferenças entre os grupos de contestação ao regime militar e suas diversas representações da Guerra do Vietnã. Uma dessas notícias interessantes foi a derrota do grupo do Luís Travassos para o de Franklin Martins na UNE, que fez o seguinte comentário:

“Não tem sentido a gente reivindicar um bebedouro para a escola e depois dizer que ele não vem porque o diretor e o reitor não querem dar, porque o Ministério da Educação não deu o dinheiro e que tudo isso faz parte do ditadura, que existe porque é mantida pelo imperialismo americano, o mesmo que esmaga o povo vietnamita - e, a partir daí, como quer o Travassos, acusar o imperialismo por causa do bebedouro.”³¹

As representações da Guerra do Vietnã se tornariam mais evidentes e violentas no mês de outubro.

³⁰ - Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scriita, 1991, p. 41;

³¹ - comentário de Franklin Martins extraído de s/A. “O Líder Foragido e sua Mulher” no Veja. Número 3, São Paulo, Abril Cultural, 1968, p. 21;

Guerra do Vietnã: Representações Violentas

O ex-comandante-chefe das forças norte-americanas no Vietnã do Sul, o general Westmoreland (que fora substituído pelo general Abraham), fez uma visita ao Brasil, dando uma palestra no Rio de Janeiro. Os estudantes não poderiam perder tal oportunidade, e planejaram uma manifestação, liderados por Wladimir Palmeira. As manifestações ocorreram, mesmo que sem muita “organização”, pois os estudantes concentrados, vendo aumentar o número de guardas e soldados, decidiram começar a manifestação, 15 minutos antes do horário marcado, quando chegaria Wladimir Palmeira (que chegou na hora, mas sem ninguém).³² Mesmo assim, a face mais violenta apareceria.

Havia uns 500 manifestantes, que partiram das proximidades da Rua do Ouvidor, pela Avenida Rio Branco. Quando já haviam cruzado a Presidente Vargas, rumo à Praça Mauá, um carro da polícia, sem saber do que se tratava, cruzou com os manifestantes e acabou sendo incendiado, depois de servir com “palanque” para um dos manifestantes denunciar o general “Westmoreland”, que ninguém conhecia.³³

O outro acontecimento desse mês foi mais dramático. O capitão do exército dos Estados Unidos, Charles Chandler, estava no Brasil, fazendo um curso na universidade McKhenzie, em São Paulo. Ele esteve no Vietnã, e estava no Brasil para um curso de língua portuguesa. No mesmo dia da prisão dos congressistas da UNE, ele foi alvejado por um grupo de esquerda (a Vanguarda Popular Revolucionária, sigla VPR, em ação conjunta com a Ação Libertadora Nacional, sigla ALN) e morto.³⁴ No local do seu assassinato, panfletos foram deixados, e seu conteúdo mostrava a radicalização guerrilheira e o quanto a questão do Vietnã estava na ordem do dia:

³² - s/A, “A Palavra de Wladimir” in *Veja*, Número 4, São Paulo, Abril Cultural, 1968, pp. 25-27;

³³ - Gabeira, Fernando, op. cit., pp. 80-81;

³⁴ - Gorender, Jacob, *Combate nas Trevas - a Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada*, São Paulo, Ática, 1987, p.132;

"Justiça revolucionária executa o criminoso de guerra no Vietnã, Chandler, e adverte a todos os seus seguidores que mais dia menos dia ajustarão suas contas com o tribunal revolucionário".³⁵

O imaginário da revolução chegava no Brasil à sua representação mais violenta. A luta armada começava, tentando desestabilizar o regime militar e procurando fazer com que a repressão fosse mais violenta, o que produziria uma grande insatisfação na população, aumentando o prestígio dos guerrilheiros e, conseqüentemente, o número de ativistas, armas e provisões - procedimentos típicos de grupos guerrilheiros. O imaginário de "criar Vietnãs" estava sendo levado na prática.

Em janeiro de 1969, o capitão Carlos Lamarca, considerado o melhor atirador do II Exército (quartel Quitaúna, em Osasco), deserta, levando 72 fuzis FAL. O guerrilheiro Carlos Lamarca citaria constantemente o conflito vietnamita em quase toda a sua produção escrita (cartas, diários, bilhetes, etc., todos materiais clandestinos), chegando a cunhar a frase "A América Latina será o eterno Vietnã dos Estados Unidos",³⁶ uma corruptela da frase-lema de Che Guevara. Em muitos sentidos, o Brasil tinha o "seu" Che Guevara.

O regime militar se fecha definitivamente com o Ato Institucional número 5 (o AI-5) que mergulhou o país em um dos períodos mais repressivos de sua história. Os militares não pouparam recursos ou meios para conter a oposição, utilizando inclusive a censura na imprensa, pressões eleitorais e tortura de militantes de grupos subversivos.³⁷

A reação dos militares atingiu também a imprensa. Esta ficaria muito prejudicada com a presença da censura de 1968 para frente. Os caminhos se fechavam, o que ajudaria a criar uma nova fase do ciclo alternativo. O primeiro alternativo dessa nova fase foi O Pasquim, que utilizava o humor para criticar o regime militar.

³⁵ - s/A. "O Terror Condenou o Americano à Morte" in Veja, Número 6, São Paulo, Abril Cultural, 16/10/68, p. 25;

³⁶ - citação de Carlos Lamarca extraída de Sirkis, Alfredo. Koleta Chilena. São Paulo, Circulo do Livro, 1981, pp. 44-45;

³⁷ - Skidmore, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 321;

O Pasquim

O Pasquim surgiu em 1969, com a proposta de ser um jornal bem-humorado, destacando a vida de Ipanema.³⁸ Sua equipe era composta por cartunistas criativos, sem uma organização administrativa muito rígida - ou seja, era um grupo de amigos que, de suas relações pessoais, fazia a matéria do jornal -, estilo jornalístico que Luís Braga chamou de “patota”.³⁹ Jaguar, Millôr Fernandes (que havia criado o precursor Fif-Paf, em 1964), Henfil, entre outros, faziam parte dessa “patota” que iria revolucionar a maneira de se fazer jornal no Brasil.

A forma do jornal era tão importante quanto o seu conteúdo. Feito no formato de tablóide, com uso expressivo de cartuns e charges, de muito deboche e sátira (seus criadores eram, essencialmente, cartunistas), o produto tinha uma apresentação marginal, lembrando os pasquins barulhentos de épocas passadas. O que o jornal buscava era uma cultura alternativa, ou contracultura, combatendo tanto a cultura “oficial”, da ordem estabelecida, quanto a cultura “oficial” de esquerda.⁴⁰ Não era só de cartuns que vivia o jornal, mas também de entrevistas e matérias escritas sérias, que merecem alguns comentários.

As entrevistas acabariam por ter como forma o linguajar coloquial, ou seja, eram a reprodução fiel de como ela foi dada pelo entrevistado ao entrevistador, sem a “copydiskagem” (seleção do que foi dito e sua formatação para o meio de comunicação feitas pela grande imprensa), recurso típico deste tipo de reportagem. O não uso da “copydiskagem” pode ter sido uma opção formal (o jornal tinha um estilo coloquial por si só) ou uma simples preguiça de seus editores (que preferiram colocar tudo como estava só para não ter o trabalho de formatizar o texto para o jornal).⁴¹ Essa preocupação formal (ou falta de) deu à revista muito mais ganhos do que prejuízos, inovando nessa área. Não apenas nas entrevistas, mas em todo o conteúdo do jornal, que apresentou uma nova

³⁸ - Kucinski, Bernardo, op. cit., p. 157;

³⁹ - Braga, José Luiz, O Pasquim e os Anos 70, Brasília, Editora da UnB, 1991, p. 27;

⁴⁰ - Kucinski, Bernardo, op. cit., p. 159;

⁴¹ - Braga, José, op. cit. p. 27;

linguagem ao jornalismo brasileiro. Seu humor corrosivo preocupou o regime militar, que apreendeu números, prendeu a equipe de redação e instituiu a censura prévia.

E não apenas o humor era preocupante: Paulo Francis, um dos seus articulistas, estabeleceria uma nova abordagem da Guerra do Vietnã, utilizando-a para criticar o “sistema”, as injustiças sociais e fazer referências ao que ocorria no Brasil, pois esse era um dos poucos espaços possíveis. Outro que utilizava a guerra nesse sentido era o “fantasma” Pedro Ferreti - um jornalista que não existia (apesar de ter seu nome colocado oficialmente na empresa), codinome utilizado por todos da equipe do jornal para denúncias mais delicadas, o que poderia ser útil no caso de as autoridades militares exigirem explicações. Também servia para ser o canal do jornal contra a grande imprensa.

As matérias não eram notícias, pelo menos não no sentido já discutido até este presente momento. Elas seriam análises feitas pela equipe de redação, mas não um levantamento de local do acontecimento. A página dois seria o espaço reservado para as matérias internacionais.

Paulo Francis tornar-se-ia famoso pelas suas análises de política internacional, particularmente pelas matérias referentes à Guerra do Vietnã.⁴² O jornalista informava-se muito bem sobre o assunto, escrevia muito bem (o que ele faz até os dias de hoje) e apresentava argumentações lógicas e bem fundamentadas, mesmo que elas pudessem ser uma “salada” de teorias e análises de outros autores, apresentadas num conjunto como sendo de sua autoria. Independente disso, os artigos de Paulo Francis colocaram o Vietnã em evidência dentro do jornal.

Massacre de My Lai.

Enquanto o Brasil mergulhava no período mais autoritário da ditadura militar, a Guerra do Vietnã continuava. A vitória apertada do republicano Richard Nixon mudaria os rumos da guerra, ou pelo menos era assim que se acreditava. A revista Fatos & Fotos reproduziu uma matéria

⁴² - Trecca, Italo. Entrevista para o Autor, realizada em 18 de Outubro de 1995, Campinas, SP;

da *Associated Press* sobre a posse de Nixon, esperando que suas intenções de paz realmente pudessem fazer efeito, principalmente no Vietnã. O título não poderia ser mais significativo: “Richard Nixon - A Posse da Paz”.⁴³

Nixon apresentou sua proposta para acabar com a guerra, chamada “vietnamização” do conflito, pois as tropas norte-americanas seriam retiradas do Vietnã do Sul que teria, em contrapartida, suas forças armadas reforçadas para que ganhassem a “sua” guerra.⁴⁴ Tal política esvaziaria os movimentos pacifistas, pelo menos num primeiro momento.

Por outro lado, começavam as negociações de Paris, que poderiam terminar a guerra rapidamente, ou pelo menos era essa a esperança. Os procedimentos da conferência foram feitos dentro de um acordo geral, conseguido logo nas primeiras sessões, aumentando as expectativas. A Folha de São Paulo noticiou esse acordo, levantando o que foi aranjado: acerto do uso de idiomas (“o vietnamita e o inglês são oficiais e o francês é de trabalho”), bem como a forma da mesa (“redonda e sem separações nem sinais distintivos e as mesas retangulares para os secretários e tradutores”); estabelecimento do número de 15 pessoas por delegação; admissão da imprensa por 15 minutos na sala de conferência, antes de iniciar os trabalhos; estabelecimento da grande sala do Hotel Majestic como o local das conferências.⁴⁵

À medida que as negociações foram se desenvolvendo e assuntos mais relevantes foram sendo discutidos, as partes foram se mostrando inflexíveis em suas reivindicações e a esperança foi desaparecendo.

Um destaque na cobertura das negociações de Paris foi a esposa do vice-presidente. Cao Ky, uma belíssima mulher vietnamita chamada Dang Thi Tuyet May e apelidada de “Flor da

⁴³ - s/A. “Richard Nixon - A Posse da Paz” in Fatos & Fotos, Número 418, Brasília, Editora Bloch, 1969, pp. 6-11;

⁴⁴ - s/A. “Troca de Posições” in Coleção Guerra na Paz, V. 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 731;

⁴⁵ - s/A. “Vietnã: Acordo Geral na Primeira Reunião da Conferência Ampliada de Paz em Paris” in Folha de São Paulo, São Paulo, Agência Folhas, 19/01/69, p. 2;

Neve”, ganhando notícias por sua beleza e ocidentalidade.⁴⁶ Como podemos observar, em termos puramente políticos, as negociações estavam deixando muito a desejar.

A revista Realidade nem sequer tomou conhecimento das negociações de Paris, e buscou na vivência e no sentimento humano a matéria-prima das reportagens sobre a Guerra do Vietnã. No número 37, a revista fez uma reportagem com a menina vietnamita Tron, ferida e com o lar destruído, contando sua vida e seus sofrimentos na guerra.⁴⁷ Era uma tentativa da revista de mostrar a selvageria do conflito e aumentar suas vendas, pois a concorrência com a revista Veja, da mesma editora, a estava matando (na verdade, a Realidade estava sendo subjugada pela Veja).⁴⁸

De qualquer maneira, a guerra estava sendo relegada a um segundo plano nas coberturas da imprensa, a começar pela norte-americana.

A imprensa norte-americana, até então a favor da guerra, colocou-se quase que unanimemente contra ela. Do Ter para frente, as matérias seriam mais críticas; as imagens, até então apresentadas como positivas, ganhariam novas conotações, sendo mostradas como verdadeiras aberrações. Poucos meses antes, essa era uma posição quase impossível de ser pensada. Tal tendência seria aumentada com o incidente de My Lai.⁴⁹

Em 16 de março de 1968, a Companhia C, Primeiro Batalhão, Vigésima Infantaria, Décima-Primeira Brigada, Divisão Americal, entrou na vila de My Lai e matou entre 90 e 130 homens, mulheres e crianças, sob o comando do Tenente William L. Calley Jr., como os soldados que participaram da ação iriam confirmar.

O exército começou as investigações em 23 de abril de 1969 e, em setembro, perto do desligamento de Calley, foi feita uma acusação contra ele pelo assassinato de 109 “seres humanos

⁴⁶ - s/A. “Flor da Neve - a Primeira Dama de Saigon” in Veja, Número 22, São Paulo, Abril Cultural, 1968, pp. 30-31;

⁴⁷ - Moser, Don e Burrows, Larry. “Uma Menina Chamada Tron” in Realidade, Número 37, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 50-58;

⁴⁸ - Kucinski, Bernardo. op. cit., p. 39;

⁴⁹ - todas as informações sobre My Lai foram extraídas de Knightley, Phillip. A Primeira Vitória. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, pp. 493-499; e s/A. “Trauma” in Coleção Guerra na Paz V.4. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 774;

orientais”, número que, mais tarde, foi reduzido para 102. Tal registro recebeu cobertura mínima, e o episódio poderia ter-se encerrado, mas um repórter *free-lance*, Seymour Hersh, o retomou.

Hersh cobria o que acontecia no Pentágono, mas, desiludido com a política oficial de Washington, demitiu-se. Através de um contato, o advogado Geoff Cowan, que lhe afirmara que o exército estava indiciando um sujeito por ter matado 75 civis vietnamitas, Hersh, depois de dois dias e vinte e cinco telefonemas, descobriu que o número era de 109 e que valia a pena investigar.

Através do Fundo de Jornalismo de Investigação, que lhe prometera mil dólares para as despesas, Hersh viajou até o Forte Benning, onde ocorreram as investigações, e depois de muitas idas e vindas, descobriu o tenente Calley e o entrevistou. A matéria estava pronta, mas o problema seria publicá-la.

As revistas *Life* e *Look* se recusaram a publicá-la. Hersh procurou uma agência pouco conhecida, a *Dispatch News Service*, de Washington, fundada há poucos meses, que a ofereceu para 50 jornais, ao preço de cem dólares em caso de publicação. 36 publicaram a matéria, inclusive o *The Times*, de Londres.

Apesar disso, o assunto parecia morrer. Então, apareceram as fotos do massacre, tiradas por um fotógrafo do exército que estivera em My Lai com Calley. As imagens foram decisivas na matéria, e My Lai transformar-se-la num trauma para o exército dos Estados Unidos e para todo o país, que tanto justificara suas ações no Sudeste Asiático para salvar aquele povo, e não para destruí-lo.

Uma das conseqüências do episódio de My Lai foi que a imprensa norte-americana considerou a guerra praticamente encerrada, pois nada mais poderia justificá-la e, contando-se que os soldados norte-americanos estavam sendo retirados no processo de “vietnamização”, a guerra estaria logo encerrada, e as preocupações deveriam ser desviadas para as conversações de Paris, onde o destino da guerra estava sendo decidido diplomaticamente. A quantidade de tempo e espaço dedicado a ela começou a declinar.⁵⁰ Mas, como veremos a seguir, a guerra não diminuiu.

⁵⁰ - Knightley Phillip *op. cit.*, p. 499;

A vitória de Nixon e a "vietnamização" da guerra pareceram suficientes para esquecê-la. My Lai veio na contramão, e mostrou as mazelas da maior potência mundial matando aldeões indefesos. O massacre de My Lai foi levantado por um jornalista dentro dos Estados Unidos, que pode assim ter uma distância suficiente para se impressionar com os fatos, ao contrário dos seus colegas correspondentes na região, que viam massacres constantemente, sem mais se impressionar com eles, pelo menos a ponto de relatá-los. O local da produção da notícia interfere na sua produção, na sua representação.

Outro fator interessante de My Lai como reportagem, é que ela foi "esfriando" até que as fotografias do massacre foram reveladas e reacqueceram as discussões. Mais uma vez, as imagens mostraram-se fundamentais para a importância e o impacto de uma notícia.

My Lai e a Imprensa Brasileira

A cobertura da guerra pela imprensa brasileira, nesse momento, foi influenciada pelas condições políticas de caráter excepcional que o país atravessava. A ditadura militar com o AI-5 significou prisões, tortura, censura - os canúchos para quem defendia resistência institucional estavam, definitivamente, fechados. A esquerda radical mergulhou na luta armada. Cresceu a idéia de se "criar Vietnãs" no Brasil pelos grupos armados, mas também cresceu a resistência a essa idéia pelos militares. A ditadura iria combater a guerrilha em todas as frentes.

Dominando a produção de imagens e palavras (quer pela censura ou por órgãos próprios de criação de propagandas), passando a sua visão dos acontecimentos e utilizando todos os meios de violência possíveis, inclusive a prisão sem justificativas e a tortura, os militares controlaram a situação no país, impedindo qualquer possibilidade de os grupos guerrilheiros aumentarem o seu quadro ou de conseguirem maiores propagandas. Apenas os seqüestros de embaixadores é que deram alguma notoriedade a esses movimentos, mas eram atos mais de desespero para salvar seus colegas da prisão (e da tortura) do que atos de iniciativa estratégica.

Para os grupos de esquerda, o definitivo estabelecimento do aparato repressivo foi outro fator decisivo para a sua derrota. Neste aspecto, os órgãos de repressão foram organizados para dar maior praticidade às operações anti-guerrilha.⁵¹ No final de 1969, um golpe poderoso é dado pela repressão: Carlos Marighella, o líder da ALN, é morto.

A imprensa ganhava mais um filtro: a censura. A prisão de muitos jornalistas, a necessidade de se ter diploma para trabalhar na imprensa (muitos intelectuais que trabalhavam como jornalistas não puderam mais exercer a profissão) e o endurecimento da repressão fechou muitos espaços para o trabalho ou mesmo para a apresentação da notícia.

Ainda assim a resistência foi tentada. A revista Veja iria se caracterizar como pólo de resistência nesses primeiros anos de endurecimento do regime. Com Raimundo Pereira na redação, o estilo neutralista e “frio” da revista seria excepcionalmente utilizado nesse sentido.

No número 66, aproveitando uma frase proferida pelo presidente Médici, a tortura seria a matéria de capa: “O Presidente Não Admite Torturas”, sendo que, na edição seguinte, apareceria uma matéria apresentando o histórico da tortura.⁵² Com certeza, uma das primeiras manifestações de oposição à nova fase da ditadura militar. Não há referências diretas ao que acontecia no momento, apenas referências indiretas, parecendo muito mais uma frase de efeito dita pelo presidente e uma reportagem histórica qualquer.

A revista Veja destacou muito a Guerra do Vietnã nesses anos, pois era um dos poucos assuntos com os quais a censura pouco se preocupava. Cuba e China eram praticamente assuntos proibidos, então não sobravam muitos espaços, e o Vietnã foi uma alternativa. A cobertura crítica da Guerra do Vietnã ganhou outro aspecto no cenário da imprensa brasileira.

⁵¹ - os órgãos foram: Serviço Nacional de Informação (SNI); Departamento de Ordem Política e Social (DOPS); dentro de cada exército formou-se o Departamento de Operações e Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI - CODI); coordenação de medidas de segurança entre civis e militares, chamada de Operação Bandeirantes (OBAN);

⁵² - s/A “O Presidente Não Admite Torturas” in Veja, Número 66, São Paulo, Abril Cultural, 1969, capa; e s/A “Torturas” in Veja, Número 67, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 12-25;

Todos os jornais e revistas aproveitaram esse espaço, e não apenas com a Guerra do Vietnã. Mas foi a imprensa alternativa que mais utilizou este recurso - ou em termos concretos, *O Pasquim*, pois nesse momento era o único jornal alternativo.

O papel da cobertura internacional, como a realizada com a Guerra do Vietnã, também era muito importante para o jornal. José Luiz Braga argumenta que

*“Seja diretamente pelo seu valor informativo, que contrastava com o esvaziamento, a mesmice, do fato político nacional. Seja indiretamente, deixando no ar - e à agudeza do leitor - referências entre o que acontece no mundo e o que vai pelo Brasil.”*⁵³

Paulo Francis destacou-se principalmente por suas análises sobre a Guerra do Vietnã. Não que fosse o único a escrever sobre o tema - até mesmo *Jô Soares* ariscou um artigo sobre a volta do Capitão América, símbolo da liberdade e da violência maniqueísta do bem contra o mal, utilizado pelos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, dentro da realidade nada maniqueísta da Guerra do Vietnã.⁵⁴ Mas foi Paulo Francis quem dedicou os maiores espaços para o tema.

A política de Nixon não dava resultados e recebia críticas de Paulo Francis. Analisando como a Nova Esquerda estava enfrentando o governo Nixon, Paulo Francis não pode deixar de fazer um comentário ácido ao presidente norte-americano e ao liberalismo:

*“Em suma, (Nixon) pretende continuar a guerra, manter o governo absurdo de Saigon, mas, ao mesmo tempo, precisa apaziguar a opinião anti-guerra nos EUA, que corrói a sociedade americana. Logo, diz uma coisa e faz outra. Nixon revelou-se um liberal.”*⁵⁵

Um dos seus mais importantes artigos foi sobre o massacre de My Lai. O artigo, simplesmente com o título de “My Lai”,⁵⁶ mostra que, apesar desse genocídio específico ter sido

⁵³ - Braga, José Luiz. *op. cit.*, p. 52;

⁵⁴ - Soares, Jô. “Capitão América no Vietnã” in *O Pasquim*, Número 23, Rio de Janeiro, 1969, p. 16;

⁵⁵ - Francis, Paulo. “Historinhas” in *O Pasquim*, Número 22, Rio de Janeiro, 1969, p. 22;

⁵⁶ - Francis, Paulo. “My Lai” in *O Pasquim*, Número 24, Rio de Janeiro, 1969, p. 3; também são deste artigo as próximas referências;

colocado como um fato isolado e excepcional, os massacres na região eram rotineiros. A presença norte-americana no Vietnã era, por si só, um massacre: várias regiões do Vietnã do Sul não poderiam ser cultivadas nos próximos 50 anos (pela quantidade de herbicidas despejada); Saigon não passava de um bordel; 30% das forças norte-americanas funcionavam sob efeito de maconha. O autor completa que o “genocídio é indiscutível”, e que My Lai é o “dia a dia”.

Não que os comunistas fossem menos violentos, mas lutavam pela liberdade de seu país. Paulo Francis não se põe como pacifista, apenas reconhece que Hanói e o Vietnã do Norte têm popularidade, e que só com o apoio da população, principalmente da população camponesa, é que a guerrilha poderia ter chegado aonde chegou.

A liberdade nos Estados Unidos é valorizada, pois os grupos pacifistas podiam exercer pressão para as investigações sobre o massacre. Naturalmente o Pentágono ou a Casa Branca não aceitavam tal liberdade tranquilamente (o primeiro omitiu até quando pode o massacre, e o segundo agiu sob pressões para que não ocorressem modificações nas perspectivas oficiais).

Outro fator considerado por Paulo Francis foi a própria tática de guerra aplicada pelos Estados Unidos, ou seja, a tática de “*search and destroy*”, busca e destruição, que consistia em atirar em qualquer um em área suspeita de presença do Vietcong.

Enfim, o massacre de My Lai pode não ter tido uma grande repercussão nos resultados da guerra, pois a “maioria silenciosa” (os “débeis de que Nixon fala”) ignorou tais fatos e a minoria que contestava a guerra era detestada por essa maioria. Os “*mass media*” (grandes veículos de comunicação) não entravam no assunto baseados em especialistas, e qualquer coisa antes de My Lai era colocada como excepcionalidade.

No artigo de Paulo Francis a Guerra do Vietnã quase foi completamente estmucada. Os pontos que marcaram a guerra foram discutidos em profundidade, apresentando uma visão difícil de ser exposta em 1969, pois a imprensa já estava sofrendo pressões da censura.

Muitas das idéias contidas no artigo de Paulo Francis já estavam sendo discutidas em outros meios, não sendo sua temática, portanto, inédita. O artigo atualizou esses debates como

nenhum outro meio o fez no Brasil. E o próprio jornal é que iria levantar a omissão dos outros meios de comunicação – a mais pesada denúncia contra a grande imprensa brasileira em relação à guerra.

Pedro Ferreti, no meio da edição número 25, criticava o massacre, afirmando que a imprensa norte-americana tratava o caso de forma a colocá-lo como um ponto a favor da democracia dos Estados Unidos. Seus comentários foram mais longos, pois também criticavam o posicionamento da grande imprensa brasileira, que não dava o destaque devido e nem considerava sequer que havia ocorrido um massacre.⁵⁷

Até que ponto essa denúncia estava certa? O massacre de My Lai recebeu cobertura da grande imprensa, mas essa foi pequena, principalmente se comparada à de outros países. A Folha de São Paulo colocara apenas algumas colunas, sem maior expressão, citando-o muito pouco nas edições seguintes. As revistas também noticiaram o massacre, mas foi a Veja quem mais se estendeu no assunto em algumas poucas edições.⁵⁸

O que teria determinado um tão pequeno destaque? Não conseguimos uma resposta conclusiva nas pesquisas, mas alguns indícios.

O primeiro é o possível posicionamento dos próprios meios de comunicação. Esta hipótese mostra que o assunto não interessou à grande imprensa depois de praticamente um ano de incessantes notícias sobre a guerra, pois acreditava-se que ela não mais chamava a atenção do público, ou que ele estivesse saturado de notícias sobre a Guerra do Vietnã.

Outra hipótese é que a guerrilha no Brasil estava acontecendo, e que um enfoque mais detalhado ou apaixonado sobre o massacre (o que estava ocorrendo no resto do mundo) poderia estimular ainda mais a guerrilha, ou seja, a grande imprensa não deu destaque ao assunto por posicionamento político.

Uma última hipótese é a presença da censura. A censura brasileira no período não tinha uma linha fixa de atuação, sendo inclusive desigual de meio para meio, como veremos mais

⁵⁷ - Ferreti, Pedro. "My Lai na Imprensa" in O Pasquim. Número 25, Rio de Janeiro, 1968, pôster central;

⁵⁸ - s/A. "A Surpresa do Massacre." in Veja. Número 65, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 46-47;

adiante. Ela podia proibir todo e qualquer assunto, parte dele ou, o que aconteceu inúmeras vezes, permitindo que o assunto fosse noticiado, mas sem qualquer destaque. Mesmo Cuba e China, assuntos quase que totalmente proibidos, apareciam nos noticiários, mas invariavelmente sem destaque, ou com destaque negativo. O mesmo pode ter acontecido com o massacre de My Lai, pelo menos na grande imprensa, pois, como já vimos anteriormente, *O Pasquim* apresentou uma matéria mais consistente sobre o assunto.

Outra denúncia importante de Pedro Ferreti foi quanto à chacina cometida por Charles Manson e sua “família” (uma comunidade no estilo *hippie*, liderados por Manson) contra o casal La Bianca e da atriz Sharon Tate, esposa do diretor polonês Roman Polansky.⁵⁹ A imprensa norte-americana aproveitou-se desse crime, denunciando as práticas de grupos de jovens, que tanto criticavam a sociedade norte-americana. Charles Manson e seus asseclas cometeram tal chacina baseando-se nas leituras de Manson da Bíblia com a música do “álbum branco” dos Beatles, um dos ícones da juventude naquele momento, o que demonstrava o perigo das contestações.

O “fantasma” Pedro Ferreti não enxergava as coisas neste sentido, denunciando que a chacina feita pela comunidade de Manson estava sendo usada para que a sociedade norte-americana esquecesse o massacre de My Lai, que, de uma maneira ou de outra, foi feito pelo “sistema”. Charles Manson, ou a cultura “anti-sistema” que o produziu, estaria sendo valorizado demais, não pelo que fez (um crime, indiferentemente ao que se possa dizer), mas para culpar a rebeldia da juventude.⁶⁰

Era a reação do “sistema” contra os contestadores. Um golpe considerável para quem confiava na juventude norte-americana como elemento de revolta social. O “sistema” usou muito bem esta chacina, pois logo a opinião pública norte-americana condenaria o comportamento de Manson (e,

⁵⁹ Ferreti, Pedro. “Sharon Tate” in *O Pasquim*, Número 26, Rio de Janeiro, 1969, pôster central;

⁶⁰ além do massacre realizado pela “família” Manson, outro acontecimento foi muito explorado pela imprensa norte-americana para mostrar os perigos da juventude: o Festival de Altamont, promovido pelos *Rolling Stones*, que teve 4 mortes, sendo que uma delas foi um assassinato realizado pelos seguranças do festival (o grupo de motoqueiros denominado *Hell's Angels*) na frente do palco, que acabou sendo filmada e aparecendo, posteriormente, no filme *Gimme Shelter*, sobre a excursão dos *Rolling Stones* de 1969. Curiosamente, tanto Manson como Altamont atingiram os dois maiores nomes do rock da época, os *Beatles* e os *Rolling Stones*, respectivamente. O Festival de Altamont e sua violência transformou-se no contraponto do pacífico Festival de *Woodstock*;

conseqüentemente, da juventude rebelde), enquanto transformariam o tenente Calley em herói, assunto que o próprio O Pasquim iria tratar muitas vezes.

A imprensa alternativa procuraria ganhar o simbólico da sociedade brasileira, tentando passar idéias de resistência e, até mesmo, de revolução. O sonho da revolução continuava, mas os caminhos estavam fechados. A repressão procuraria dominar o simbólico, para evitar a ascensão dos guerrilheiros, querendo evitar o que acontecia no Vietnã, onde o Vietcong dominava o simbólico de sua sociedade.

A Peça *Hair* e o Padre Generoso Bogo

Não apenas a imprensa se interessava pela Guerra do Vietnã, ou tinha problemas com a presença da censura. Trabalhos intelectuais e artísticos encontravam uma série de dificuldades para serem lançados, artistas eram perseguidos ou “convidados” a se retirar do país, entre outras coisas. O uso de linguagem indireta, ou seja, de referências, já que muitos assuntos não poderiam ser tratados diretamente, tornou-se uma constante na produção cultural do país.

Curiosamente, uma peça musical de teatro passou pela censura (não sem muitas restrições), e pode ser encenada com muito sucesso. Era uma peça que lidava com assuntos de sua época, ou seja, política, juventude, amor livre, drogas, nudez, rock'n'roll e, como não poderia deixar de ser, Vietnã: *Hair*.

Escrita por Jerome Ragni e James Rado, musicada por Galt MacDermot, a peça, que estreou em 1967 na *Broadway* provocou muita polêmica pelas suas temáticas nada tradicionais no teatro norte-americano e dividiu a crítica. Junto com a polêmica, veio também um grande sucesso de público.

A história é sobre as aventuras de um jovem do interior dos Estados Unidos, Claude Bukowski, convocado para lutar no Vietnã, e de seu encontro com um grupo de hippies, liderados pelo personagem Berger, antes de se apresentar ao seu batalhão. A partir daí, a peça mergulha no

mundo da cultura jovem de sua época, com referências à liberdade sexual, drogas e, principalmente, carregando uma mensagem pacifista contrária à Guerra do Vietnã.

A versão nacional da peça nasceu quando o diretor musical Cláudio Petraglia, que estava em Nova Iorque, conseguiu assistir uma “*preview*” (pré-estreia) da peça, interessando-se em encená-la no Brasil. Em 1969, todo o elenco (que incluía nomes que fariam sucesso nas produções da Rede Globo, como Armando Bógus, Laerte Morrone, Araci Balabanian, Sônia Braga, entre outros) estava reunido e ensaiado, e a peça estrearia, em São Paulo, em 8 de outubro deste ano, dirigida por Ademir Guerra.⁶¹

Como nos Estados Unidos, repetiu-se o sucesso da montagem nacional de *Hair*, com o grupo lotando teatros pelo interior do país, por três anos, até a peça ser caçada pela ditadura.

A versão nacional da peça manteve o credo original, com poucas alterações na tradução, com algum aporquiesamento (como na faixa “Crioulos”, uma expressão nacional para negros, da faixa original “*Mack Boys*”). A parte musical também era diferente. A peça norte-americana tinha uma variedade musical maior, muitas vezes reflexos do próprio experimentalismo da música pop do período, mantendo um som mais áspero e pesado. A versão nacional aproximou-se mais da música produzida pela Jovem Guarda (o chamado Iê-Iê-Iê), dando um tratamento mais melódico às músicas. Tal observação é importante, pois houve preocupações de se aproximar as músicas à realidade da música pop brasileira.⁶²

Apesar disso, as vocalizações eram muito pobres, feitos por atores que não eram, necessariamente, cantores (caso mais expressivo de Armando Bógus, que seria um dos mais requisitados atores das novelas da Rede Globo, que interpretava o personagem Berger, e cujas imitações vocais eram evidentes).

⁶¹ - informações extraídas na contracapa do álbum *Hair*, produzido e lançado em 1969 pela Produções Formeta Ltda., produzido por J. Shapiro;

⁶² - análise do álbum *Hair*, op. cit.; a comparação é feita com o álbum da peça original em inglês, *Hair*, New York, Broadway Productions, 1967;

O sucesso da peça no Brasil deveu-se a dois fatores: primeiro, o próprio impacto da sua versão norte-americana (tanto pelas suas inovações musicais e estéticas, como pela nudez de alguns atores; e também pela sua temática jovem), estimulando o público a acompanhar a versão nacional; segundo, a presença da temática específica da Guerra do Vietnã e a postura crítica da peça. Esta era uma idéia muito forte no Brasil e no mundo, que enxergavam na peça a essência do comportamento de contestação social e das posições contrárias à guerra.

A peça *Hair* pregava o fim da guerra e a saída norte-americana. O padre brasileiro Generoso Bogo não gostava da guerra, mas não queria a saída norte-americana do Vietnã, nem a vitória dos comunistas na região.

O padre Bogo era conhecido mundialmente pelo seu trabalho de caridade com as crianças vítimas da guerra no Vietnã do Sul - ele trabalhava num dos inúmeros orfanatos católicos no país. Hamilton Ribeiro, para conseguir o visto da embaixada do Vietnã do Sul, alegou que iria fazer uma reportagem com o padre Bogo (o que não era inteiramente verdade, pois o padre não estava no Vietnã no momento que Hamilton Ribeiro alegava que iria visitá-lo).⁶³

O padre Bogo voltou ao Brasil em 1969, e lançou um livro, Imagens e Paisagens do Vietnã.⁶⁴ contada a história do país, sua geografia e a sua trajetória pessoal. O mais interessante deste livro é que ele extrapola seu caráter histórico e geográfico, tornando-se um libelo contra o comunismo no Vietnã do Sul. Até mesmo a beleza do país não combina com o regime comunista, numa visão geográfica, no mínimo, curiosa. Bogo era até mais radical que a ótica norte-americana de que a queda do Vietnã seria uma tragédia.

*"A ameaça comunista atinge todos nós. Um triunfo comunista na Ásia, seria uma catástrofe para a Europa."*⁶⁵

⁶³ - Ribeiro, José Hamilton. op. cit., p. 25;

⁶⁴ - Bogo, Padre Generoso. Imagens e Paisagens do Vietnã. Porto Alegre, Dom Bosco, 1969;

⁶⁵ - Bogo, Padre Generoso. op. cit., p. 154;

Em muitos sentidos, estas visões eram bastante raras nesse momento, pois os discursos contra a guerra acabaram superando os discursos a favor dela e representações desta natureza apareceram muito pouco frequentemente.

O padre Generoso Bogo, católico e inteirado do que acontecia no Vietnã - até mesmo por que trabalhava no país -, tentou mostrar a faceta mais selvagem do Vietcong e do Vietnã do Norte, pois essa selvageria existia realmente, mas estava encoberta por visões de heroísmo dessas forças contra as forças armadas norte-americanas, muito mais poderosas.

*"Que Deus livre o nosso grande povo dessas mazelas do 'paraiso' de Mao, e dos... pacifistas, e dos simpatizantes deles que pretendem enganar-nos e fazer-nos engolir a 'pílula dessa... 'igualdade social'!"*⁶⁶

A representação das forças comunistas como heróis era muito comum, mesmo quando elas nada tinham de heróicas. O livro do padre Bogo foi esquecido, pois sua temática esbarrava em representações muito diferentes da que se tinha em relação à guerra no momento do seu lançamento.

Uma curiosidade: o padre, para arrecadar fundos para ajudar mil e trezentos "pequeninos refugiados" vietnamitas, recorreu a doações em dinheiro com depósitos em contas bancárias, sendo um dos precursores dessa prática no Brasil. Os bancos são: Banco Industrial e Comercial do Sul S.A. (Sulbanco, de Porto Alegre, São Leopoldo e de Lages); Banco Nacional do Comércio, agências de Rio do Sul e de Itajaí, em Santa Catarina; Bradesco, de Campinas e de Lorena; Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina S.A., na Guanabara e em Presidente Getúlio, Santa Catarina.⁶⁷

⁶⁶ - Bogo, Padre Generoso, *idem*, p. 152.

⁶⁷ - Bogo, Generoso, *idem*, parte inferior da contracapa;

Infelizmente, os bancos que ainda existem recusaram-se a prestar informações da movimentação destas contas, por questões de sigilo bancário, o que nos impede de descobrir os efeitos de tal campanha.

O musical *Hair* e as campanhas beneficentes do padre Generoso Bogo: duas visões diferentes da mesma guerra. Não as únicas, mas, provavelmente, as mais recorrentes. O maniqueísmo dessas visões demonstra como as representações do conflito atuavam nesse período.

Grande Imprensa: Mudanças e Continuidades

Em 1969, utilizando definitivamente o sistema “off-set”, o jornal Folha de São Paulo mudou bastante, apesar das mudanças aparentemente serem mínimas. A cor do jornal ficou mais clara, as fotografias mais nítidas (diminuindo o contraste de preto e branco) e as edições extras diminuíram muito (em parte, pela demanda satisfeita pelo Folha da Tarde). O jornal ganhava cada vez mais cadernos, e algumas colunas foram sendo modificadas ou desativadas, como o espaço de Newton Carlos (que inicialmente mudou, tendo seus textos apresentados irregularmente, até a suspensão do “Panorama Internacional”).

A Folha da Tarde também sofreu mudanças, mas não de ordem técnica. Algumas semanas depois de AI-5, Antônio Aggio substituiu Miranda Jordão na chefia de redação, e esta se dissolveu.⁶⁸ A partir daí, o jornal seria, praticamente, um porta-voz dos militares, principalmente quando se tratava de noticiar acontecimentos envolvendo a luta armada. Os guerrilheiros, além de serem colocados como terroristas, ainda ganhavam outros adjetivos, tais como “facinora”, muito comumente utilizados pelo jornal.

O Estado de São Paulo alterou muito pouco sua parte técnica, pois continuou ligado a uma indústria norte-americana de equipamentos tecnológicos que era sua fornecedora habitual, e,

⁶⁸ - Kucinski, Bernardo, op. cit. p. 23;

quando esta falha, deixou o jornal em condições ruins, com um equipamento pouco prático, o que impediu uma concorrência mais efetiva ao grupo Folhas.⁶⁹

Outro problema enfrentado pelo jornal foi a mudança de sua sede do centro de São Paulo para as margens do Tietê, num projeto muito caro (“faraônico”, nas palavras de Alberto Dines) que aumentou ainda mais a crise financeira do jornal (o Jornal do Brasil teria os mesmos problemas, no Rio de Janeiro).⁷⁰ De qualquer maneira, o jornal paulista colocou-se contra a ditadura, juntamente com o Jornal da Tarde, sendo ambos constantemente censurados.

Podemos perceber que erros de planejamento, que também envolviam questões tecnológicas, podiam afetar a vida de um grande jornal. A Folha de São Paulo acabou apostando no equipamento “off-set”, conseguindo enfrentar seus concorrentes e manter-se nos períodos de crise que se seguiriam na década de 70. O Estado de São Paulo também apostou em determinada tecnologia, que acabou não rendendo o esperado, tendo enormes dificuldades nas crises dos anos seguintes, e, praticamente, não conseguindo mais concorrer com a Folha de São Paulo, pelo menos em termos de inovação.

Manchete, Fatos & Fotos e O Cruzeiro, revistas essencialmente de fotojornalismo, teriam um grande campo de atuação no final da década de 60, trabalhando com notícias nacionais e internacionais de grande repercussão. A presença cada vez mais atuante da televisão provocou uma crise tanto nessas revistas de fotojornalismo como nas suas matrizes nos países desenvolvidos. A produção televisiva, cada vez melhor em termos técnicos, mostrava-se mais “completa”, algo que tais revistas não estavam conseguindo produzir. A crise da década de 70 seria decisiva para essas publicações.

A televisão, no Brasil, continuava crescendo, tornando-se o principal meio de comunicação do país. A crise do grupo Chateaubriand legou-o a uma posição secundária entre as emissoras de televisão, e o crescimento da mesma era comandado pela Rede Globo, que foi

⁶⁹ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, realizada em 20 de Setembro de 1995, Campinas, SP.

⁷⁰ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.;

beneficiada pelo regime militar e por um empréstimo do grupo norte-americano *Time-Life*. Era o início da ascensão da emissora de Roberto Marinho.

A influência da televisão brasileira na imprensa escrita começaria a crescer inexoravelmente. Ainda no ano de 1969, a televisão inauguraria um jornalístico que se tornaria importante dentro da vida do país nos próximos anos: no dia primeiro de setembro, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, pela primeira vez entrava no ar. Ele provocaria mudanças radicais na imprensa do país como um todo.

O Jornal Nacional, no dia 9 de setembro, anunciava que a Junta Militar que tinha substituído o enfermo presidente Costa e Silva endureceria ainda mais:

*"Junta Militar decreta o Ato 14, que prevê a pena de morte e a prisão perpétua em casos de 'guerra revolucionária e subversiva'."*⁷¹

Enquanto que os militares proclamavam as possibilidades da morte pela revolução, curiosamente, outra manchete do mesmo dia, destacaria a vida de um revolucionário. Aliás, a morte de um revolucionário.

*"Morre o Presidente do Vietnã do Norte, Ho Chi Minh."*⁷²

A Morte de Ho Chi Minh

A morte do Ho Chi Minh afetou a imprensa brasileira como um todo, e sobre ele foi publicada uma série de reportagens, quase todas com forte caráter emocional. A matéria da correspondente italiana Oriana Fallaci, publicada na revista Realidade, louvou o líder vietnamita

⁷¹ - s/A 15 Anos de História. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 317;

⁷² - 15 Anos de História op. cit., p. 317;

morto, fazendo um balanço de sua vida e de sua obra política, lamentando por ele não ter vivido o suficiente para ver o seu país ganhar a guerra e ter a paz.⁷³

A sucessão vietnamita seria assunto da revista Veja,⁷⁴ mas poucos acreditavam que as diretrizes da guerra mudariam com a morte de Ho, até pelo contrário, pois sua liderança era incontestável e sua morte deveria estimular ainda mais a causa de reunificação do país.

⁷³ - Ballaci, Oriana. "Ho" in Realidade. Número 44, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 148-162.

⁷⁴ - g/A. "A Herança de Ho para o Vietnã" in Veja. Número 54. São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 48-49.

Capítulo 5 - 1970/1973

A Guerrilha Urbana no Brasil

A reação dos militares à guerrilha foi fulminante. Os grupos foram caindo, com seus membros sendo mortos ou capturados e, estes últimos, invariavelmente, torturados. A “caça” ao guerrilheiro Carlos Lamarca foi intensificada, com cercos no vale do Ribeira, em São Paulo, entre abril e junho de 1970.¹ Ainda neste ano, Lamarca consegue redigir e enviar um manifesto a um grande número de oficiais do Exército, assumindo-se “marxista-leninista” e conclamando os militares a formar um “exército do povo” e dar a direção das fábricas aos operários.² A revista Veja também destacaria o guerrilheiro.

Com o cerco no vale do Ribeira ainda em andamento, notícias sobre a guerrilha acabariam por ser publicadas. A revista Veja faria uma capa significativa sobre o tema: o título era “Os Segredos do Terror” - ao utilizar a expressão “terror” referindo-se à guerrilha, a revista demonstrava o seu posicionamento contrário a ela. Mostrava uma pequena máscara mortuária em tom amarelo ao lado; debaixo, um trecho de uma carta de Lamarca apreendida, onde o guerrilheiro mantém sua posição revolucionária e mostra a importância da Guerra do Vietnã como estímulo à luta:

“O revolucionário tem mesmo que romper com a sociedade que quer transformar, abomina a sua cultura alienante.

Como poderemos fazer a revolução se citamos como exemplo o trabalho de um vietcong que passava todo dia num buraco escondido e à noite saía para fazer trabalho político e ao mesmo tempo nos ressentimos de cinema, teatro, etc.?

Não importa como vivemos; nenhuma dificuldade pode nos deixar “um pouco frustrado ou um pouco indeciso.”

*Denuncio a companheira como vacilante ideologicamente.
Saudações Revolucionárias.*

¹ - José, Emílio e Miranda, Oldack. “Parte 2- A Guerrilha do Ribeira.” in Lamarca - O Capitão da Guerrilha. 8. ed., São Paulo, Global, 1984, pp. 67-94;

² - trechos extraídos de s/A. “Lamarca: o Último Cavaleiro da Utopia Guerrilheira.” in Coleção Nosso Século. V. 10, São Paulo, Abril Cultural, 1986, p. 63;

Carlos Lamarca (CID)
*VPR*³

Mais uma vez o imaginário da revolução apresentava-se na imprensa, desta vez em caráter de denúncia. A Guerra do Vietnã continuava na ordem do dia nas esquerdas revolucionárias e na imprensa brasileira. Mundialmente, a tendência se alteraria.

Os Problemas da “Vietnamização”

O ano de 1970 iniciava-se com poucas esperanças de paz no Vietnã. As negociações de Paris continuavam sem resultados e a política de “vietnamização” prosseguia, com a retirada de tropas norte-americanas acelerando-se cada vez mais. O interesse pela guerra diminuiria muito na imprensa mundial, com outras temáticas ganhando maior destaque, como os problemas no Oriente Médio, o terrorismo na Europa ou a questão irlandesa.⁴

A imprensa brasileira não seguiu os caminhos da imprensa internacional no começo da década de 70 - ela continuava dando intensa cobertura sobre a guerra, apesar do seu esvaziamento. A cobertura acabou sendo muito expressiva, pois a Guerra do Vietnã era um dos assuntos menos visados pela censura. Além do jornal alternativo O Pasquim, a revista Veja também destacaria a guerra criticamente.

A seção “Internacional” da revista ganharia uma forma padrão a partir de 1970. A seção abria com uma reportagem grande, com fotografias coloridas que explorariam os mais variados recursos gráficos e editoriais (mapas, gráficos, desenhos, etc.). As notícias internacionais menores seriam postas em pequenas colunas, com no máximo uma fotografia, pequena e em preto-e-branco, sem maiores recursos gráficos ou editoriais.

³ - s/A. “Os Segredos do Terror.” in Veja. Número 91, São Paulo, Abril Cultural, 1970, p. 1 (capa);

⁴ - “O Vietnã perdia importância no cenário mundial, cedendo terreno para outras regiões em crise, como o Oriente Médio.” Roubicek, Rafael. Ho Chi Minh. Coleção “Encanto Radical”, São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 80;

Foi nesse espaço pequeno que a revista publicou uma notícia que, apesar de pequena, foi, no mínimo, inusitada. O Vietcong atacou, em Saigon, um orfanato, matando velhos e crianças.⁵ Tal notícia deveria ter um tom condenatório ao Vietcong, mostrando a selvageria comunista, ainda mais com a presença da censura. A recriminação aconteceu, mas o final da matéria foi revelador, pois a revista entendeu que tais atitudes mostravam, mais que qualquer outra coisa, a determinação do Vietcong. Era uma observação procedente em termos de Vietnã, mas difícil de ser exposta naquelas circunstâncias. O estilo impessoal e neutro da revista tornou possível a publicação de uma visão nada impessoal e neutra da guerra, o que seria uma característica da revista nesse período de ditadura.

A revista Realidade continuava, apesar de sua decadência. Experimentos de linguagem, típicos do *New Journalism*, ainda eram feitos. Para ilustrar o trabalho do fotógrafo Larry Burrows, que cobriu a Guerra do Vietnã desde 1963 e morreu na queda de um helicóptero no Laos, os “clics” da máquina fotográfica foram utilizados no título (“Ódio, clic. Morte, clic. Guerra, clic”).⁶

A vivência e as experiências dos seres humanos ainda eram características da revista Realidade. Um dos últimos trabalhos do fotógrafo Larry Burrows foi a volta ao Vietnã do menino Lau, vietnamita refugiado no Estados Unidos, procurando sua família. O encontro (que foi fotografado) de uma parente e o menino de muletas, foi o grande impacto da reportagem, mostrando a emoção do reencontro e a dor e tristeza que a guerra podia provocar.⁷ Técnica e conteúdo juntos para realçar o pesadelo da guerra.

O Pasquim continuava suas matérias críticas. Paulo Francis analisou a guerra do ponto de vista de Hanói, onde aparecem duas saídas: “independência absoluta ou sua destruição pelos EUA.” O desenho da reportagem, de um vietnamita cortando a cabeça da águia, símbolo dos Estados

⁵ - s/A. “O Massacre” in Veja. Número 105, São Paulo, Abril Cultural, 1970, p. 56;

⁶ - s/A. “Ódio, Clic. Morte, Clic. Guerra, Clic.” in Realidade. Número 61, Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1971, pp. 54-60;

⁷ - Burrows, Larry. “O Menino que Mora na Guerra.” in Realidade. Número 60, Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1971, pp. 52-56;

Unidos, mostrou o posicionamento do jornal perante as opções levantadas pelo artigo de Paulo Francis.⁸ O jornal acreditava (e desejava) a independência do Vietnã.

A Guerra que Desaparecia e Aumentava

A cobertura por quem estava no Vietnã, nesse momento, era difícil, pois as notícias, aparentemente, estavam escasseando. A imprensa norte-americana inclinou-se a supor que a guerra estava acabando, principalmente depois das revelações de My Lai. A saída gradativa dos soldados norte-americanos reduziu o interesse do público norte-americano (e mundial), e os bombardeios pareciam iguais aos dos anos anteriores.

Tal situação escondia muitos problemas. As tropas norte-americanas estavam entrando em colapso, desiludidas pela impossibilidade de vitória e pela expectativa de saída do Vietnã. O uso constante de drogas, quebra de hierarquia, assassinatos entre os soldados e oficiais, questões raciais, eram alguns dos problemas.⁹

As tropas levavam as questões internas do país, marcadas no momento por contestação às autoridades, uso de drogas e reivindicações de setores raciais dos movimentos negros. A desilusão das possibilidades de se vencer a guerra, estimulada pela "vietnamização", e a crença de que intervenção norte-americana na região fora um grande erro, também afetavam a moral das tropas.

A revista Veja publicaria uma reportagem sobre essa situação, com um título bem demonstrativo: "Vietnã - Paz e Marijuana", argumentando que a influência hippie atingira as tropas norte-americanas no Vietnã, que os soldados consumiam maconha e contestavam a guerra.¹⁰ A fotografia da reportagem completava perfeitamente o conteúdo da mesma, pois mostrava alguns soldados descansando durante uma patrulha, com olhares perdidos e desanimados.

⁸ - Francis, Paulo. "Panorama Visto de Hanói." in O Pasquim. Número 43, Rio de Janeiro, 1970, pp. 22-23;

⁹ - s/A. "Trauma." in Coleção Guerra na Paz. V.4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 772-776;

¹⁰ - s/A. "Vietnã - Paz e Marijuana" in Veja. Número 75, São Paulo, Abril Cultural, 1970, pp. 35-36;

O desânimo dos soldados era muito grande, também pelas impossibilidades de se vencer a guerra. Paulo Francis observa que

*“Nunca o controle civil de uma guerra foi tão forte como no Vietnã, ao contrário do que sonham alguns esquerdistas impressionados com a imagem de complexo-industrial-militar. E os soldados estão começando a irritar-se ante o seu papel ridículo, de bode expiatório do fracasso dos EUA no Vietnã.”*¹¹

Outra dificuldade era que a “vietnamização” não se limitava a retirar soldados norte-americanos e reforçar as tropas sul-vietnamitas. Os bombardeios tornaram-se mais intensos, sendo que muitos deles eram realizados secretamente e não mais se limitavam aos dois Vietnãs.¹² O Laos e o Camboja também seriam atingidos.

Camboja e Laos

O governo Johnson manteve, com muitas dificuldades, a guerra dentro do território do Vietnã, quer com tropas no sul ou bombardeios no norte. O governo Nixon queria acabar com os principais centros de propagação da guerrilha, mesmo que para isso tivesse de ultrapassar os limites dos Vietnãs. Sabendo que tal iniciativa provocaria muitos protestos, a política de Nixon concentrou-se em realizar secretamente bombardeios e incursões armadas nestes países. Tal política fracassou, pois o número de correspondentes de guerra ainda era muito grande no Vietnã, e empreitadas dessa natureza seriam facilmente percebidas.¹³

Uma matéria da revista Veja mostrava que a situação no Camboja poderia se complicar, pois o Príncipe Sihanouk, que havia aplicado uma política neutralista em relação à guerra

¹¹ - Francis, Paulo. “Autocrítica do Pentágono.” in O Pasquim. Número 43, Rio de Janeiro, 1970, p. 2;

¹² - Knightley, Phillip. A Primeira Vítima. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, p. 512.

¹³ - Knightley, Phillip. op. cit., p. 512;

do país vizinho, tinha sido derrubado pelo general Lon Nol, anticomunista, o que envolveria ainda mais o país no conflito do Vietnã do Sul.¹⁴ Logo as análises da revista se confirmariam.

A invasão secreta no Camboja foi realizada por forças sul-vietnamitas e norte-americanas, sendo rapidamente descoberta.

A invasão do Camboja recebeu grande noticiário. A Folha de São Paulo destacou que “Sul-vietnamitas invadem Camboja”, inclusive com um pequeno mapa, mostrando detalhadamente as operações militares.¹⁵ O governo norte-americano deu total apoio ao governo de Saigon, bem como ao governo cambojano, liderado por Lon Nol, que permitiu essa incursão armada dentro do território de seu país.¹⁶

O Pasquim denunciou criticamente a invasão do Camboja através de Paulo Francis que, em artigo publicado pouco depois do início das operações militares no Camboja, argumentou que o ocorrido demonstrava a real doutrina Nixon, ou seja, que as tentativas de pacificação propostas pelo seu governo eram falsas ou, nas palavras do próprio Paulo Francis, a doutrina Nixon foi atirada “na lata do lixo”. Para ilustrar este artigo, uma montagem fotográfica colocava o rosto de Nixon num corpo de Brucutu.¹⁷ Mas o pior ainda estava por vir.

Os movimentos pacifistas (em queda de influência desde o início da “vietnamização”) receberam um novo sopro de vida. As universidades norte-americanas praticamente fecharam em protesto, mas seria na universidade de Kent que os acontecimentos se radicalizariam. A Guarda Nacional, a pedidos do governador, invadiria a universidade, que estava paralisada. A tensão não diminuiu, pois os enfrentamentos com os estudantes ficariam cada vez mais agudos, até que a ebulição chegou ao seu ponto máximo: a Guarda Nacional atirou nos estudantes, ferindo dez e

¹⁴ - s/A. “Camboja - Mais Um Problema.” in Veja. Número 81, São Paulo, Abril Cultural, 1970, pp. 54-55;

¹⁵ - s/A. “Sul-Vietnamitas Invadem Camboja.” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 30/04/70, p. 2;

¹⁶ - s/A. “Nixon define posição dos EUA no Camboja.” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 30/04/70, p. 1 (capa);

¹⁷ - Francis, Paulo. “Nixon Mostrou o Jôgo.” in O Pasquim. Número 46, Rio de Janeiro, 1970, p. 21;

matando quatro.¹⁸ A reação aos incidentes da universidade de Kent foi imediata, com universidades entrando em greve e grandes manifestações sendo formadas.

As tropas receberam um prazo para sair do Camboja e o cumpriram. Para Paulo Francis, em sua "opinião pessoal", tal cumprimento de prazo foi apenas um disfarce do governo Nixon, querendo com isso justificar suas ações criminosas no Camboja e na guerra como um todo, pois, afinal de contas, o que estava em pauta era o ataque a um país vizinho ao Vietnã do Sul e a extensão da própria guerra, e não o cumprimento de uma promessa presidencial.¹⁹

A situação no Camboja ficou difícil, já que esses ataques jogaram o Vietcong para dentro do país e criaram um grande número de refugiados cambojanos que fugiam dos ataques aéreos. Estes se uniram ao Khmer Vermelho, grupo radical de esquerda, que, auxiliado pelo Vietcong, começaria uma guerrilha no país.²⁰

Outra dificuldade para o desejo dos norte-americanos de "vietnamização" era que as tropas sul-vietnamitas que participaram das operações no Camboja - como num teste de "vietnamização" progressiva - fracassaram. O mesmo ocorreria em 1971, quando tropas sul-vietnamitas tentaram fechar a trilha Ho Chi Minh, fracassando (o que levou o Laos à mesma situação do Camboja - a invasão estimulou a guerrilha comunista do país, liderada pelo Pathet Lao).²¹ O que era para ser uma diminuição (através da "vietnamização"), transformou-se num aumento significativo dos esforços de guerra.

Todas essas operações de guerra foram noticiadas pela imprensa brasileira. A invasão do Camboja foi objeto da capa da revista Veja, e a reportagem apresentava duras e impressionantes fotos mostrando a selvageria dos combates, com inúmeros corpos de guerrilheiros vietcongs espalhados pelo chão, aldeias destruídas e a situação do país agravada ainda mais com sua entrada no

¹⁸ - Tuchman, Barbara W. A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986, p. 567;

¹⁹ - Francis, Paulo. "Loucura em Grande Escala (Opinião Pessoal de Paulo Francis)." in O Pasquim. Número 56, Rio de Janeiro, 1970, p. 18;

²⁰ - s/A. "Conflito em Expansão." in Coleção Guerra na Paz. V.4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, pp. 761-763;

²¹ - Coleção Guerra na Paz, op. cit., pp. 761-763;

conflito do vizinho Vietnã do Sul. Podemos perceber, nessa reportagem, como a utilização das fotografias serviram para enfatizar o conteúdo da mesma.²²

O Pasquim também realizava sua cobertura da guerra, com os artigos cada vez mais críticos de Paulo Francis. Depois de seu artigo sobre My Lai, outro se destacaria: "A Iniciação de Phan Ti Mao na Democracia", em três números seguidos (29, 30 e 31). Os artigos contavam a história de uma jovem vietnamita, Phan Ti Mao, que fora raptada por soldados norte-americanos, estuprada e morta.²³

Os soldados que raptaram a menina sentiam-se frustrados por não terem conseguido deter a ação do Vietcong, que resultara na morte de um de seus amigos. Além de não poderem atingir convenientemente o adversário, nem sequer podiam diferenciá-los da população civil, resolvendo, então, atacar a própria população, já que nem sequer os consideravam mais como seres humanos. O estupro da garota insere-se neste contexto.

A atuação das "forças da democracia" eram continuamente comentadas por Paulo Francis, em particular pela sua violência. Tal escolha de temática não era aleatória, pois a ditadura militar no Brasil alegava que sua atuação estava dentro da luta pelos "ideais democráticos" e contra o "comunismo". Mas era possível defender a democracia contra a tirania e violência do comunismo, sendo que as forças democráticas também eram violentas e tiranas?

Ao relatar o triste caso da garota Phan Ti Mao, Paulo Francis fazia um retrato nada favorável de quem lutava pela "democracia" - pelo menos nas alegações dadas pelo governo norte-americano para justificar sua presença no Vietnã e também pela ditadura militar brasileira.

Não apenas os contestadores da guerra ganhavam espaço na imprensa brasileira, mas também os favoráveis a ela. O jornalista e correspondente de guerra Luís Barreiros foi quem mais assumiu uma posição contrária aos rebeldes vietnamitas.

²² - s/A. "Como Fica Esta Guerra?" in Veja. Número 96, São Paulo, Abril Cultural, 1970, capa;

²³ - Francis, Paulo. "A Iniciação de Phan Tin Mao na Democracia." in O Pasquim. Números 29, 30 e 31, Rio de Janeiro, 1970, todos na p. 2;

Saigon Meu Amor

Luis Barreiros, correspondente do jornal do Rio de Janeiro Correio da Manhã, foi ao Vietnã do Sul em 1970 e escreveu uma série de reportagens para o jornal, publicadas em janeiro de 1971. Não são as suas reportagens contra os comunistas e a favor do Vietnã do Sul que chamam a atenção para este correspondente, mas sim o fato de o jornalista ter escrito um romance tendo a Guerra do Vietnã como fundo. Saigon Meu Amor foi o único romance escrito por um brasileiro sobre o tema.²⁴

O romance conta a história de dois personagens no Vietnã do Sul: a camponesa Nguyen Thy Phuong, que foi estuprada por um guerrilheiro vietcong,²⁵ viajando depois para Saigon para viver com sua amiga de infância Kim Hoa (uma prostituta que lhe arrumaria o mesmo emprego);²⁶ e o correspondente brasileiro, Milton de Almeida, enviado a Saigon para cobrir a guerra pelos “Diários Unidos” (empresa de notícias fictícia).²⁷

Em sua primeira noite no seu trabalho como prostituta, Phuong conhece o brasileiro e ambos se apaixonam.²⁸ Phuong descobre que sua amiga, Kim Hoa, é lésbica e está apaixonada por ela.²⁹ Um norte-americano, misteriosamente, deu-lhe muito dinheiro e ela assim pode pagar as contas com a cafetina do lugar.³⁰ Phuong é sequestrada pelo norte-americano e por sua amiga, que a levam até o Camboja.³¹ Milton, ao procurá-la no bordel e não encontrando-a, preocupa-se, descobre toda a trama e vai salvá-la junto com as autoridades norte-americanas. Os dois se casam e vêm viver no Brasil.³²

²⁴ - Barreiros, Luis. Saigon Meu Amor. São Paulo, Edrel, 1973;

²⁵ - Barreiros, Luis. *op. cit.*, pp. 15-18;

²⁶ - Barreiros, Luis. *idem*, pp. 39-40;

²⁷ - Barreiros, Luis. *idem*, p. 21;

²⁸ - Barreiros, Luis. *idem*, p. 50;

²⁹ - Barreiros, Luis. *idem*, p. 72;

³⁰ - Barreiros, Luis. *idem*, p. 73;

³¹ - Barreiros, Luis. *idem*, p. 128;

³² - Barreiros, Luis. *idem*, p. 206;

Apesar do enredo do livro, ele nos revela muitas informações úteis, desde o roteiro de viagem do Brasil até o Vietnã do Sul (linha EUA-Japão-Vietnã do Sul)³³ até como os correspondentes de guerra trabalhavam no campo de batalha, caminhos já descritos anteriormente.

O moralismo do autor é patente: o guerrilheiro vietcong é caracterizado como estuprador e as autoridades norte-americanas como cumpridoras da lei e da ordem. O comportamento sexual de seus personagens passam pelo crivo moralista. O lesbianismo é tratado como anomalia sexual.³⁴ Não que seja totalmente moralista, já que o personagem Milton é apresentado no livro acordando, depois de ter tido um relacionamento sexual com uma loira de praia do Guarujá (sua descrição da mulher nos leva a essa conclusão), cujo nome ele mal sabia.³⁵

Muitas questões da guerra aparecem no livro, como o perigo de vida que os correspondentes passavam na sua cobertura (no livro, um correspondente de guerra do Japão foi morto)³⁶ e o desgaste da guerra na imprensa no início da década de 70 (o personagem recebe um telegrama dos “Diários Unidos” informando que a Guerra do Vietnã estava perdendo o interesse).

“Parabéns Senhor e Senhora Almeida PT Guerra do Vietnã Perdendo Interesse PT Acontecimentos Irlanda Pakistan Uruguai Tomam Lugar Noticias Dai PT Retorne Com Madame Almeida PT Felicidades Pombinhos VG Abraços Diários Unidos.”³⁷

O mais importante desse romance é que a representação da guerra ganhou um espaço raro neste momento no Brasil, de apoio aos norte-americanos e ao Vietnã do Sul. Luís Barreiros procurava valorizar a beleza da mulher vietnamita, que estava sendo destruída, assim como o próprio país, pela guerra e pela luta dos comunistas em tentar destruir “a democracia” do Vietnã do Sul.

³³ - Barreiros, Luís. *idem*, pp. 33-34;

³⁴ - “Phuong, que nada sabia na ocasião de lesbianismo, não ligou. Somente alguns anos mais tarde, através de leituras, é que tomou conhecimento dessa aberração sexual, mas recordando-se de Kim Hoa, não pôde acreditar que fosse ela uma lésbica.” Barreiros, Luís. *idem*, p. 72;

³⁵ - Barreiros, Luís. *idem*, p. 21-25;

³⁶ - Barreiros, Luís. *idem*, p. 83;

³⁷ - Barreiros, Luís. *idem*, p. 205;

Uma visão rara nesse momento em que a luta do Vietcong era utilizada como exemplo de resistência revolucionária. O imaginário da revolução, mesmo com a repressão no auge da violência, ainda existia e seria representado pela imprensa como um todo, mas principalmente pelos jornais alternativos O Pasquim (e, de 1972 em diante, pelo Opinião). Mas o outro lado da questão - a oposição à revolução - também é relevante, pois mostra a representação pela sua contestação, algo que Luís Barreiros realizou em seu livro. Como podemos perceber, o imaginário da revolução atuava mais do que nunca.

Posições políticas como as de Luís Barreiros eram raras e ficariam ainda mais raras, principalmente quando foram publicados os Documentos do Pentágono e o livro fotográfico Vietnam Inc.

Os Documentos do Pentágono e o Vietnam Inc

No meio das incertezas quanto ao Laos, apareceria, dentro dos Estados Unidos, um dos grandes “furos” jornalísticos da guerra: os Documentos do Pentágono, que foram publicados (ou melhor, furtados do Pentágono) pelo jornalista Daniel Ellsberg, do The New York Times.³⁸

Os Documentos do Pentágono mostravam que o envolvimento norte-americano no Vietnã era bem mais complicado do que havia sido anunciado desde o começo das operações, e que muita mentira fora dita desde seu princípio. As causas da guerra eram bem mais distantes e pouco éticas do que tinha sido revelado até então. Desde os governos Eisenhower e Kennedy missões secretas tinham sido autorizadas, deixando o envolvimento norte-americano comprometido moralmente.

O Pasquim também noticiou os Documentos do Pentágono com um artigo de Paulo Francis, que não deixava dúvidas quanto ao caráter errôneo da participação norte-americana no

³⁸ - Tuchman, Barbara. op. cit., p. 373;

Vietnã. Para o autor, o que aparecia nos documentos não eram surpresas, mas apenas confirmação do caráter assassino da presença norte-americana na região.³⁹

Outro acontecimento jornalístico marcou o ano de 1971. O fotógrafo Phillip Jones Griffiths, que cobria a Guerra do Vietnã desde 1964, lançou um livro com suas fotografias da guerra denominado Vietnam Inc., provocando grande polêmica pela violência de suas fotografias. A ênfase de Griffiths estava na tentativa de mostrar que o povo vietnamita era rico culturalmente e que estava sendo destruído pelo domínio da “cultura Coca-Cola”, que os matava pela sua resistência. O autor queria que os norte-americanos conhecessem o povo vietnamita e não que os destruíssem.⁴⁰

Griffiths poderia ter apenas a intenção de fazer com que o povo norte-americano conhecesse o povo vietnamita. No entanto, sua obra fez com que os norte-americanos vissem além disso a destruição desse país pela atuação de suas forças armadas.

A força da imagem mais uma vez mostrava-se presente e atuante, pois o livro provocou grande polêmica. As imagens fotográficas foram isoladas neste trabalho, mostrando uma selvageria concentrada, dando maior impacto ainda ao material. Tantas imagens de destruição juntas foram demais para a opinião pública norte-americana. Mais uma vez, a imprensa participava da formação da opinião pública nos Estados Unidos e no mundo.

Pesquisas desse ano revelaram que, pela primeira vez, os norte-americanos queriam a saída em definitivo de suas tropas, mesmo que o Vietnã do Sul caísse para os comunistas.⁴¹ A tendência, que se verificava desde 1968, confirmara-se de maneira definitiva.

Não que essa fosse uma tendência absoluta. A chamada “maioria silenciosa” ainda demonstrava que não aceitaria a derrota tão facilmente, encontrando forças simbólicas para tentar impor essa visão. O tenente Calley, o oficial condenado pelo massacre de My Lai, por exemplo, foi transformado em “herói” nos Estados Unidos, ganhando, inclusive, popularidade.⁴² Paulo Francis

³⁹ - Francis, Paulo. “Os Documentos do Pentágono” in O Pasquim. Número 50, Rio de Janeiro, 1971, p. 2;

⁴⁰ - Griffiths, Philip Jones. Entrevista dada a Guariglia, Ana Maria. “Griffiths Lembra Tragédia do Vietnã” in Folha de São Paulo. (Caderno “Ilustrada”), São Paulo, Agência Folhas, 16/04/94, p. 1;

⁴¹ - Knightley, Phillip. op. cit., p. 533;

⁴² - Francis, Paulo. “Contestação e Reação” in O Pasquim. Número 36, Rio de Janeiro, 1970, p. 2;

procuraria explicar tal fenômeno, chegando a criticar o comportamento típico da chamada “maioria silenciosa” que Nixon utilizava por sua “força de inércia”.⁴³

Denunciar a guerra através de suas vítimas mais indefesas foi a grande estratégia da revista Realidade que, como vimos anteriormente, foi aplicada inúmeras vezes. No ano de 1972, a revista apresentou um dramático ensaio fotográfico sobre as crianças vietnamitas, vítimas da guerra, que ocuparia grande espaço no número 75. Um dos fotógrafos da *Associated Press* chegou a largar a profissão para cuidar das crianças vietnamitas.⁴⁴

Também os jornalistas da imprensa alternativa no Brasil, embora não largassem a profissão, continuaram sua luta contra a ditadura militar.

Imprensa Alternativa: Surge o Jornalivo e o Opinião

Fórmulas inteligentes e criativas de distribuição, como a venda na forma de fascículos de livros, enciclopédias e outras publicações, foram sendo testadas pela imprensa ou por editoras. No entanto, mesmo essas iniciativas não conseguiram impedir que a década de 70 fosse marcada por um período de crise na grande imprensa escrita. Os espaços estavam abertos para a imprensa alternativa.

O crescimento da imprensa alternativa na década de 70 também deveu-se ao uso do sistema de impressão “off-set” de algumas oficinas de revistas e à distribuição nacional desenvolvida pela Abril, que tornou possível um alcance nacional dessas publicações, que chegavam em quase todos os lugares do país, e eram distribuídas em praticamente todas as bancas de jornais.⁴⁵

Algumas iniciativas criativas foram tentadas dentro desse esquema de distribuição, entre elas, o Jornalivo. A idéia era de se publicar regularmente obras literárias de maneira acessível

⁴³ - Francis, Paulo. “Estados Unidos - Aonde Vão?” in O Pasquim. Número 48, Rio de Janeiro, 1970, pp. 6-7;

⁴⁴ - Bourdier, James. “O Exército dos Inocentes” in Realidade. Número 75, Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1972, pp. 83-88;

⁴⁵ - Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scritta, 1991, p. 180;

(nas bancas de revista, favorecidos pela distribuição do grupo Abril) e com preços baixos (feitos de papel-jornal).⁴⁶ Inicialmente, algumas obras clássicas da literatura brasileira e portuguesa foram publicadas; mas, devido a questões políticas, essa prática foi sendo alterada, e obras mais atuais, normalmente de caráter crítico aos temas do momento, passaram a ser escolhidas para a publicação.

Uma dessas obras críticas estava diretamente ligada à questão da Guerra do Vietnã: O Gosto da Guerra, de José Hamilton Ribeiro, onde o jornalista relata sua experiência na cobertura da guerra e o “acidente” que lhe custou uma parte da perna. A análise final de Hamilton Ribeiro era totalmente contrária à presença norte-americana no Vietnã, destacando sua atuação destrutiva no país e a coragem e determinação do Vietcong.⁴⁷ A escolha das obras do Jornalivro tinham caráter político.

Esse tipo de iniciativa cresceria no decorrer da década de 70, mas até 1972 O Pasquim aguentaria praticamente sozinho as dificuldades de enfrentar o regime militar num esquema alternativo, conseguindo, inclusive, ter vendas expressivas.⁴⁸

Sua nova linguagem e posicionamento político eram acompanhados de perto pelos militares, que logo perseguiriam sistematicamente o jornal. A equipe de redação acabaria presa, e a censura prévia obrigaria o jornal a enviar o material para Brasília, o que dificultava a publicação dentro dos prazos. Logo, outro jornal alternativo, o Opinião, seria igualmente perseguido.

O jornal Opinião⁴⁹ surgiu no auge da ditadura, em outubro de 1972, bancado pelo empresário Fernando Gasparian, tendo Raimundo Pereira como editor-chefe. Era produzido por jornalistas profissionais e por intelectuais, alguns dos quais secretamente instruídos pelo comitê central da Ação Popular (AP).

Desde 1970, a AP estava convicta da necessidade de ter um jornal não-partidário que reunisse os descontentes e opositores da ditadura militar, de quaisquer tendências políticas. Seu

⁴⁶ - Kucinski, Bernardo. op. cit., pp. 181-182;

⁴⁷ - livro publicado, em 1969, pela Brasiliense, mas que ganharia sua versão pelo Jornalivro em 1972. Hamilton Ribeiro, José. O Gosto da Guerra. (Jornalivro), 1972;

⁴⁸ - esse momento de grandes vendas foi denominado por José Luiz Braga como “período dionisíaco”, que se encerrou com a prisão da equipe de redação em setembro de 1970. Braga, José Luiz. O Pasquim e os Anos 70. Brasília, Editora da UnB, 1991, pp. 23-39;

⁴⁹ - as informações sobre o jornal Opinião foram extraídas de Kucinski, Bernardo. op. cit., pp. 245-276;

objetivo era criar uma frente mais ampla de oposição ao regime, como pré-condição para uma guerra popular prolongada. Em 1971, a unificação com o PC do B - cujas bases de guerrilha no Araguaia já estavam atuando - tornou urgente a necessidade de criar um porta-voz da oposição.

Fernando Gasparian, empresário descontente com o regime militar, queria um jornal crítico, nos moldes do semanário inglês *The New Statesman*: seria o Opinião. Sua idéia (assim como a da AP) era a de um jornal de caráter frentista, com jornalistas e intelectuais. Já o jornalista Raimundo Pereira, contratado como diretor do periódico, queria uma versão alternativa da revista Veja - um informativo composto apenas de jornalistas. Gasparian impôs sua vontade. Raimundo Pereira, mais tarde, concordaria com a linha do jornal.

O Opinião teria o encarte nacional do jornal francês *Le Monde* e de outras publicações estrangeiras, o que dava ao jornal um público amplo de universitários, intelectuais e jornalistas. Esse era o único espaço para discussões sérias dentro da imprensa, já que O Pasquim não tinha essa proposta e nem se dispunha a isso. Os dois jornais foram os grandes centros de oposição ao regime. Intelectuais frustrados pela ausência de espaço na grande imprensa encontravam no Opinião um lugar onde expor suas idéias.

O Opinião nascia com características inéditas dentro da imprensa brasileira, tanto na forma como no conteúdo: valorizava o texto, a diagramação e as caricaturas; e poucos recursos fotográficos seriam utilizados.

A utilização de textos de publicações estrangeiras não estava apenas relacionada à autoridade e à qualidade dos textos de publicações famosas do exterior. Essa era uma maneira de impedir que a censura os atingisse, pois a censura a uma matéria do Opinião, quer de autores nacionais ou de publicações internacionais, repercutiria internacionalmente e geraria pressões contra o regime militar. Censurar o Opinião era como censurar a imprensa livre do Primeiro Mundo.

O conteúdo das matérias internacionais também foi utilizado politicamente. Semelhante ao que já foi visto, as reportagens internacionais faziam referências ao que ocorria no

Brasil e apresentavam a visão de mundo (o imaginário) do jornal. Neste sentido, as matérias publicadas sobre a Guerra do Vietnã produziram muitos efeitos, inclusive dentro da redação do jornal.

Lançado para ser semanal e vendido nas segundas-feiras (concorrendo diretamente com a revista Veja), o jornal foi um sucesso imediato. Crítico, num momento em que tal procedimento era praticamente impossível, tornou-se um porta-voz de uma oposição à margem da oposição legal do MDB.

O jornal Opinião seguia caminhos semelhantes aos do O Pasquim na cobertura da guerra, mas sem o estilo humorístico. As referências ao Vietnã foram feitas dentro do seu estilo de seriedade, com a tradução e publicação textos de Wilfred Burchett (que se identificava com o lado comunista) e I. F. Stone (outro crítico da guerra).

Seu primeiro número colocava, na capa, uma caricatura de Nixon sobre uma fotografia de aldeões vietnamitas, com a manchete: "Por que Nixon Adiou a Paz?"⁵⁰ Dentro da edição incluíam-se três dos mais belos artigos escritos na imprensa alternativa, da autoria de três ex-correspondentes de guerra que estiveram no Vietnã: Antônio Callado, José Hamilton Ribeiro e Luís Edgar de Andrade.

Antônio Callado destacava a luta do Vietnã do Norte e a beleza do país, que estava sendo destruído pela aviação norte-americana. Dificilmente o país que lutara com tanta coragem contra o opressor infinitamente mais poderoso seria o mesmo de antes, com seus plantadores de arroz e costumes milenares. A guerra poderia estar no fim, militarmente; mas outra guerra mais importante seria a reconstrução nacional.⁵¹

Hamilton Ribeiro seguiu caminho semelhante ao de Callado ao descrever o Vietnã do Sul, um país também belo e cheio de búfalos, com uma paisagem difícil de se imaginar no Brasil. A guerra poderia acabar e os norte-americanos saírem, mas a dor e a destruição, tanto física quanto moral, demorariam muito a ser esquecidas.⁵²

⁵⁰ - s/A. "Por que Nixon Adiou a Paz?" in Opinião. Número 1, Rio de Janeiro, 1972, capa;

⁵¹ - Callado, Antônio. "Hanói?" in Opinião. Número 1, Rio de Janeiro, 1972, p. 16;

⁵² - Hamilton Ribeiro, José. "Saigon" in Opinião. Número 1, Rio de Janeiro, 1972, p. 16;

Luís Edgar de Andrade levantou uma curiosa hipótese: caso os norte-americanos tivessem saído da guerra, eles teriam sido os vencedores, e não os derrotados. A Frente de Libertação Nacional (FNL) sempre procurou ter uma voz ativa no Vietnã do Sul, algo que os governos sul-vietnamitas e as forças norte-americanas impediram. Os norte-americanos diziam que o objetivo de sua presença era abrir o caminho da democracia no Vietnã do Sul. Sendo assim, os acordos em perspectiva seriam a base de um futuro governo nacional democrático. A saída norte-americana iria concretizar a democracia no Vietnã do Sul - uma vitória para os norte-americanos (que a força não conseguira).⁵³

Três artigos perfeitos para a crítica da guerra, o caminho, por excelência, das análises do jornal.

Apesar da riqueza do trabalho produzido pelo jornal Opinião, problemas internos de administração, contenção das despesas - principalmente através de cortes nos salários dos jornalistas - e divergências políticas internas entre os jornalistas - alguns, diretamente ligados à liderança da AP (engajada na guerrilha do Araguaia) estavam em permanente conflito com aqueles mais moderados - começaram a dividi-lo, dando origem ao jornal Movimento.⁵⁴ Outra ameaça ao jornal foi a censura.

Período de Censura

A censura não tinha critérios muito fixos sobre o que devia proibir ou não, o que variava, muitas vezes, de censor para censor, dificultando a apresentação de inúmeras notícias. Apesar dessa falta de critérios, existiam muitos espaços que eram aproveitados pela imprensa.

Cuba e China eram assuntos muito visados, mas que podiam ser publicados desde que certas restrições ao seu conteúdo fossem observadas - ou seja, os assuntos poderiam ser citados,

⁵³ - Edgar de Andrade, Luís. "Vietname" in Opinião. Número 1, Rio de Janeiro, 1972, p. 17;

⁵⁴ - Kucinski, Bernardo. op. cit., p. 276;

mas sem aprofundamentos.⁵⁵ Quase sempre os assuntos relacionados ao Vietnã não tinham essas limitações e matérias sobre o tema abundavam nos jornais e revistas.

Não que a censura ignorasse a Guerra do Vietnã. Na edição número 24 do jornal Opinião, o material enviado à censura recebeu uma série de cortes, entre os quais um veto ao parágrafo dois de um texto enviado pelo Le Monde sobre a Guerra do Vietnã, escrito em Saigon por Jean-Claude Pomonti.⁵⁶ A censura atingira um jornal internacional de prestígio.

Na carta de protesto que enviou ao Ministro da Justiça (Alfredo Buzaid), Fernando Gasparian criticava a existência da Censura Prévia, protestando contra a forma “arbitrária” e “kafkaniana” pela qual se exercia - a censura atingia não apenas matérias sobre países como China, Grécia, Oriente Médio, Chile, Japão, Inglaterra, URSS, Vietnã e Camboja, como também proibia a publicação de assuntos tais como eubiose, o perigo das radiações nucleares, computadores e os fãs-clubes dos Beatles no Brasil.⁵⁷

Apesar da censura atingir todos os órgãos de comunicação, inclusive a Rede Globo, sua atuação era desigual de órgão para órgão, sendo alguns mais perseguidos do que outros. O jornal alternativo Opinião entrara numa guerra judicial contra a censura e a vencera, mas o resultado da decisão judicial foi alterado pelo próprio presidente Médici através do AI-5.⁵⁸ Depois desse incidente, o jornal seria ainda mais perseguido, tendo que enviar suas reportagens para Brasília num prazo que dificultava a publicação na segunda-feira, procedimento nada acidental: essa era uma atitude pensada pelos censores.

A censura atingia também os jornais da grande imprensa, como O Estado de São Paulo e o Jornal da Tarde, e mesmo publicações do grupo Abril, em particular a revista Veja, que

⁵⁵ - um caso interessante foi o da queda de Salvador Allende, pois a censura recomendou “parcimônia nas notícias relativas aos fatos ocorridos no Chile.” Marcondes, Paulo. A Censura Política na Imprensa Brasileira (1968-1978). São Paulo, Global, 1980, p. 263;

⁵⁶ - Machado, J. A. Pinheiro. Opinião X Censura - Momentos da Luta de um Jornal pela Liberdade. Porto Alegre, L&PM, 1978, p. 46;

⁵⁷ - reprodução da carta de Fernando Gasparian extraída de Machado, J. A. Pinheiro, op. cit., pp. 66-67;

⁵⁸ - Machado, J. A. Pinheiro. idem, p. 59;

tinham membros que se colocavam contra a ditadura. A censura terminaria, oficialmente, apenas em 1978.⁵⁹

Mesmo lutando contra a censura, o jornal Opinião também foi acusado por seus colaboradores e correspondentes de fazer censura interna. Esta era principalmente atribuída ao seu editor, Raimundo Pereira, que alegava que esses “problemas de edição” (cortes) se deviam à falta de recursos e à pressa.

O jornalista Paulo Francis foi o primeiro a não aceitar essas desculpas e a entrar em choque com a censura interna do jornal. Seu artigo “Erros da Tecnocracia”, que analisava a da Guerra do Vietnã pela perspectiva de seus erros de planejamento e, principalmente, das falsas expectativas do governo norte-americano em relação à guerra - foi ele o primeiro no Brasil a denominar a guerra de “tecnocracia”, no sentido de ter cada detalhe cuidadosamente preparado pelos tecnocratas de Washington, apesar do fiasco resultante -, teve dois cortes em passagens que o autor considerava importantes. O texto foi alterado pelo próprio jornal (que lutava contra a censura) sem sua licença ou autorização, e Paulo Francis passou a fazer duras críticas à direção do jornal.⁶⁰

Nesse ínterim, a tecnocracia norte-americana continuava trabalhando para a guerra e o fim de 1972 seria marcado, outra vez, por bombardeios no Vietnã do Norte.

O “Natal de Nixon”

Em 1972, o Vietnã do Norte tentaria uma grande ofensiva para dominar o sul, aproveitando a retirada de grande parte das forças terrestres norte-americanas. Para desapontamento das forças norte-vietnamitas, a aviação norte-americana permaneceu na região e conteve a ofensiva.

⁵⁹ - para maiores detalhes sobre a censura na imprensa brasileira, ver Marcondes, Paulo. op. cit.;

⁶⁰ - Kucinski, Bernardo. op. cit., p. 267-268; Francis, Paulo. “Os Erros da Tecnocracia” in Opinião. Número 4, Rio de Janeiro, 1972, p. 22;

Mesmo assim, os norte-americanos não conseguiram desalojar cerca de 145 mil soldados norte-vietnamitas, que ficaram no Vietnã do Sul.⁶¹

As negociações de Paris, depois de anos de esterilidade, começavam a chegar a bases relativamente aceitáveis. Por volta de novembro de 1972, chegou-se a um acordo (praticamente igual aos acordos de Genebra de 1954), mas os representantes do Vietnã do Sul não o aceitaram, provocando a revolta dos delegados do Vietnã do Norte que abandonaram a mesa de negociações. Foi o pretexto para que os Estados Unidos lançassem o maior bombardeio da História.

O presidente Nixon esperou a sua reeleição (que foi uma vitória esmagadora), para realizar livremente os bombardeios. Essa onda de ataques aéreos ficou conhecida como o “Natal de Nixon”, e foi a mais intensa da guerra, destruindo quase toda a infra-estrutura do Vietnã do Norte. As linhas de trem que ligavam o Vietnã do Norte à China foram bombardeadas, e também o porto de Haiphong - vários barcos soviéticos e chineses estavam atracados nesse que era o único porto que recebia provisões externas, o que poderia ter gerado um conflito internacional com essas duas potências comunistas. Em compensação, o equipamento antiaéreo fornecido pela URSS causou pesadas baixas na aviação norte-americana, aumentando o número de prisioneiros de guerra.

Os protestos que ocorreram não tiveram a força das manifestações anteriores. Aparentemente, a população norte-americana até mesmo apoiou esses ataques, justificados pela intransigência do Vietnã do Norte.

Foi um desses bombardeios que gerou uma das imagens mais impressionantes da guerra: uma menina correndo, nua, chorando, com o corpo queimando por napalm. Ela foi filmada pela televisão e imortalizada numa das mais chocantes fotografias já feitas. O fato de ter sido gravada pela televisão e pelos meios escritos implicou um impacto marcado simultaneamente pelo “movimento” (na imagem da televisão) e pelo “congelamento” (na fotografia, segurando a tensão ao máximo). É um quadro perfeito da guerra.

⁶¹ - s/A. “Rumo ao Sul” in Coleção Guerra na Paz, V.4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 824;

Tal ofensiva era necessária? Um artigo publicado pelo O Estado de São Paulo, (anteriormente publicado pela revista The Economist), analisou a situação desses bombardeios, concluindo que os ataques tiveram, essencialmente, dois objetivos: primeiro, forçar a volta da delegação norte-vietnamita à mesa de negociações mostrando para a opinião pública dos Estados Unidos que o governo estava negociando com um país derrotado; segundo, quebrar a estrutura econômica e militar do Vietnã do Norte, dando tempo para que o Vietnã do Sul sozinho pudesse adaptar-se à saída norte-americana e ao uso dos equipamentos cedidos ao país pela política de “vietnamização”.⁶²

“Nixon Ordena Novos Ataques Sobre Hanói”, foi a manchete de capa da Folha de São Paulo do dia 19 de dezembro.⁶³ No dia 20, a dramaticidade aumenta: “EUA desfecham grande ofensiva aérea no Vietnã”.⁶⁴ Mesmo sendo reportagens de capa, receberam espaços pequenos que não correspondiam aos violentíssimos ataques dessa ofensiva aérea, demonstrando que não eram apenas os Estados Unidos que estavam saturados da guerra.

Não para a imprensa alternativa. O jornal O Pasquim contava com a participação muito especial de Luis Edgar de Andrade - uma pessoa de valor simbólico em relação à Guerra do Vietnã - como um dos redatores. Em sua colaboração ao jornal, além de analisar o que estava acontecendo no Sudeste Asiático, ele contaria algumas das passagens de quando fora correspondente de guerra no Vietnã do Sul. O “Natal de Nixon” seria ironizado pelo jornal com a expressão “Feliz Napalm”.⁶⁵

A capa do jornal Opinião sobre o mesmo assunto não deixava dúvida alguma sobre o posicionamento do jornal: uma cavcira, vestida de Tio Sam, com o braço para a frente, com o dedo indicador esticado, com a manchete: “Nixon rezou neste Natal. E Você?” Um jornal católico de

⁶² - s/A “Debate Sobre os Bombardeios de Hanói” in O Estado de São Paulo. São Paulo, Agência Estado, 14/01/73, p. 3;

⁶³ - s/A “Nixon Ordena Novos Ataques Sobre Hanói” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 19/12/72, p. 1 (capa);

⁶⁴ - s/A “EUA Desfecham Grande Ofensiva Aérea no Vietnã” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 20/12/72, p. 1 (capa);

⁶⁵ - s/A (provavelmente foi o cartunista Henfil). O Pasquim. Número 181, Rio de Janeiro, 1972, p. 1;

Amsterdã destacou que Nixon deu um bom exemplo ao rezar no natal, e o jornal Opinião completou a idéia destacando que ele também ordenara os mais violentos ataques ao Vietnã do Norte em toda a guerra.⁶⁶

A grande imprensa também salientou negativamente o “Natal de Nixon”, mas não com tanta veemência. O Opinião, todavia, tinha as suas razões para tal veemência, pois ainda pensava na Guerra do Vietnã como algo mais do que a denúncia das barbáries norte-americanas: a guerra ainda era um exemplo para estimular a luta revolucionária.

O imaginário da revolução ainda atuava e, apesar do golpe recebido pela guerrilha com a morte de Carlos Lamarca em 1971, seria a Guerrilha do Araguaia o seu canto de cisne.

A Guerrilha do Araguaia

A Guerra Vietnã, como catalisadora do imaginário da revolução, ainda tinha uma força muito grande. Uma das razões do fracassamento da redação do jornal Opinião, que resultaria no jornal Movimento, foi a cobertura da guerra. Bernardo Kucinski comenta que

“ [no] final, havia em Opinião uma redação maoísta, para qual contribuía também a própria cobertura da guerra do Vietnã, na qual a resistência era tratada heroicamente, como de resto era tratada por toda a imprensa liberal”.⁶⁷

A idéia dessa corrente maoísta era incentivar a guerrilha do Araguaia promovida pelo PC do B. Era uma guerrilha rural, numa região afastada dos grandes centros (e, conseqüentemente, da repressão que destruíra outros grupos revolucionários), com problemas sociais específicos e tensões por questões de terra.⁶⁸

⁶⁶ - s/A. “Nixon Rezou Neste Natal. E Você?”. Opinião. Rio de Janeiro, 1972/1973, p. 1 (capa);

⁶⁷ - Kucinski, Bernardo. op. cit.; p. 277;

⁶⁸ - informações sobre a Guerrilha do Araguaia extraídas de Portela, Fernando. Guerra de Guerrilhas no Brasil. 8. ed., São Paulo, Global, 1986;

O movimento foi organizado sem pressa, formando sua base de operações e treinamento na selva, reconhecendo o local, inteirando-se dos problemas da população local, realizando pequenos serviços e ajudas, e procurando conquistar sua confiança - conquistar seus "corações e mentes".

O planejamento foi exemplar. Os problemas práticos só foram sentidos mais tarde. Isso porque, em primeiro lugar, para se fazer uma guerrilha camponesa era necessário a presença de um grande número de camponeses, o que simplesmente não existia na região do Araguaia. Com uma densidade populacional de aproximadamente 10 pessoas por quilômetro quadrado, estabelecer fortes ligações entre militantes e camponeses era muito difícil.

Outro problema foi a localização e a extensão do Araguaia. Qualquer deslocamento guerrilheiro era dificultado por essa ser uma área muito extensa (o que, por outro lado, dava a vantagem de dificultar a repressão). Também a enorme distância de qualquer grande centro impossibilitava o suprimento material e de novos combatentes.

Um terceiro problema, talvez o mais difícil, é que a população local, por mais que gostasse dos guerrilheiros, provavelmente não enxergava na luta armada o caminho para o fim das suas dificuldades. Relatos de um guerrilheiro do Araguaia ilustram o quando o ideal estava distante da realidade:

*"Assim, desde o início as Forças Guerrilheiras estruturam-se como expressão dos sentimentos e dos interesses das massas, intimamente a elas ligadas."*⁶⁹

Os guerrilheiros acreditavam que lutavam em nome do povo; no entanto, eles tinham seus próprios objetivos, que não necessariamente coincidiam com os do povo.⁷⁰

⁶⁹ - s/A. *Diário da Guerrilha do Araguaia*. 3. ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1985, p. 38;

⁷⁰ - "E ninguém é jamais o verdadeiro porta-voz de uma categoria determinada a não ser conjunturalmente - e ainda que o fosse seria preciso demonstrar que o ponto de vista desta categoria vale para todos, o que reconduz ao problema precedente. (...) Mais do que qualquer outro, o político e o pensador político falam em seu próprio nome e sua própria responsabilidade. O que é, evidentemente, a suprema modéstia." in

Isolados, sem possibilidades de abrir canais de abastecimento e de reposição de guerrilheiros, sem possibilidade alguma de expansão, e sem qualquer publicidade (com exceção de uma completa reportagem feita pelo O Estado de São Paulo e pelo Jornal da Tarde, em 1972),⁷¹ os guerrilheiros foram encurralados e, apesar das vitórias iniciais (tropas inexperientes foram mandadas, inicialmente, para a região; logo seriam enviadas tropas mais treinadas e experientes na luta contra as guerrilhas, ou seja, com esquemas de tortura), seriam derrotados.

Em 1975, o último sonho de se criar um Vietnã no Brasil morria, mas não sem deixar uma nota irônica: um bordel que foi montado na região, depois da saída das tropas e da “pacificação” da área, seria chamado de “Vietnã”.⁷²

A Saída dos Estados Unidos

No Sudeste Asiático, os bombardeios foram encerrados e os norte-vietnamitas voltaram à mesa de negociações. Em janeiro de 1973, eles assinaram os acordos que levaram à paz, ou, nas palavras de Nixon, a uma “paz honrosa” - uma maneira nada convincente de esconder o que todos sabiam, ou seja, que a maior nação do mundo havia sido derrotada por uma pequena nação de agricultores.

O final da guerra foi celebrado pela imprensa brasileira, sendo matéria de capa de vários jornais e revistas. A capa da Folha de São Paulo destacou, em letras garrafais: “Fim da Guerra do Vietnã”, com fotografias de Nixon e dos mediadores, Le Thuc Dho e Henry Kissinger, além de uma reportagem resumindo os nove anos de conflito.⁷³ O Estado de São Paulo também noticiou os

Castoriadis, Cornélius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 3. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 15;

⁷¹ - Skidmore, Thomas. op. cit., p. 246;

⁷² - Portela, Fernando. op. cit., p. 101;

⁷³ - s/A. “Fim da Guerra do Vietnã.” in Folha de São Paulo. São Paulo, Agência Folhas, 24/01/73, p. 1 (capa);

acordos: com a palavra “Paz” em grande destaque e o subtítulo “Nixon Anuncia o Fim de 12 Anos de Guerra”.⁷⁴ O Jornal Nacional também destacou o fim da guerra:

“Acordo de cessar-fogo, terminando o conflito no Vietnã, é assinado em Paris. O ajuste inclui a retirada das tropas norte-americanas do Vietnã do Sul, a libertação dos prisioneiros norte-americanos mantidos pelo Vietnã do Norte e uma comissão de quatro países para supervisionar o armistício.”⁷⁵

Perto da saída norte-americana, os cartunistas do jornal O Pasquim iriam produzir uma grande quantidade de cartuns sobre a guerra. Quando foi anunciada a saída dos norte-americanos da guerra, a edição veio intitulada “Pazquim” - e na capa havia um míssil em forma de supositório com um soldado norte-americano perguntando onde enfiaria aquilo.⁷⁶ A edição ainda traria um pequeno histórico da guerra em cartuns do Henfil,⁷⁷ e um pôster muito especial: vários super-heróis norte-americanos fugindo de um pequeno Vietcong.⁷⁸

Millôr Fernandes escreveria um artigo cômico, cujo título é: “Derrota, não! Apenas o Resultado de Torpe e Violento Desrespeito às Regras Mínimas da Ética Militar!”. O artigo satiriza a saída dos norte-americanos pelo fato do inimigo não ter perdido ou recuado, apesar da lógica militar aplicada (“romperam um esquema tático invencível”). Parece que o regime militar brasileiro não achou muita graça, pois censurou este artigo.⁷⁹

Para todos os efeitos, a saída norte-americana do Vietnã foi considerada como o final da guerra pela imprensa mundial e brasileira. A “paz”, na verdade, não chegou na região da Indochina, sendo que os acordos de Paris conseguiram, no máximo, tirar as forças norte-americanas da região.

⁷⁴ - s/A. “Paz - Nixon Anuncia o Fim de 12 Anos de Guerra” in O Estado de São Paulo. São Paulo, Agência Estado, 24/01/73, p. 12;

⁷⁵ - s/A. 15 Anos de História. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 321;

⁷⁶ - s/A. “Pazquim - Vietnam - 1964-1973” in O Pasquim. Número 187, Rio de Janeiro, 1973, p. 1 (capa);

⁷⁷ - Henfil. “A Escalada” in O Pasquim. Número 137, Rio de Janeiro, 1973, pp. 4-8;

⁷⁸ - Ziraldo. “Oba! Oba!” in O Pasquim. Número 137, Rio de Janeiro, 1973, pôster central;

⁷⁹ - o artigo não chegou a ser publicado no O Pasquim, mas foi recuperado por Millôr Fernandes anos mais tarde e publicado em livro. Fernandes, Millôr. Millôr no Pasquim - o Inventor da Liberdade de Imprensa. São Paulo, Circulo do Livro, 1977, pp. 186-187;

Esperava-se que o Vietnã do Norte tomasse rápido o país, já que a “vietnamização” mostrara-se, até aquele instante, um fracasso total.

Não apenas a guerra continuava, mas também a indústria bélica norte-americana (ou o chamado “complexo industrial-militar”), cuja produção não seria afetada pela saída das tropas do Vietnã, como denunciou a revista *Realidade* quase no seu fim.⁸⁰

As forças sul-vietnamitas não conseguiram levar a guerra sem os conselheiros norte-americanos. Dois anos após a saída dos Estados Unidos, o Vietnã era reunificado sob um governo comunista. O Laos e o Camboja também foram dominados pelas forças comunistas do Pathet Laos e do Khmer Vermelho, respectivamente.

A guerra continuou na Indochina, apenas os problemas da Guerra Fria foram sendo substituídos por questões locais, que iam desde problemas fronteiriços até os conflitos causados pela presença de uma minoria chinesa na região (cerca de um milhão de pessoas em cada país). A Indochina raramente encontrou a paz.

A “teoria do dominó” acabou por aí, pois os três países não estenderam o comunismo a seus vizinhos, preocupando-se com questões locais. Estas levaram a outras guerras - entre o Vietnã e o Kampuchea (novo nome do Camboja, dado pelo sanguinário Khmer Vermelho)⁸¹ e entre o Vietnã e a China, em 1979. O Vietnã abandonaria o Kampuchea apenas em 1989.

⁸⁰ - s/A. “E a Corrida Continua” in *Realidade*. Número 83, Rio de Janeiro, Editora Abril, 1973, pp. 64-67;

⁸¹ - o regime do Khmer Vermelho faria desaparecer todas as cidades do Camboja, levando praticamente toda a população para os campos de trabalhos, matando qualquer pessoa que pudesse apresentar qualquer indício de diferenças sociais, como ter formação acadêmica (a simples presença de um diploma poderia levar à morte o portador), ou mesmo possuir uma simples caneta. Hudson, Christopher. *Os Gritos do Silêncio*. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1987, p. 173;

Crise Econômica: a Imprensa Encontra Dificuldades

A Guerra do Vietnã estava aparentemente no fim, mas a imprensa brasileira enfrentava outra guerra, a da sobrevivência. Outro fator decisivo para a imprensa escrita na década de 70, além da censura, foi a crise econômica do “pós-milagre econômico”, principalmente pela chamada Crise do Petróleo, de 1973, que iria aumentar de modo significativo o preço do papel de jornal.⁸²

Os avanços técnicos que o grupo Folhas desenvolveu nos anos 60 deram-lhe espaço maior para enfrentar essas crises, o que não aconteceria com o grupo Estado, que passou a década em grandes dificuldades. A criação do Jornal da Tarde, em 1966, foi praticamente uma das últimas vezes que o grupo Estado estaria na frente do grupo Folhas.

O grupo Abril também sofreria enormes dificuldades. A revista Realidade acabaria em 1973. A revista Veja sobreviveria, apesar da censura, transformando-se na principal revista noticiosa do país, apresentando um número crescente de propagandas (uma das suas características básicas nos anos 80 e 90). A revista Manchete se modificaria muito pouco, apenas diminuiria ainda mais seus textos, num processo de estagnação explicado pela presença das cores na televisão. A revista O Cruzeiro fecharia em 1975.

No Brasil, o crescimento da televisão ganhou aspectos particulares. Um grande monopólio foi criado - não apenas a televisão superou os outros meios, mas se estabeleceu a supremacia de uma emissora de televisão em particular, a Rede Globo.

⁸² - Dines, Alberto. O Papel do Jornal. 2. ed. Rio de Janeiro, Artenova, 1977, p. 12;

Rede Globo

De 13 de dezembro de 1968 em diante, o Brasil passaria por seus “anos de chumbo”, pois a ditadura militar se imiscuiu no cotidiano do país. A luta dos militares não objetivava apenas a destruição de grupos armados de esquerda, mas também o domínio do simbólico da sociedade brasileira, usando todos os recursos possíveis, legais ou autoritários.

A AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas), criada e pouco utilizada durante governo Costa e Silva, ganharia nova importância no governo Médici. Investimentos muito altos em termos de propaganda oficial foram realizados, enaltecendo a figura do presidente Médici (que gostava da família e futebol), o desenvolvimento econômico verificado neste momento (o chamado “milagre econômico”, representado pelo crescimento de 10% anuais do PIB) e o orgulho do brasileiro (que deveria levar o país a ser um dos melhores do mundo). Foi criada uma campanha ufanista sem precedentes na história brasileira. A conquista do tricampeonato mundial no México em 70 seria muito usado pelos propagandistas do governo: o cartaz com a fotografia de Pelé comemorando um gol com a camisa da seleção brasileira de futebol era acompanhado pela frase de efeito “Ninguém Segura Mais Este País!”⁸³

A tática dos militares deu certo - eles conseguiram dominar o simbólico, esvaziando qualquer forma de oposição, principalmente a da esquerda armada. Esta, sem conseguir se expandir, também enfrentava uma repressão eficiente e violenta (que usava a tortura como prática sistemática e constante), e acabaria sendo destruída. Não foi possível “criar Vietnãs” no Brasil: a guerrilha do Araguaia seria a última tentativa dessa natureza.

As comunicações seriam a arma mais eficiente na luta pelo simbólico; e a televisão, em particular, seria utilizada como o meio primordial, e a emissora privilegiada para tal função era a Rede Globo.

⁸³ - Skidmore, Thomas. op. cit., p. 221;

A Rede Globo de Televisão acabaria por desenvolver um fortíssimo trabalho cultural no país. Surgida pouco mais de um ano após o golpe que derrubou Goulart, ela pertencia a um grupo de imprensa conservador, liderado por Roberto Marinho, dono do jornal O Globo. Favorecido por um empréstimo do grupo norte-americano Time-Life (tal empréstimo seria contestado judicialmente, mas o governo o aprovaria),⁸⁴ a emissora, depois de um começo tímido, começara a crescer, derrotando seus concorrentes e recebendo auxílios do governo federal.

Em 1968, o regime militar criou condições para facilitar o consumo de aparelhos de televisão, através da compra a prazo. Isso em breve surtiria o efeito de uma explosão de consumo, tornando a televisão, definitivamente, o principal meio de comunicação do país⁸⁵ - e essa era uma política deliberada do governo militar.

Com a criação da Rede Nacional de Comunicações, um órgão estatal cuja função era facilitar a difusão dos meios de comunicação (privilegiando, obviamente, a televisão), as teletransmissões conseguiram aumentar o seu espaço e importância. Para os militares, a segurança nacional era uma preocupação básica que passava pela integração territorial do país. Mas como unir um país de tais dimensões? Para consegui-lo, os militares utilizaram a televisão. Suas características básicas - não era necessário saber ler ou escrever para acompanhá-la, e tinha uma relativa sofisticação em relação ao rádio e outros meios quanto às possibilidades técnicas de manipulação e fascínio - a tornavam o meio de comunicação ideal para unir o país.

As concessões de canais de rádio e televisão seriam determinadas pelos critérios e interesses políticos do governo federal. A Rede Globo seria uma das primeiras beneficiadas. Ela começou sem muita expressão, dando prejuízos enormes nos primeiros 8 meses, quando sua direção trocou de mãos: foi contratada uma equipe ligada à propaganda e *marketing*, comandada por Walter Clark. A mudança global seria significativa.⁸⁶

⁸⁴ - Skidmore, Thomas. *idem*, p. 222;

⁸⁵ - Skidmore, Thomas. *idem*, *ibidem*;

⁸⁶ - Sá, Antônio Álvaro Barbosa. Jornal Nacional - Política e Ideologia. Campinas, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1992, p. 45;

O primeiro planejamento de *marketing* da programação foi criar um horário nobre bem estruturado - duas novelas com um noticiário no meio - que teve sucesso imediato. As novelas já haviam demonstrado que eram programas de grande aceitação popular, prendendo a atenção do público por meses (quando não anos), e que seriam boas condutoras para o jornalístico, que passaria a visão de mundo da emissora.⁸⁷ As novelas eram igualmente veículos para se passar a visão do mundo da emissora, e os três programas acabavam se integrando, quer na “ficção” das novelas ou na “realidade” do jornalístico. Este último se estabeleceu solidamente com o Jornal Nacional, que estreou simultaneamente em 12 estados em 1969.

O Jornal Nacional produziria uma visão de mundo própria, favorável tanto à emissora quanto ao regime militar. O jornalístico aproveitou de maneira eficaz os recursos da produção televisiva, pois como nenhuma notícia era apresentada com profundidade e o mesmo enfoque era dado a notícias de importâncias diferentes, esvaziava-se assim o seu impacto e conteúdo.

Uma grande inovação do Jornal Nacional seria a **integração** - muito competente e politicamente interessada - entre a **imagem/som/movimento da televisão e o discurso, impedindo maiores “espaços” para qualquer tipo de contestação.**

O programa jornalístico da Rede Globo tomaria grandes cuidados nesse sentido, passando sua visão do mundo dentro de **imagens/som/movimentos coerentes com os discursos**, preocupando-se, principalmente, com a tecnologia a ser aplicada nos programas. Os descuidos da imprensa norte-americana na cobertura da Guerra do Vietnã não seriam repetidos pela Rede Globo.

O presidente Médici faria um famoso comentário da produção de notícias da Globo:

“Sinto-me feliz todas as noites quando ligo a televisão para assistir ao jornal. (...) Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranquilizante, após um dia de trabalho.”⁸⁸

⁸⁷ - Sá, Antônio Álvaro Barbosa. op. cit., pp. 45-46;

⁸⁸ - citação extraída de Priolli, Gabriel. “A Tela Pequena no Brasil Grande.” in Lima, Fernando Barbosa, Priolli, Gabriel e Machado, Arlindo. Televisão & Vídeo. Rio de Janeiro, Zahar, 1985, pp. 36-37;

Não que funcionasse sempre. Essa técnica muitas vezes falhava, e há vários exemplos. Isso ocorreu na tentativa de impedir a eleição de Leonel Brizola para o governo do Rio de Janeiro em 1982, e também quando se tentou minimizar a importância das grandes manifestações para as Diretas-Já na década de 80.⁸⁹ Apesar desses reveses, a integração da emissora com o acontecimento seria muito eficaz, transmitindo a versão vitoriosa dos acontecimentos como se a emissora os tivesse apoiado desde o começo.

A Rede Globo estabeleceu um monopólio sobre a produção de imagens e de informações no país, que permanece até os dias atuais. Em 1972, seria inaugurado no Brasil o sistema de televisão colorida, que iria criar uma nova dimensão dentro da produção de imagens no país. A Rede Globo desenvolveria o chamado “Padrão Globo de Qualidade”, uma busca incessante pelo aperfeiçoamento técnico. Um padrão estético foi imposto às outras emissoras, mas isso de uma maneira dinâmica, pois a emissora também ia se apropriando de qualquer outro fator que desse maior audiência. Essa constante sofisticação só foi possível pelo trabalho dos melhores profissionais, o uso dos melhores programas e das melhores tecnologias possíveis - produzidas pela emissora, copiadas ou compradas dos centros de produção tecnológica.⁹⁰

O uso tecnológico é que seria uma das suas maiores marcas, pois a Rede Globo importava as novas tecnologias dos países desenvolvidos e produzia as mais criativas construções com essas tecnologias. Nesse trabalho destacou-se o suíço Hans Donner e sua equipe. Ele utilizaria principalmente computadores (inéditos na televisão brasileira) para criar vinhetas e aberturas de programas, com grande aceitação do público.⁹¹ Não era apenas uma apresentação formal diferente: a própria essência da programação foi modificada, num processo de conquista do gosto do público.

Essa mistura de discurso e técnica que a Rede Globo desenvolveu e aplicou atingiria a imprensa escrita de uma maneira decisiva. A Rede Globo apresentava um uso formal absolutamente

⁸⁹ - Mello, Geraldo Aranha. *Muito Além do Cidadão Kane*. São Paulo, Scritta, 1994, pp. 57-67;

⁹⁰ - Priolli, Gabriel. op. cit., p. 35;

⁹¹ - Mello, Geraldo Aranha. op. cit., p. 42.

diferente dentro da produção da mídia brasileira, uma junção entre conteúdo e forma praticamente inédita. Concorrer com o que a Rede Globo apresentava era muito difícil, pois para isso novos padrões estéticos teriam de ser criados. E poucos meios escritos puderam fazê-lo.

Atualmente, considerando-se a ampla difusão do meio televisivo em termos numéricos na população brasileira e a absoluta superioridade dos níveis de audiência da Rede Globo de Televisão em relação às outras emissoras, podemos concluir que ela conquistou nossos “corações e mentes”.

Bibliografia

Fontes Primárias

Jornais:

- Correio da Manhã;
- Diário Carioca;
- Diário da Noite;
- Estado de São Paulo, O;
- Folha de São Paulo (até 1961, Folha da Manhã);
- Folha da Tarde;
- Globo, O;
- Jornal, O;
- Jornal da Tarde;
- Jornal do Brasil;
- Notícias Populares;
- Novos Rumos;
- Panfleto;
- Seminário, O;
- Tribuna da Imprensa;
- Última Hora;

Revistas:

- Anhembi;
- Careta;

- Cigarra, A:
- Cruzeiro, O:
- Diretrizes:
- Estudos Sociais:
- Fatos & Fotos:
- Fon-Fon!:
- Manchete:
- Movimento (da UNE):
- Realidade:
- Revista Brasileira:
- Reunião:
- Revista Civilização Brasileira:
- Senhor:
- Veja:
- Visão:

Imprensa Alternativa:

- Amanhã:
- Binômio:
- Jornalivro:
- Movimento:
- Opinião:
- Pasquim, O:
- Pif-Paf:
- Poder Jovem, O:
- Sol, O:

Fontes Secundárias

Obras de Referências Teóricas:

- Arendt, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária Salamandra/EDUSP, 1989;
- Arendt, Hannah. Da Revolução. São Paulo, Ática, 1988;
- Baczko, Bronislaw. "Imaginário Social" in Enciclopédia Einaudi, Número 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985;
- Balandier, George. O Poder em Cena. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1982;
- Barraclough, Geoffrey. Introdução à História Contemporânea. São Paulo, Círculo do Livro, s/D;
- Bordier, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa, Difel, 1989;
- Bresciani, Maria Stella (Org.). Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas. São Paulo, ANPUH/Marco Zero/FAPESP, 1992;
- Burke, Peter. A Escrita da História. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992;
- Canevaci, Massimo. Antropologia da Comunicação Visual. São Paulo, Brasiliense, 1988;
- Carvalho, José Murilo de. A Formação das Almas - Imaginário e a República do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1991;
- Castoriadis, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 3. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982;
- Chartier, Roger. A História Cultural. Lisboa, Difel, 1990;
- Chartier, Roger. "Histoire Culturelle, Histoire des Mentalités: Deux Historienne Du Droit." in Annales - Économies-Sociétés-Civilisations. Número 6, Novembre-Décembre 1989;

- Foucault, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979;
- Girardet, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo, Companhia das Letras, 1987;
- Veyne, Paul. Como se Escreve a História. 2. ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1992;

Obras sobre a Imprensa:

- Almino, João. O Segredo e a Informação. São Paulo, Brasiliense, 1986;
- Andrade, Jeferson de. Um Jornal Assassinado - A Última Batalha do Correio da Manhã. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991;
- Bagdikian, Ben H. O Monopólio da Mídia. São Paulo, Scritta, 1990;
- Bahia, Juez. Jornal, História e Técnica - As Técnicas do Jornalismo. 4. ed., São Paulo, Ática, 1990;
- Bahia, Juez. Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira. 4. ed., São Paulo, Ática, 1990;
- Balzac, Honoré. Ilusões Perdidas. São Paulo, Abril Cultural, 1981;
- Barbero, Jesus Martín. Comunicacion Masiva: Discurso Y Poder. Quito, CIESPAL, 1978;
- Beltrão, Luiz. Jornalismo Interpretativo. 2. ed., Porto Alegre, Sulina, 1980;
- Braga, José Luiz. O Pasquim e os Anos 70 - Mais Pra Epa Que Pra Oba... Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991;
- Camargo, Ana Maria de. A Imprensa Periódica como Objeto e Instrumento de Trabalho. São Paulo, Tese de Doutorado, USP, 1975 (mimeo);
- Caparelli, Sérgio. Comunicação de Massas Sem Massas. 3. ed., São Paulo, Summus, 1986;
- Caparelli, Sérgio. Televisão e Capitalismo no Brasil. Porto Alegre, L&PM, 1982;

- Capelato, Maria Helena R. Imprensa e História do Brasil. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988;
- Capelato, Maria Helena R. Os Arautos do Liberalismo - Imprensa Paulista (1920-1945). São Paulo, Brasiliense, 1988;
- Capelato, Maria Helena R. O Bravo Matutino - Imprensa e Ideologia no Jornal "O Estado de São Paulo". São Paulo, Alfa-Omega, 1980;
- Capelato, Maria Helena R. Os Intérpretes das Luzes - Liberalismo e Imprensa Paulista: 1920-1945. São Paulo, Tese de Doutorado, USP, 1986 (mimeo);
- Contier, Arnaldo D. Imprensa e Ideologia em São Paulo (1822-1842). Petrópolis, Vozes, Campinas, Editora da UNICAMP, 1979;
- Costa, Alcir Henrique da, Simões, Inimá Ferreira e Kehl, Maria Rita. Um País no Ar - História da TV Brasileira em 3 Canais. São Paulo, Brasiliense/FUNARTE, 1986;
- Dines, Alberto. Entrevista Para o Autor, realizada em 20 de Setembro de 1995, Campinas, SP;
- Dines, Alberto. O Papel do Jornal. 2. ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1977;
- Fadul, Anamaria (Org.). Novas Tecnologias de Comunicação - Impactos Políticos, Culturais e Sócio-Econômicos. São Paulo, Summus, 1986;
- Giacomantonio, Marcello. Os Meios Audiovisuais. São Paulo, Edições 70, 1986;
- Goldenstein, Gisela Taschner. Do Jornalismo Político à Indústria Cultural. São Paulo, Summus, 1987;
- Guareschi, Pedrinho A. Comunicação & Poder - A Presença e o Papel dos Meios de Comunicação de Massa Estrangeiros na América Latina. 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1982;
- Guran, Milton. Linguagem Fotográfica e Informação. Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1990;
- Hobsbawn, Eric J. A Era dos Extremos - o Breve Século XX - 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995;

- Katzman, Chaim Samuel, Doria, Francisco Antonio e Lima, Costa Luiz. Dicionário Crítico de Comunicação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971;
- Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scritta, 1991;
- Lacerda, Carlos. A Missão da Imprensa. Rio de Janeiro, Agir, 1950;
- Lacerda, Carlos. Depoimento. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;
- Lage, Nilson. Ideologia e Técnica da Notícia. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1982;
- Lima, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas - O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993;
- Lima, Fernando Barbosa, Priolli, Gabriel e Machado, Arlindo. Televisão & Vídeo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985;
- Lins da Silva, Carlos Eduardo. O Adiantado da Hora - a Influência Americana Sobre o Jornalismo Brasileiro. São Paulo, Summus, 1991;
- Livolsi, M. e Panozzo, G. Informazione, Consenso e Dissenso. Milão, Saggiatore, 1979;
- Machado, Arlindo. A Arte do Vídeo. São Paulo, Brasiliense, 1988;
- Machado, J. A. Pinheiro. Opinião X Censura. Porto Alegre, L&PM, 1978;
- Mamou, Yves. "A Culpa é da Imprensa! - Ensaio Sobre a Fabricação da Informação. São Paulo, Marco Zero, 1992;
- Marcondes Filho, Ciro. Jornalismo Fin-De-Siècle. São Paulo, Scritta, 1993;
- Marcondes Filho, Ciro. O Capital da Notícia - Jornalismo Como Produção Social de Segunda Natureza. 2. ed., São Paulo, Ática, 1989;
- Marcondes Filho, Ciro (Org.). Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massas no Brasil. São Paulo, Summus, 1985;
- Marcondes Filho, Ciro. Quem Manipula Quem? - Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1987;

- Marconi, Paolo. A Censura Política na Imprensa Brasileira (1968-1978). 2. ed., São Paulo, Global Editora, 1980;
- Matos, Heloiza (Org.). Mídia, Eleições e Democracia. São Paulo, Scritta, 1994;
- McLuhan, Marshall. A Galáxia de Gutenberg - a Formação do Homem Tipográfico. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971;
- McLuhan, Marshall. Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem (Understanding Media). São Paulo, Cultrix, 1969;
- Medina, Cremilda. Notícia - Um Produto à Venda - Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2. ed., São Paulo, Summus, 1988;
- Mello, Geraldo Anhaia. Muito Além do Cidadão Kane. São Paulo, Scritta, 1994;
- Melo, José Marques de. Comunicação Social - Teoria e Pesquisa. Petrópolis, Vozes, 1978;
- Melo, José Marques de. Comunicação: Teoria e Política. São Paulo, Summus, 1985;
- Moles, Abraham. Rumos de Uma Cultura Tecnológica. São Paulo, Editora Perspectiva, 1973;
- Mota, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena R. História da Folha de S. Paulo (1921-1981). São Paulo, Impres, 1980;
- Novaes, Adauto (Org.). Rede Imaginária - Televisão e Democracia. São Paulo, Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1991;
- Paillet, Marc. Jornalismo - O Quarto Poder. São Paulo, Brasiliense, 1986;
- Pignati, Décio. Signagem da Televisão. São Paulo, Brasiliense, 1984;
- Revista Imagens. Número 2, Campinas, Editora da UNICAMP, 1994;
- Rossi, Clóvis. O Que é Jornalismo. Coleção "Primeiros Passos", 6. ed., São Paulo, Brasiliense, 1986;
- s/A. 15 Anos de História. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

- Sá, Antônio Álvaro Barbosa. Jornal Nacional - Política e Ideologia. Campinas, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1992 (mimeo);

- Sampaio, Walter. Jornalismo Audiovisual - Rádio, TV e Cinema. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1971;

- Schramm, Wilbur. The Process and Effects of Mass Communication. Illinois, University of Illinois, 1954;

- Sodré, Nelson Werneck. A História da Imprensa No Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966;

- Virílio, Paul. Guerra e Cinema. São Paulo, Scritta, 1993;

- Virílio, Paul. Guerra Pura. São Paulo, Brasiliense, 1984;

- Wainer, Samuel. Minha Razão de Viver - Memórias de um Repórter. 4. ed., Rio de Janeiro, Record, 1988;

Obras sobre a Guerra do Vietnã:

- Alvarez, Marta Elena (Org.). Ho Chi Minh. Coleção "Grandes Cientistas Sociais", São Paulo, Ática, 1984;

- Alvear, Carlos Torcuato de. Vietname - Trincheira e Caminho para o Mundo Livre. Rio de Janeiro, Record, 1966;

- Arnett, Peter. Ao Vivo no Campo de Batalha - do Vietnã a Bagdá, 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. Rio de Janeiro, Rocco, 1994;

- Barreiros, Luís. Saigon Meu Amor. São Paulo, Edrel, 1973;

- Barros, Edgard Luiz de. A Guerra Fria. Coleção "Discutindo a História", 3. ed., São Paulo, Atual, Campinas, Editora da UNICAMP, 1985;

- Bogo, Padre, Generoso. Imagens e Paisagens do Vietnã. Porto Alegre, Dom Bosco, 1969;

- Burchett, Wilfred G. Vietnam - a Guerrilha Vista Por Dentro. Rio de Janeiro, Record, 1967;
- Burchett, Wilfred G. Vietnã Norte. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967;
- Callado, Antônio. Vietnã do Norte - Advertência aos Agressores. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969;
- Carlos, Newton. A Conspiração - de Kennedy ao Vietnam 3. ed., São Paulo, Edições Encontro, 1966;
- Chomsky, Noam e Herman, Edward S. Banhos de Sangue. São Paulo, Difel, 1976;
- Chomsky, Noam. Camelot - os Anos Kennedy. São Paulo, Scritta, 1993;
- Clutterbuck, Richard. Guerrilheiros e Terroristas. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980;
- Coleção Guerra na Paz. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1984;
- Corrêa, Tupã Gomes. Rock - nos Passos da Moda: Mídia, Consumo X Mercado Cultural. Campinas, Papyrus, 1989;
- Crozier, Brian. Sudeste Asiático em Conflito. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1967;
- Fenelon, Déa R. A Guerra Fria. Coleção "Tudo é História", São Paulo, Brasiliense, 1983;
- Field, Michael. Vento Leste na Indochina. 2 Volumes, Rio de Janeiro, Saga, 1966;
- Fulbright, J. W. A Arrogância do Poder. São Paulo, Ibrasa, 1969;
- Giap, Vo Nguyen. O Vietnam Segundo Giap. 2. ed., Rio de Janeiro, Saga, 1968;
- Gigon, Fernand. USA X Vietcong (As Duas Faces do Conflito). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967;
- Greene, Graham. O Americano Tranquilo. São Paulo, Abril Cultural, 1981;
- Hanh, Thich Nhat. Vietnã - Flor de Lótus em Mar de Fogo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968;
- Honey, P. J. O Comunismo no Vietnã do Norte. Rio de Janeiro, Edições, 1965;

- Horowitz, David (Org.). Revolução e Repressão. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969;
- Hudson, Christopher. Os Gritos do Silêncio. Coleção “Campeões de Venda”, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1987;
- Knightley, Phillip. A Primeira Vítima. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;
- Lacouture, Jean. Ho Chi Minh (Sua Vida, Sua Revolução). Coleção “Vidas Extraordinárias”, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979;
- Lartéguy, Jean. Um Milhão de Dólares por Vietcong. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966;
- Linden, Frank Van Der. Nixon em Busca da Paz. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1974;
- Lloyd, Dava Ohlmeyer. Ho Chi Minh. Coleção “Os Grandes Líderes”, São Paulo, Nova Cultural, 1987;
- Magnoli, Demétrio. Da Guerra Fria à Détente - Política Internacional Contemporânea. Campinas, Papyrus, 1988;
- Mailer, Norman. Os Exércitos da Noite. Rio de Janeiro, Record, s/D;
- Minh, Ho Chi. A Resistência do Vietnam. Rio de Janeiro, Laemmert, 1968;
- Morse, Wayne, Fulbright, J. W. e McCarthy, Eugene. Quem Tem Mêdo da Ásia? Rio de Janeiro, Saga, 1968;
- Muggiati, Roberto. História do Rock. São Paulo, Somtrês, 1984;
- Ribeiro, José Hamilton. O Gôsto da Guerra. São Paulo, Brasiliense, 1969;
- Roubicek, Rafael. Ho Chi Minh. Coleção “Encanto Radical”, São Paulo, Brasiliense, 1984;
- Roszak, Theodore. A Contracultura. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1972;
- Russell, Bertrand. Crimes de Guerra no Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967;

- Russell, Bertrand, Sartre, Jean-Paul e Dedijer, Vladimir. Estados Unidos no Banco dos Réus. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970;
- Salisbury, Harrison. Um Americano em Hanói. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1967;
- Schlesinger Jr., Arthur M. A Crise de Confiança - Idéias, Poder e Violência nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970;
- Schlesinger Jr., Arthur M. Mil Dias. - John Fitzgerald Kennedy na Casa Branca. 2 Volumes, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966;
- Schlesinger Jr., Arthur M. Vietnã: Herança Trágica. São Paulo, Ibrasa, 1967;
- Sellers, Charles, et al. Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Zahar, 1990;
- Tuchman, Barbara W. A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;
- Wesson, Robert G. A Nova Política Externa dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978;
- Zinn, Howard. A People's History of the United States. New York, Harper Colophon Books, 1978;

Obras de referências ao Brasil:

- Assis, Chico de, et al. Onde Está Meu Filho? - História de um Desaparecido Político. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985;
- Betto, Frei. Batismo de Sangue - os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella. 7. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985;
- Checin, Padre. Crescei e Vivei. Sem Referências, mimeo;
- Dreifuss, René Armand. 1964: a Conquista do Estado - Ação, Política, Poder e Golpe de Classe. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1981;

- Colecção Nosso Século. São Paulo, Abril Cultural, 1986;
- Fernandes, Millôr. Millôr no Pasquim - o Inventor da Liberdade de Imprensa. São Paulo, Círculo do Livro, 1977;
- Gabeira, Fernando. O Que é Isso, Companheiro? 19. ed., Rio de Janeiro, Codecri, 1980;
- Giordani, Marco Pollo. Brasil Sempre. Porto Alegre, Tchê!, 1986;
- Gorender, Jacob. Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada 3. ed., São Paulo, Ática, 1987;
- Guevara, Ernesto Che. Vietnam e a Luta Mundial. Sem Referências, mimeo;
- Holanda, Heloisa B. de. e Gonçalves, Marcos A. Cultura e Participação nos Anos 60. Coleção "Tudo é História", 4. ed., São Paulo, Brasiliense, 1985;
- José, Emiliano e Miranda, Oldack. Lamarca - O Capitão da Guerrilha 8. ed., São Paulo, Global Editora, 1984;
- Kellner, Douglas. Che Guevara. Coleção "Os Grandes Líderes", São Paulo, Nova Cultural, 1989;
- Martins Filho, José Roberto. Movimento Estudantil e Ditadura Militar (1964-1968). Campinas, Papirus, 1987;
- Mayrink, Geraldo. Juscelino. Coleção "Os Grandes Líderes", São Paulo, Nova Cultural, 1988;
- Poerner, Arthur José. O Poder Jovem - História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968;
- Portela, Fernando. Guerra de Guerrilhas no Brasil 8. ed., São Paulo, Editora Global, 1986;
- Ribeiro, Octávio (Pena Branca). Por Que Eu Traí - Confissões do Cabo Anselmo. São Paulo, Global Editora, 1984;
- s/A. Diário da Guerrilha do Araguaia 3. ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1985;

- Shiguemoli, Miyamoto e Silva Gonçalves, Willian da. A Política Externa Brasileira e o Regime Militar: 1964-1984. Primeira Versão, Número 38, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991;
- Sirkis, Alfredo. Roleta Chilena. São Paulo, Círculo do Livro, 1981;
- Sirkis, Alfredo. Os Carbonários - Memórias da Guerrilha Perdida. 10. ed., São Paulo, Global Editora, 1988;
- Skidmore, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988;
- Toledo, Caio Navarro de. O Governo Goulart e o Golpe de 64. Coleção "Tudo é História", 16. ed., São Paulo, Brasiliense, 1994;
- Tronca, Ítalo. Entrevista para o Autor, realizada no dia 18 de Outubro de 1995, Campinas, SP;
- Ventura, Zuenir. 1968 - O Ano que Não Terminou. 11. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988;
- Viana Filho, Luís. O Governo Castelo Branco. 2. ed., Coleção "Documentos Brasileiros", Rio de Janeiro, José Olympio, 1975;
- Viezzer, Moema. "Se Me Deixam Falar..." - Domitila - Depoimento de uma Mineira Boliviana. 14. ed., São Paulo, Global, 1987.

Documentários:

- Anthology - The Beatles, exibido pela Rede Globo em 1995;
- Corações e Mentes (Hearts and Minds), dirigido por Peter Davis, 1974;
- Guerras do Século - Guerra do Vietnã, exibido pela Rede Record em 1995;
- O Poder e a Mídia, exibido pela Rádio e Televisão Cultura em 1995;
- Querida América - Cartas do Vietnã, exibido pela Rede Bandeirantes em 1994;